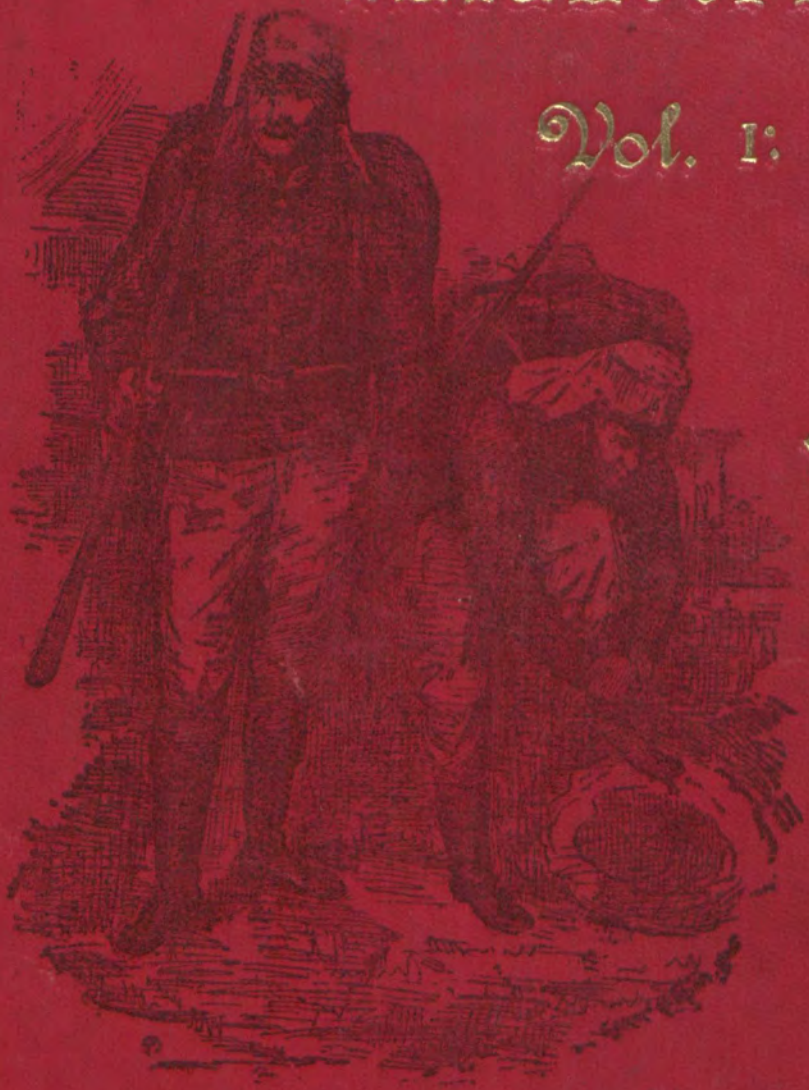
Revista de Infantería

Vol. I:

1898



9500
9500

Revista de Infanteria

FUNDADA

POR

Alexandre José Sarsfield
Capitão de Infanteria

David Augusto Rodrigues
Alferes de Infanteria

Alfredo de Leão Pimentel
Alferes de Infanteria

1.° VOLUME

PORTO
Typ. a vapor de José da Silva Mendonça
Praça de D. Pedro, 95 e rua do Almada, 96

1898

L'infanterie est l'arme dont l'action tactique est la plus étendue.

Von Miller.

L'infanterie est la base des armées modernes, comme elle l'a été chez les Grecs et les Romains.

Giustiniani.

On ne peut imaginer une victoire quelconque sans la coopération d'une infanterie instruite, solide, vallereuse et habile.

Von Schlichting.

Collaboradores inscriptos

Ex.mos Snrs.

Wenceslau José de Sousa Telles, *coronel de infanteria.*
Conselheiro J. E. de Moraes Sarmento, *coronel de infanteria*
Joaquim José da Silva Monteiro, *coronel de infanteria.*
José Nicolau Raposo Botelho, *coronel de infanteria.*
José Victorino de Sande Lemos, *coronel de infanteria.*
Antonio Marinho de Sousa Barros, *coronel de infanteria.*
Antonio Julio de Sousa Machado, *coronel de infanteria.*
Francisco Rodrigues da Silva, *tenente-coronel de infanteria.*
Antonio da Silva Dias, *tenente-coronel de infanteria.*
Cazimiro Augusto Vanez Dantas, *major de infanteria.*
João Xavier de Athayde e Oliveira, *major de infanteria.*
Arthur Chanto Narchial de Carvalho, *major de infanteria.*
Antonio Vaz Correia de Seabra Lacerda, *capitão de infanteria*
Feliciano da Fonseca Castro e Solla, *capitão de infanteria.*
Constantino da Fontoura Madureira Guedes, *cap. de infanteria*
Antonio Joaquim Pereira Trancoso, *capitão de infanteria.*
José Cesar Ferreira Gil, *capitão de infanteria.*
Bernardino Rodrigues Pereira, *capitão de infanteria.*
Adriano Accacio de Madureira Beça, *capitão de infanteria.*
Alberto José Vergueiro, *capitão de infanteria.*
José Augusto Simas Machado, *capitão de infanteria.*
Antonio dos Santos Fonseca, *capitão de infanteria.*
João Correia dos Santos, *capitão de infanteria.*
Henrique Baptista da Silva, *capitão de infanteria.*
Augusto Cesar Ribeiro de Carvalho, *capitão de infanteria.*
José do Nascimento Pinheiro, *capitão de infanteria.*
Albino dos Santos Pereira Lopo, *tenente de infanteria.*
Luiz Henrique Pacheco Simões, *tenente de infanteria.*
Amaro Dias da Silva Junior, *tenente de infanteria.*
Francisco de Paula da Silva Villar, *tenente de infanteria.*
Julio Lopes d'Oliveira, *tenente de infanteria.*
Antonio Barbosa Junior, *tenente de infanteria.*
Antonio Joaquim Santa Clara Junior, *tenente de infanteria.*
Miguel Baptista da Silva Cruz, *tenente de infanteria.*
Candido Gomes, *tenente de infanteria.*
Antonio Leopoldo Sampaio, *tenente de infanteria.*
Alexandre José Malheiro, *tenente de infanteria.*
Antonio Augusto Infante Fernandes, *alferes de infanteria.*
Alberto Salgado, *alferes de infanteria.*
Antonio Alvares Guedes Vaz, *alferes de infanteria.*
João de Almeida, *alferes de infanteria.*
João Antonio Correia dos Santos, *alferes de infanteria.*
Luiz de Mello e Athayde, *alferes de infanteria.*
José Bernardo Ferreira, *alferes d'infanteria.*
Joaquim Caetano Gomes da Silva, *alferes de infanteria.*
Jayme Augusto da Graça Falcão, *alferes de infanteria.*

I Anno Abril—1898 N.º 1

REVISTA DE INFANTERIA

A NOSSA MISSÃO

Erga-se em nossos corações a ideia inextinguivel da sagrada defeza da patria, quer ella seja ameaçada pela prepotencia da força contra o direito, quer mão sacrilega e traiçoeira, cobarde e infame a procure perder e abysmar nos grandes infortunios, nas medonhas desgraças que resurgem da desordem interna, da anarchia, do rompimento d'este equilibrio que garante a vida do cidadão, a sua propriedade, a sua liberdade e até a sua honra.

Primeiro que tudo isto, porque é precisamente n'isto onde reside a grande missão do exercito.

O seu altruismo incomparavel, que impulsiona cada um de nós a immolar na ara sagrada dos grandes interesses da collectividade nacional todos os nossos sentimentos intimos da familia, todas as faculdades affectivas da nossa alma, todos os sorrisos acariciadores dos filhos que adoramos e todas as lagrimas sentidas da mulher que nos venceu o coração; esse altruismo incomparavel que nos leva ás trincheiras, onde se morre gloriosamente pela honra da nossa bandeira, com a mesma indifferença e desprendimento como se n'essa hora, angustiada para todos que nos são caros, cada um de nós recebesse com o beijo da morte a benção de nossos filhos, a benção de nossas mães, a benção de nossas mulheres, por havermos honradamente cumprido o nosso dever; esse altruismo incomparavel que destaca do meio da sociedade

a corporação exercito e a torna uma entidade immaculada, toda feita de sacrificios e de abnegação, de amor e de luz, de honra e de virtude, é, inquestionavelmente, o alicerce d'esse grandissimo edificio moral donde promanam os grandes beneficios que quotidianamente o exercito espalha sobre a sociedade, já como escola, já como templo augusto de uma nobilissima religião civica.

E assim, nada mais nobre, nada mais bello, nada mais digno de applauso do que tudo aquillo que tiver por ideal o engrandecimento do exercito, o avigoramento de toda a sua força moral, de todos os seus ca bedaes profissionaes.

A concatenação de todos os esforços sinceros e dignos, a aggremiação de todos os espiritos lucidos e avidos do saber, a orientação segura e desapaixonada da crença e da fé, da esperança e da ambição nobre e legitima, traz, ha de trazer ao seio do exercito fructos abençoados.

E' tão grave a responsabilidade dos chefes militares, implica e traduz essa responsabilidade tal somma de conhecimentos e tal envergadura moral, que a vida inteira de um homem consagrada ao estudo não basta para poder arcar com o peso collossal d'essa responsabilidade, se uma scentelha divina não lhe illuminar o espirito, não lhe aformosear o coração esmaltando-lhe o caracter.

Sim, o coração. E porque não?

Dragomiroff quando deu a ordem para a passagem do Danubio, na ultima guerra da Russia, aproximou-se de um grupo de officiaes, mas a emoção cortou-lhe a palavra, apenas poude abençoal-os e desviar-se para chorar.

Quanto a mim o valor de um chefe cresce e augmenta com o valor da sua alma, com a grandeza do seu coração.

O official deve conservar até ao fim da sua carreira alguma cousa do ardor exhuberante da mocidade, diz

Von der Goltz, e para o conseguir é mister que ponha a sua alma inteira ao serviço d'este sacerdocio augusto, cujos ideaes representam e symbolisam tudo quanto ha de grande e de nobre perante Deus e perante os homens.

A patria merece-nos isto, porque a patria resume em si tudo quanto nos é caro, tudo quanto nos prende o coração.

Mas é mister que o nosso trabalho seja consciente, e portanto productivo. E' mister que a vida do official seja não só o espelho de uma existencia sem mancha, mas tambem o foco da actividade e do estudo, que torne cada um de nós uma garantia para o cabal cumprimento do nosso dever perante as vicissitudes incertas da guerra.

Quando a falta de saber de um chefe conduz á perda inutil de um soldado, diz Dragomiroff, a consciencia d'esse chefe assume uma responsabilidade egual á que resultaria se elle proprio tivesse morto esse soldado.

E esta consideração, que é muito para meditar e reflectir, arrasta-nos, seduz-nos, obriga-nos a esta improba missão da imprensa.

A Revista de Infanteria deseja, portanto, provocar a união profissional da arma, a cohesão de todos os seus elementos esparsos, e é por isso que, fazendo um appello a todos os officiaes de infanteria, exprime, com a rude franqueza de soldado, a fé e a crença das suas ambições, que se resumem no desejo sincero de collaborar dedicadamente para o engrandecimento do exercito, de modo que a infanteria portugueza possa corresponder á confiança do paiz não se destanciando profissionalmente das suas irmãs auxiliares.

Esta é a nossa missão.

A. Sarsfield,

Capitão de infanteria.

A educação moral do soldado

E' hoje um facto reconhecido sem contestação na sociedade civil que o desenvolvimento da instrucção não tem sido acompanhado parallelamente pelo incremento da educação. Ao contrario, o nivel d'esta tem decaído notavelmente, devido a causas que não é aqui o logar proprio para investigar.

Da mesma fórma, nos exercitos modernos tem enfraquecido visivelmente a educação moral, embora a instrucção dos quadros haja tomado notavel intensidade. A ambição de grossos effectivos, levando a constituir os exercitos pelas nações armadas, só consegue este resultado transformando os cidadãos em simples milicianos, absorvendo a attenção dos quadros na technica militar, e não lhes permittindo revelar e desenvolver aquelles dotes e qualidades que eram outr'ora apanagio do verdadeiro soldado.

Não são a uniformidade do fardamento e do armamento, nem o pagamento do pret, nem sequer a correcção no manejo da arma e a regularidade na manobra os attributos que dão a nota de soldado no rigôr da palavra. O que constitue essa individualidade caracteristica não são as exterioridades, por mais seductoras que se appresentem, mas sim a crença sincera na religião do dever, o respeito profundo pela authoridade de que o superior se acha revestido e o amor ardente pela profissão, manifestado em todos os actos da vida, que a faz considerar como a mais sublime e honrosa de quantas podem empregar a actividade humana.

Era a educação moral, assimilada pelos exemplos succedidos em um periodo de vida militar relativamente longo, e pelas tradicções transmittidas de geração em geração, que formava e robustecia os laços de disciplina

que caracterisavam as antigas instituições militares. Viviam ellas quasi que sem legislação, porque a educação moral creava e desenvolvia no sentir do soldado uma orientação marcial que dispensava inteiramente a especificação dos deveres que lhe importava respeitar. Cada um sabia pela simples inspiração do seu sentir o que era a obediencia passiva, a dedicação pelo serviço, a dignidade do porte e o respeito hierarchico.

Era a educação moral que levava o inferior a considerar como paternal a acção do chefe. As ordens d'este eram indiscutiveis porque se considerava sempre que tinham por movel o interesse da communidade e o bem da patria. A sua acção disciplinar exercia-se sem receio de reclamações, como o pae a exerce sobre os filhos, sem que estes tentem duvidar sequer da legitimidade e justiça da repressão soffrida.

O modo de ser da civilisação actual, aggravando notavelmente os inconvenientes reconhecidos da constituição moderna dos exercitos, deu quasi que o caracter de lenda ás virtudes do antigo soldado. Resuscitar o passado seria na verdade uma empreza louca. A humanidade segue imperturbavel a marcha que o destino lhe marca e na sua evolução incessante não ha força nem artificio que a possam deter. Mas, porque assim é, hão de deixar-se campear livremente os defeitos reconhecidos, e não devem ser tentados novos processos que, embora não logrem a resurreição do passado, melhorem consideravelmente as circumstancias do presente?

A esta pergunta não póde nem deve deixar de ser dada uma resposta affirmativa por todos os corações generosos e por todos os espiritos verdadeiramente marciaes. Aonde podem começar as divergencias é na escolha dos methodos e dos processos para lograr alcançar o resultado desejado. O problema é difficil por certo, mas é captivante. Interessa sobretudo o chefe da familia militar constituida pela companhia. E tanto assim é que, no estrangeiro, são numerosos os escriptos em que muitos

e illustrados officiaes, que tem exercido as funcções de commandante de companhia, dão conta do resultado dos seus esforços para o conseguimento do ideal ambicionado.

Um jornal novo como este, representante de uma classe de officiaes repletos de fé, enthusiastas pelo engrandecimento da sua arma, do brilhantismo da qual justamente consideram depender o lustre do exercito, honrar-se-hia por certo, e prestaria notavel serviço ao paiz tratando em todo o seu desenvolvimento e fazendo activa propaganda em favor da educação moral do soldado.

Essa santa cruzada robusteceria a disciplina melhor do que os mais bem elaborados e austeros regulamentos; affirmaria os resultados colhidos pelo desenvolvimento da instrucção, e espalharia sobre toda a instituição uma vivificante athmosphera de espirito militar.

J. E. de Moraes Sarmento,
Coronel de infanteria.

MÃOS AO TRABALHO

O apparecimento da *Revista de Infanteria* corresponde a uma necessidade de altissimo valor militar e, portanto, nacional.

Não é porque os nossos collegas da imprensa militar não tenham sabido desempenhar-se da sua missão com intelligencia, brio e coragem.

Não é porque tenhamos perdido a esperança de que elles não continuem a honrar o exercito com o seu trabalho intelligente e honesto na solução dos variadissimos problemas que constantemente são propostos ao seu estudo.

Dizemos que o apparecimento d'esta *Revista* cor-

responde a uma grande necessidade porque se nos afigura o actual momento de perigo geral; porque vemos o ceu carregado de ameaças quer na ordem physica quer moral.

E não correr á estacada quando os nossos irmãos de armas estão assediados de perigos enormes; quando uns afiam espadas, outros assestam canhões e ainda outros abrem trincheiras, não dispôr a infanteria, egualmente, os seus batalhões em combate, seria grandissimo desmaselo, ou extremada cobardia.

Cremos que ninguem, de boa fé, acreditará que não ha perigos. E' preciso ser cego para não ver, e surdo para não ouvir esse medonho ruido de guerra que sôa em todo o mundo. Já não é só na Europa que ameaça desencadeiar-se a tempestade. A Asia e a America tambem estão ameaçadas de tremendos perigos.

Cruzar, portanto, os braços quando o *alerta* é geral, será commodo, será delicioso até, mas não é uma resolução horrorosa. Ao trabalho, pois, e ajudemo-nos mutuamente.

A imprensa militar tem visto simplificada a sua missão, aliás, consideravelmente, n'este ultimo quarto de seculo. Já ninguem ousa atacar a existencia dos exercitos permanentes.

A mocidade academica que, anteriormente á guerra franco-allemã, enchia os claustros das universidades de discursos contra o *militarismo*, emmudeceu completamente perante essa terrivel necessidade de nos armarmos até aos dentes, para combater o direito da força.

Entretanto, ainda é necessario fazer luz em muitos espiritos. E' necessario demonstrar a muito ignorante que já não ha *armas scientificas* e *não scientificas*, ou antes que já não ha armas *não scientificas*. Essa classificação obsoleta só póde existir no espirito dos que ignoram absolutamente o que seja um exercito.

E' tambem necessario evangelisar outras grandes verdades taes como: a necessidade rigorosa de não com-

prar canhões á custa das espingardas. N'uma nação pequena, como a nossa, as espingardas devem chegar para cada homem válido. Quando em cada corrego, em cada crista, em cada monte, e em cada valle ha milhares e milhares de espingardas promptas a fazerem um bom tiro, um paiz que se ache n'estas circumstancias póde ser pequeno, mas é sempre temivel!

E vice-versa cumpre egualmente demonstrar a necessidade de comprar mais cavallos e canhões para com mais efficacia se proteger a missão da infanteria.

E' necessario que as nossas irmãs, auxiliares da infanteria, estejam no caso de lhe facilitar a sua missão, quer abrindo a brecha no reducto inimigo, quer encobrindo a sua marcha aos olhos dos adversarios, quer perseguindo-o na sua retirada depois de expulso das trincheiras á ponta da bayoneta, quer, finalmente, construindo essas modernas fortificações que são o apoio da infanteria.

Ha ainda muito e muito que evangelisar e defender; ha muito que aperfeiçoar e combater; cremos bem que a *Revista de Infanteria* não saberá ensarilhar armas quando appareçam questões a discutir, assumptos a estudar, erros a combater, interesses egoistas a anniquilar.

Segundo nos consta está para breve a apresentação das bases para a organisação do exercito por parte do nobre ministro da guerra.

Um tal assumpto é d'uma magnitude pasmosa e discutir essas bases á luz dos interesses nacionaes, emquanto ellas não forem lei do estado, impõe-se a todos os que tem amor ao exercito.

E' certo que fazem parte das camaras legislativas officiaes distinctissimos que saberão auxiliar o nobre ministro na sua patriotica missão de dar ao seu paiz uma boa organisação do exercito; mas como a infalibilidade não é um dom natural e como do estudo sincero de muitos, considerando as cousas sobre variadissimos aspectos, póde resultar grandes vantagens, estamos certo de que a

Revista não deixará de prestar o seu auxilio de trabalho a fim de que essa organisação saia nos termos mais vantajosos ás necessidades do paiz.

Outros muitos assumptos ha ainda a cuidar. Pela nossa parte, como obscuro official da arma de infanteria, faremos o que podermos em seu serviço, e d'aqui saudamos jubilosos os iniciadores da *Revista de Infanteria.*

J. X. d'Athayde Oliveira,
Major de infanteria.

Educação militar

Reflectindo um pouco sobre o consideravel numero de deserções que se estão dando no nosso exercito e conjugando este facto com as allegações feitas pelos desertores no acto do julgamento, não pode deixar de se concluir, por muito grande que seja o exagero que possa atribuir-se a essas allegações, que, apesar do rejuvenescimento e consequente superioridade intellectual dos quadros actuaes, os esforços dos dirigentes, considerados collectivamente, tendem mais ao derramamento da instrucção profissional que ao desenvolvimento da educação militar.

Se a verdade d'esta conclusão carecesse de algum reforço, facil seria encontral-o na analyse dos casos concretos que se dão quotidianamente na vida dos quarteis, muito principalmente com os que se referem a actos de indisciplina e de insubordinação. Com effeito, se, entre os motivos geralmente allegados para pretender justificar de algum modo as deserções, predominam sempre os descorçoamentos da vida militar resultantes de excessivos rigores ou suppostas mal-querenças, geralmente dos cabos, excepcionalmente dos sargentos e rarissimas

vezes dos officiaes; tambem parallelamente os actos de indisciplina só, por excepção, ultrapassam a esphera da auctoridade dos cabos, attingindo raras vezes a dos sargentos e rarissimas a dos officiaes.

Parece, á primeira vista, que na apreciação d'estes factos não podem encontrar-se premissas d'onde se deduza racionalmente a conclusão que apresentamos em esboço, e affirma-se mesmo frequentemente que a realisação dos mesmos factos não é mais que uma funcção natural do organismo da collectividade e que o seu *habitat* está tambem naturalmente limitado pelo contorno da convivencia habitual do soldado e só sporadicamente o pode exceder; affigura-se-nos, porém que a funcção não é tão natural como se affirma, e que embora a topographia do *habitat* seja n'essas affirmações levantada com certo rigor, é possivel introduzir-lhe modificações importantes com o fim de lhe aperfeiçoar o saneamento moral.

Sobre este assumpto que consideramos fundamental, porque partimos do principio de que todo o progresso de ordem moral realisado a dentro do estreito circulo da convivencia do soldado é um poderoso entrave ao desenvolvimento da criminalidade, apresentaremos n'este jornal alguns pequenos artigos, especie de folhas soltas da carteira de um defensor, expondo os meios praticos de realisar alguns progressos que nos parecem de facil consecução.

A. Silva Dias.
Major de infanteria.

A reorganisação da Escola Pratica de Infanteria

Organisada por decreto de 17 de abril de 1890, a *Escola pratica de infanteria* recebeu em 24 do mesmo mez o seu primeiro regulamento organico, cuja vigencia

se estendeu até 25 de outubro de 1893, data da publicação do regulamento actualmente em vigôr, o qual já em parte tem soffrido importantes alterações.

Por differentes vezes, a contar de 1895, se tem esperado a publicação de um novo regulamento e ainda ha poucos mezes se propalou com insistencia, e sem duvida com algum fundamento, que nas estações superiores se pensava em remodelar a actual organisação da Escola.

Dada a frequencia e facilidade com que entre nós se modifica a legislação militar e attendendo á conveniencia de sanccionar por completo as alterações que, tanto na composição do pessoal como na qualidade e distribuição da instrucção, téem sido por mais de uma vez auctorisadas pelo Ministerio da Guerra, é de esperar que, n'um praso não muito longo, a Escola soffra nova remodelação e receba o seu terceiro regulamento.

Não podemos prever, é claro, a orientação a que obedecerá a futura refórma, mas julgamos poder e dever affirmar que a Escola pratica, ou mais propriamente, a arma de infanteria, terá tudo a lucrar em que se mantenha, nas suas linhas geraes, a organisação decretada em 1893, ainda que convenientemente melhorada e modificada segundo as indicações fornecidas pela experiencia de mais de 4 annos de execução do actual regulamento.

Se é certo que n'este existem lacunas e deficiencias, não é menos certo que a elle deve a Escola a affirmação do seu principal fim, da sua verdadeira utilidade: *a preparação e o melhoramento dos quadros da arma*. E' este fim que nós desejariamos ver bem accentuado e dando a nota predominante na futura organisação da Escola, e não outro qualquer, por mais pomposo e seductor que se apresente.

Frisamos bem *preparação e melhoramento* dos quadros, porquanto entendemos que, por um lado, a Escola pratica deve completar a instrucção theorica adquirida na Escola do Exercito pelos futuros officiaes de infante-

ria, preparando-os convenientemente para a sua missão de instructores de tactica, tiro, gymnastica, esgrima etc., por outro deve desenvolver, melhorar e uniformisar a instrucção dos quadros existentes, officiaes, sargentos e cabos.

Sabemos que esta opinião não é unanimemente acceita por todos os officiaes da arma, porquanto temos ouvido aventar e defender a idéa de que os alumnos da Escola do Exercito que completam o curso de infanteria, longe de irem frequentar a Escola pratica, devem seguir logo para os respectivos regimentos, onde *com o tempo* adquirirão a indispensavel instrucção pratica e o conhecimento dos differentes ramos do serviço.

Os regimentos são a verdadeira escola pratica, affirmam, em phrase á allemã, os propugnadores d'essa idéa, mas ao estabelecerem tal proposição parecem esquecer-se que os nossos regimentos de infanteria serão tudo o que se quizer admittir que sejam... menos *regimentos!* (*)

E' certo que na Allemanha não ha nem precisa haver escolas especiaes de applicação, por isso mesmo que cada regimento constitue de per si só uma verdadeira e completa escola pratica, em que os differentes ramos do serviço são desempenhados com o mais absoluto rigor e correcção, e em que a instrucção, subordinada a programmas cuidadosamente estabelecidos, decorre do primeiro ao ultimo dia de cada anno com o mesmo methodo e regularidade de um curso escolar, sem nada haver que a interrompa, que a perturbe, que a desvie do seu caminhar incessante e sempre progressivo.

Pretenderá alguem, porém, estabelecer comparação entre o que se passa nos nossos corpos de infanteria, de effectivos irrisorios, alguns quasi sem officiaes, todos sobrecarregados com os serviços de guarnição ou de po-

---

(*) — Em meados de fevereiro do corrente anno, Caçadores n.º 1, tinha no seu quartel, promptos para serviço, o respeitavel numero de... *9 soldados!!*

licia, com licenceamentos constantes, sem material de instrucção, sem carreiras de tiro, sem mil e uma cousas que lhes eram necessarias, mas que só no papel existem, e o que se passa nos regimentos allemães, tão differentes em tudo dos portuguezes?! Certamente que não, e por isso mesmo, o que para uns é principio incontroverso, para os outros não chega sequer a ser admissivel.

Mas dado mesmo que os nossos regimentos de infanteria se encontrassem em condições taes que pudessem ser acceitos como escolas praticas do serviço e da instrucção, conviria ainda assim que os aspirantes que concluem o curso na Escola do Exercito fossem logo encorporados nos regimentos, sem transitarem pela Escola pratica da arma? Parece-nos que não, porquanto os aspirantes ao entrarem nos corpos não levavam preparação alguma para o desempenho dos diversos serviços que eram logo chamados a prestar, d'onde necessariamente resultariam mil embaraços para elles proprios, mil transtornos e prejuizos para o serviço.

O que se passava n'outro tempo com os alferes graduados, nos primeiros mezes da sua chegada aos regimentos?

Com excepção dos poucos que já haviam prestado serviço nos corpos como sargentos, antes da entrada na Escola do Exercito, quantos não tinham que recorrer, no desempenho de qualquer cargo ou serviço para que eram nomeados, aos conhecimentos praticos e á experiencia dos seus subordinados, quando não encontravam ao lado um official que lhes pudesse servir de mentor e conselheiro? E não era este facto por vezes deprimente para o prestigio do superior, e em todo o caso sempre prejudicial ao serviço o achar-se investido de funcções, ás vezes de certa responsabilidade, um individuo que não tinha preparação alguma para as exercer?

Ao chegar ao regimento e ao entrar em concorrencia de serviço com os officiaes subalternos, o aspirante precisa encontrar-se preparado para occupar convenien-

temente o seu logar na hierarchia militar, sabendo fazer-se respeitar dos seus subordinados e sabendo apresentar-se á frente dos soldados com desembaraço, sem *gaucherie*.

E' claro que ninguem lhe póde exigir experiencia do serviço, nem estranhar que n'este encontre uma ou outra difficuldade e que a não resolva promptamente e sem se perturbar; a experiencia e a resolução prompta e segura, só se adquirem com o tempo e com a pratica repetida dos diversos serviços. O que se lhe não póde admittir, porém, é a ignorancia, o desconhecimento dos differentes regulamentos militares.

Exactamente para evitar essa ignorancia é que hoje na Escola pratica de infanteria, além da instrucção que o regulamento de 1893 estabelece, se ministra uma outra, de grandissima e incontestavel utilidade, qual é a intitulada: *deveres de serviço e escripturação*.

Por meio d'ella ficam os aspirantes conhecendo os deveres do official no serviço interno do quartel, no de guarnição, nos destacamentos e diligencias, na direcção do rancho geral, na secretaria e procuradoria do conselho administrativo, no serviço de policia judiciaria etc.., aprendendo egualmente toda a escripturação correspondente a esses differentes serviços, por fórma tal que ao entrarem depois no regimento nenhum serviço lhes é estranho, nenhum se lhes póde apresentar como novidade.

Além d'este ensino, os aspirantes exercem na Escola effectivamente, e por periodos de 15 dias, o cargo de director do rancho geral—rancho sempre destinado a mais de 400 praças—, commandam guarda, desempenham o serviço de ronda de visita, de ronda á localidade, de dia á companhia, etc...

A instrucção é, como se vê, tão completa quanto possivel e a Escola pratica justifica bem o seu titulo.

A quanto temos exposto acrescentaremos ainda que, não só julgamos da mais alta conveniencia o tirocinio em Mafra para os aspirantes a official de infanteria, como

entendemos que o curso da arma só deveria ser considerado como definitivamente concluido, depois da frequencia de um periodo de instrucção na Escola pratica.

A verdade é que esta completa — para a nossa arma — a do Exercito; as duas deviam sempre caminhar acórdes, e não isoladamente e quasi antagonicamente como até aqui.

No actual regulamento da Escola de Mafra foi estabelecida, e a nosso vêr muito sensatamente, a seguinte prescripção:

«Art. 31.º — Os primeiros sargentos cadetes não «podem ser promovidos a aspirantes, e os primeiros «sargentos a alferes, sem terem frequentado a Escola «com aproveitamento durante um periodo seguido e com«pleto de instrucção.»

A reforma da Escola do Exercito que determinou a promoção dos alumnos a aspirantes na occasião de concluirem o curso, derrogou immediatamente a primeira parte do que tão judiciosamente dispunha o artigo que transcrevemos. Os ex-alumnos d'essa Escola passaram desde então a apresentar-se em Mafra já como aspirantes e não como cadetes.

Este facto não deixou de causar um prejuizo sensivel á Escola pratica, porquanto a frequencia d'esta, quer feita com aproveitamento, quer sem elle, em nada influe já na promoção dos aspirantes, os quaes pódem até ser promovidos a alferes — como deverá succeder a todo o curso actualmente em instrucção — antes de concluirem o periodo escolar. E desde que assim acontece, essa frequencia ou tirocinio perdeu bem metade da sua importancia!

Com quanto nos não repugne admittir a exigencia das habilitações do 1.º anno da Escola Polytechnica para os individuos que se destinam á nossa arma, reputamos ainda assim preferivel a exigencia do anno de frequencia da Escola de Mafra, porquanto é bem mais vantajoso para o exercito que os officiaes possuam conhecimentos

profissionaes completos e profundos, do que adquiram grande copia de conhecimentos scientificos estranhos á profissão das armas, sem applicação aos trabalhos a que o official se deve consagrar, isto é o exercito, *sem por fórma alguma repudiar a sciencia,* têm de preferir, a nosso vêr, os verdadeiros militares... aos grandes sabios!

(continúa).

P. S.

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

I

Considerações geraes

Os homens, movidos pelo interesse e impulsionados pela innata curiosidade, teem lançado mão da sciencia, procurando explorar todo o seu campo especulativo, a fim de os guiar no caminho das descobertas, innovações e invenções, para impulsionarem o progresso na marcha possante que todos conhecem.

E assim temos que se o progresso, em todas as manifestações da actividade humana, se revela bem claro e se proclama bem alto, dentro do campo das sciencias militares manifesta-se d'uma maneira verdadeiramente assombrosa.

A industria da guerra apresenta a arma e modifica o canhão.

A chimica altera a composição intima da polvora e produz novos e extraordinarios explusivos.

A mathematica estuda as formulas balisticas que regem o movimento dos projecteis, para assim nos permittir e facultar a applicação pratica do tiro.

A tactica, conhecendo a trajectoria, estuda o terreno e a vulnerabilidade das formações.

A engenharia, conhecendo os effeitos do tiro, transforma o reducto e modifica a trincheira.

A estrategia, conhecendo a tactica, modifica os seus planos e subordina-os á escolha dos terrenos que permitam o emprego das tropas.

E assim, dentro d'esta engrenagem complicada, os homens teem campo para todas as manifestações da actividade e o progresso tem campo para todas as applicações. Não admira, pois, que de invenção a invenção e de applicação a applicação se tenha chegado ao estado actual da sciencia da guerra.

Será, talvez, conhecido esse estado actual?

Cremos que não, porque ha longos annos que a sancção da pratica não tem vindo confirmar, com os preceitos da verdade, a precisão da theoria.

Só muito de leve nos referiremos ao estado da sciencia da guerra que é descripto nos regulamentos e livros officiaes, o que se suppõe ser o verdadeiro e que já teve a sancção da pratica, e que tem, portanto, os seus principios estabelecidos, assentes e definidos, por quanto, desejamos dar a preferencia ao estudo das consequencias das innovações cuja applicação o technico anceia por traduzir em facto real na primeira opportunidade.

Veremos a tactica, filha escrava do tiro, portanto, da balistica e do armamento, obedecer ás suas exigencias. Ver-lhe-hemos soffrer uma rotação completa, sem comtudo alterar os seus principios. Dentro dos nossos limitados recursos não procuraremos lançar fogo a todos os cantos do seu edificio, nem lançar por terra todas as suas doutrinas, nem construir sobre as ruinas da antiga tactica uma tactica nova. Respeitaremos sempre as suas tradições gloriosas e não procuraremos offender os fervorosos crentes dos seus principios. Mas esses mesmos principios não são immutaveis, e é necessario, pois, co-

nhecer as modificações por que teem passado ou podem passar, porque a sciencia progride, os seus effeitos, que constituem o progresso, avançam e os homens, movidos pelo interesse, pela curiosidade e, sobre tudo, pela lei imperiosa da necessidade, são levados a conhecer esses effeitos, porque a guerra é uma necessidade evidente e a defeza da patria uma necessidade imperiosa, sagrada.

Todo o coração d'um portuguez é o coração d'um patriota, mas, hoje, não devemos nem podemos appellar simplesmente para a audacia, valentia e heroicidade, porque estas virtudes sempre grandes, sempre bellas e sempre apreciadas como apanagio da alma generosa de um povo, quedar-se-hão diante da força irresistivel da sciencia se pela sciencia não forem guiadas.

O patriotismo não tendo o facho da sciencia a illuminar-lhe o caminho, certamente conduzirá victimas illustres ao altar da patria; a nós officiaes, cabe-nos o dever e a honra de accender esse facho e guiar essas victimas para perderem esse nome e chamarem-se heroes.

Por isso a *Revista de Infanteria* procura chamar ao trabalho e ao estudo, e fornecer a todos campo aberto onde afoutamente se possa apresentar o producto das nossas locubrações.

Não é só com o concurso do serviço diario que cumprimos a nossa missão; ella é mais nobre, mais sancta, mais sagrada e mais complexa.

Para o seu fiel e leal cumprimento é necessario contar com todas as forças, com todas as vontades e com todas as faculdades.

David Augusto Rodrigues,

Alferes de infanteria.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

ESTADOS-UNIDOS E HESPANHA

As relações entre estas duas potencias assumiram ultimamente um caracter deveras irritante e proximo de um rompimento de hostilidades.

Se a guerra rebentar será sobretudo uma guerra naval e na sua solução não terão que intervir as forças de terra, que não estiverem especialmente affectas á defeza das costas ou de alguma colonia, não estando nenhuma das nações nas circumstancias de effectuar desembarques no territorio da outra.

Damos em seguida a nota das forças navaes das duas nações.

Marinha de guerra dos Estados-Unidos

Couraçados de esquadra:

	Toneladas	Milhas de velocidade
Indiana	10:300	15,6
Massachusetts	10:300	16,2
Oregon	9:500	17,5
Texas	6:300	17
Iowa	11:295	17
Kearsage	11:500	17
Kentuchy	11:500	17

Cruzadores couraçados:

New-York	8:150	20,6
Brooklin	9:180	20

Guarda-Costas couraçados:

Monterey	4:440	17
Katahdin	2:250	17
Amphitrite.	3:987	10
Miantonomoh.	3:989	10,5
Monadnok.	3:887	12
Puritan	6:000	13,5
Terror.	8:987	12

13 navios de construcção antiga, de 1:800 a 2:100 toneladas, e 6 milhas de velocidade.

Cruzadores protegidos:

De 1.ª classe

Baltimore.	4:563	20,6
Chicago	4:500	18
Newark	4:083	19,5
Philadelphia	4:413	19
S. Francisco	4:083	20
Olympia	5:800	22
Columbia	7:350	22,8
Mineapolis	7:350	23
Amazonas.	—	—
Almirante Abreu.	—	—

De 2.ª classe

Atlanta	3:189	16,5
Boston.	3:189	14,9
Charlestan.	3:730	18,1
Cincirnati.	3:183	20
Raleigh	2:000	18,7
Detrait.	2:000	19

Marblehead	2:000	19
Montgomery	2:000	20
Nashudill	2:000	20
Helena.	2:000	20

Teem mais:

16 canhoneiras.
7 torpedeiros.
3 cruzadores de aço.
1 cruzador-dynamite.

E em construcção:

3 couraçados.
5 cruzadores de 1.ª classe.
13 torpedeiros e contra-torpedeiros.

O *Amazonas* e *Almirante Abreu* acabam de ser comprados ao Brazil, e estão tomadas providencias para se artilharem 50 vapores da marinha mercante, cujas velocidades regulam por 15 a 20 milhas. E estes vapores serviriam de auxiliares para a defeza da marinha mercante.

Marinha de guerra Hespanhola

Couraçados de esquadra:

	Toneladas	Milhas de velocidade
Pelago.	9:902	16,7
Numancia.	7:305	—
Victoria	7:255	—

Guarda-Costas couraçados:

Zaragoza.	5:620	11

Cruzadores couraçados:

C. Colombo	6:000	19
A. Oquendo	7:000	19
C. Cisneros	7:000	20
Cataluna	7:000	20
Carlos V..	9;200	21
Maria Thereza	7:000	20,2
Princeza das Asturias . . .	7:000	21
Viscaia.	7:000	21
Affonso XII	5:000	20

Cruzadores protegidos:

De 1.ª classe

Affonso XIII.	4:800	20
Lepanto	4:800	20

De 2.ª classe

Ensenada	2:000	15
I. de Cuba.	1:600	15
Isla de Lugan	1:600	15

A esquadrilha de torpedeiros conta:

12 Canhoneiras-torpedeiros de 600 a 800 toneladas, e de 18 a 20 milhas de velocidade.

7 Contra-torpedeiros modernos, de 24 a 28 milhas de velocidade.

5 Torpedeiros de alto mar, de 300 toneladas.

20 Torpedeiros de pequena tonelagem e velocidade.

1 Submarino — o *Peral.*

Tem mais umas 20 canhoneiras sem protecção, e em construcção adiantada:

4 Contra-torpedeiros.
3 Couraçados.
2 Cruzadores de 1 classe.
1 « de 2.ª classe.

A marinha mercante conta 500 barcos a vapor, muitos dos quães estão em condições de armar em corso, o que certamente farão se a guerra se declarar.

*
* *

Como se vê, os Estados-Unidos possuem um numero superior de navios de ataque; mas, como os navios Hespanhoes os egualam ou excedem em velocidade, poderão aceitar ou recusar o combate.

Da parte dos Hespanhoes é superior a esquadra de torpedeiros, o que não deixa de ser importante.

O objectivo principal dos navios, torpedeiros e corsarios hespanhoes seria a marinha mercante dos adversarios, á qual, por certo, causariam grandes prejuizos.

Veremos até onde o principio do Manroe—a America para os americanos—leva o presidente Mac-Kinley a proteger os revolucionarios e a intervir nos negocios de Cuba.

FRANÇA

Readmissão dos cabos, brigadeiros e sargentos

O annexo n.º 6, de janeiro de 1898, á lei de 1889, refunde as disposições da mesma lei e mais decretos posteriores ácerca das readmissões.

Os cabos ou brigadeiros readmittidos, que um anno pelo menos, antes de expirar a sua primeira readmissão, são nomeados sargentos, teem direito:

1.º A um subsidio e a um premio de readmissão.

2.º A uma gratificação annual e a todas as vantagens concedidas aos sargentos readmittidos.

O subsidio é pago em seguida ao acto da readmissão, e o premio só se paga no acto de sahir do effectivo.

Os sargentos que se readmittem por 2, 3 ou 5 annos, teem tambem direito a um subsidio e a um premio, sendo porém este só conferido aos sargentos que satisfizerem a condições especiaes.

Todo o sargento readmittido tem direito a uma gratificação annual e á melhoria de soldo.

A gratificação annual só se paga quando o sargento entra na posse de um emprego civil.

O subsidio de manutenção, premio, e gratificação annual é fixado na

Tarifa n.º 2

Subsidio de manutenção:

por 2 annos	200 francos
» 3 »	300 »
» 5 »	500 »

O subsidio da 1.ª readmissão é augmentado de 20 %.

Premio de readmissão:

por 2 annos	600 francos
» 3 »	900 »
» 5 »	1:500 »

A gratificação annual é de 200 francos.

Tarifa n.º 3

Melhoria de soldo mensal:

Na 1.ª readmissão. . . .	9 francos
Dos 5 aos 10 annos . . .	15 »
Depois dos 10 annos. . .	21 »

Os sargentos casados que não teem casa no quartel recebem a gratificação mensal de 15 francos.

A leitura superficial d'estas tarifas dá-nos a impressão de um paiz nadando em dinheiro, lançando-o a mãos ambas sobre os sargentos, para que elles possuam os meios de satisfazer á larga todos os seus caprichos e necessidades.

Pois não é bem isto. Não é mesmo nada d'isto.

A lei é essencialmente economica, e viza a fins mais elevados, de maior alcance: a constituição da reserva de sargentos e officiaes.

Se podessemos aqui discutir e analysar bem as disposições d'esta lei, e comparal-as com as nossas, talvez conseguissemos demonstrar que com a lei franceza se adquire por menos custo um official inferior.

Pelo menos faculta a acquisição d'uma grande reserva de sargentos, coisa que nós não conseguimos.

As disposições acima conjugam-se com a concessão de empregos civis.

Ao passo que a nossa lei nos dá um reformado aos 24 annos, esta colloca o sargento n'um emprego civil, que lhe é absolutamente garantido, visto que a gratificação annual só lhe é paga quando elle entra na posse do emprego. Assim, o proprio Estado obriga o sargento a requerer e procurar o emprego.

A lei é tão solicita em attrahir o cabo e o sargento ás primeiras readmissões, como em desfazer-se d'elles transferindo-os para a reserva logo que elles estão formados. Concede vantagens especiaes á 1.ª readmissão, e aos cabos que alcançam promoção a sargentos, mas só lhes paga o premio quando elles sahem do effectivo...

O proprio premio que os attrahe, é que os convida a sahir!

Nos primeiros 2, 3 ou 5 annos o sargento sae caro; mas depois, sae do effectivo, e o Estado tem por mais 10 ou 20 annos um sargento ou official sem despender um real!

As disposições da lei resumem-se essencialmente n'isto: o Estado dá ao sargento que passa á reserva com 2, 3 ou 5 annos de serviço, 100, 200 ou 400$000 reis.

Deve-se, pois, deduzir que para o futuro em França o quadro do effectivo estará sempre completo e com sargentos novos, e que o quadro da reserva deve estar abundantemente provido.

A readmissão segundo a lei franceza, é um contracto administrativo que qualquer das partes póde rescindir quando quizer, e o readmittido que não completa a readmissão recebe o premio e gratificação proporcional ao tempo de serviço que prestou.

Esta faculdade de sahir do serviço em qualquer occasião é justa, torna a readmissão mais facil, e é favoravel á economia.

Empregos para sargentos

A circular de 10 de fevereiro de 1898 recommenda aos commandantes dos corpos que não admittam a concurso dos melhores logares os sargentos que não tenham 15 annos de serviço e boa escripta.

Os que tiverem menos de 15 annos de serviço e não escrevam bem devem requerer logares mais modestos, aonde ha muitas vagas.

Esses logares são: guardas de penitenciarias, prizões e armazens, cobradores de impostos; empregados aduaneiros, das caudelarias, dos correios e telegraphos; guardas dominicaes e da paz.

Os logares melhores são: recebedores de decimas, chefes fiscaes, commissarios de culturas e expedições.

No ultimo semestre, para 118 vagas d'estes logares concorreram 581 sargentos, e a circular pretende desviar para outros logares o excesso de concorrentes.

*
* *

Quadro de uniformes do exercito allemão, edictor Charles Lananzelle. Foi auctorizada a acquisição d'estes quadros para todos os corpos de tropa.

Trabalhos e exercicios do Estado Maior

Todos os officiaes são obrigados a apresentar annualmente um estudo, mas é-lhes concedido *escolher* a *questão* a tratar.

Os exercicios de dupla acção sobre o terreno devem realisar-se a miudo, e durar 2 a 3 dias.

Circular de 1 de fevereiro de 1898.

J. O.

SECÇÃO COLONIAL

Subsidios para um projecto de colonisação militar

I

Diz Marcel Dubois no seu livro *systèmes coloniaux et peuples colonisateurs* que um factor essencial a considerar na colonisação é a riqueza da metropole em capitaes e em homens e accrescenta, ao contrario de Leroy Beaulieu, que foi essa a principal razão porque muitas das nossas emprezas coloniaes não vingaram; tratando, porem, mais adiante da colonisação hollandeza, declara que ha qualidades que valem bem aquelle factor e são ellas: uma economia rigorosa, sobriedade e vigilancia. Estas virtudes, principalmente as duas primeiras, não são extranhas á indole do nosso povo. Ha, todavia, uma qualidade essencial em materia de colonisação, de que Dubois não falla e que escasseia em nós e é o espirito de methodo, a perseverança nos processos, a tenacidade

nos programmas de trabalho. Consumimos toda a energia n'um primeiro impulso; com a mesma facilidade com que abraçamos enthusiasticamente o progamma d'uma empreza, com a mesma facilidade o abandonamos. Queremos colher com o primeiro esforço todo o effeito util immediato, sem esperar, com perseverança, o effeito util remoto. E' d'isso uma prova a nossa legislação que, pode-se dizer, varía de situação para situação politica sem muitas vezes ter chegado a produzir os effeitos beneficos que se deveriam esperar. Este espirito de methodo, esta perseverança que é um dos apanagios das raças do Norte e constitue a sua força, escasseia em nós e concorre para a nossa fraqueza. Ha, todavia, um aggrupamento — o exercito — em que se podem combater estes defeitos de raça, mercê d'uma bem mantida disciplina, e d'uma bem orientada educação. Portanto, se aquella qualidade sómente no exercito existe ou se sómente no exercito se póde crear e educar e se ella é necessaria para a colonisação, o exercito será, visto que possue todas as outras virtudes do povo portuguez no mesmo grau ou mais acrysoladas ainda, o exercito será, repetimos, a collectividade melhor dotada para se dedicar aos trabalhos da colonisação.

A nossa população é pequena. Effectivamente; mas se isso é uma desvantagem, como diz Dubois, e se não podemos ou não sabemos fazer derivar para a Africa a emigração que se escôa para o Brazil, porque havemos de desperdiçar tantas cabeças intelligentes como as dos nossos officiaes, tanta energia, tantos conhecimentos, e, sobre tudo, tanta dedicação e amor patriotico como este que vive no meio do exercito, que é o seu timbre e a sua honra? Não desperdicemos energias que bem escassas são ellas! Não desprezemos dedicações que só anceiam por bem servir a Patria, quer vellando pela sua integridade e pela sua honra com as armas na mão e expondo a sua vida, quer propugnando por tudo quanto faça incidir sobre nós a riqueza, trabalhando para valo-

risar o nosso dominio ultramarino, impulsionando-o pelo caminho do progresso e da civilisação.

A' concorrencia desleal e por vezes brutal do estrangeiro, devemos oppor a tenacidade das nossas vontades, a energia do nosso proceder e a consciencia do nosso valor e da nossa missão como povo colonisador. E o exercito póde e deve ser um auxiliar do mais alto valor para este desideratum.

Com as armas na mão elle defende o nosso direito e garante a nossa propriedade n'esses terrenos uberrimos de além-mar, mantendo portuguezes esses areaes e esses palmares regados com o sangue de nossos irmãos, martyres da civilisação e do amor da patria. Com as luzes da sua intelligencia, com o esforço da sua vontade, com os conselhos da sua sabedoria e com a pratica da justiça e da verdade elle colonisa, fertiliza e torna productivas e uteis para a mãe Patria as nossas bellas e riquissimas colonias.

Aproveitem-se esses centenares de dedicações, de cabeças intelligentes, de vontades firmes dos officiaes portuguezes na obra da colonisação que tão ligada anda á nossa regeneração Patria e não os deixemos estiolar-se, esterelisar-se nas guarnições e nos postos coloniaes! Aproveitem-se esses centenares de soldados brancos, como auxiliares de grande valor para a obra magna da colonisação, guiando o trabalho dos indigenas no arroteamento dos campos, no desbravamento das florestas, no dessecamento dos pantanos, no enriquecimento do paiz!

As nossas colonias assim modificadas, com arterias faceis para os centros populosos, mais adaptaveis á fixação do europeu, devem constituir um escoadoiro ás nossas industrias, um mercado franco ao nosso commercio, concorrendo assim o exercito para affirmar ao estrangeiro as nossas qualidades de povo colonisador, para rasgar as brenhas d'Africa, facilitando o accesso á civilisação europea!...

Pertence á *Revista de Infanteria* a honra sublime de vos convocar para a lucta.

Era outr'ora o grito de Pedro o Eremita: — A' Palestina pela religião e pela fé; será hoje o nosso brado: — A' Africa pela Civilisação e pela Patria! Cooperem todos com toda a dedicação, com todo o enthusiasmo dos seus nobres corações, com todos os conhecimentos que possuem para dar novos alèntos á riqueza nacional, para nos rehabilitar perante a Europa financeira!

A Revista de Infanteria conta com a dedicação de todos vós, conta com o patriotismo do Exercito n'esta sancta cruzada de restauração e engrandecimento patrios!

Porque, podemos dizel-o bem alto, só uma instituição «o Exercito» se tem conservado incontaminada n'este tremendo conflicto de sordidos egoismos, n'este descalabrar de consciencias em que já até se appella para a administração estrangeira como solução efficaz da nossa situação economica. Como se esta querida Patria que outr'ora só heroes viu nascer, como se esta pobre terra que exgotou as suas energias e os seus recursos a conquistar o Oriente para o converter á Cruz, a rasgar as brenhas d'Africa para a civilisar, a singrar o mar para o balisar, para marcar aos outros povos a estrada do mundo, podesse vir a ser um dia (suprema infamia!) o Egypto do Occidente!... Tremenda irrisão, pungente sarcasmo!... E haverá coração portuguez que possa admittir a possibilidade de semelhante affronta?!

Parece que no exercito se enfileiraram todas as dedicações, parece que n'elle se consubstanciaram todas as esperanças e que é sómente nos corações de nós todos, como n'um sacrario augusto, que se acha ainda abrigada, viva e immaculada como outr'ora, a Alma d'esta querida Patria, cuja historia Napoleão um dia mandou ler á mocidade franceza, como um cathecismo sublime de heroismo, nas escolas do seu Imperio!

Visto pois que é o exercito a collectividade ainda impolluta, mercê das normas rigorosas de administração

que o caracterisam, mercê da sua educação austera e sã, mercê da sua refractabilidade á inoculação pestilenta da politica, appellamos para elle como fautor importantissimo do nosso resurgimento e da nossa restauração economica. Que ninguem diga que em Portugal o militarismo é um cancro, mas sim seiva fecunda e bemdita que ajuda a alimentar e robustecer as forças vivas da Patria, tão periclitantes ainda!

*
* *

Diversos teem sido os alvitres apresentados para promover a colonisação do nosso imperio ultramarino, mas, com razão ou sem ella, a todos tem a sancção da pratica condemnado por irem esbarrar contra estes obstaculos: abstenção de capitaes nacionaes na organisação de emprezas agricolas, industriaes ou commerciaes d'alem-mar; derivação systematica e quasi exclusiva para o Brazil da nossa emigração (que em 1895 foi de 0,9 % da população); carencia de methodo e de tenacidade nos programmas de trabalho; falta de adhesão da iniciativa particular aos esforços do Estado, etc.

Todos os processos de colonis ção preconisados pelos economistas mais notaveis e seguidos n'outros paizes com maior ou menor exito teem sido aproveitados e regeitados successivamente, não se colhendo, excepção feita das colonias proximas da metropole, algumas regiões de Angola, S. Thomé e Cabo Verde, senão decepções e desastres.

Mercê do arruido de extranhos que nos invadiam o solo e d'elle nos tentavam expulsar, tinhamos acordado emfim, apoz uma lethargia de tres seculos, para a existencia laboriosa e febril dos povos modernos; mas, extremunhados ainda, sem orientação, sem systema, sem formulas, embora com boa vontade, arrojavamo-nos ás cegas, á solução do intrincado problema colonial, ten-

tando conseguir do pé para a mão, nós que nem de homens nem de capitaes dispunhamos, aquillo que a paizes ricos e populosos levara dezenas de annos!

Esteril esforço! Os colonos que ás carregações mandavamos para a Africa regressavam em breve, patenteando-nos apenas, á chegada, os vestigios das febres e a dôr da decepção. Esquecera-nos destribuir-lhes os trabalhos a que se deviam dedicar, preparar-lhes os locaes em que se haviam de installar, e prover ás suas necessidades emquanto não colhiam os fructos do seu trabalho.

Os milhares de libras dispendidas na organisação de colonias agricolas, os sacrificios em homens e dinheiro feitos na sua exploração apenas haviam produzido isto: servir de argumento ao estrangeiro para declamar que Portugal devia ser expropriado das suas colonias por não saber, nem poder exploral-as! Esquecera-nos que os trabalhos de colonisação são muito demorados e dispendiosos em homens e dinheiro e que os seus fructos sómente passado muito tempo se acham sazonados.

Esquecera-nos que, sendo o degredado um elemento dissolvente no meio dos povos negros, era um erro e uma imprudencia atiral-o a esmo, como ás vezes fazemos, para o seio d'uma colonia agricola, sem manter junto d'elle uma força armada bastante numerosa que o contenha em respeito pelo principio da authoridade contra a qual se considera em guerra aberta, instigando o o negro contra nós e compromettendo o progresso da colonia.

(continúa).

Alfredo de Leão Fimentel,

Alferes de infanteria.

VASCO DA GAMA

I Anno Maio—1898 N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA

NAS FESTAS DO CENTENARIO

1498—1898

«Debaixo das bravas ondas, por saber os segredos da terra e os mysterios e enganos do oceano», os portuguezes, com uma curiosidade heroica, tomaram em suas mãos o futuro da Europa, e do mundo. (1)

Rasgámos a lenda do mar Tenebroso, desfizemos todas as chimeras que povoavam, além do portico do mundo, o mar da noite, e, com uma tenacidade incomparavel, com uma energia audaciosa, com uma coragem, só de peitos Lusitanos, aportámos a Kalikodu, na costa de Malajawara, abrindo e ensinando o caminho maritimo da India, plantando lá, nas terras das perolas e dos rubis, da pimenta e da cannella, a cruz da nossa civilisação redemptora, e conquistando, para gloria da Europa, os dominios do Samoudri-rajah, facultando-os ao commercio das nações.

A patria orgulhosa festeja o 4.º centenario d'este grande acontecimento.

E as nações cultas da Europa veem ao nosso formoso Tejo prestar a este povo de navegadores o preito da sua homenagem, porque ellas bem o sabem que nenhum outro povo á mesma Europa rendeu maiores serviços.

Vasco da Gama, esse vulto grandioso que se ergue

(1) Oliveira Martins.

na Historia como eterno padrão do valor audacioso do grande povo Lusitano, solta as velas ás suas naus, corta as amarras, e lá desce serenamente as aguas remansosas do Tejo em busca do Preste Joham, em demanda das riquezas da India, enviando á patria um adeus cheio de saudade, mas fortalecido pela esperança de voltar.

Comprehende-se muito bem que na somma d'essa energia, d'essa heroica persistencia, d'essa teimosa coragem que teria sido preciso desenrolar-se durante esses longos dias de amargurada viagem em busca do desconhecido, luctando-se com as tempestades, com os terrores, com os desanimos, com as doenças e até com a morte, é que está precisamente a grandeza d'esse feito inegualavel, e na firmeza austera e heroica, com que foram vencidas por Vasco da Gama todas as difficuldades para triumphar de tamanha empreza, é que está o maior valor d'esse portuguez illustre, que trouxe uma immorredoura gloria para a nossa nacionalidade.

Camões, o poeta do amor da patria, cujo livro immortal é o primeiro monumento d'esta nação, cantou na sua lyra divina o feito glorioso de Vasco da Gama, porque os Lusiadas cantam *os varões assignalados que descobrirão e conquistarão a India oriental, e tambem as memorias gloriosas d'aquelles Reis, que forão dilatando a Fé e o Imperio, e aquelles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando.*

E, quando as difficuldades assediavam por todos os lados a empreza colossal de Vasco da Gama; tempestades no cabo da Boa Esperança, a epidemia do escorbuto que fez enterrar em Quilimane tantos companheiros e tantas desventuras trouxera ás guarnições das naus, a revolta a bordo, as ciladas e traições dos mouros de Moçambique; quando tudo parecia conjurar-se para que a façanha dos Lusitanos não fosse coroada de exito e felicidade, Camões, com a desculpavel tendencia do seu tempo, em que a Mythologia se casava e confundia muitas vezes com as formulas da religião christã, colloca a

propria Venus perante o Padre poderoso a implorar protecção e amparo para

Este povo que é meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,

E o padre responde:

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

.....
.....
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos e duros
D'elles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados:
E por elles, de tudo emfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

Vereis este que agora pressuroso
Portantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.

Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

E a penna cai-nos da mão, e um veu negro de tristeza enlaceia-nos a alma, e do peito amargurado sai-nos esta pergunta dolorosa—porque é que gente tão forte e de altos pensamentos, gente que fez esquecer os feitos dos Gregos e dos Romanos, gente que deu leis ao mundo, está hoje adormecida, como que dolente, perdida nas mornas blandicias de uma corrupção humilhante?

Ah! se é grato para a alma nacional recordar e festejar a nossa grandeza passada, os feitos gloriosos da nossa raça e as conquistas, para a civilisação e para o commercio, dos nossos valentes navegadores; se é grato para a alma nacional ler, reler e como que adorar essas paginas de ouro do immortal Poema que immortalisou o povo Lusitano; o exercito, que sente em si mesmo a propria patria, que chora com ella, com ella se arrebata e tudo gostosamente lhe sacrifica, juncta a sua voz ao côro unisono da nação para entoar o hymno festivo a Portugal maior.

Deseja compartilhar d'estas festas que rememoram justamente a energia e o vigor da nossa raça, porque ellas exprimem uma glorificação ao mesmo tempo que affirmam a razão historica da nossa nacionalidade.

Mas, para que este facto glorioso, que Portugal solemnisa n'uma commemoração civica, possa fazer derivar para a nossa nacionalidade alguma cousa de grande e de util, é mister que não se perca tudo nos sons dos clarins que se extinguem, no ruido das festas que se acabam, no brilho dos lumes que se apagam, no estrondear dos morteiros que se desvanecem.

Não!

Alem, na costa do Malabar, lá está perdida a nossa

India, esse resto que nos ficou do imperio do Oriente, e com a qual não mantemos relações commerciaes, nem sequer á metropole se acha ligada directamente pela navegação a vapor!

Perdida, positivamente perdida para a nossa expansão commercial, perdida para os nossos interesses materiaes, e até perdida, talvez, para a nossa honra de nação colonisadora!

Pois bem, erga-se o paiz inteiro tomando por norma e por timbre a energia e o valor dos marinheiros dos tempos epicos das nossas glorias, e num rasgo brilhante de patriotismo secundemos todos os esforços herculeos d'esse portuguez illustre, que hoje é governador geral da India, o benemerito coronel Joaquim Machado, para que seja precisamente a epocha em que festejamos o 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, aquella que marque o inicio de uma nova era de prosperidade e riqueza, que bastantes desalentos nos apagarão.

Perto de Goa, juncto ao porto de Mormugão, onde presentemente se encontram vestigios e até ruinas de edificações importantes do seculo passado, é que se deve edificar a cidade do futuro, a cidade de Vasco da Gama.

Urge porem tornar já esse porto livre para os productos riquissimos da China e do Japão, transformando a nova cidade, logo ao nascer, n'um entreposto commercial para a mãe patria.

Este plano sensato, practico e altamente patriotico, do nobre governador geral da India, transformar-se-ha n'uma realidade muito auspiciosa para nós, logo que uma linha de vapores ponha a India portugueza em communicação directa com Lisboa; logo que nas nossas alfandegas baixem os direitos d'esses productos do extremo oriente, uma vez que sejam enviados a Portugal pela cidade Vasco da Gama; logo que o sal da nossa India, como genero de permuta, seja exportado para Ma-

cau, que deve ser o porto intermediario das nossas relações com a China e o Japão.

Esta deve ser a orientação geral do paiz, a primeira, a maior, a grande, para que assim a alma energica e altivamente portugueza do Almirante das Indias, vindo pairar, n'esses dias de festa, sobre essa Lisboa que elle tanto amou, sinta um fremito de enthusiasmo e de alegria, vendo que os portuguezes de hoje querem, 4 seculos depois, continuar a obra tão deslumbrantemente iniciada n'essa incomparavel viagem que durou de 8 de julho de 1497 a 20 de maio 1498.

A. Sarsfield,
Capitão de infanteria.

INGRATO DEVER

Aos subalternos do meu regimento fundadores da «Revista de Infanteria».

Pediram-me que comparecesse a uma das suas Revistas. Aqui estou, affastado, a um canto do campo, sómente para lhes agradecer a sua estima e saudal-os pelo seu emprehendimento.

Tentam dar mais um alento á instrucção da nossa Arma, e esse alento sente-se já assegurado pelo auxilio de tantos camaradas illustres, pela vigorosa mocidade dos iniciadores da Revista, e pela anciedade com que aguardavam a auctorisação para a lançarem, como se esperassem com enthusiasmo uma ordem de assalto.

Vão entrar n'uma tarefa toda de estudo que é sempre absorvente. Abençoada seja. E que os cuidados da

instrucção e da cultura da boa camaradagem não deixem esquecer nunca os que teem dado á disciplina, já que esta se não estuda, se não cultiva, nem se ensina com livros, senão com criterio, energia e exemplos.

São officiaes novos. Hão-de commandar. Meditem entretanto e sempre, que o exercicio melindroso do commando, sob o ponto de vista da disciplina, tem tão diversas exigencias que, por vezes, parecem ellas incompativeis: brandura e transigencias, d'envolta com tão energicas decisões que chegam a parecer deshumanidades violentas!

Usar umas e outras acertada e promptamente, é disciplinar. Convençam-se de que, se ha resoluções suas, sujeitas á sevéra e intima critica de todos os seus subordinados, serão sobretudo as que envolverem punições, porque nenhumas outras denunciarão melhor, nem tanto, o seu caracter, a inalteravel uniformidade do seu criterio e a abstracção absoluta do seu coração, perante as transgressões commettidas.

Estudar pouco a pouco os subordinados nas suas successivas transgressões, e as transgressões em cada transgressor, meditar a proveniencia de cada um d'elles, o seu passado, tendencias de caracter, circumstancias permanentes ou fortuitas da sua vida e, sobretudo, aquellas em que as faltas se commetteram, é habito que deve contrahir quem pune os grandes e pequenos desmandos, habilitando assim os subordinados a prevêr sempre o castigo que *infallivelmente* resultará para uma *determinada* falta, commettida por um *determinado* individuo.

D'este modo, a violencia, a repressão por barbara que pareça aos que não respondem pela disciplina, não sendo nunca uma surpreza, uma incognita, mas antes uma solução segura, infallivelmente esperada e como que de antemão conhecida, pode prevenir as graves transgressões, e quando as não evite, diminuirá no chefe o pesar que naturalmente lhe causa sempre o soffrimento imposto ao seu subordinado, porque então, as transgressões

graves commettidas sob um tal regimen, constituem verdadeiras privações á sua auctoridade e sentimentos.

Sob o commando d'um unico official podem reunir-se para um mesmo fim, algum dia, centenas d'homens armados não só de espingardas, mas de educações e sentimentos vários, de procedencias e instinctos multiplos, de rasão, cultura e temperamentos diversissimos. Para uns, uma simples observação, um só olhar, valerá uma punição grave: para outros, chegarão a esgotar-se, debalde, as mais violentas repressões. Manter os sentimentos nos primeiros e evitar a todo o custo, que se affirmem e ostentem os dos segundos, é um dever que não póde illudir-se nunca, nem deve ser prejudicado pela bondade, pelo pesar, por infundados remorsos ou por influencias de qualquer valor.

A comiseração pelas desventuras e o perdão absoluto ou parcial, sendo a brilhante e adoravel perogativa de Quem reina como pae ou Senhor, é um nocivo defeito em quem commanda, porque o exercicio do commando só póde conferir-se ao criterio justo e immutavel, á experiencia e á segura comprehensão de direitos e deveres.

Evitem pois sempre as reconsiderações, julgando d'espirito tranquillo, sem irascibilidade, nem precipitações.

Quando punirem, colloquem-se, se fôr preciso, antes da sentença proferida, no lugar do punido, e vejam se a consciencia de transgressor lhes approvaria intimamente a punição que tenham escolhido: façam a critica do seu proprio acto.

E assim, e sempre assim, se a par de todos os cuidados na cultura da disciplina derem com o seu procedimento, em todos os actos da vida, um exemplo nitido de cavalheirismo e de altiva probidade, hão de conquistar rapida e seguramente o respeito e a dedicação dos seus subordinados que não valerá de certo menos do que a estima de todos os seus chefes.

Meditem sempre, e que os seus trabalhos litterarios possam merecer a consideração do exercito, como os seus serviços no regimento tem merecido a do seu

Coronel

Silva Monteiro.

DA REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Sobre este importantissimo assumpto da defeza nacional e ao qual se prendem e ligam os mais caros interesses do paiz, a direcção da «Revista de Infanteria» tem recebido de alguns distinctos officiaes da Arma valiosos subsidios para estudo, o que cordealmente agradece em nome da causa commum que procura defender.

As notas que vamos publicar abaixo exprimem um parecer esclarecido e, embora não tratem a questão em todo o seu vasto campo da nossa technica profissional, apresentam todavia alvitres dignos de serem meditados, e que bastante utilidade trariam á Arma quando fossem consagrados pela pratica.

*
* *

Concordando com as opiniões de grande numero dos nossos camaradas, tomamos como indispensaveis os seguintes traços geraes para uma reforma do exercito em geral e em particular da infanteria, util á defeza nacional.

1.º Serviço militar obrigatorio.

2.º Concessão de remissões (emquanto não podermos pres-

cindir da sua receita) apenas depois de prompto da instrucção o recruta.

3.º Concessão de licenças registadas, pelo rigoroso principio de preferencia ás praças com maior tempo de serviço de escala, aos soldados que o orçamento não permitta conservar com vencimento.

4.º Reducção a 24 regimentos a 3 batalhões activos dos 36 a 2 batalhões creados pela reforma de 1884.

5.º Reducção a 24 districtos de recrutamento e reserva, reorganisados convenientemente, dos 36 creados pela organisação das reservas de 1887 e conservados na de 1891.

6.º Creação da 3.ª reserva onde seriam reunidos os dispensados por amparo, os remidos depois da instrucção de recruta, e os apurados para os serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra; formando-se com os primeiros e segundos os 4.ºs batalhões dos regimentos e com os ultimos as companhias de serviços auxiliares em tempo de guerra.

7.º Organisar nos districtos de recrutamento e reservas os serviços de recenseamento de animaes e vehiculos.

8.º Fazer apresentar nos districtos de recrutamento e reserva (onde seriam relacionados, e considerados do quadro do districto em caso de mobilisação), todos os capitães e subalternos em disponibilidade, inactividade, do quadro auxiliar e reformados não incapazes de todo o serviço, residentes na area do districto, ficando obrigados a participar por escripto a mudança de situação ou de residencia, como praticam os officiaes da reserva.

Estabelecidos estes principios, proceder-se-ia em harmonia com as seguintes regras:

Os commandantes dos regimentos de infanteria seriam os 24 coroneis mais antigos da arma que se não achassem no desempenho de importante commissão de serviço incompativel com o commando. Os dos 24 districtos de recrutamento e reserva seriam os 12 coroneis mais modernos e os 12 tenente coroneis mais antigos, em que não concorresse tambem aquelle impedimento. Estabelece-se esta regra para evitar continuas deslocações e ainda para que nenhum coronel ou tenente coronel deixe de desempenhar nos regimentos as funcções inherentes aos seus postos.

Os districtos de recrutamento e reserva correspon-

deriam aos regimentos de infanteria como actualmente; e os coroneis ou tenentes coroneis de infanteria seus commandantes teriam como adjuntos:

Um Capitão de infanteria, Commandante do 4.º batalhão e encarregado de todas as reservas menos as dos serviços auxiliares.

Dois subalternos de infanteria. Um, encarregado do serviço de recrutamento e do expediente do districto, e o outro dos armamentos, equipamentos e fardamentos do mesmo, bem como da parte administrativa.

Um subalterno de artilheria ou cavallaria encarregado do recenseamento de animaes e vehiculos na area do districto, e tendo a seu cargo os reservistas das companhias dos serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra.

Os districtos de recrutamento e reserva seriam devididos em quatro secções, superintendidas pelo coronel ou tenente coronel commandante, da seguinte fórma:

1.ª Secção

Reservas das unidades activas

Chefe—Capitão commandante do 4.º batalhão.

Serviços—a) Praças da 1.ª e 2.ª reservas de todas as armas e serviços; b) 4.º batalhão do regimento;

2.ª Secção

Recrutamento e expediente

Chefe—Um subalterno de infanteria.

Serviços—a) Recrutamento; b) Expediente do districto.

3.ª Secção

Material e Administração

Chefe—Um subalterno de infanteria.

Serviços—a) Guarda, conservação e escripturação do armamento, equipamento, fardamento etc., a cargo do districto; b) Conselho eventual.

4.ª Secção

Recenseamento de animaes, vehiculos e reservas auxiliares

Chefe—Um subalterno de artilheria ou cavallaria.

Serviços—a) Recenseamento de animaes e vehiculos na area do districto; b) Companhias dos serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra.

Para o serviço do districto seria estabelecido o seguinte quadro de praças de pret:

Um 1.º sargento de infanteria.
Quatro 2.os sargentos de infanteria.
Um 2.º sargento de corpo montado.
Dois 1.os cabos de infanteria.
Oito soldados de infanteria.

Para que o 4.º batalhão estivesse quanto possivel apto a mobilisar-se, seriam distribuidos ás suas companhias não só as praças de pret activas do districto, como os capitães e subalternos, de qualquer procedencia, que pertencessem ou tivessem pertencido á arma de infanteria, residentes na area do districto e n'elle mandados apresentar para effeitos de mobilisação. Os que sobrassem e os das outras armas seriam destinados a todos os serviços de mobilisação, como concentração de reservistas em determinados pontos, acompanhal-os aos corpos a que o plano os destinava, etc.

As reservas seriam constituidas:

1.ª Reserva—Por todas as praças que completassem o tempo de serviço effectivo e não devessem passar á 2.ª reserva.

2.ª Reserva—Pelas praças que do effectivo passassem a esta reserva, em virtude de readmissões ou qualidade do alistamento, e pelas que completassem a 1.ª reserva.

3.ª Reserva—Pelos dispensados do serviço activo e pelos remidos, depois de promptos da instrucção, e pelos apurados para os serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra.

O tempo de serviço na 1.ª e 2.ª reservas continuaria a ser o mesmo que actualmente para as praças provindas do activo, ou augmentado de mais 2 ou 3 annos

o da 2.ª, se se quizesse reforçar a reserva. O da 3.ª reserva seria contado, aos remidos e dispensados do activo bem como aos apurados para os serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra, pelos processos porque hoje se lhes conta o da 2.ª reserva, descontando-se porém aos remidos e dispensados o tempo que permanecessem nos corpos em instrucção; poder-se-ia tambem elevar-lhe o tempo, de 12 ou 15 annos n'esta reserva, a mais 2 ou 3 annos.

*

* *

Assim, teriamos todos os recenseados do contingente annual destinados ao serviço effectivo, sendo encorporados nas unidades activas os julgados para elle aptos, e na 3.ª reserva os apurados para os serviços auxiliares. Igualmente seriam encorporados nas unidades activas, para instrucção, os dispensados por amparo, que passariam á 3.ª reserva logo que a terminassem.

Finda a instrucção de recruta, conceder-se-hiam remissões ás praças que as desejassem, passando á 3.ª reserva pelo tempo que lhes faltasse para complemento do tempo de serviço total a que eram obrigados.

As praças que não quizessem remir-se serviriam 3 annos no activo como actualmente e nas 1.ª e 2.ª reservas os annos que lhes competissem.

No estado effectivo dos corpos conservar-se-hiam apenas com vencimento as praças que superiormente fosse indicado, passando-se licenças registadas por largos periodos ás restantes, pela impreterivel ordem de preferencia do maior numero de dias uteis de serviço.

Nos districtos de recrutamento e reserva separar-se-hiam os recrutas dos serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra dos remidos e dispensados, formando com estes os 4.os batalhões de infanteria e com aquelles as companhias dos serviços auxiliares que se julgasse con-

venientes, distribuindo-as por ellas, desde já, em harmonia com as suas aptidões physicas e profissionaes.

Por esta fórma ficaria esta 3.ª reserva em condições de, na hora precisa, tomar os seus postos. E, como as remissões haviam de augmentar em relação ao numero do contingente, os 4.os batalhões seriam fortes reservas dos já fortes batalhões activos onde se encorporariam a 1.ª e 2.ª reservas.

Dados estes principios, parece que resultariam as vantagens seguintes:

O serviço militar obrigatorio;

Todos os reservistas instruidos;

O engrandecimento do exercito pela confiança absoluta que n'elle se passaria a ter;

Separação da amalgama de recrutas nos actuaes 3.os batalhões onde se incluem as praças apuradas para todas as armas com os apurados exclusivamente para os serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra;

Designar, desde já, os logares a occupar, em caso de mobilisação, aos officiaes do quadro auxiliar, aos em inactividade, e áquelles que n'outras situações fossem aproveitaveis em taes circumstancias.

E no fim de tudo isto ainda uma pequena economia resultava.

Passando uma rapida revista ás verbas da infanteria achamos a seguinte

Economia

Differença para menos em gratificações de commandos de districtos	2:880$000
Menos 12 capellães (minimo)	5:040$000
A menos de rendas de casas, agua e luz de districtos de recrutamento e reserva extinctos (não se pode calcular). . .	?

A menos forragens de cavallos de officiaes que apeiam (approximadamente). . .	300$000
Menos 10 mestres de musica	3:431$000
Menos 10 contra-mestres de musica . .	1:861$500
Menos 30 musicos de 1.ª classe . . .	5:146$500
Menos 40 » de 2.ª » . . .	4:672$000
Menos 80 » de 3.ª » . . .	4:380$000
Menos 80 aprendizes de musica . . .	2:920$000
Menos para abonos de instrumentos musicos	500$000
Menos 12 primeiros sargentos (no 4.º periodo de readmissão) nos districtos de recrutamento e reserva	2:540$000
Menos 30 artifices	1:642$500
Menos 10 mestres de corneteiros . . .	657$000
Menos auxilio para rancho ás referidas praças e especial aos musicos de 3.ª classe e aprendizes (approximadamente)	11:181$250
Pão (a 35 reis) ás mesmas praças . . .	3:858$050
Readmissões das ditas praças (menos 1.os sargentos), camas, louças, luzes, mobilia, etc., (approximadamente). . . .	2:000$000
Total. . .	53:010$000

Augmento

Gratificações a 24 capitães de infanteria para os districtos de recrutamento e reserva.	2:880$000
Idem a 48 tenentes de infanteria para os mesmos districtos	2:880$000
Idem a 24 tenentes de artilheria ou cavallaria, para o mesmo fim (approximadamente)	1:500$000
Pret, pão e auxilio para rancho a 48 segundos sargentos augmentados aos dis-	

trictos, considerando-os todos readmittidos (approximadamente).	6:600$000
Pret, pão e auxilio para rancho a 48 primeiros cabos augmentados aos districtos, considerando alguns readmittidos (approximadamente)	4:204$800
Soldados. Não se consideram augmentando a despeza por ficarem incluidos no numero dos auctorisados com vencimento	N
Pret, pão e auxilio para rancho a 14 contra-mestres de corneteiros augmentados aos regimentos activos	1:389$700
Total. . .	19:444$500

Reducção	53:010$000
Augmento	19:444$500
Economia	33:565$500

com que se poderiam dar 100 dias de instrucção a 1600 recrutas (abonados de pret, pão e rancho) dos entrados a mais nas fileiras que actualmente, representando só aquelle augmento approximadamente 20:000 homens no fim dos actuaes 12 annos de serviço.

Comtudo a verba mais importante seria a das remissões, que cresceria enormemente com o augmento do contingente, e applicada á instrucção a parte que excedesse a media das actuaes, pode dizer-se que teriamos a nação instruida militarmente sem outros encargos para o thesouro.

Z.

A bayoneta e a bala

«A bala é louca, só a bayoneta sabe vencer» dizia Souvaroff. E com elle repete ainda Dragomiroff: «A arma branca é a arma dos resultados rapidos, porque, á efficacia do choque, ajunta a superioridade moral do homem que assim se manifesta dominador. A arma branca surprehende o adversario e convence-o de que não pode mais resistir. Ella é o symbolo da resolução e da vontade.»

Eis a velha escola tactica que ainda disputa primazias á sua florescente rival—a da bala.

Louco seria eu, se, sósinho, tentasse arremetter contra tão elevadas auctoridades; mas, convicto da preponderancia do fogo pelo successivo aperfeiçoamento do armamento portatil e dos methodos de instrucção de tiro, acolher-me-hei á sombra de outras não menos famosas, e porventura mais esclarecidas, que resgatarão a minha incompetencia no assumpto.

Na propria Russia o celebre aphorismo de Souvaroff não é axiomatico, e as palavras sonóras de Dragomiroff, se exprimem o sentimento nacional d'um povo cujo maior valor, sob o ponto de vista militar, consiste no seu colossal exercito, não exprimem, todavia, a verdade completa, tomadas ao pé da letra.

Por certo que a bayoneta é a arma dos resultados rapidos, da resolução e da vontade, sendo certamente por taes predicados que todas as tacticas recommendam o seu emprego no momento final para não demorar a lucta; porém o bom exito d'esse emprego está inteiramente subordinado á previa acção decisiva pelo fogo sem o que, em regra, a bayoneta recuará vencida. O proprio Dragomiroff o reconhece nas suas instrucções

especiaes dirigidas ás tropas do seu commando, e as grandes experiencias de tiro, realisadas em Varsovia, confirmam o mesmo principio, attribuindo ao fogo uma acção decisiva: «On préconiserait l'emploi d'une ligne de tirailleurs plus forte que actuelment, l'introduction du fusil de petit calibre faisant plus que jamais de l'arme á feu l'instrument de la decision du combat.» O regulamento tactico foi, pois, modificado n'este sentido e por estas razões, e, sobretudo, porque ao espirito reflectido dos russos não podiam passar despercebidas as suas contumazes arremettidas e outras tantas retiradas diante de Plewna.

Olhando para a Allemanha vê-se que a sua tactica é a apologia do fogo, resumindo-se em atirar, não ao acaso, mas com conhecimento de causa por um estudo pratico e aturado do tiro. «Le combat d'infanterie, diz o regulamento, se decide normalment par le feu. Dans la plupart des cas, la concentration d'un feu violent, á courte distance et sur les points importants, produira un tel resultat, que l'assaut final ne trouvera plus qu'une position faiblement défendue ou même abandonnée par l'ennemi.» Assim se expressam os melhores conhecedores da guerra e que, colhendo lição dos factos, não esquecem que o fogo, tanto como a manobra, fez a reputação de Frederico o Grande e que ao fogo deve a Prussia a sua dilatação e poderio de hoje.

Olhando para a França vê-se que a sua tactica oscilla entre a tactica do fogo e a tactica do choque, com tendencias, talvez, para esta ultima, invocando o espirito nacional. Terá razão a França? Um meio termo entre as duas tacticas será admissivel? Não serei eu que responda, mas francezes da mais conceituada auctoridade, como Paquié, Ortus, Philebert, Lamiraux e muitos outros cuja opinião pode resumir-se no seguinte: «Officiers d'infanterie, ayez la conviction que, dans l'offensive comme dans la défensive, tous ceux d'entre vous qui sont imbus de la doctrine du tir ont entre les mains

tout ce qu'il faut pour produire *la rupture d'equilibre des forces materielles et morales* de l'ennemi, et pour amener la periode décisive à n'etre qu'un acte fort simple d'une poussée sur le point choisi par le commandant en chef.»

A lição historica não é menos concludente para a França em favor da preponderancia do fogo, por quanto, se ella deve á bayoneta resplandecentes victorias, é tambem certo que o menospreso e insciencia do tiro lhe infligiu tremendas derrotas. Assim, durante o primeiro imperio, a arma branca brilhou, refulgiu com a ignorancia dos contrarios, mas esse brilho offuscou-se rapido ao clarão das espingardas de Wellington. Mais tarde a Prussia assolou a França pelo fogo e pelo fogo esta tombou vencida.

Pelo que respeita á nossa tactica, ella segue a esteira da franceza, com os mesmos impetos de heroicidade da bayoneta. As duas irmãs têm, por consequencia, os mesmos partos, que um critico francez aprecia assim: «Toutes nos manoevres sont agrémentées de multiples mouvements tournants, de mouvements de flanc et se terminent invariablement par un superbe assaut. Hereux quand ce dernier n'en constitue pas le commencement, le milieu et la fin. Pas de manoevres sans assaut, plutôt se passer de manoevres.»

Precisamente entre nós succede o mesmo, convergindo todo o trabalho de instrucção para o famoso assalto que jamais poderá realisar-se sem a acção energica e decisiva do fogo, votado quasi ao esquecimento, sobretudo na parte mais importante e relativa aos quadros dos officiaes.

Tal pratica só pode ter como resposta a seguinte significativa ironia d'um outro conceituado critico francez: «Et cet assaut, bien plus, ne le voit-on pas toujours partir de tres loin et franchir imperturbablement d'immenses espaces découverts, fort á l'aise sous le feu le plus terrible? Il est sûr d'arriver, sans qu'il lui en

coûte une goutte de sang, au sommet de la position dont le defenseur est de avance declaré vaincu, malgré l'etourdissant feu d'artifice qu'il tire á profusion sur son irresistible agresseur.» De facto, emquanto o tiro não fôr mais do que um fogo de vistas, a tactica poderá tambem correr ao sabor da phantasia, armando especialmente ao effeito; mas, quando, na guerra, o fogo astuto, ceifar, como espigas, as columnas do assalto, então a massa bruta das bayonetas reconhecer-se-ha impotente.

Que o digam os valentes de Coollela que, sómente com o fogo reduziram ao nada as ferozes mangas vatuas cuja potencia de choque seria vinte vezes superior á necessaria para esmagar a nossa mingoada columna.

Alberto José Vergueiro.
Capitão do E. M. da Infanteria.

OS NOSSOS EFFECTIVOS

Desde que em Portugal se constituiu o exercito permanente, durante os reinados de D. João IV e D. Pedro II, o effectivo do pé de paz regulou por 15:000 homens, e por 30:000 o effectivo de guerra, mantendo-se este ultimo desde 1641 a 1668, e de 1700 a 1713, por um espaço de 40 annos.

Com o pacifico reinado de D. João V decahiu muito a instituição militar, mas ainda assim, em 1762, quando a Hespanha e a França nos declararam guerra, tinhamos no effectivo 17:000 homens.

Não estava o Marquez de Pombal precavido para tal hypothese, mas taes providencias adoptou que 6 mezes depois tinhamos em armas ou pé de guerra

60:000 homens, milagre que se explica pela capacidade politica do Marquez, e pelas prosperidades que elle tinha creado ao thesouro publico.

Terminada a guerra, foi o exercito reduzido ao effectivo de paz, organisado e instruido pelo conde de Lippe, que o poz a par dos melhores exercitos d'aquelle tempo.

Por pouco tempo se conservaram os melhoramentos introduzidos pelo allemão Lippe, e de novo o desmazello se apossou do exercito, durando a desorganisação um largo periodo.

Graças a essa decadencia, Junot, em 1807, pôde entrar em Lisboa sem receber um tiro, á frente de um pequeno bando de maltrapilhos, e proclamar-se governador do reino.

Em 1809 foi o exercito novamente organisado, mas d'esta vez foi o inglez Beresford, commandante em chefe, quem o poz na devida altura.

Os nossos regimentos puderam então levantar a nodoa do aviltamento anterior, mas a nossa historia teve de inscrever o nome de Beresford, de Wellington e de muitos outros inglezes, que lá ficaram para sempre a attestar a tradicional incuria portugueza.

Durante a guerra peninsular, Portugal chegou a ter 80:000 homens em armas, sendo uns 50:000 do exercito de campanha.

As modernas tentativas para dotar o exercito com uma organisação mais aperfeiçoada, começam ahi por 1850, e desde então até á actualidade, em cada nova decada mais se acentuou o movimento reformatorio.

A organisação de 1868 fixou o exercito em 30:000 homens no pé de paz, e em 50:000 no pé de guerra.

Nota-se logo n'esta reforma que o effectivo de guerra é escasso, e que não estão os principios da reforma em harmonia com os progressos do tempo. N'ella, os principios e as bases organicas estão mal definidas, ou nem sequer enunciadas.

Em vista dos germens de esterilidade que continha, esta lei não se traduziu por uma melhoria sensivel na instituição.

A lei organica de 1884 é a mais completa e perfeita que até hoje se tem publicado em Portugal, e se tivesse sido seguida das necessarias providencias para a sua execução, o paiz teria ficado com uma organisação sufficiente, capaz de servir durante muitos annos; porém, as providencias não vieram, e em vez d'ellas só appareceram determinações adequadas para destruir o pouco que havia já. As condições essenciaes d'esta reforma, que pretendia obter um effectivo de mobilisação de 120:000 homens, residiam na sequente lei de recrutamento e na organisação das reservas, e o que a tal respeito se legislou vinha de molde só para asphyxiar o plano da reforma.

O serviço pessoal e obrigatorio que era a base da reforma, foi do seguinte modo promulgado na lei de recrutamento de 1887.

Artigo 4.º—«Ficam prohibidas as remissões; as substituições e os contractos.

§ 2.º—E' permittida a troca de numeros entre os mancebos apurados para o serviço militar no mesmo anno e concelho.»

Artigo 40.º—«Em tempo de paz pode ser addiado o alistamento aos mancebos que provarem:

1.º—«Não poder interromper estudos ou aprendizagem sem grande prejuizo.»

4.º—Ser indispensavel á direcção da lavoura, estabelecimento commercial ou industrial.

Artigo 41.º—São dispensados:

10.º—Os clerigos das ordens sacras, os alumnos

da universidade, das escolas polytechnicas e medicas, dos institutos industrial, commercial e de agricultura.»

A lei era, pois, o peor possivel, e não podia conduzir senão ao anniquilamento do exercito.

Começando por dizer que o serviço era *pessoal e obrigatorio*, acabou por dispensar toda a gente do serviço militar, creando em seguida o voluntariado de um anno para quem quizesse antecipar o alistamento. Não se apresentou ninguem. Era de prever.

O voluntariado tem dado bons resultados, mas é na Allemanha, aonde o serviço obrigatorio é uma realidade e não um sophisma.

Lá, o *serviço obrigatorio* é uma rede d'onde não escapa ninguem, e é por isso que a elite d'esse paiz cae em massa a alistar-se voluntariamente nos regimentos, fornecendo a melhor materia prima para a constituição dos quadros da reserva.

O *serviço obrigatorio* corresponde á concepção de um verdadeiro exercito nacional, exercito de que façam parte os melhores elementos do paiz. Para apanhar as classes mais humildes nunca se precisou de *serviço obrigatorio*, nem de lei nenhuma.

Logo em 1888 se começaram a sentir os perniciosos effeitos da lei de 1837, pelo decrescimento dos recrutas, gravame que não deixou de fazer progressos até 1897.

Durante este espaço de tempo soffreu o paiz o *ultimatum* inglez que devia ser motivo sufficiente e determinante de um bocado de solicitude pela força publica, e fez-se a campanha de Gaza que poz bem em evidencia a penuria dos effectivos, pois que, para se reunirem 4:000 expedicionarios foi preciso espremer os regimentos todos.

Ao findar o anno de 1897, a crise attingiu o auge, e para a guarnição de Lisboa poder fornecer as guar-

das, foi preciso espremer com tenazes os corpos das provincias.

No mez de março de 1898, a força de toda a infanteria, é a que consta do quadro seguinte:

	No effectivo	Faltam	1.ª e 2.ª reserva com instrucção
2.os sargentos..	816	N.	432
1.os cabos.....	1:428	748	2:400
2.os cabos.....	952	1:224	3:140
Soldados.....	15:500		22:000

Em 1897, o contingente de recrutas foi de 16:500.

Em 1896 foi de 17:500, e em 1895 de 13:000.

Os contingentes d'estes tres annos sommam 47:000 homens.

Aonde se sumiram os 17:000 homens que faltam, visto que o effectivo legal é de 30:000 homens, e que o effectivo real é ainda maior?

Não se remiram, certamente, todos, porque então o rendimento das remissões seria de 1:000 contos annualmente, e a verba que o orçamento accusa como recebida é muito menor, é inferior a um terço d'aquella quantia.

Aonde, porém, o desfalque se torna mais notavel, é nas reservas com instrucção.

Segundo os contingentes notados nos respectivos annos, deviam ser uns 100:000 homens, e apenas nos apparecem 40:000.

Para onde foram os 60:000 que faltam?

Se tivessem pago todos a remissão, o rendimento das remissões teria sido, nos ultimos 10 annos, aproximadamente 11:000 contos.

Ora, as quantias recebidas n'esses 10 annos parece serem inferiores a 3:000 contos [1], o que prova que uma grande parte dos contingentes não se alistou nem pagou a remissão. Ficou em divida.

O que existe em grande quantidade é a 2.ª reserva sem instrucção. O registo accusa nada menos de 50:000, e, portanto, se a lei de 1896 continuar a regular o assumpto, dentro de 8 annos deve-se elevar a 180:000 homens.

Ora, sobre todos estes homens passámos nós já um traço, não os tomando em conta para o estudo que proseguimos, pelas rasões seguintes:

Se os homens fossem convocados, a primeira coisa necessaria era instruil-os, o que é absolutamente impossivel, por falta de instructores. Só para os 50:000 reservistas que ha agora, eram precisos pelo menos 1:000 officiaes, 2:000 sargentos e 4:000 cabos, coisa que não existe. Além d'isso, com a celeridade da guerra moderna, durante a campanha não ha tempo de instruir ninguem.

Para que estar, por consequencia, a reunir 180:000 homens na reserva sem instrucção?

E aonde estão as armas para elles?

O resultado será só este: districto de reserva que tem já 5 amanuenses, precisará ter 15. Temos pois, para um caso de mobilisação, de contar unicamente com os instruidos e fazendo a respectiva somma encontramos:

2.os Sargentos.	1:248
Cabos	7:400
Soldados	37:500

(1) Nos orçamentos publicados em 1880, 1881, 1883 e 1884, as remissões figuram com 44 contos de réis em cada anno. Desde 1884 a 1895 nada se publicou. Em 1896 foram chamados a apuramento os contingentes atrazados desde 1891, rendendo as remissões 826 contos. Em 1897 as remissões renderam 342 contos. Ora temos razões para crer que o rendimento total desde 1887 a 1895 não deverá ter excedido 800 contos.

faltando portanto, para o pé de guerra fixado na lei de 1884.

2.os Sargentos.	2:424
Soldados	40:000

e assim, o effectivo do pé de guerra que a mesma lei fixou em 120:000 homens, acha-se reduzido a 50:000, e a infanteria, em vez de mobilisar 100 batalhões, póde apenas mobilisar uns 46, o que devidamente traduzido significa que em materia de organisação não fizemos progresso nenhum em 2 seculos, e com duas tremendas lições!

Ao passo que toda a Europa tem resolvido o problema que lhe permittio augmentar enormemente os seus effectivos, Portugal, no pé de paz como no de guerra, tem os mesmos effectivos que tinha ha 2 seculos, e no que respeita a praças de pret tem a mesma desorganisação de 1762 e de 1806.

E note-se ainda, nos numeros que acima apresentámos figuram como instruidos os 7:000 recrutas recebidos este anno, que nem sequer completaram o 1.° periodo de instrucção, não estando por consequencia nas condições de prestar bom serviço em campanha. Não estão sufficientemente preparados e formados.

(Continúa). *Julio d'Oliveira.*

Tenente de infanteria.

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

Difficuldades de combater durante o dia

Frederico o Grande da Prussia dizia—«eu não atacarei nunca de noute, porque a obscuridade causa mui-

tas desordens». Certamente, elle quando assim fallava, fallava aos famosos generaes do seu tempo, e não procurava, por certo, prevêr os segredos que o futuro reservava.

Hoje vivemos n'uma epoca onde as invenções as mais extraordinarias veem a cada instante assombrar o mundo; tudo devemos, pois, esperar, prever e evitar ou remediar.

Na guerra nada conhecemos d'absoluto, tudo transitorio e contingente, e muito principalmente no campo da tactica.

Quanto a nós, crêmos que a phrase de Frederico não terá applicação no tempo presente ou mais ou menos proximo, e crêmos mais que se poderá dizer: —hoje será mais difficil um combate de dia, senão impossivel, porque o inimigo esmagar-nos-ha com a chuva dos seus projecteis antes de nós descobrirmos a sua posição. Seria uma loucura e um arrojo imperdoavel da nossa parte se nos abalançassemos a tanto, sem a auctorisação dos mestres; ser-nos-ha, portanto, permittido empregarmos os seus nomes para reforçar as nossas ideias, a nossa opinião e mesmo a nossa convicção.

*
* *

Antes do apparecimento da polvora sem fumo as posições inimigas eram facilmente reconhecidas.

Para isso bastavam as nuvens de fumo que, voluptuosas, obedeciam aos caprichos do vento.

Conhecidas ellas, não haveria que temer nem que hesitar, porque, embora os projecteis inimigos fossem para todos os mensageiros da morte, dever-se-hia, sem escrupulo, reforçar as posições até que o inimigo cedesse, quer pela acção do fogo, quer pela acção da bayoneta, porque acima dos sacrificios que se exigiam está o dever do soldado, a gloria e a honra da sua bandeira e

da sua patria. N'estas circumstancias e obedecendo a este ideal sublime, ninguem temeria exigir sacrificios desde que se conhecesse o objectivo a attingir e os fins a alcançar. Mas hoje, devido á polvora sem fumo, e com uma detonação muito menos intensa e pronunciada, e com uma arma de que, devido á superioridade balistica, não será difficil tirar um excellente partido a 600 metros e ainda a distancias muito superiores, cremos que não succederá assim.

A ausencia do fumo, que no theatro da guerra denuncie as posições inimigas, torna, por certo difficil, senão impossivel, distinguir á vista desarmada essas mesmas posições.

O capitão Moch do exercito francez diz no seu livro *la tactique et la poudre sans fumé*, «que um infante isolado não deixa revelar a sua presença senão pelo fumo do seu tiro.»

Com effeito, este principio deve ser admittido, porque a polvora, não produzindo fumo, não formará as extensas nuvens ou os finos penachos que tão nitidamente desenham as linhas dos atiradores. Outro tanto succederá aos magnificos penachos que coroam as posições da artilheria.

O fumo das espingardas e das bocas de fogo são, evidentemente, os melhores denunciadores das exactas posições occupadas.

Daremos um exemplo, que, por certo, confirma este principio que reputamos verdadeiro.

Um atirador esconde-se, occulta-se atraz d'uma pequena sebe, d'um tronco d'arvore ou do mais ligeiro obstaculo natural ou artificial. Encontra-se municiado com cartuchos de polvora ordinaria ou polvora negra, e com cartuchos de polvora Barreto ou polvora sem fumo.

A qualquer distancia d'esse atirador está postada uma fracção em ordem unida ou extensa.

Ouve-se uma detonação secca e um tanto longin-

qua. Dizemos a qualquer distancia, porque, pelas nossas pequenas observações, podemos affirmar que alem de 100 metros dois atiradores podem fazer fogo um contra o outro empregando a polvora Barreto, que nenhum d'elles poderá ver o tenuissimo e imperceptivel fumo da espingarda adversaria.

Nigot, chefe de batalhão do exercito francez, confirma isto mesmo no seu excellente livro—*Les grandes questions du jour*.

Ouve-se a detonação, official e soldados olham estupefactos em todas as direcções ou quasi todas, mas nada distinguem, nada veem, porque o tiro foi feito com polvora sem fumo.

A detonação não é sufficiente, evidentemente, para denunciar uma posição, além d'isso o vento pode influir poderosamente. Avidos e attentos continuam observando.

N'isto nova detonação, mas nada distinguem. N'estas condições nota-se um certo sobresalto, não obstante a maior attenção consagrada pelo official, sobresalto que resulta da incerteza, da indecisão, do desespero mesmo de não se saber d'onde partiu o tiro, o que até certo ponto annulla o fim que se tem em vista querendo-se honradamente e corajosamente cumprir o nosso dever.

O official procurará tirar-se d'aquella situação embaraçosa, mas como? Como vencer estas difficuldades? E comtudo o atirador vai repetindo os seus tiros que certamente poderão causar damno na força postada.

O official passará em revista todos os regulamentos que conhece e n'estes nada encontra que o possa orientar; procurará vêr se será obrigado a conservar improficuamente aquella posição impotente em presença d'um perigo de que elle não pode descobrir a origem nem conhecer a intensidade. Mas, indeciso e fiel ao seu dever, esperará.

N'isto nova detonação, mas ao longe vê um pequeno penacho de fumo, que tenue como é será levado pelo vento.

O atirador fez fogo com polvora ordinaria.

Todos conhecem já a posição inimiga; a indecisão desapparece e os soldados avidos olharão para o official. Este, apontando a sebe ou o obstaculo atraz do qual se levantou o pequeno penacho de fumo, mandará principiar o fogo e tomará todas as precauções. Conhecendo a distancia e conhecendo o objectivo procurará, por certo, alcançar os fins.

(Continúa).

David Augusto Rodrigues,

Alferes de infanteria.

A reorganisação da Escola Pratica de Infanteria

(Continuado do n.º 1 pag. 16)

Quanto a nós, o periodo de instrucção na Escola pratica devia constituir parte integrante do curso de infanteria e a classificação final dos cadetes e respectiva promoção a aspirantes só deveria ter logar quando concluida, *com aproveitamento*, a frequencia do referido periodo.

A actual classificação, feita á saida da Escola do Exercito, não assenta, nem póde assentar, sobre dados que estabeleçam o valor, o merecimento militar dos alumnos, por quanto, embora os exercicios militares e os trabalhos praticos entrem com a sua quota parte para o apuramento definitivo, n'este predominam necessaria-

mente as notas e medias obtidas nas aulas, nos estudos e trabalhos propriamente theoricos, e o facto de ser o mais intelligente ou o mais estudioso não é, por si só, indicio seguro do individuo dever ser, d'entre os seus condiscipulos, o melhor official, o mais prestimoso, o mais capaz de inspirar confiança aos seus chefes e aos seus subordinados, o possuidor emfim de mais eminentes qualidades militares.

A verdade é que raro é o curso em que o primeiro ou os primeiros qualificados conservam, como officiaes, a primazia sobre todos os outros condiscipulos, e não deixa de ser vulgar que entre estes surja sempre um ou mais que, como officiaes de merecimento, supplantem aquelles.

O facto que apontamos, e que é incontestavel, prova á evidencia que a qualificação da Escola do Exercito não assenta sobre bases convenientes, e não póde assentar, como já mostrámos, attenta a indole essencialmente theorica d'essa Escola.

Parece-nos pois que um bom coefficiente de correcção se introduzia n'aquella qualificação, se a par d'ella se fizesse figurar uma outra — a da Escola pratica — e da media das duas se deduzisse a qualificação definitiva.

Ao terminar o 2.º anno do curso da arma, o cadete seria qualificado pela ordem de merito da sua frequencia na Escola do Exercito; ao concluir o periodo de instrucção em Mafra, recebia nova qualificação, inteiramente independente d'aquella. Reunidas as duas, far-se-ia — no commando geral da arma — o apuramento definitivo, do qual resultaria, sem duvida com mais justiça e equidade do que até agora, o logar que o futuro official deveria occupar entre os seus condiscipulos.

E' evidente que uma qualificação corrigiria a outra: a um individuo intelligente ou muito estudioso que pela primeira alcançasse, por exemplo, 15 valores, mas que — como é vulgar — por falta de energia, por pouco de-

sembaraço, por não dispôr emfim de grandes aptidões militares, não obtivesse pela segunda mais do que 9, pertenceria na lista de apuramento um logar tal, que, não sendo evidentemente dos ultimos, não tolhia a precedencia a outros individuos que, embora dotados de menos brilhantes recursos intellectuaes, dispozessem comtudo de qualidades militares superiores, que offerecessem portanto melhor garantia do seu valor como officiaes.

Em resumo: a Escola do Exercito marcava o valor intellectual dos cadetes e o maior ou menor aproveitamento por elles colhido no estudo dos conhecimentos militares; a Escola pratica fixava o grau da sua aptidão profissional.

Quem conciliasse e reunisse as melhores das duas qualificações era porque satisfazia plenamente a todos os quesitos que se devem exigir a um bom official e offerecia, sem duvida, todas as garantias de dever tornar-se no futuro um chefe prestimoso, verdadeiramente util á sua arma e ao exercito.

*

* *

Os que combatem o tirocinio dos aspirantes na Escola de Mafra, sustentam que a esta pertence uma missão differente da exclusiva preparação dos quadros. Essa missão é por elles apresentada geralmente sob fórma tal, que, a realisar-se, a *Escola pratica de infanteria* deveria desde logo trocar o seu titulo pelo de *Escola normal de tiro*, pois que o fim principal e quasi exclusivo a que ficava destinada era o do desenvolvimento da instrucção sobre o tiro das armas de fogo portateis.

Segundo o que ouvimos, os trabalhos da Escola—áparte a gymnastica e a esgrima—deveriam restringir-se aos cursos de tiro, especialmente destinados a capitães e officiaes superiores, cursos que seriam acopam-

nhados por largas experiencias balisticas, de comparação de armamento e outras, e completados por uma desenvolvida execução de fogos de guerra.

Sem por fórma alguma desconhecermos ou negarmos a impreterivel necessidade de se dar, na Escola pratica de infanteria, á instrucção de tiro dos officiaes, uma orientação differente da que tem sido seguida até hoje e um desenvolvimento bem superior ao que, pela antiga *secção* e pela actual *companhia de tiro* ella tem tido, somos comtudo de opinião que não é necessario chegar ao extremo de ser essa instrucção a unica importante da Escola, a que sobre si concentre todas as attenções e a que finalmente absorva todos os recursos da mingoada dotação escolar. Nem tudo, nem nada!

Ocioso é enaltecer a importancia que, perante os extraordinarios aperfeiçoamentos modernamente introduzidos nas armas de fogo portateis e suas munições, tem na actualidade para o official de infanteria a instrucção de tiro, especialmente na parte que respeita á direcção dos fogos, ao conhecimento dos effeitos d'estes, dados os diversos movimentos do terreno, e ás differentes disposições que as tropas sobre elle podem tomar, etc...

Pelo actual regulamento da Escola foi aquella importancia porém devidamente reconhecida, como se deprehende da leitura do disposto no art. 23.º; não se póde pois com razão affirmar que n'elle não estejam incluidas disposições que, quando judiciosamente postas em pratica, se não devessem traduzir n'um sensivel desenvolvimento dos conhecimentos de tiro e armamento entre os nossos officiaes de infanteria. O que o referido art. estatue sobre o ensino de tiro que deve ser ministrado na Escola, parece-nos bastante completo, tanto na parte pratica como na theorica, dando margem a poder estudar-se e executar tudo quanto sobre o emprego das armas de fogo póde interessar ao official de infanteria.

Se é facto que o pessoal que á Escola tem concorrido para receber essa instrucção não tem logrado obter

um grande aproveitamento e se os corpos da arma não teem experimentado um beneficio sensivel e immediato com o enviarem annualmente um dos seus officiaes a Mafra, isso só prova mais uma vez o que de ha muito está reconhecido, isto é, que a nossa legislação, por excellente que seja, nunca na pratica produz resultados que correspondam ao que d'ella ha a esperar..., além de que para esse resultado têem concorrido differentes causas, o maior numero das quaes devidas, não á Escola, mas áquelle mesmo pessoal e aos proprios regimentos.

Sobre o que dispõe o referido art. 23.º—que afinal apresenta em todo o seu desenvolvimento um verdadeiro programma de escola normal de tiro—era de prever a sua nenhuma efficacia e utilidade, desde que a parte theorica do ensino fosse quasi por completo posta de parte, como succedeu em virtude de indicações superiores, e que á parte pratica não fosse dada senão uma execução muito limitada, reduzindo-se—por deficiencia de recursos ou por outras quaesquer causas—exactamente aquelles trabalhos e experiencias que mais interessavam e aproveitavam aos officiaes, como os fogos de polygono, o tiro mergulhante, indirecto, inclinado e de noite—, as differentes experiencias balisticas e os fogos de guerra.

N'estes termos, vê-se claramente que nenhuma vantagem se colheria em modificar o que está legislado, e bem legislado; dentro da actual Escola pratica de infanteria, cabe bem uma escola normal de tiro, e esta existirá logo que o regulamento de 1893 se cumpra em toda a sua amplitude, logo que áquella Escola se forneçam os meios e recursos necessarios para dar todo o desenvolvimento á execução dos differentes fogos, logo que a ella se faça concorrer, durante um praso conveniente um pessoal numeroso, mas escolhido por fórma a poder aproveitar devidamente a instrucção ministrada, e finalmente que a esse pessoal se imponha a obrigação, não,

de redigir um simples relatorio, mas de dar provas praticas, bem visiveis e evidentes do seu aproveitamento, do seu estudo, do seu trabalho.

Aos regimentos pertencerá depois o encargo de recolher o fructo d'esse estudo e trabalho, *aproveitando devidamente* na instrucção de tiro e nas respectivas carreiras, os conhecimentos especiaes adquiridos pelo pessoal que destacarem para Mafra. E é indispensavel que o façam, porque, segundo crêmos, deve entender-se que os officiaes que concorrem á Escola não o fazem unicamente para exclusivo beneficio proprio, mas sim tambem para poderem contribuir para o melhoramento e desevolvimento da instrucção nos respectivos corpos.

(Continúa). *P. S.*

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

ESTADOS-UNIDOS

ORGANISAÇÃO MILITAR

As forças militares da republica são constituidas por:
25:000 homens do exercito permanente;
110:000 guardas nacionaes com instrucção;
7.700.000 milicianos sem instrucção.

O exercito permanente compõe-se de:

25 regimentos de infanteria com 900 officiaes e 13:000 praças;
10 regimentos de cavallaria com 400 officiaes e 6:000 praças;
5 regimentos de artilheria com 300 officiaes e 4:000 praças;
um corpo de engenheria com 110 officiaes e 450 praças;
os serviços auxiliares com 300 officiaes e 1:000 praças.

Recrutamento.

Os soldados provêm do alistamento voluntario e são contractados por 3 annos.

O seu soldo mensal é de 15$000 réis. O governo da republica tem tentado formar alguns batalhões e esquadrões com soldados indios, mas as tentativas teem-se malogrado.

Desde 1892 apenas se alistaram 400 indios, e esses mesmos desertaram quasi todos, ficando só uns 60.

Os officiaes provêm todos da escola militar de West-Point. E' curioso o processo de admissão n'esta escola. Cada deputado tem o direito de lá metter um mancebo do circulo que o elege.

Este systema parece obedecer aos fins seguintes:

Distribuir equitativamente os officiaes pelos diversos estados, para evitar em qualquer d'elles o predominio militar;

Fazer com que o corpo de cadetes seja intimamente dependente, na sua origem, da constituição e da politica democratica;

Recrutar os cadetes nas classes e nas familias mais devotadas á constituição.

As classes que fornecem mais cadetes são a do pequeno commercio e a dos agricultores

Na escola de West-Point ministra-se a instrucção theorica e pratica.

Os trabalhos praticos e os exercicios corporaes teem ali bastante desenvolvimento.

Terminado o curso de West-Point, são os cadetes collocados nas suas armas, e vão tirocinar nas escolas de applicação ou polygonos.

Soldos e orçamento.

As despezas annuaes do ministerio da guerra sobem a 45:000 contos, mas quasi metade d'esta quantia é absorvida pelos encargos que ainda restam da guerra da secessão em pensões e reformas, pelas milicias, arsenaes e fortificações.

O pequeno exercito permanente é liberalmente pago, como se vê n'estas tarifas de soldos

Tenente general	10 contos
Major general.	6 »
Brigadeiro	5 »
Coronel	3:200$000 réis
Major	2:300$000 »
Capitão de infanteria	1:700$000 »
Tenente	1:400$000 »
Alferes	1:300$000 »
Cadete	500$000 »
Soldado, soldo mensal	15$000 »

Instrucção do soldado.

Alem das escolas e academias para officiaes, ha escolas para soldados e sargentos. Nenhum soldado é collocado nos corpos sem que primeiro tenha recebido uma instrucção muito completa em escolas de guarnição ou depositos, que existem espalhados por varios pontos da republica.

Armamento.

A infanteria tem a espingarda Krang-Gorgensen 1892,^{m} de 7.^{m}, 62. E' de repetição e contém deposito para 5 cartuchos.

A cavallaria tem a carabina Springfield.

A artilheria tem um armamento muito variado, e pela maior parte antigo. Tem canhões estriados 7^{cm} e 8^{cm} nas baterias de campanha, e canhões lisos de 12 ^{cm}.

A artilheria de praça e de costa é raiada de 30^{cm}, 25^{cm} e 11^{cm}; lisa de 50^{cm}, 38 e 33; obuses lisos de 20 e 14, e morteiros lisos de 38, 25 e 20^{cm}.

Tanto na artilheria como na infanteria, teem tambem algumas metralhadoras.

MILICIAS

Todo o cidadão de 18 a 45 annos pode ser chamado ás armas.

O numero total dos milicianos arrolados é de 8 milhões; porém d'estes, só 110:000 teem instrucção e estão organisados em companhias e regimentos. Estes constituem a *Guarda nacional.*

Cada estado tem a sua guarda nacional, sendo o estado de prosperidade d'esta muito variavel.

New-York, conta 13:000 homens; a Pensilvanea 5:000; Montana 600. O Mississipi só tem quadros.

Nas grandes cidades formam-se regimentos de infanteria, de cavallaria ou de artilheria; nas villas formam-se companhias independentes. O alistamento na guarda é voluntario.

Uniformes.

Os uniformes pertencem aos homens, e cada corpo tem o seu.

As despezas com o uniforme são em parte feitas á custa do miliciano, e em parte com o subsidio que cada estado concede para tal fim.

Alguns regimentos teem uniformes muito apparatosos.

Por exemplo:

O regimento dos millionarios de New-York; a *First City Troop*, de Philadelphia.

Estes ultimos lembram os guardas nobres de Roma, pelo seu magnifico apparato e brilho.

No sul, as companhias são conhecidas pelo nome do capitão, ou teem nomes de phantasia.

Nós uniformes, nos habitos e tradições teem o que lhes appetece. Como os officiaes são eleitos pelos commandados, algumas companhias e corpos teem como commandantes as grandes notabilidades do paiz, na politica, no commercio e na industria.

Uma parada offerece um espectaculo unico, deslumbrante na sua bariolagem e bizarria das côres, dos pennachos, plumas e enfeites.

Os chefes.

Em cada estado o governador é o commandante da guarda nacional e dispõe de um numeroso estado maior, escolhido entre os seus amigos, que são nomeados capitães ou coroneis, segundo os serviços eleitoraes prestados.

Como os nomeados não são mais destituidos das graduações, e sahem da effectividade logo que ha mudança politica, acontece que toda a tropa politica do paiz são capitães ou coroneis.

Exceptuando os generaes, em numero de 60, que são nomeados pelo governo e que procedem do exercito activo, todos os outros graduados, desde sargento até coronel, são eleitos pelas milicias.

Custeio.

As despezas com as milicias são em parte custeadas pelo orçamento geral, e n'outra parte com as quantias concedidas por cada estado.

Para a instrucção, *armories* e uniformes, cada estado vota a quantia que lhe parece, conforme o grupo politico é mais ou menos affecto ás milicias. Assim, a despeza annual com o miliciano é muito variavel. 33$000 réis em media; é maxima na California — 53$000 réis —, e minima no Illinois — 19$000 réis,

Os subsidios para o uniforme tambem não são eguaes. Em geral não chegam, e é o miliciano quem põe a differença.

Ás vezes tambem os milicianos se cotisam para arranjarem as quantias precisas para se fazerem as manobras.

Em 1886 o estado do Missouri não deu um real para manobras annuaes. Os milicianos fizeram então uma subscripção para as despezas, mas os curiosos que quizeram assistir ás manobras tiveram de pagar bilhete. Segundo parece, ainda ganharam dinheiro.

Instrucção.

Os milicianos alistados na Guarda nacional são obrigados a um exercicio semanal nas *armories*, e ás manobras annuaes nos campos de instrucção. Estas duram 3 a 6 dias.

As *armories* são compostas de salas luxuosas para recepções e bailes, salas de armas magnificas, gymnasios e paradas, armazens ou depositos de equipamentos e mobilia.

A *armorie* é o club do miliciano, logar de conforto e de prazer.

Os bailes e festas são alli frequentes, assim como os jogos e luctas de sport, a que assistem as familias dos milicianos e outros convidados.

Nas *armories* aprendem os milicianos com grande perfeição as formações, o manejo da arma e o tiro reduzido. O tiro a maiores distancias pratica-se nos polygonos.

No tiro, formações e manejo teem os milicianos, segundo parece, um adestramento superior ao dos exercitos permanentes.

Nos concursos a premio, de adestramento militar, realisados em Memphis, Nashville, New-York e Saint-Louis, uma companhia de Memphis ganhou o primeiro premio.

O general Sherman declarou-a superior ás tropas regulares e aos cadetes de Westh-Point. Nos desfiles e manejos era de uma perfeição admiravel.

Campos de instrucção.

Todo o regimento, companhia ou bateria deve passar uma semana, em cada anno, no acampamento, para se exercitar nas manobras e no tiro. Todos os campos estão bem organisados e situados. Teem boas installações, luz electrica, banda de musica, jogos de todas as especies, tendas-clubs, casinos, etc.

E' com estes campos que o governo central gasta todos os annos grandes quantias. Emquanto estão no acampamento, os milicianos teem soldo e são abundantemente providos de tudo.

Para a limpeza das armas e tratamento dos cavallos teem os milicianos os moços ao seu serviço, e as companhias os teem para o rancho e trabalhos braçaes ou de fachina.

As baterias comparecem nos campos com muares alugadas e cavallos.

Os milicianos de cavallaria ou são homens de *sport* e teem bons cavallos seus, que levam ás manobras, ou não teem cavallos, e n'esse caso montam os alugados pelo governo.

As manobras nos campos de instrucção são verdadeiras festas nacionaes. Os officiaes e soldados ali se acotovelam na mais democratica camaradagem. Mas tudo corre bem, porque a boa vontade dos homens é inexcedivel.

O admiravel espirito da Guarda nacional é a sua disciplina. O brio pessoal e a educação valem o mais severo regulamento.

O miliciano tem a consciencia do seu dever e não inventa subterfugios para fugir ao cumprimento d'esse dever. Convocados em casos graves, de guerra e motins, comparecem rapidamente, marcham e aguentam as campanhas e os combates.

Em 1877, 18 horas depois da convocação, tinha o governador 7:000 homens em armas, concentrados em Buffalo.

Quando se deram os tumultos de Homestead, em 24 horas concentraram-se alli 6:000 milicianos.

Na guerra com o Mexico e na guerra da secessão, os milicianos praticaram feitos notaveis.

Armamento.

Não é uniforme nem moderno.

O da infanteria e cavallaria é, pela maior parte, do systema Springfield, de 11 milimetros.

A artilheria tem peças de 8c, de carregar pela culatra, systema Gathing.

Ha regimentos em que cada bateria tem o seu armamento, desde a peça de bronze antiga até á metralhadora moderna. Uma parada da artilheria parece a exhibição de um museu.

Os municiamentos tambem não são abundantes.

Deve-se notar, porém, que, com os recursos que o paiz possue, rapidamente podem reformar o material. O desleixo que se nota é por demais justificado pelas condições politicas da republica, que não está ameaçada de nenhum ataque.

O *yankee* é mais industrial que bellicoso. Espirito pratico, amigo da liberdade pessoal e da constituição, não poderia a estructura militar do paiz deixar de reflectir alguma originalidade na adaptação aos fins precisos. Não organisa um poderoso exercito permanente, para não cahir sob o regimen do militarismo, e para que se não percam as liberdades consignadas na constituição. As proprias milicias armadas são cuidadosamente expurgadas dos elementos não affectos á constituição.

O proletariado, que pelo seu socialismo em embryão, é, por emquanto, a unica ameaça á politica burgueza, não tem entrada na guarda nacional.

J. O.

SECÇÃO COLONIAL

Subsidios para um projecto de colonisação militar

(Continuação)

Esquecera-nos que se deve facilitar, quanto possivel, a ligação das fazendas com os entrepostos, com os grandes centros de exportação, afim de garantir a facil e rapida evacuação dos productos elaborados e que isto sómente se pode conseguir: ou estabelecendo as fazendas proximo d'um escoadouro natural, livre de obstaculos e navegavel a vapor, um rio, um lago; ou nas immediações dos proprios centros d'exportação; ou, ainda, abrindo troços de via rapida, podendo então as fazendas internar-se mais, o que muitas vezes convem para explorar determinados productos mais raros e valiosos ou para ganhar uma altitude mais salubre.

Esquecera-nos que devemos caminhar lentamente, pacientemente, perseverantemente durante annos para virmos a colher um resultado apreciavel.

Esquecera-nos que o progresso d'esses trabalhos é tão lento que n'algumas regiões americanas um grupo d'individuos arrematá um lote de terreno, desbrava-o, desbasta-o, arrotea-o durante 2 ou 3 annos, para depois o passar por um certo preço a outro proprietario, que o continua a preparar, a explorar cada vez em maior escala durante um certo tempo, trespassando-o ainda a um terceiro possuidor e assim successivamente até que a fazenda attinja a sua bitola de producção.

Não perseveravamos, ahi estava o erro capital.

Realmente, gastar annualmente 60 ou 80 contos para custear uma empreza que, como as colonias agricolas, só produziria passados annos, era, aos nossos

olhos de meridionaes impacientes, loucura rematada, embora Humboldt demonstrasse que o trabalho dispendido nas colonias vale quatro vezes o da metropole, embora Leroy Beaulieu affirmasse que a despeza da colonisação é grande sim, mas tambem altamente productiva.

Faziam-se concessões sobre concessões a nacionaes e estrangeiros, mas aquelles nada exploravam, nada produziam, e, as terras passavam de mão em mão até cahirem em poder do estrangeiro, isto é, até quasi se desnacionalisarem.

Não teriamos nós capacidade colonisadora, como o estrangeiro pretendia?

Como resposta, restava-nos apontar com o dedo a nossa Angola, S. Thomé e Principe, Cabo Verde e Lourenço Marques.

D'estas colonias a que tem maior feição nacional, *a genuinamente portugueza*, é S. Thomé e deseja o leitor saber como Portugal é capaz de colonisar?

Eis o movimento da Alfandega de S. Thomé em 5 annos successivos, expresso em contos de réis, segundo informações por nós colhidas dos relatorios officiaes.

Anno	Importação	Exportação	Total
1890	804	904	1:709
91	818	929	1:747
92	886	996	1:882
93	1:035	1:041	2:076
94	944	1:563	2:507
95	1:166	2:159	3:325

Como vemos, o progresso commercial da Ilha de S. Thomé tem-se acentuado de um modo auspicioso,

notando-se mais que a uma pequena differença (362 contos) na importação, corresponde um accrescimo de 1:255 na exportação no curto periodo de 6 annos.

Em 1895 importou a ilha 892 contos da metropole e 274 do estrangeiro que, todavia, já tinham passado por alfandegas nacionaes. Figuram principalmente na importação tecidos, bebidas, comestiveis e legumes. A exportação foi toda para o paiz, sendo em 1895 o valor do cacau exportado 1:282 contos, de café 778, de quina em casca 17, contra uma exportação em 1894 de, respectivamente, 1:223 contos, 272 e 34.

A navegação é feita quasi toda por barcos nacionaes.

Este desenvolvimento de S. Thomé vem já de longe e produziu-se lentamente, é certo, mas o progresso d'uma colonia subsiste sempre com estes elementos: capital, trabalho, methodo e tenacidade, sobre tudo muita tenacidade, porque só com ella é que os roceiros de S. Thomé teem superado as tremendas crises de braços e de capitaes que, varias vezes, os teem assediado.

Pois capital, trabalho, methodo e tenacidade pode o exercito dispor d'elles para produzir o desenvolvimento, não dizemos das nossas possessões, mas d'uma provincia, Moçambique, por ex.; e deseja o leitor saber como?

(Continúa). *Alfredo de Leão Pimentel,*
Alferes de infanteria.

Vencimentos dos officiaes da metropole em serviço no ultramar

Agita-se n'este momento a questão monumental da reorganisação das forças ultramarinas, base primordial de toda a acção civilisadora nas colonias.

Sem exercito que garanta o direito, o trabalho, a propriedade e até a vida dos cidadãos, nunca poderá ser efficaz e proficua a colonisação, seja qual fôr o paiz que pretenda ser colonisador.

O exercito é o factor essencial e o grande elemento de ordem e de policia capaz de assegurar e garantir toda a acção benefica da civilisação entre povos inferiores, redundando d'essa acção vastos mananciaes de prosperidade e riqueza para a mãe patria e a sublime consolação, o incomparavel prazer moral de transformar selvagens em gente civilisada.

E' esta uma alta funcção historica que cabe essencialmente ao nosso paiz.

Havemos n'este logar de analysar, á luz apenas dos grandes interesses nacionaes, os trabalhos da illustre commissão que está encarregada de apresentar ao nobre titular da pasta da marinha, o snr. conselheiro Dias Costa, a quem estamos habituados ha muito tempo a respeitar pelo seu talento e pelas suas excepcionaes qualidades de trabalhador infatigavel, os fundamentos da nova reorganisação das forças ultramarinas, trabalhos, aliás, notaveis e com os quaes em geral estamos plenamente de accordo, pelos grandes beneficios que ás colonias trará uma reforma baseada nos principios adoptados pela commissão.

Ha um ponto, porém, em que estamos em desaccordo, e é necessario que a «Revista de Infanteria» se manifeste em quanto fôr tempo de poder ser ouvida a sua voz humilde, mas muito sincera.

Essa divergencia é sobre a tabella dos vencimentos dos officiaes proposta pela commissão.

Consta-nos que a illustre commissão propoz a seguinte tabella de vencimentos mensaes para os officiaes da metropole em serviço nas colonias, e que nós adaptamos para os de infanteria, havendo apenas para as outras armas a differença legal da gratificação de arma:

Postos	1.º grupo	2.º grupo	3.º grupo
Coronel.....	165$000	205$000	245$000
Tenente-coronel...	132$000	162$000	202$000
Major.....	115$000	140$000	175$000
Capitão.....	85$000	90$000	125$000
Tenente.....	60$000	75$000	90$000
Alferes.....	45$000	55$000	70$000

Sobre estes vencimentos ha umas pequenas alterações a fazer para mais ou para menos, até 25 % da gratificação especial das colonias, conforme a maior ou menor salubridade do clima.

No primeiro grupo estão incluidas as colonias de Cabo Verde, India e Macau.

No segundo S. Thomé e Principe, Angola, Moçambique e Timor.

No terceiro a Guiné.

Estes vencimentos são evidentemente insufficientes, embora haja o posto de accesso, para as necessidades da vida no ultramar. Os sacrificios e os martyrios que alli se passam, a necessidade de deixar assegurada na Europa a subsistencia da familia, que por modo algum nenhum official deverá levar para o ultramar senão em casos excepcionalissimos de salubridade de clima e da natureza da commissão que lá tenha a desempenhar, a carestia em geral dos generos indespensaveis á vida, a necessidade de uma alimentação reparadoura e reconstituinte para fazer face á acção debilitante do clima, são tudo rasões dignas da maior ponderação e que merecem reflectido exame, afim de que a Patria remunere sufficientemente apenas o trabalho e o sacri-

ficio dos seus filhos que nas colonias vão comprometter a sua saude e arriscar a sua vida a cada passo.

O illustre conselheiro, o snr. coronel José Estevão de Moraes Sarmento, quando foi ministro da guerra, discutiu em conselho de ministros um plano de reorganisação das forças ultramarinas, e que não chegou a ser apresentado em Camaras, nem transformado em lei do Estado por se ter precipitado a queda do gabinete, onde propunha a seguinte tabella de vencimentos que nós adaptamos tambem á arma de infanteria:

Postos	Vencimentos mensaes
General de divisão.....	690$000
General de brigada.....	440$000
Coronel.....	288$000
Tenente-coronel.....	241$000
Major.....	210$000
Capitão.....	155$000
Tenente.....	119$000
Alferes.....	105$000

Não havia aqui posto de accesso, correspondendo estes vencimentos ao segundo grupo da commissão, por quanto no 1.º grupo havia 25 % de diminuição da gratificação ou subsidio diario, e no 3.º augmento d'esses 25 %.

Note-se tambem que, Timor, que está no 2.º grupo das colonias segundo o parecer da commissão, ficava no 3.º segundo o projecto do snr. Moraes Sarmento.

(Continúa)

A. Sarsfield,

Capitão de infanteria.

I Anno Junho—1898 N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA

O TIRO INCLINADO

A technica do tiro, que constitue o problema de mais fundamental importancia para a infanteria, adquiriu ultimamente, com os progressos da balistica e da mechanica armeira, um mais dilatado horisonte, devido principalmente á intervenção de um novo factor, — o *terreno*.

Comprehende-se que com a velha espingarda de silex, a qual, todavia, fez todas as grandes guerras do seculo passado e da primeira metade do actual, o problema da direcção do fogo era extremamente simples: de um carregamento moroso, que não fazia sentir as graves difficuldades actuaes do reabastecimento de munições, nem punha em grande provação a disciplina do fogo, e com um alcance efficaz que não ia além de 250 metros, tudo se reduzia a conseguir dos soldados uma precisão mechanica nos movimentos de carregar, e nos chefes um perfeito encadeamento das multiplices vozes com que se executavam as successivas descargas das diversas fracções dos regimentos. Foi assim que o grande Frederico conseguiu tornar afamada na execução dos fogos a infanteria prussiana, cuja rapidez de tiro causou em Potsdam a admiração de Guibert (*Journal d'une voyage en Allemagne*), o notavel tactico francez do seculo XVIII *

* A algum leitor mais curioso, que queira conhecer o mechanismo da tactica dos fogos de então, recommendamos a lei-

As espingardas modernas, dando ao tiro muito maior rapidez, alcance e precisão, se por um lado accresceram immensamente o poder da acção distanciada da infanteria, impozeram por outro lado aos chefes a necessidade de conhecerem bem as suas condições balisticas, para as poderem utilisar. Um mechanismo aperfeiçoado exige sempre um operador mais habil. Ora precisamente um dos principaes elementos d'essa utilisação consiste em, por uma judiciosa escolha da distancia, adaptar a curvatura das trajectorias ás formas do terreno, de modo a produzir extensas zonas batidas e rasadas.

Deu o grito de alarme para esta nova feição do problema de tiro o illustre official da infanteria franceza Paquié, que tanto se ha distinguido pelos seus escriptos sobre a technica dos fogos, publicando em 1878 o seu livro «*Tir incliné de l'infanterie*». Preoccupado com o facto dos officiaes superiores da infanteria allemã serem chamados a assistir, no campo de tiro de Spandau, ás experiencias do capitão bavaro Mieg sobre o tiro ás grandes distancias, quando os tacticos allemães se haviam sempre mostrado pouco propensos a taes fogos, pareceu-lhe vêr n'esta reviravolta de ideias a intervenção de um novo ponto de vista. Avigurou-lhe este pensamento a leitura de algumas passagens do notabilissimo livro de von Scherff «*Estudos sobre a nova tactica da infanteria*», que só tinha um sentido bem claro, quando esclarecidas por uma nova feição dada aos fogos, e ainda tambem o estudo de alguns combates da guerra franco-allemã, principalmente a defeza de Villiers, feita pelos allemães, da qual se deprehendia que estes conheciam já a

---

tura do capitulo V do novo regulamento de infanteria de 1762 (conde de Lippe), reflexo dos principios tacticos fredericianos; ahi se verá o modo como se conseguiu a successão regular de descargas, quer no fogo a pé firme, quer no de atacar (avançando), quer no de retirada.

necessidade de collocar a verdadeira linha de resistencia á retaguarda das cristas, para comprehender o atacante na zona dos fogos rasantes. Tal foi a genese do livro de Paquié.

E' simples a theoria do tiro inclinado, ou, melhor, do tiro executado contra superficies inclinadas, por demais hoje conhecida. Ao passo que o estudo dos effeitos provaveis do fogo das antigas espingardas se baseava apenas no conhecimento da *trajectoria media*, para as actuaes armas, cuja esphera de acção é consideravelmente mais ampla, toma-se uma base mais segura, isto é, o estudo do *grupamento longitudinal* produzido por uma massa de fogos. Ora é facil de vêr-se que, se o feixe de trajectorias fôr cortado junto ao seu termo, por um plano que forme um angulo ascendente com a linha de mira, o grupamento será menos extenso do que em um plano parallelo á linha de mira, e se, pelo contrario, o plano secante formar um angulo descendente com a linha de mira, o grupamento será mais extenso.

Applicando estes principios á adaptação dos fogos ao terreno, conclue-se que o fogo feito de cima para baixo, correspondendo ao primeiro caso mencionado, será um tiro *fixante* de menor effeito do que o executado em terreno horisontal, e que, pelo contrario, o executado de baixo para cima, correspondente ao segundo caso, será um tiro *rasante*, prolongando até muito longe os seus effeitos, quando se regule convenientemente a distancia do tiro.

Abatendo um pouco a importancia consagrada das posições dominantes, a theoria do tiro inclinado foi durante algum tempo recebida com desconfiança. Havia, porém, n'esta hostilidade um manifesto mal entendido. Essa theoria não negava as vantagens das cristas para descobrir e dominar os movimentos do inimigo, para obrigal-o a desenvolver-se e a manifestar as suas intenções, para difficultar a execução do assalto e para occultar as tropas da defeza; o que fez foi dar-lhes apenas o

seu justo valor, aconselhando que se occupem como posições avançadas, com a condição, porém, de estabelecer a linha principal de resistencia á retaguarda e a bom alcance d'ellas, de modo a dar depois ás massas de fogos da defeza, na occasião do assalto ás avançadas, um objectivo denso, colhido de surpresa em um terreno, que garante a superioridade de condições.

Como todos os principios verdadeiros e de utilidade pratica, a theoria do tiro inclinado fez carreira e constitue hoje o ponto de vista superior da technica dos fogos, tendo mesmo já recebido a consagração official nos regulamentos de tiro.

O nosso, na sua excellente 3.ª parte, lá consigna (n.º 134) o principio da variação dos grupamentos segundo a inclinação do terreno, e as consequencias que d'ahi devem tirar-se para a collocação dos diversos escalões d'uma formação de combate.

No regulamento tactico tambem, ao tratar das regras para o emprego dos fogos, se preceitua (E. C. 201) que na direcção do fogo se deve attender a «combinar as distancias de tiro com a forma do terreno posterior ao alvo, de modo que os feixes de trajectorias, adaptando-se ao solo, produzam grandes zonas rasadas e batidas.»

Em Hespanha o regulamento de tiro (1887) ensina que «sempre que o terreno, sobre o qual se recolhe a zona central de grupamento, se eleva relativamente á direcção da linha de mira, a extensão d'essa zona póde diminuir consideravelmente; e quando o terreno desce, augmentam as zonas differentemente para as diversas distancias», estudando em seguida o que deverá succeder quando se execute o fogo quer para uma encosta descendente, quer para um planalto.

O regulamento de tiro allemão (1894), tratando do tiro de combate collectivo, depois de estabelecer que, em terrenos parallelos á linha de mira e para as alças superiores a 600 metros, o grupamento denso dos tiros

começa 50 metros antes do alcance correspondente á alça e termina 50 metros á retaguarda, accrescenta: «Se o fogo é dirigido contra um terreno ascendente ou descendente em relação á linha de mira, a extensão do terreno coberto pelos tiros é augmentada ou diminuida em razão do angulo que, junto ao alvo, o terreno forma com a linha de mira. Não obstante isso, a probabilidade de fazer incidir o feixe sobre o objectivo fica sempre a mesma».

Finalmente o recente regulamento francez (1896), tratando da influencia das formas do terreno sobre os resultados do tiro, expressa-se do mesmo modo: «O terreno tem uma influencia preponderante sobre os resultados do tiro. Com as armas actuaes, de trajectoria muito tensa, pode ser rasado e batido em grandes zonas. Quando o terreno é accidentado, a profundidade rasada e batida pelos feixes de trajectorias diminue, se a porção do solo sobre que incidem os projecteis fica inclinado para cima da linha de mira. Pelo contrario, augmenta, quando fica inclinada para baixo. O conhecimento da extensão das zonas batidas e rasadas permitte discernir quaes são as posições mais vantajosas e determinar a posição das reservas, de modo a subtrahil-as, o melhor possivel, aos fogos dirigidos sobre a linha avançada. Permitte além d'isso estorvar o accesso d'essas zonas ao inimigo, que só com perdas muito serias poderia occupal-as.»

Raposo Botelho,
Tenente coronel de infanteria.

OS NOSSOS EFFECTIVOS

Na França, na Allemanha e na Italia, o effectivo das companhias é encarado como uma coisa sagrada, em que se não póde mecher arbitrariamente, pois que as alterações e reducções inconsideradas constituem os mais profundos golpes que se possam vibrar á instituição militar. Essas reducções nunca devem ser excessivas e arbitrarias; e se o forem, a machina exercito ficará amesquinhada no seu valor, e affectada em todo o seu funccionamento.

Os effectivos racionalmente deduzidos teem de ser dois, um maximo e outro minimo.

O *effectivo maximo* é de 100 a 130 homens: é o effectivo de instrucção geral, e mantem-se 6 a 8 mezes, desde a instrucção dos recrutas até á instrucção de batalhão e de regimento.

O *effectivo minimo* é de 40 a 60 homens, e mantem-se no periodo de instrucção dos quadros. Estes são necessarios para os serviços do regimento e da companhia se desempenharem com a seriedade devida, e além d'isso, com o serviço quotidiano e com as lições especiaes que recebem, adquirem uma melhor educação militar, habilitam-se para cabos e sargentos, conservam as tradições do serviço e da disciplina, e garantem a ordem e a organisação das unidades e o seu prestigio, pois que, é evidente, todo o esphacelamento, toda a debandada, ou seja de quadros ou de soldados, é uma causa de desorganisação e de perda do espirito militar.

Assim como o regimento é o espelho do exercito, assim a companhia é o espelho do regimento.

O problema fundamental da organisação de um exercito cifra-se n'isto: organisar as companhias.

Crear commandos, escolas e repartições; especialisar attribuições; adoptar divisões binarias, ternarias ou quaternarias; reformar regulamentos e leis, são tudo coisas que teem importancia, mas essa importancia é totalmente offuscada por isto: a organisação das companhias.

E' n'ellas, unicamente n'ellas que reside a força ou o valor do exercito.

Para que servem os cursos, as habilitações scientificas, as repartições e archivos, as secções superiores da direcção e do commando, se não ha companhias?

E' por ellas não existirem que muitos officiaes descrêem da instrucção, e que o elemento civil presente o desprestigio da tropa e a sua decadencia. E' elementar o raciocinio, quasi instinctivo.

A companhia e o regimento são as *chaves* de toda a organisação, os *objectivos* de quasi todos os regulamentos, os *eixos* em torno dos quaes giram as funcções administrativas e disciplinares, a instrucção, a tactica, os serviços de campanha e o regimen interno, e nenhum d'estes serviços será perfeitamente desempenhado, se ás companhias se recusarem os effectivos necessarios, ou se esses effectivos forem desviados para serviços estranhos ás unidades a que pertencem.

Já vimos quanto são entre nós reduzidos os effectivos, e indicámos alguns inconvenientes que d'ahi resultam.

Passamos agora a vêr como o mal se aggrava com os destacamentos, diligencias e impedimentos, que arrebatam á companhia todo o fraco effectivo e a deixam exhausta, sem sargentos, sem cabos e sem soldados para o desempenho dos serviços internos e para a instrucção.

O quadro seguinte descrimina essas situações, e representa, em média, o estado dos corpos.

	Promptos	Impedidos	Destacados	Em diligencia	Licença registada	Estado effectivo	Faltam para o completo	Recrutas
2.os sargentos	7	6	4	4		26		
1.os cabos....	8	9	5	5	11	39	25	
2.os cabos....	5	7	3	1	11	27	37	
Soldados....	42	55	71	16	70	502		220

Do mappa antecedente deduz-se que cada companhia tem para seu serviço diario:

2.os sargentos — 1.
1.os cabos — 1.
2.os cabos — 1.
soldados — 5.

Note-se, porém, que isto é na situação média. Ha companhias e regimentos relativamente prosperos, assim como ha outros que não teem nada. Nem um soldado para plantão, nem um cabo, nem um 2.º sargento.

N'estes, os recrutas mal assentaram praça e vestiram o fato de brim, foram logo investidos das funcções de plantão, de fachina e cabo de dia. Da ordem, da disciplina, dos preceitos regulamentares, das praxes, do asseio e arranjo da caserna eram elles os depositarios, e, n'estas circumstancias, o regimen interno deve ter assumido um aspecto cahotico, desordenado, muito pouco proprio para produzir nos recrutas impressões de ordem e de seriedade.

Acabou-se com essa classe de soldados que nos quarteis eram pittorescamente designados «*praças antigas*», e que provinham do alistamento por contracta,

das readmissões e substituições successivas, mas, pelo excesso com que se praticaram taes medidas, cahiu-se no inconveniente de entregar a recrutas toda a execução dos serviços regimentaes, perdendo estes por tal motivo a regularidade e a perfeição do funccionamento.

O plano do exterminio das «*praças antigas*» obedeceu, temos ouvido explicar, a fins economicos e de moralidade.

O readmittido dava um reformado, ou sahia do exercito pouco airosamente e sempre prejudicado para os misteres civis.

Quanto á questão da moralidade, não a percebemos bem.

Era immoral receber o homem, que se sacrificava debaixo das armas, o preço da contracta, da readmissão ou da substituição?

Não era essa paga apenas o premio devido pelos serviços prestados a um particular ou ao Estado?

Transformava-se o bom soldado aos 5 annos n'um elemento nocivo e perturbador, n'um *marau*, aos 10 annos de serviço?

Talvez esta these se possa demonstrar, mas só de um modo relativo, como consequencia de processos defeituosos, de falta de methodo educativo do regimen militar, e de insufficiencia da retribuição dos serviços.

Os inconvenientes do exterminio total d'aquellas praças são manifestos. Vae-se tornando impossivel encontrar homens para quarteleiros e rancheiros; a limpeza dos quarteis, o tratamento das armas, o aceio pessoal, o arranjo do atavio, tudo caminha n'um crescente declive. Nos quarteis, nas mãos d'esses recrutas não pára nada; tudo deterioram e arruinam n'um instante. N'um bivaque téem os sargentos e officiaes de lhes fazer o rancho, emquanto elles põem logo incapaz todo o material.

Valia bem a pena, conservar até aos 10 ou 15 annos uns 3 1.os cabos e 3 soldados por companhia, e es-

tes homens considerar-se-hiam bem retribuidos com uns pequenos premios e uma admissão na guarda fiscal ou no corpo de policia.

Proseguindo na analyse do mappa regimental, notamos nos 1.os e 2.os cabos um grande desfalque.

Para o effectivo completo faltam metade, sendo isto apenas a natural consequencia da escassez dos contingentes, e da fuga completa dos elementos mais instruidos, da *èlite* do paiz, que se escapou pelas malhas do addiamento, da dispensa e da remissão, o que prova que o serviço obrigatorio não passa de um artificio para simular um progresso ou aperfeiçoamento que de facto não existe.

No quadro dos sargentos tambem já se pronunciou o decrescimento, e é provavel que continue.

Depois, o mal proveniente da penuria dos quadros, é ainda aggravado pela sua disseminação por uma infinidade de situações sendo os absorventes principaes os destacamentos, as diligencias e impedimentos.

Dos 3 2.os sargentos que tem o quadro da companhia, só 1 se acha presente, e dos 8 cabos apenas restam 1 ou 2.

A companhia deixa de existir como aggregado ou reunião de homens, para ser apenas um registo de nomes, e o capitão não faz mais que assistir ao debandar dos elementos que tinha em preparação.

Nas nações aonde o espectro da guerra faz mais frequentes visitas aos espiritos dos estadistas e dos cidadões, cada companhia durante o periodo de instrucção mantem um effectivo de 100 a 130 homens, no maximo estado de cohesão ou de aggregação, e fóra d'esse periodo mantem uns 50 homens, para fins necessarios e já justificados.

Não estará o nosso paiz nas circunstancias economicas e politicas de sustentar e precizar de sustentar um effectivo maximo ou de instrucção de 80 homens, um effectivo minimo, de conservação, de 40 por companhia?

Mantendo durante 5 mezes o effectivo de 80 homens, dos quaes 40 seriam recrutas, e durante 7 mezes o effectivo de 40, o effectivo total seria de 17:000 homens, para os 34 regimentos, numero que nada tem de exagerado. Mas, dado o caso do thesouro ainda não poder com tanto, poder-se-hia adoptar um terceiro effectivo de 20 soldados por companhia, correspondente a um periodo de 3 mezes de descanço, de Junho a Setembro.

O effectivo baixava então a 15:000 soldados, numero que absolutamente se não pode reduzir mais, sem se aniquillar a infanteria.

Sendo aquelles effectivos assegurados, e recebendo cada companhia em cada anno 40 recrutados, no fim de 10 annos a infanteria teria elementos instruidos para mobilizar 100 batalhões.

Não têm entre nós a perspectiva de uma guerra o grau de tensão que tem n'outras partes da Europa, já por ser outra a situação politica, já porque a propria indole nacional é pouco talhada para supportar essas tensões. Quem pretendesse demonstrar a possibilidade de uma proxima campanha em Portugal, não faria mais que um discurso para surdos; mas o que é certo é que essa possibilidade existe e bem fariamos nós se nos precavessemos para o que desse e viesse.

(Continúa). *Julio d'Oliveira.*
Tenente de infanteria.

AVALIAÇÃO DE DISTANCIAS EM CAMPANHA

Para que o tiro se torne efficaz, é preciso que o atirador, além de ser habil e dextro no manejo da sua arma, conheça a distancia que o separa do alvo. O bom atirador deve, pois, possuir duas qualidades essenciaes,

ou ser producto de dois factores: correcta avaliação de distancias e saber atirar bem.

Estes dois factores são productos de outros factores secundarios, que são os diversos ramos em que se divide a instrucção de tiro.

E, tanto para a correcta avaliação de distancias como para saber atirar bem, regulamentaram os paizes avançados nos progressos militares disposições mais ou menos pormenorisadas para ensinar ás praças a melhor maneira de avaliar a distancia a que se acha o alvo, afim de poderem empregar as linhas de mira convenientes e tornar o tiro mais efficaz, como nas carreiras de tiro, o que só se pode conseguir com exercicios repetidos e variados, para aproximar o atirador, quanto possivel, dos methodos de tiro sob o ponto de vista do combate.

E' na paz que se deve preparar o soldado para a guerra, educando-o moral e physicamente, já elevando-do-lhe o sentimento do dever, já endurecendo-lhe o corpo de modo que em combate, embora debaixo do fogo e sob a pressão do perigo, não ponha de parte os methodos que se lhe ensinaram, que são sempre os mais racionaes.

Os russos preparam as suas tropas para o combate habituando-as a desprezar o perigo, estabelecendo um cordão de atiradores entre uma bateria de artilheria e os alvos, sob a trajectoria, ou pondo atiradores isolados d'encontro a um alvo sobre o qual, á direita e esquerda dos soldados assim postados um atirador da *élite* e cheio de sangue frio, mette a 50 passos de distancia 4 ou 5 balas.

E' concludente, pois, a necessidade que ha em instruir as praças em tudo quanto possa concorrer para que tirem da sua arma o maior partido possivel.

Na pratica é, porém, difficilimo conseguir-se esta perfeição pela accumulação natural de funcções que sobrecarregam as praças. E esta falta de divisão de trabalho, aqui, como em todos os ramos da actividade hu-

mana, traz comsigo inconvenientes que devem ser estudados.

Todos nós sabemos que a separação das occupações, além de outras vantagens, faz que os individuos que as desempenham descubram processos mais expeditos e aperfeiçoados para conseguirem o seu fim.

A industria, pela voz das suas officinas, dá-nos dia a dia a demonstração d'esta asserção.

Milne Edwards diz que o corpo de todo o ser vivo seja animal ou planta, parece-se com uma officina mais ou menos vasta em que os orgãos, comparaveis a operarios, trabalham incessantemente para produzir os phenomenos que no seu conjuncto constituem a vida do individuo. Ora este resultado uma vez é grosseiro e de pouco valor, outras é de peregrina perfeição, e quando se busca a explicação d'estas differenças no modo da manifestação do poder vital vemos que na creação da natureza como na industria dos homens, é principalmente pela divisão do trabalho que se obtem o aperfeiçoamento.

A naturesa dá, pois, aos homens as suas aptidões, não as dotando egualmente para todos os ramos de serviço. E tanto assim o entenderam as diversas armas que crearam varias especialidades.

A infanteria para os seus exploradores escolhe os homens que possuem boa vista, ouvido apurado, correcta avaliação de distancias, bom atirador, resistencia ás marchas, agilidade, intelligencia e audacia, o que já não é pouco para um só homem.

Tambem para os sapadores a infanteria escolhe d'entre os homens mais robustos aquelles que na vida civil hajam exercido o mister de carpinteiro, cabouqueiro ou vallador, e até para maqueiros vae escolher d'entre os homens mais intelligentes os de animo sereno e que tivessem o mister de enfermeiro. São portanto os mais aptos para desempenhar estes misteres que se escolhem, desenvolvendo-lhes depois a sua aptidão e aperfeiçoando-a.

E, assim como se escolhe o explorador, o sapador e o maqueiro, porque não se escolherá tambem o avaliador de distancias?

Os carabineiros prussianos do regimento de infanteria de Grevenitz na sua organisação, que data dos fins do seculo passado (1788), tinham já 10 homens por companhia escolhidos d'entre os mais aptos para o tiro e avaliação de distancias.

Von Der Goltz no seu livro «*Patrulhas independentes*» preconisa a necessidade de se ministrar a instrucção da avaliação de distancias a uns tantos homens por companhia, escolhidos dentre os mais aptos para este ramo de instrucção.

Estes homens deviam acompanhar os officiaes e officiaes inferiores que não podessem avaliar correctamente as distancias por defeitos no apparelho visual.

Na minha pequena pratica tenho encontrado homens que, sem defeito apparente no apparelho visual, exageram as distancias, emquanto outros as encurtam, e isto na maioria dos casos, quer o objecto visado receba ou não directamente a luz viva e faiscante do sol.

Tambem na minha pequena pratica tenho encontrado individuos, ainda que raros, admiravelmente dotados em relação ás qualidades phisicas requeridas para um bom avaliador de distancias. E quasi sempre para esses individuos é a profissão que exerciam na vida civil, que explica a sua vista penetrante.

E entre essas profissões sobresaem as de cantoneiro, contrabandista, caçador, arrieiro e topographo.

No «*Tiro de infanteria*», por um official superior do exercito allemão, cita-se um parallelo interessante e justo apresentado por *Böklin*, que vem reforçar o que acabo de expôr.

Transportemo-nos em espirito para o quadro que offerecem duas companhias. Escolhidas duas boas posições foram encarregadas de dirigir os seus fogos sobre

as reservas inimigas que avançavam contra uma posição defensiva. Estas reservas, tirando o maximo partido dos abrigos que lhes offerece o terreno, expõem-se uma ou outra vez sobre taes ou taes pontos onde são batidas pelos fogos de duas companhias.

Uma companhia recebeu a instrucção de tiro mais completa e perfeita possivel, consagrando-se-lhe todo o tempo desejado, e não se lhe regateando munições; a instrucção foi dirigida com intelligencia e methodo; as praças sabiam tomar com exactidão a linha de mira logo que o capitão lhes indicasse o alvo e a distancia a que se achava. A' sua voz as descargas eram feitas com regularidade, ouvindo-se uma só detonação, como se fosse um só atirador — tudo como se estivesse em uma carreira de tiro. — E, com effeito, esta companhia era a melhor do regimento, sendo o seu capitão digno dos mais rasgados elogios.

Mas a vista d'este official não é mais penetrante que a dos homens da sua companhia, e quando avalia e dá as distancias commette erros de 200 e mais metros, especialmente ás grandes distancias.

E é para estranhar que quanto mais cuidadosa foi a instrucção d'esta companhia tanto menor fosse o effeito efficaz dos seus fogos, e isto devido ao erro na avaliação das distancias.

A segunda companhia recebeu a instrucção de tiro mais imperfeita e defeituosa que se póde calcular — é a peor companhia do regimento —. Mas juncto do capitão havia um infante que antes de assentar praça ganhava a vida, ora caçando furtivamente, ora contrabandeando, ou desempenhando ainda outra profissão menos invejavel. No regimento era tido e havido como mandrião e tapado, não se lhe notando durante a recruta aptidão que o recommendasse.

Um dia, porém, quando se entrava na instrucção da avaliação de distancias, conheceu-se-lhe uma vista admiravel, penetrante como a do falcão, a ponto de ser

esta praça a primeira sempre entre os seus camaradas n'aquelle ramo de instrucção, não commettendo erros superiores a 5 %. E é este homem que indica as distancias ao seu capitão, logo que a sua vista penetrante encherga o inimigo, quando mal se descobre sobre tal ou tal ponto. E os fogos d'esta companhia tornam-se portanto efficazes, dando uma percentagem muito superior á companhia que teve a instrucção de tiro mais cuidadosa possivel.

Mas, pondo de parte estas considerações, vou entrar nos processos de avaliação de distancias que melhor se adaptam em campanha.

(Continúa). *Santos Fonseca,*
Capitão de infanteria.

A reorganisação da Escola Pratica de Infanteria

(Continuado do n.º 2, pag. 69)

Áparte a creação da Escola normal, de tiro ha ainda quem tambem sustente a conveniencia de ser retirado de Mafra o ensino da gymnastica e da esgrima.

Esta idéa, que ouvimos expender já em 1893, não nos parece tambem justificavel, porquanto nada vemos que se opponha a que aquelle ensino adquira, dentro da Escola pratica de infanteria, toda a extensão de que é susceptivel e que precisa ter para que o exercito sinta o seu benefico influxo.

Se é de toda a vantagem e necessidade divulgar mais o ensino da gymnastica, preparando instructores e monitores em numero sufficiente para os regimentos,

facil é, ao modificar-se o regulamento da Escola pratica, prescrever que a essa instrucção concorram em cada periodo escolar (de 5 mezes) um 2.º sargento e 2 cabos por cada corpo, e não um unico cabo por cada regimento, como actualmente succede.

Da mesma fórma, extremamente vantajoso seria que á Escola concorressem alguns sargentos e cabos das outras armas, para alli serem preparados para instructores e monitores de gymnastica, com destino ás respectivas Escolas praticas.

Sobre o ensino da esgrima, se é facto reconhecido que pouco ou nada se fará no nosso exercito emquanto não houver individuos exclusivamente destinados a *mestres d'armas*, que só se consagrem ao ensino da esgrima, instruindo nos quarteis os officiaes, sargentos e cabos, porque razão se não modifica tambem n'este ponto o regulamento da Escola pratica, creando uma secção especial na instrucção de esgrima para aquelles individuos que, escolhidos entre os sargentos, devem, depois de adquirir o diploma de *mestre d'armas*, passar a constituir uma classe especial no exercito, com um posto determinado, com honras e regalias proprias?

Dando-se os galões d'official aos picadores, porque motivo se negariam ao mestre d'armas, cujos principaes discipulos seriam os proprios officiaes?

Concordando plenamente com estas idéas que são, segundo cremos, as dos que desejam a creação da *Escola normal de gymnastica e esgrima*, não podemos porém descortinar o motivo porque consideram incompativel a realisação d'ellas com a manutenção na Escola pratica de infanteria das respectivas secções de gymnastica e esgrima, que aliás teem produzido bastante trabalho util e cuja influencia na arma de infanteria não tem sido em todo o caso absolutamente inefficaz.

*
* *

Admittindo que a actual Escola pratica se desdobrava em *normal de tiro* e *normal de gymnastica e esgrima,* teriamos que de uma só Escola em que presentemente se reune toda a instrucção que interessa á infanteria, se constituiriam duas, nenhuma das quaes seria privativa d'esta arma, porquanto embora a primeira—a *Escola normal de tiro*—mais especialmente lhe interessasse, não poderia deixar de ser tambem attendida pela cavallaria, que precisa conhecer bem a arma de fogo de que dispõe e ainda pela artilheria, que necessita estar ao corrente dos effeitos dos fogos da infanteria.

Quanto á *Escola normal de gymnastica e esgrima*, menos ainda do que a antecedente seria privativa da infanteria, porquanto deveria evidentemente ser commum a todo o exercito, a todas as armas.

Somma final: a artilheria, a engenheria, a cavallaria continuariam dispondo das respectivas escolas praticas e a possuir n'ellas um elemento de progresso, de estudo, em que se lhes proporcionam os meios de execução dos differentes trabalhos privativos da especialidade, o que tudo contribue para lhes assegurar uma relativa independencia; a infanteria, perdendo a sua Escola pratica, ficaria privada de todas essas vantagens e a sua independencia, já bem limitada hoje, seria então por completo cerceada.

Que nós officiaes de infanteria queiramos engrandecer a nossa Escola, tornar preponderante a sua influencia, dar todo o possivel desenvolvimento aos seus differentes ramos de instrucção e nos mostremos ciosos da sua auctoridade e incontestavel supremacia no ensino da esgrima e da gymnastica militar, é justo e comprehende-se; que, porém, a queiramos desmembrar e portanto aniquilar, não se comprehende, não se justifica, nem se desculpa!

(Continúa).

P. S.

Trincheiras-abrigos

Durante o tempo que fui commandante do pelotão de sapadores em caçadores n.º 3, tive ensejo de observar que as determinações regulamentares para a disposição das forças de infanteria para a execução *das trincheiras-abrigos* eram insufficientes, originando-se d'ahi uma grande confusão n'esta instrucção, porque cada commandante ensinava de sua maneira, de modo que o soldado não tinha a certeza de como devia proceder, logo que o instructor deixasse de ser o mesmo. Devido a isso, procurei organisar umas instrucções que satisfizessem ao maior numero de casos que se podem dar na pratica, subordinando-os o mais possivel ás indicações da experiencia, ás prescripções regulamentares e aos methodos empregados na Escola Pratica de Engenharia, methodos que não podem ser completamente usados pela infanteria, por empregar ferramenta diversa.

Como o actual regulamento de sapadores ainda seja muito omisso n'esta parte, entendi ser opportuno publicar na REVISTA DE INFANTERIA estas instrucções por me parecer que ellas podem concorrer muito para se obter um resultado proficuo d'esta instrucção pela grande uniformidade que dá ao seu ensino.

Execução das trincheiras abrigos

Temos a considerar dois casos:

1.º—Entrincheirar uma força no effectivo maximo de uma companhia;

2.º—Entrincheirar um grupo de companhias, um batalhão ou regimento.

1.º Caso

As operações a fazer n'este caso são as seguintes, e pela ordem que vão descriptas.

Reconhecimento do terreno.—Postada a força em duas fileiras parallelamente á frente de combate e á retaguarda 50 a 100 metros da posição a entrincheirar, o commandante manda approximar a ferramenta, estabelecer os depositos e vae *reconhecer o terreno,* tendo bem em vista um bom campo de tiro e a boa efficacia dos fogos na zona de combate.

Geralmente é a *crista militar* a linha do terreno escolhida para esta especie de fortificação.

Nomeação da esquadra de traçamento e traçamento da trincheira.—Fixado o ponto em que ha-de começar a trincheira e a direcção que esta ha-de ter, o commandante nomeia a *esquadra de traçamento*, composta d'um official ou official inferior, *director,* dois cabos, dois sapadores levando cada um uma picareta, tantos soldados para balizas quantos forem precisos, e manda-a avançar para aquelle ponto onde o official director manda ensarilhar ou lançar as armas em terra e arriar mochilas. A' voz de *traçar* do commandante, o mesmo official começa o *traçamento,* principiando por estabelecer o *alinhamento,* que se faz postando uma baliza no ponto onde começa a trincheira e mandando avançar as outras para o lado opposto, devendo a immediata á que ficou firme olhar frequentes vezes para traz, a fim de fazer alto logo que receba do official o signal convencionado; tendo feito alto, dá meia volta a cobrir com a primeira baliza, deslocando-se para a direita ou esquerda conforme os signaes que o official lhe fizer.

Pelo mesmo processo se vão collocando as outras balizas até ao fim da linha.

Postadas as balizas, os sapadores traçam com as picaretas um sulco junto das cordas de traçar seguradas nos extremos pelas balizas. Este sulco representa a crista da berma. Similhantemente se traça outro, parallelo a este e distanciado conforme a largura da trincheira, que representa a crista do talude de revés.

Distribuição da ferramenta. — Em quanto a es-

quadra de traçamento executa o traçado, o commandante da força nomeia o pelotão de trabalhadores (uma secção ou cinco esquadras para uma companhia), em geral a quarta parte do effectivo e a reserva, e um official conduz aquelle formado em duas fileiras para junto do deposito levando as armas em bandoleira.

Se a terra é para dois homens, o official commandante do pelotão de trabalhadores faz passar este de costado por fileiras singellas pelo intervallo que separa as pás das picaretas e dá-lhe a voz = *Pegar na ferramenta,* = segurando os soldados as pás na mão esquerda passando o cabo entre o dedo indicador e o immediato, o ferro para cima com a concavidade voltada para o corpo, e a picareta no braço esquerdo collocada de forma que o ferro descance no ante-braço, ficando o bico voltado para o terreno.

Se as terras são para tres homens ou homem e meio, a força marcha e forma por grupos de tres filas, dobrando para a direita da fila numero um o soldado da retaguarda da fila numero dois, e para a direita do soldado da vanguarda d'esta toda a fila numero tres. Assim marchará abrindo distancias para os lados de maneira que cada fila dê a esquerda ao respectivo monte, para que, distribuida a ferramenta, fique a primeira fila do flanco esquerdo de cada grupo de tres filas em columna munida de picaretas e as outras de pás.

A força pega na ferramenta á voz acima indicada e leva-a do mesmo modo.

(Continúa) *Albino dos Santos Pereira Lopo.*

Tenente de infanteria.

O PERIGO IMMINENTE

Por mais que as ideias philantropicas e elevadas tenham sido propagadas e defendidas pelos cultivadores mais eminentes das sciencias sociaes; por mais que, n'este

fim de seculo, todos, desde o mais obscuro semanario provinciano até á mais considerada Revista scientifica, apregoem que as ideias de humanidade e justiça são um facto, uma realisação presente, os acontecimentos que vêm succedendo ha um mez a esta parte demonstram bem o contrario.

A ideia de justiça não é um facto!

Existe simplesmente, como existiu sempre, nos espiritos rectos e nobres; é uma questão subjectiva! O que é real é a força; esta é que arroga o nome de justiça! Até hoje tem sido assim, e não se vê que os factos nos demonstrem que de futuro se deverá esperar diversamente. Pelo menos n'um futuro tão largo quanto nos é dado prever. E' a força e sempre a força quem dirige, quem impera.

Se, por momentos, parece ter a humanidade conseguido dar um passo para a felicidade universal, extirpando esse monstro a que chamam guerra, immediatamente uma serie de factos nos clamam bem alto que isso não era mais do que uma chimera, uma illusão, uma mentira! Pois bem, acceitemos os factos, e dos nossos cerebros saiam as chimeras e pensemos na lucta.

*

* *

As palavras pronunciadas por dois dos mais considerados estadistas d'uma nação poderosa, que produziram ecco na Europa inteira, parecem ser pronuncio d'uma enorme hecatombe que ameaça submergir n'um abysmo insondavel a nobre e dominante raça latina.

Não se trata da lucta entre duas potencias por questões de ambição, de poderio; mas sim da preponderancia, do dominio de duas raças differentes; por isso o embate será terrivel, a lucta renhida e o resultado o aniquilamento d'uma d'ellas.

A tempestade que ameaça desencadear-se sobre nós,

povos latinos, ha de ser grande, ha de ser horrenda, ha de ser terrivel. Não ameaça sómente os pequenos, mas a todos.

*
* *

A sociedade europea, velha, gasta e cançada acceitou facilmente a *ideia de paz geral*, propagada por espiritos generosos; e o novo mundo fingiu acceital-a e de muito bom grado. Mentiu! Armou sómente um embuste (que não pôde encobrir por muito tempo), para que os seus progenitores, descançando de antigas fadigas, lhe dessem tempo de constituir-se em bases solidas; e a velha Europa chegou a acredital-o. O artificio desfez-se e é elle mesmo, o novo mundo, que cynicamente vem descobrir os seus mais ambiciosos projectos, as suas mais alvares e phantasticas ideias. E a *paz universal*, essa ideia luminosa, essa chimera sublime foi-se, não passará de um sonho!

*
* *

A sympathia da Inglaterra pelos Estados Unidos e as palavras pronunciadas por Salisbury e completadas por Chamberlain, não são mais do que a manifestação e proclamação d'um plano desde muito elaborado, e que espiritos superiores já tinham descoberto de outros factos de menos valia,—a alliança dos povos da raça anglo-saxonia. Mas não pára n'uma alliança esse plano, porque ella aspira á supremacia, ao dominio sobre as outras raças, porque só ella se julga nova e vigorosa e com poder bastante para imperar.

E' isto o que evidentemente se deduz da sympathia manifestada, da alliança promettida, dos factos que se descobrem e do isolamento em que a Inglaterra se collocou na presente guerra entre a Hespanha e os Estados Unidos.

A diplomacia já interveio, dizem, já pediu explicações; e nós acreditamos que a resposta seja tranquilisadora, seja satisfactoria. Mas a diplomacia habituou-se a mentir, diz precisamente o contrario do que pretende. E por isso quanto mais rasoavel for a resposta, tanto mais para temer será. Antigamente, ao menos, fazia-se o que as chancellarias declaravam, hoje faz-se o contrario do que ellas dizem.

Por isso a lucta será mais para temer, porque ninguem se intenderá; não haverá concertos possiveis. Envolverá os grandes e pequenos estados, os fortes e os fracos, todos; e por isso todos precisamos estar preparados, todos de sobreaviso, todos de opinão antecipada para os acontecimentos.

*
* *

Portugal, a quem, se o deixassem, convinha uma neutralidade absoluta, será arrastado no cataclismo. A's classes dirigentes, aquellas aquem está confiada a defesa e os sagrados interesses da patria, cumpre não perder de vista o movimento geral, não para atacar, mas para uma defeza tenaz. Nós, classe militar, devemos cumprir o nosso dever primeiro que ninguem.

E á arma de infanteria, a que está confiada uma missão das mais importantes na guerra moderna, impende a obrigação de se preparar e unir todos os esforços para conseguir o seu fim. Temos muito a fazer, muito a trabalhar, porque não temos quasi nada feito. Precisamos não só respeitar, acatar e cumprir as ordens e iniciativas superiores, mas tambem pensar, reflectir e submetter á discussão o resultado do nosso trabalho intellectual.

Precisamos não só conhecer os modernos processos de combate, mas principalmente saber executal-os e saber ensinal-os e pôl-os em pratica.

João d'Almeida.
Alferes de infanteria.

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

(Continuado do n.º 2)

Difficuldades de combater durante o dia

1.ª hypothese

Infanteria contra infanteria

Tornemos o exemplo mais frisante e colloquemos, ao lado d'aquelle atirador invisivel, muitos outros municiados com polvora sem fumo.

Estes, protegidos e abrigados das vistas inimigas e com a faculdade de escolher uma posição mais ou menos commoda, não lhes será difficil fazer uma pontaria justa e precisa, e, por isso, aos primeiros tiros, poderão dizimar parte das forças inimigas, emquanto estas se conservam na espectativa. Estes effeitos serão tanto mais pronunciados quanto mais numeroso fôr o inimigo. Este, exhausto e hesitante, soffrerá a acção do fogo, ao passo que aquelles, abrigados e occultos, estarão livres da emoção do combate, poderão apoiar as suas armas, vêr e dirigir bem as suas pontarias e terão, portanto, sobre o inimigo uma esmagadora superioridade de fogo, que será muito egual áquella que é obtida nos campos de tiro.

Substituamos agora este pequeno grupo de bons atiradores por uma extensa e longa linha de combatentes, collocados de maneira que todos se furtem das vistas inimigas, quer atraz das sebes, quer atraz dos troncos d'arvores, quer atraz do mais ligeiro obstaculo natural ou artificial.

Moch é de opinião que uma linha de atiradores se póde perfeitamente occultar das vistas inimigas, comtanto que a distancia não seja muito pequena; o mesmo para uma bateria.

Na guerra o grande principio está em vêr e depois não ser visto, se fôr possivel. A polvora sem fumo, certamente, permitte isto.

A 2:000 metros vêem-se as columnas da infanteria adversa, que se approximam sem nada aperceberem. *A 2:000 metros, fogo por descargas, começar fogo*, será a ordem do commandante da linha de atiradores. O som secco e irritante dos nossos tiros certamente que não será ouvido além de 1:000 metros.

A polvora sem fumo não tem sómente esta propriedade que a torna celebre, mas tem tambem a vantagem de fornecer uma velocidade inicial muito superior e de tornar muito menos pronunciada a sua detonação. A 500 metros a detonação é já muito enfraquecida; é semelhante á um som mate e sem alguma sonoridade, parecendo um som longinquo.

Os projecteis lançarão, certamente, a confusão n'essas mesmas columnas, sem comtudo se saber qual a sua origem.

A estas distancias será, portanto, um combate sem ser visto nem ouvido. A surpresa succederá á surpresa, a emoção será reforçada pela duvida e esta substituida pela incertesa. A incertesa é, em todas as manifestações d'actividade, o principio mais desmoralisador e que mais se deve temer. Ainda assim sendo guiada pelo bom senso, será, certamente, substituida pela firme convicção da impossibilidade de marchar e combater. Mande-se comtudo tomar as disposições convenientes, a fim de subtrahir as forças á acção das vistas e fogos inimigos.

Esfalfem-se os officiaes lançando mão do binoculo para vêr e explorar o terreno em todas as direcções, que nada conseguirão. N'estas condições a retirada é fatalmente uma consequencia evidente.

Moch, sobre este assumpto, diz-nos o seguinte: «uma tropa d'um valor moral dado não é capaz de resistir senão á destruição d'uma parte determinada do seu effe-

ctivo; esta proporção uma vez attingida, os sobreviventes abandonam a posição....»

Mas procuremos ser praticos e rasoaveis e admittamos mesmo que estas forças conseguem descobrir a posição inimiga, não com a nitidez que eram desenhadas pelas nuvens de fumo, mas por leves indicios. O que succederá? Evidentemente, denunciada ella por leves indicações, o commandante d'essas forças procurará cumprir o seu dever de soldado. Para isso toma as suas medidas e precauções e ordena o fogo. As columnas de infanteria começarão, então, a fraccionar-se e a tomar posições.

N'esta occasião o official procura indicar o alvo, mas o indicio que lhe denunciou a posição inimiga desappareceu e, hesitante, espera, soffrendo, comtudo, a acção do fogo adverso. Por fim resolve-se, ordena o fogo, indicando a posição que o indicio lhe mostrou, mas os soldados não percebem certamente qual o alvo, qual o objectivo, pois nada vêem e nada distinguem, duvidarão do fim ou vantagem do seu fogo, e convencer-se-hão por fim que o seu sacrificio é inutil e duvidarão da competencia intellectual ou moral do seu chefe.

Comtudo, este, conscio do seu dever e fiado no seu valor, ordena um movimento d'avanço.

Até aqui, tomando posições convenientes, poderá certamente occultar, um tanto, as suas tropas das vistas inimigas, mas para alcançar a victoria é necessario ganhar terreno, e, quando ordenar um movimento de avanço, o que succederá? Offerecer, certamente, ao inimigo um alvo em toda a sua extensão, e os fogos contrarios redobrarão de intensidade.

N'estas condições o capitão Moch diz que *l'on se demande avec effroi quelle dose d'énergie il faudra aux survivants pour se porter en avant.*

Aqui ficar-lhe-ha um ferido, alli um outro que cahiu mortalmente, acolá verá um outro hesitando e mais além, quando menos o julgar, verá os seus effectivos dezima-

dos, e comtudo a posição inimiga ainda se não desenha nitidamente.

Não succederá isto a uma força que tome a offensiva? Cremos que sim, e, portanto, a possibilidade de avançar, em casos taes, desapparecerá por completo.

Que fazer então? Retirar improficuamente sem fazer um esforço supremo, pelo qual se possa conhecer ao menos o effectivo do adversario? Certamente que não, mas, antes de indicarmos o caminho a seguir, procuremos mostrar, baseando-nos nos resultados obtidos nos campos de tiro, os effeitos produzidos pelos projecteis sobre o homem e o seu effeito moral.

(Continúa).

David Augusto Rodrigues,

Alferes de infanteria.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

ALLEMANHA

Manobras em 1898

O programma das manobras para o proximo Outomno comprehende:

1.º—Grandes manobras realisadas na presença do Imperador, em que tomam parte dois corpos de exercito.

2.º—Manobras entre as brigadas dos corpos que não tomam parte nas primeiras.

3.º—Viagens de instrucção da cavalleria.

4.º—Manobras dos sapadores no Elba e no Rheno.

As *grandes manobras* são, portanto, bastante re-

duzidas este anno, e n'esta reducção deve ver-se o triumpho dos adversarios das grandes manobras.

Partidarios das pequenas manobras de brigadas, que achavam mais proprias para aperfeiçoar e diffundir a instrucção, os allemães só em 1895 experimentaram as grandes manobras, com 129 batalhões, e em 1896 com 98.

Em 1897 cresceu ainda a pompa das grandes manobras, tomando parte n'ellas 143 batalhões, 105 esquadrões e 111 baterias, ao todo 117:000 homens e 26:000 cavallos.

Os organisadores d'estas manobras, porém, parece terem-se preoccupado em primeiro logar com o apparato, esquecendo-se dos principios tacticos, estrategicos e outros.

Tendo produzido á vista um espectaculo explendoroso, deslumbrante, não tardou muito que a bella imagem se visse salpicada de manchas denegridas, quando a critica reflectida, começou a fazer na imprensa o trabalho de dissecação, a demonstrar o que essas manobras tinham de balofo, de falso, de convencional, classificando-as de inuteis, inverosimeis, improprias para produzir o verdadeiro adestramento.

Conduzidas por um terreno totalmente desprovido de obstaculos, descoberto, favoravel ás evoluções apparatosas, logo se supprimiu uma difficuldade das mais interessantes—o aproveitamento do terreno. Depois, como as soluções estavam fixadas de antemão, toda a liberdade de acção foi ficticia, e cada um só tratou de exhibir-se como n'um palco.

Para prover á alimentação das tropas tinham-se estabelecido diversos depositos, espalhados por toda a zona das manobras, depositos que foram declarados neutros, e d'onde alternadamente se forneciam o amigo e o inimigo, o partido leste e o partido oeste, conforme se achavam mais perto d'esses depositos.

Esta critica, reconhecendo as vantagens das mano-

bras executadas por alguns corpos reunidos, concluia, com tudo, por condemnal-as quando orientadas pela ficção, pelo espectaculo inverosimil.

Nas grandes manobras de 1898 tomam parte apenas 72 batalhões. Ao todo 60:000 homens, que divididos em dois partidos dão 30:000 para cada um.

E' provavel que a critica de 1897 obrigue a modificar a orientação, ou a iniciar um novo periodo de experiencias, sobre o adestramento do alto commando e sobre o funccionamento dos serviços auxiliares.

ITALIA

Novo methodo da instrucção da infanteria

A lei de junho de 1897, que reformou o exercito, reduzindo a 30 mezes o tempo de serviço activo, transferiu para o mez de março a entrada nas fileiras dos mancebos recrutados, tendo este systema em vista conciliar com a economia a instrucção e o alargamento dos contingentes annuaes; porém, a par d'estas vantagens, um grande inconveniente surgiu logo: os recrutas só estavam promptos da instrucção e aptos para entrarem em campanha, em agosto.

Era isto, sem duvida, um grande inconveniente, porque todas as razões aconselham a ter em março ou abril os recrutas promptos.

Para se remover tal inconveniente, a Escola central de tiro, de Parma, apresentou um systema de instrucção com o qual os recrutas se devem preparar em 35 dias, ficando aptos a partirem para a campanha—se esta surgir—na 2.ª semana de abril.

O methodo chama-se *gymnastico-militar*, e repousa nos seguintes principios:

1.º Abstenção dos processos que conduzam á rigidez e regularidade, ou á execução correcta e por tempos.

2.º Pratica de exercicios que permittam adquirir *individualmente* a destreza, a resistencia, e desenvolver as forças.

3.º Ministrar por processos simples as primeiras noções technicas.

O regimen gymnastico, segundo o programma, comprehende:

A marcha individual;
O salto de obstaculos;
A marcha accelerada e a carreira;
Marchas de resistencia de 12 a 20 kilometros.
Exercicios de gymnasio, simples, jogos, luctas e concursos.

A parte propriamente technica comprehende:

Esgrima de bayoneta;
Exercicio de pontaria;
Manejo de fogo;
Deveres militares, serviço de campanha e guarnição.
Armar e equipar.

E' prohibido durante o periodo dos 35 dias: o manejo cadenciado; a execução dos manejos e movimentos por tempos; a formação regular em duas fileiras.

Os homens agrupam-se e movem-se por flexibilidade.

Em geral, o recruta deve apenas imitar os exercicios praticados pelo instructor, sem ideia de perfeição. As explicações verbaes são quasi prohibidas.

Os resultados previstos n'este methodo, são:

No fim da 1.ª semana o recruta sabe marchar em ordinario e accelerado, salta obstaculos, sabe fazer approximadamente a pontaria. Anda 300 metros em passo gymnastico, e faz uma marcha de 12 kilometros.

Na 2.ª semana salta obstaculos com a espingarda e bayoneta; executa 2 marchas de 15 kilometros; percorre 400 metros em passo gymnastico, e faz uma corrida de velocidade de 50 metros.

Durante a 3.ª semana o recruta faz exercicio com o equipamento alliviado. Aponta rigorosamente, faz 600 metros em passo gymnastico, uma corrida de 100 metros, e duas marchas, uma de 15 e outra de 18 kilometros.

Na 4.ª semana faz os exercicios equipado a valer. Repete os exercicios da semana anterior e faz uma marcha de 20 kilometros. Aprende a avaliação de distancias, tiro ao alvo e conducta do atirador.

Na 5.ª semana faz duas marchas de 20 kilometros, percorre 800 metros em passo gymnastico, effectua uma corrida de velocidade de 150 metros, desenvolve a instrucção de tiro ao alvo e conducta do atirador.

Tal é o programma que em 1897 foi experimentado por um regimento de cada brigada, e cujos resultados estiveram longe de contentar toda a gente.

Na sua pratica, o programma da Escola de Parma evidenciou-se tumultuario, fatigante, desordenado. Muitos recrutas não o supportaram e atrazaram-se por doentes.

A critica publicada na imprensa censurou especialmente o principio prohibitorio das formações regulares, e o systema de só se exigir uma execução «pouco mais ou menos».

Não obstante os defeitos apontados, que a pratica evidenciou, é incontestavel que o programma da Escola de Parma é uma concepção arrojada, que veio cortar fundo na rotina.

A prova de que o programma se impõe e triumpha está n'isto: Não se pretende a sua suppressão, nem o regresso do systema antigo.

Pedem-se apenas modificações que não atacam a

essencia do methodo e que são sómente correcções aconselhadas pela pratica.

Pela nossa parte entendemos que o programma deve ficar viavel logo que as marchas se reduzam a metade, se introduza um pouco de formações regulares, de correcção, e se passe para sessenta dias o actual periodo de 35.

E, sobretudo, para que um programma moderno, menos mechanico e formalista, e mais flexivel e racional, mais «nação armada», triumphe, é preciso que o systema não tenha uma execução tão desordenada que ameaçe a disciplina, nem irrite os officiaes.

Consegue-se isto com duas ordens de modificações, ambas possiveis. Uma diz respeito aos soldados, e a outra aos quadros.

Nos soldados, a primeira coisa que se deve tratar de obter, logo nas primeiras licções, é que elles se habituem a mover-se e comportar-se com ordem, seriedade e disciplina, durante a pratica dos exercicios do novo systema flexivel.

Estamos convencidos de que isto se consegue com um pequeno numero de predicas e explicações educativas, com que se incuta bem ao soldado que se deve comportar com a mesma seriedade e decencia, quando estiver fóra da formação regular, mais á vontade ou em maior liberdade.

Os officiaes, e, sobretudo os officiaes antigos, devem-se deixar de considerar as formações regulares e os movimentos cadenciados e simultaneos, como a melhor panacea da disciplina e do adeantamento.

Os soldados que andam habitualmente refreados nas formações regulares, durante um, dois, ou tres annos, temol-os visto *sempre* manifestarem a mais lastimosa falta de educação, de seriedade e de disciplina, quando a vigilancia effectiva diminue, ou quando a rigidez da formação regular se tem de desmanchar. E' então interessante vêr como elles fogem á acção do chefe e se

comprazem na desordem... Que o adestramento do soldado se tem de procurar principalmente *fóra da formação regular, e dos manejos cadenciados, com simultaneidade de momentos*, não soffre duvida nenhuma.

Está admittido e provado. Suppomos que brevemente se provará tambem que o systema se concilia com a disciplina, e até com notaveis vantagens.

J. O.

SECÇÃO COLONIAL

Subsidios para um projecto de colonisação militar

(Continuação)

II

Um official d'Africa, o tenente sr. Cezar d'Oliveira, foi encarregado por um ex-governador da Guiné de effectuar os trabalhos necessarios para uma delimitação de territorio e, a par d'isso, de estudar a capacidade agricola e commercial das regiões que visitasse. Não se limitando, porém, o nobre official a essa missão, já de si tão espinhosa, tratou de arranjar amostras dos nossos productos, distribuiu-os pelo interior, effectuou mesmo transações commerciaes importantissimas, forneceu ao gentio sementes de plantas valiosas, ensinou-lhes os processos do cultivo, incitou-os a explorar essas culturas, etc. Pois o exito foi magnifico! O gentio recebia maravilhosamente os nossos vinhos brancos (15° e 18° Cartiér) e os pedidos de fazendas á Associação Commercial de Lisboa, subiram, segundo diz o sr. C. O., distincto collaborador da «Revista Portugueza Colonial e Maritima», á importante quantidade de mil e tantas peças! Isto na Guiné onde a hostilidade do indigena pelo branco é no-

toria! Nobre iniciativa, sublime emprehendimento, não é assim?...

Pois o que o nosso illustre camarada effectuou na Guiné com tão bom exito, podiamos nós todos tental-o, fazendo assim com que aos nossos postos coloniaes, ás nossas guarnições do ultramar, se dirigissem os povos em tropel, não de azagaia em riste, de espingarda aperrada, estrugindo os ares com o ruido infernal dos seus batuques, convocando para a morte, mas pacificamente, de boa feição, carregados de marfim, tabaco, borracha, pelles, sementes, fructos, algodão emfim, para negociarem comnosco, para se submetterem espontaneamente á nossa influencia, para commungarem comnosco na hostia abençoada da Civilisação e do Progresso.

D'esta arte cabia-nos a nós esta dupla missão sublime: enriquecer a Patria e honral-a.

Não seria isto nobre e patriotico?

Mas a administração pelo estado é má, lá o diz a Economia Politica e com rasão: basta notar-se que com esse systema não ha interesses proprios a salvaguardar. Não seriamos, portanto, agentes do Estado. Não seriamos tão pouco representantes d'uma Companhia de burguezes ricassos e absenteistas, porque, em breve, as acções passariam de mão para cahirem em poder do estrangeiro e ahi teriamos o exercito ao serviço do inglez ou do allemão e, demais, não seria isso conforme com o brio e dignidade militares. Trabalhariamos, por tanto, por conta propria. O capital seria nosso, o trabalho seria nosso, o lucro seria nosso.

Eis o grande principio da cooperação de que falla Jevons: «A verdadeira cooperação consiste em dar a todos os que trabalham uma parte dos lucros para os interessar na empreza.» Formariamos, então, uma grande Cooperativa Productora, cujo capital seria exclusivamente subscripto por membros do exercito. A Cooperativa dispensaria o auxilio do Estado, pelo menos material, manter-se-hia, apenas, á custa dos seus asso-

ciados, desbravaria, arrotearia, exploraria os terrenos que fossem seus, por concessão do Estado, permutaria artigos nacionaes por productos coloniaes, fabricaria, em primeiro preparo, alguns generos coloniaes e os lucros d'esta empreza seriam divididos em duas partes, uma das quaes capitalisaria, indo engrossar os fundos da Cooperativa, e a outra seria distribuida racionalmente pelos elementos de trabalho da cooperativa, gerentes, accionistas e trabalhadores. O successo da empreza dependeria sómente *da união, da dedicação e da tenacidade* dos seus elementos os quaes cooperariam para o bem commum e com tanta melhor vontade, visto que o interesse immediato seria seu.

Cada posto militar, cada guarnição seria o *nucleo* de futuros estabelecimentos agricolas, fabris ou commerciaes, formando-se assim uma *rêde* de feitorias que assegurariam o nosso dominio e o nosso prestigio d'um modo mais efficaz e duradouro que pela força das armas, e cujas *malhas* se iriam estreitando cada vez mais, á medida que o capital e o trabalho viessem affluindo, que as transações commerciaes se desenvolvessem, que as culturas firmassem a sua producção e que as estradas e caminhos facilitassem o accesso e a distribuição dos productos europeus.

Será isto uma utopia? Cremos que não. Bastar-nos-hia simplesmente, repetimos, *capital, trabalho, methodo e muita tenacidade.*

O *capital* seria constituido por acções de 10$000 ou 20$000 reis, amortisaveis n'um certo praso e que apenas poderiam ser tomadas por membros do exercito.

De resto, tinhamos nós uma grande vantagem sobre qualquer Companhia de exploração: não haveria a dispender enormissimas sommas na manutenção do pessoal, porque o soldo ou o pret seriam o salario *fixo* dos agentes e trabalhadores, e os lucros o salario *supplementar e variavel* que seria proporcional aos esforços e á dedicação de cada um. Ora o soldo ou o pret seriam

pagos pelo Estado e os lucros dependeriam dos progressos da empreza e só seriam distribuidos no fim de certo praso. Tão pouco seria necessario immobilisar capitaes na construcção de habitações, pois que bastariam nos primeiros tempos os aquartellamentos edificados a expensas do Estado.

Os encargos, portanto, nos primeiros tempos limitar-se-hiam á acquisição de alfaias agricolas, sementes, artigos europeus e nacionaes de collocação mais segura e remuneradora, generos para consumo das guarnições (e eis aqui resolvido o problema de tornar menos dispendiosa a vida das guarnições ultramarinas) finalmente, ás despezas com transportes e expediente.

(Continúa). *Alfredo de Leão Pimentel*,

Alferes de infanteria.

Vencimentos dos officiaes da metropole em serviço no ultramar

(Conclusão)

Do confronto das duas propostas resulta, evidentemente, que a do sr. Moraes Sarmento, embora seja mais favoravel para o orçamento do Estado do que as actuaes tabellas em vigor, é, todavia, bem superior á proposta da commissão.

No nosso fraco modo de vêr, essa proposta satisfaz, sem exaggeros, ás necessidades da vida do official no ultramar.

E' claro que bem sabemos que, infelizmente, as colonias ainda apresentam um deficit com o melhor de dois mil contos por anno, e que, no estado actual em que as cousas estão, difficil, senão impossivel, é aggra-

var esse deficit, que é pago pela metropole. E estamos convencidos de que, se alguem analysar quanto a metropole tem dado ás colonias para as manter, encontrará uma importancia superior á divida publica de Portugal.

N'esta conformidade, em nossa opinião, e que é a que segue a Inglaterra, a França e até a Hespanha, a nossa divida publica devia estar proporcionalmente espalhada pelas colonias, e os encargos d'essa divida terem como garantia as mesmas colonias.

Do progresso, do augmento da riqueza de cada colonia é que dependeria a diminuição do deficit privativo d'essa colonia, embora fosse a nação inteira quem fizesse os sacrificios pecuniarios necessarios para manter-se a unidade das nossas finanças, e a integridade da nossa autonomia.

Não podendo n'este momento, por falta de espaço, esplanar as vantagens que um tal systema traria para o nosso paiz, vamos concluir estes ligeiros apontamentos.

Acceite em principio o posto de accesso para o official da metropole em serviço no ultramar, como uma compensação para o grande sacrificio que tal serviço representa, principalmente pela ruina da saude que os climas intertropicaes produzem nos europeus, é claro que a tabella do sr. Moraes Sarmento precisa ser ligeiramente modificada.

E' essa modificação que apresentamos no quadro abaixo, julgando esses vencimentos sufficientes para os officiaes da metropole em serviço no ultramar, já que o estado da fazenda publica no nosso paiz não comporta as actuaes tabellas em vigor, para uma reorganisação geral do exercito ultramarino, o que aliás constituiria um melhor desafogo á economia do official.

Postos	Vencimentos mensaes		
	1.º grupo	2.º grupo	3.º grupo
General de divisão.	380$000	440$000	500$000
General de brigada.	246$000	288$000	315$000
Coronel.....	205$000	241$000	277$000
Tenente-coronel...	180$000	210$000	240$000
Major.....	132$000	155$000	177$500
Capitão.....	102$000	119$000	136$500
Tenente.....	90$000	105$000	120$000
Alferes.....	65$000	80$000	95$000

Além d'estes vencimentos os officiaes devem, quando em campanha, ter as seguintes rações de etape pagas, á razão de 240 réis cada ração:

Officiaes generaes — 4
Officiaes superiores — 3
Capitães e subalternos — 2.

O Estado será obrigado a fornecer quartel aos officiaes e, quando isso fôr impossivel, o official receberá então as rações de campanha a que tem direito, como subsidio para a ajuda da renda de casa.

No ultramar não haverá subsidio de marcha, nem de residencia.

Quando o official tiver de marchar para o interior ser-lhe-hão fornecidos os meios necessarios para transportar a sua bagagem e as suas comedorias.

Egual direito terá o official para as requisições de generos de alimentação e de vestuario, que, por ventura, fizer do interior para o litoral.

A administração militar deverá fornecer a todos os officiaes os generos da metropole pelo preço do seu cus-

to, apenas augmentado com as despezas de transporte de Lisboa para as colonias.

Adoptados estes topicos geraes, parece-nos que se tornaria supportavel a vida do official no ultramar, e que a carestia dos generos como que desappareceria pela intervenção da administração militar, havendo um tal ou qual equilibrio entre os differentes pontos de cada costa, o que não acontece presentemente.

Quem escreve estas linhas comprou vinho á administração militar, no interior do districto de Inhambane, á razão de 95 réis o quartilho, e mais tarde, quando acabou o vinho fornecido pela administração militar, comprou-o, talvez da mesma qualidade, á razão de 500 réis a garrafa.

Ora estes desequilibrios é que devem desapparecer.

Emquanto o exercito das provincias ultramarinas não offerecer todas as garantias de força, competencia, honestidade e valor, o progresso d'essas provincias será sempre o que nós vêmos—isto é, um deficit de 2:000 contos de réis annuaes a pesar sobre as depauperadas finanças de Portugal.

Toda a despeza que se fizer para melhorar o exercito ultramarino é altamente productiva e remuneradora.

Não se póde fazer tudo d'uma vez?

Faça-se ás parcellas, por partes, com segurança, com methodo, com muito tino, devendo principiar-se por Lourenço Marques, que é o districto que hoje reclama mais cuidado, mais bom senso, mais tacto administrativo, mais competencia e seriedade na sua administração.

A. Sarsfield,
Capitão de infanteria.

I Anno Julho—1898 N.º 4

REVISTA DE INFANTERIA

O TIRO DA INFANTERIA

Não tem o auctor do presente trabalho a pretenção de apresentar aos leitores da *Revista de Infanteria* um tratado completo dos fogos da infanteria, como o titulo acima poderia fazer suppor, porque para tal emprehendimento lhe faltaria a auctoridade e os vastos conhecimentos que assumpto de tal natureza necessariamente requeria.

E' bem mais modesto o seu fim.

Se bem que o «*Regulamento de tiro para as armas portateis,*» de 1895, represente um notavel progresso em relação ao seu predecessor, é certo, comtudo, que alguns assumptos n'elle tratados necessitam em nossa opinião, de maior desenvolvimento, em harmonia com a importancia perfeitamente justificada, que, modernamente, tem adquirido o estudo dos fogos da infanteria, considerados como elemento preponderante, senão decisivo, dos combates d'essa arma.

Um d'esses assumptos, evidentemente de maior importancia, é o «Tiro de combate».

E' elle que constitue o objecto principal do nosso estudo, e n'este só temos em vista apresentar alguns dados indispensaveis, baseados na actual taboa de tiro da nossa espingarda, tendentes a permittir a avaliação, sufficientemente approximada, dos effeitos dos fogos collectivos da infanteria executados nas carreiras e campos de tiro.

Não são novidade para ninguem os trabalhos d'este genero; em França, especialmente, rara é a revista militar que se não occupa d'elles. A sua razão de ser é confirmada pelo general Lamiraux na excellente publicação intitulada «Étude sur le fusil modèle 1886 et sur son rendement.» Diz este distincto official a respeito do seu livro o seguinte: «*Dans une certaine mesure il répond á la demande, qu'on a faite souvent d'un*». «*Cours reduit de tir*» *donnant les connaissances utiles á l'officier*».

Ceux qui emettent ce desir voudraient une sorte de prolongement du reglement de tir du 22 mai 1895: cent ou deux cent pages de principes resumés».

Por estas palavras se pode ajuisar bem dos resultados a que conduzem os regulamentos muito reduzidos, de uma centena de paginas (1), nos exercitos em que a pratica do tiro não tem a extraordinaria intensidade que se nota, por exemplo, no exercito allemão.

Felizmente para nós, a illustrada commissão encarregada da factura do nosso regulamento actual, parece ter-se orientado na mesma ordem de idéas que presidiu á composição de identico documento em França em 1882 e, se, em nosso ver, algumas deficiencias se podem notar, cabe a todos os que se interessam pelos progressos militares suppril-as com os conhecimentos adquiridos dia a dia no campo theorico e pratico, vulgarisando o que maior valor tenha, sob o ponto de vista do mais completo aproveitamento de todas as qualidades do armamento.

N'este intuito vae escripto este trabalho.

*
* *

O estudo do tiro collectivo da infanteria nem sempre mereceu da parte dos officiaes d'esta arma a per-

(1) O actual regulamento de tiro francez consta de 96 paginas, não incluindo os mappas e taboas de tiro.

sistente attenção que seria para exigir em assumpto, de si tão importante, parecendo até, por vezes, que para alguns, a summa perfeição na instrucção do tiro individual ao alvo constituia a mais preciosa, senão unica habilitação necessaria em materia de tiro.

N'um paiz pobre de recursos materiaes, como o nosso, possuindo uma carreira de tiro unica, a da Escola pratica da arma, onde se podem pôr em pratica aquelles fogos alem de 600 metros, talvez essa entranhada predilecção pelo tiro individual, em prejuizo do tiro collectivo, se podesse, até certo ponto, justificar; o que, porem, não soffre duvida é que, em outros exercitos e alguns d'elles ricamente dotados, ainda hoje se passa cousa analoga, como o provam claramente os successivos artigos das revistas militares onde este assumpto é tratado com um desenvolvimento bem notavel.

Se é certo que a correcta instrucção do soldado no tiro elementar, fazendo d'elle um bom atirador e dando-lhe consequentemente uma extraordinaria força moral pela confiança que elle fica depositando na sua arma, entra como factor principal no aproveitamento das propriedades d'esta, tambem não é menos verdadeiro que a pratica do tiro collectivo tem para os officiaes capital importancia, visto que no combate, só as massas de fogos convenientemente dirigidas contra designados objectivos é que podem produzir a desejada ruptura de equilibrio das forças materiaes e moraes do inimigo. (1)

E se, para o soldado, a confiança na arma lhe provem dos excellentes resultados obtidos com ella, para o official a confiança nos effeitos produzidos na guerra pelo conjuncto de armas manejadas por individuos de

(1) Não queremos dizer que muitas vezes o fogo de excellentes atiradores isolados não produza excellentes resultados; no conjuncto, porem, do combate esse fogo constituirá uma minima parte.

tão diversa aptidão só pode provir do conhecimento d'esses mesmos effeitos estudados no tempo de paz.

Sabemos bem que no combate a impressão dissolvente do perigo, as fadigas, a falta de instrucção consentanea á perfeição attingida pelo armamento e mil outras circumstancias hão-de reduzir em graves proporções os resultados obtidos nas carreiras; estes, porem, terão sempre a inapreciavel vantagem de servir de base para multiplas considerações, especialmente no estudo comparativo da vulnerabilidade dos objectivos que em campanha se podem apresentar ás differentes distancias.

*
* *

Quando muitos atiradores reunidos dirigem o seu fogo, á vontade ou por descargas, contra um dado alvo, é sabido que as balas lançadas se distribuem n'uma certa zona de terreno, á frente, retaguarda e lados d'aquelle, constituindo um grupamento cuja grandeza varia conforme o terreno percutido pelos projecteis é parallelo á linha de mira, inclinado acima ou abaixo d'ella.

A densidade do grupamento horisontal vae, como no plano vertical, augmentando a partir das linhas que o limitam até á parte media e n'esta ha tambem um ponto medio, porque, attendendo ás grandes distancias a que consideramos feito o tiro, podemos suppor que todas as trajectorias n'um só feixe partem d'um ponto unico. Parece á primeira vista que o methodo mais simples de estudar a dispersão horisontal consistiria em determinar na zona batida pelas balas a posição exacta dos pontos de queda [1]; as difficuldades, porem, em distin-

---

[1] Na Russia e na Suissa, tem-se obtido os grupamentos no gelo e na neve. A «*Revue militaire suisse*», n'um dos numeros de 1895, insere um graphico de tiro executado a 2000 metros, muito interessante e em que o nosso estudioso camarada, tenente A. J. Santa Clara, se baseou, para varias deducções no seu recente artigo publicado na «*Revista do Exercito e da Armada*» em defeza da formação binaria.

guir as percussões directas dos ricochetes, por mais bem preparado que tenha sido o terreno, levaram a pôr de parte este processo, substituindo-o por outro mais verdadeiro, visto que n'elle se eliminam as causas d'erro de observação já citadas.

Este processo consiste em deduzir a dispersão no terreno da correspondente dispersão vertical no tiro collectivo.

Ora esta ultima não consta dos regulamentos; estes limitam-se, apenas a indicar para cada distancia a dispersão correspondente aos grupamentos obtidos por um excellente atirador com a arma apoiada e nas melhores condições de tempo; isto é, dão sómente a dispersão propria da arma, como que independentemente das causas d'erro do atirador: a dispersão ideal, emfim, como lhe chama um illustrado official francez.

No tiro individual a braços, aos desvios proprios da arma [1], vêm juntar-se os desvios proprios do atirador e então os numeros, que as taboas de tiro nos dão para representar a dispersão, soffrem notavel augmento na proporção da inhabilidade dos homens: maximo para os atiradores de terceira classe, minimo para os de primeira, medio para os de segunda.

O nosso regulamento, estabelecendo condições para a passagem de classe no tiro elementar, permittir-nos-ha avaliar os desvios provaveis *maximos* d'aquelles atiradores. Assim, tomando para base as maiores distancias, temos no tiro de instrucção, a 400 metros a exi-

---

[1] O «Regulamento provisional de tiro para armas portatiles» de janeiro de 1887 depois de indicar a percentagem que se obteria em certos alvos, segundo a dispersão da taboa de tiro, diz: No debe perder-se de vista que el tanto por cento de las tablas anteriores, es el que corresponde teniendo sólo encuenta los desvios imputables al arma; si suppusieramos un buen tirador cuyos desvios sean iguales a los del arma, resultarian dobles las dispersiones y el tanto por cento se reducirá... etc. etc.»

gencia de 4 balas acertadas em dez tiros feitos, ou sejam 40 %, o que corresponde a uma dispersão media horisontal e vertical 3,9 vezes maiores, proximamente, do que as mencionadas na taboa de tiro, como se pode verificar pelo seguinte calculo (1):

A percentagem comprehendida na zona de largura indefinida e de altura igual a $1^m,8$ é

$$\left.\begin{array}{l}\text{Altura do alvo}\ldots\ldots\ldots=1,80\\ \text{D. m. v. }(^2)=3,9\times0,41\ldots=1,599\end{array}\right\}\text{factor}=\frac{1,80}{1,599}=1,125$$

e por conseguinte a percentagem = 55,25 %

A percentagem comprehendida na zona de altura indefinida e de largura egual a $1^m,8$ é:

$$\left.\begin{array}{l}\text{Largura do alvo}\ldots\ldots\ldots=1,80\\ \text{D. m. h. }(^2)=3,9\times0,29\ldots=1,13\end{array}\right\}\text{factor}=\frac{1,80}{1,13}=1,59\text{ e}$$

por conseguinte a percentagem = 71,66.

Percentagem no quadrado = 0,5525×71,66 = 39,6 %

Se no tiro de instrucção se executasse o fogo a 600 metros contra um alvo de $1^m,80$ de altura por $2^m,70$ de largura, como estava preceituado no regulamento que precedeu o actual, a percentagem minima exigida, suppondo que a relação 1:3,9 entre os desvios se mantinha, seria, servindo-nos do processo anterior, egual a 21,78 %

No tiro de applicação a 600 metros, com a exigencia de cinco balas acertadas em dez tiros feitos no alvo de $1^m,80\times1,80$, a relação entre os desvios já considerados será de 1:1,9, o que corresponde no alvo de $1^m,8\times2^m,70$ a uma percentagem de 58,85 %

Mafra. (Continúa).

Amaro Dias da Silva Junior,
Tenente da Escola Pratica.

---

(1) Regulamento de tiro pag. 82, 203 e 265.

(2) D. m. v... Dispersão media vertical. D. m. h... dispersão media horisontal.

A ESPINGARDA DE GUERRA

São geralmente conhecidas as progressivas transformações por que tem passado o armamento de fogo portatil desde o seculo XIV até aos nossos dias. E, se é certo que entre a primitiva bombarda ingleza — que só impropriamente póde ser chamada arma portatil — e o carregamento pela culatra medeiam cinco seculos, é fóra de duvida que nos ultimos annos a industria tem feito progressos devéras maravilhosos, produzindo as excellentes armas Mannlicher, Lebel, Mauser, etc.

Todos os exercitos europeus possuem hoje armas de repetição e calibre reduzido, com as quaes se obteem alcances de 4:000 metros, velocidades iniciaes superiores a 600 metros, grandes justesa, tensão e penetração, e uma rapidez de tiro prodigiosa.

Estas armas, combinadas com o emprego das modernas polvoras chimicas, vieram trazer alterações importantes á tactica de combate.

Dizem os mais illustres tacticos que a revolução operada não é profunda, que os principios essenciaes da tactica continuarão subsistindo, mas que os erros que se commetterem terão consequencias muito mais funestas.

E' opinião geralmente admittida que a *offensiva* se tornou mais difficil, affirmando-se comtudo que ella continuará a ter superioridade sobre a *defensiva*.

Sobre este assumpto lemos na *Revue du cercle militaire* (1) um artigo muito original e interessante, no qual dois officiaes do exercito francez, demonstrando que a arma Lebel não é uma verdadeira arma de guerra, passam em revista as differentes phases do combate offensivo, descrevem as alterações que se vão operando na alma do soldado á medida que as distancias se vão

(1) N.os 424 a 4 de 1896.

reduzindo, e concluem que á distancia de 400 metros da posição inimiga o seu estado nervoso e de fadiga é tal que, no fim de 3 minutos de fogo rapido, os homens não poderão metter a arma á cara e disparal-a-hão na posição de carregar. Isto precisamente no periodo mais critico, aquelle de que depende o successo ou insuccesso do combate, quando seria necessario cobrir a posição inimiga d'um chuveiro de balas, para desmoralisar o adversario e impedil-o de fazer um uso efficaz das suas armas. E accrescentam: «n'estas condições qualquer infanteria, por mais brava e por mais energicamente commandada que seja, corre o risco de, na offensiva, soffrer uma derrota; e isto porque na organisação da arma, seu peso e determinação da linha de mira a esta distancia, se não teve em attenção as necessidades dos homens n'esta phase do combate.»

Poderão ser exageradas estas asserções; mas, sem entrarmos em apreciações tão graves, por nos faltar para isso a competencia, e mesmo porque tão importante questão só a pratica melhor elucidará, diremos, comtudo, que os alvitres apresentados no sentido de transformar a espingarda distribuida á infanteria franceza n'uma *verdadeira arma de guerra,* sem lhe prejudicar as suas magnificas qualidades balisticas, nos parecem muito sensatos e conducentes a attenuar as difficuldades que se impõem no combate offensivo.

E' sabido que a Lebel é uma das melhores armas actuaes, tendo dado excellentes resultados na campanha do Dahomey; argumentam, porém, os referidos articulistas que, sendo effectivamente de primeira ordem quando empregada n'uma carreira de tiro, a sangue frio, perde a precisão e justesa quando empregada no combate offensivo, ás pequenas distancias.

Na defensiva já não apresentará os mesmos inconvenientes, porque, não tendo os defensores que marchar, e podendo apoiar as armas sobre os abrigos que tiverem construido, estarão certamente menos fatigados no

momento decisivo do combate. Além d'isso, abrindo a offensiva o seu fogo o mais tarde possivel, e partindo do principio que elle se torna successivamente menos certeiro, é obvio que as tropas da defeza experimentarão muito menos perdas, e estarão em melhores condições de fazer sempre um bom emprego da sua arma.

Não perderá, porém, a defensiva, dizem, com a transformação da arma, porque, continuando a possuir as mesmas qualidades balisticas, ficará mais propria, para, com maior precisão e menos fadiga, ser empregada no momento mais serio da lucta.

O regulamento francez determina, effectivamente, assim como o nosso, que na offensiva se abra o fogo o mais tarde possivel, e d'esta opinião ha differentes escriptores militares, baseando as suas proposições em que os fogos ás grandes distancias, sendo de bons resultados na defensiva, por haver maior facilidade em conhecer com exactidão as distancias a que ha de fazer o seu tiro, e tambem por poder ser melhor dirigido e regulado, não deverão ser empregados na offensiva, porque trazendo comsigo immobilidade, prejudicam os avanços, o que deve merecer particular attenção; além do que, as perdas infligidas ao adversario não compensarão o consumo de munições. Entendem, por estes motivos, que só serão empregados quando as dimensões do alvo forem taes que haja probabilidades de obter resultados uteis.

Ha, porém, opiniões exactamente oppostas.

O general Philibert entende que os preliminares do combate offensivo devem ser lentos, e só quando se chega ao alcance efficaz da infanteria inimiga é que se torna necessario precipitar o movimento, por serem d'effeitos perniciosos as paragens, depois de denunciado o ponto d'ataque. Affirma por isso que, ás grandes distancias, quando o soldado está ainda com sangue frio e na mão dos chefes, se o fogo fôr feito por descargas e bem empregado, não póde causar desperdicio de munições. A' me-

dida que as distâncias se vão reduzindo, a serenidade vae desapparecendo, e por isso ás pequenas distancias o tiro não tem efficacia, devendo ser empregado a menos de 400 metros, só em casos especiaes, tornando-se então mais necessario caminhar rapidamente.

Ha outros partidarios dos fogos ás grandes distancias, cujas theorias são certamente muito aproveitaveis; todavia as paragens debaixo da acção efficaz da fuzilaria inimiga, segundo boas opiniões, nunca poderão deixar d'existir, por ser manifestamente impossivel percorrer toda a zona batida por aquelles fogos a não ser por lanços, maiores ou menores, e ser de imperiosa necessidade responder ao fogo inimigo, ainda que o tiro não tenha outra utilidade senão exercer uma acção moral deprimente sobre o adversario, levantando o animo de quem o executa. Fazer fogo em marcha constitue um perigo para os proprios camaradas.

(Continúa).

Antonio Barbosa Junior,
Tenente de infanteria.

O general Silveira

«... o tempo ha-de o teu nome»
«acatar respeitoso.»
«.....»

Enganava-se o poeta que assim escrevia na sua Ode que, em 1809, dedicou ao illustre general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, Ode que synthetisava o nobre sentir do povo portuguez.

Hoje Silveira é da Historia e a Historia, infelizmente, nem todos a conhecem...

Soubemos, ha pouco, por acaso, que se tinha pu-

blicamente posto em parallelo o sabio Moltke com o *transmontano general Silveira [sic]*.

Evidentemente, aquelle ironico *transmontano* está escripto como synonymo de uma palavra ou palavras que signifiquem uma ideia contraria á que fazemos de Moltke.

Tal antagonismo é verdadeiro pelo que diz respeito ao *homem*; pelo que diz respeito ao *general*, julgamos absolutamente despropositada qualquer comparação.

Em geral, ha tendencia, entre os partidarios da *Milicia mathematico-alchimista*, para tornar inherente a um bom general a qualidade de grande sabio.

Confunde-se o abstracto—*sabio*—com o concreto—*sabio general*.

Ora, Moltke não galgaria os Vosges em virtude da velocidade adquirida; não faria desapparecer os exercitos francezes, empregando energicos reagentes chimicos; não eliminaria Sedan e Metz por processos algebricos complicados, integrando ou differenciando; não atravessaria a França por uma applicação engenhosa da força centrifuga (por exemplo: o engraçado carrinho aereo das aulas de Physica), nem cahiria sobre Paris, evitando as consequencias desastrosas da gravidade, pela sabia applicação de um maravilhoso pára-quedas...

Sim, a França não foi assombrada pelo sabio, mas vencida pelo sabio general.

Silveira, o valente assaltante de Chaves, o estrenuo defensor de Amarante, o intelligente e arrogante apresador de Puebla de Sanabria, não era apenas militar; era um habil general!

Não encetou a carreira das armas como qualquer recrutado analphabeto. Era descendente de uma familia illustre, e mais de uma vez provou ter tantos recursos intellectuaes e qualidades moraes como qualquer dos grandes generaes de Napoleão, seus comtemporaneos.

Foi um general do seu tempo.

Não subjugou provincias e reinos por não ser essa a condição dos generaes de pequenos exercitos.

Note-se bem: nós não pretendemos approximar o benemerito general conde de Amarante, do general conde de Moltke; pelo contrario, destinguimol'os.

Não podemos, no entanto, deixar de dizer que é de mau gosto escolher-se para *cabeça de turco* da desoppilante ironia um nome respeitavel, de gloriosa memoria, como o do general Silveira, o valoroso general da Guerra Peninsular

Destinguimos os dois generaes como operando em epochas e condições differentes e é para nós muitissimo grato destinguil'os ainda sob... outro ponto de vista:

Moltk nasceu em 1800; era filho de um general dinamarquez; foi educado na escola *Land-cadetten* de Copenhague; em 1818 entrou nas fileiras dinamarquezas; em 1822 passou-se para a Prussia e quarenta e dois annos depois, como chefe do estado maior general do exercito alliado, dirigia a campanha contra a patria de seus paes e seus avós, a pobre Dinamarca, que depois de luctar heroicamente, foi forçada a deixar ao vencedor os ducados de Sleswig e Holstein.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca nasceu e morreu portuguez. Entre os seus heroicos feitos encontra-se a capitulação a que forçou os francezes em Puebla de Sanabria, praça *hespanhola,* para, em seguida, a offerecer aos *hespanhoes!*

Beresford, que nós muito bem conhecemos pela sua proverbial prodigalidade negativa em elogiar os nossos officiaes e soldados, diz em ordem do dia 14 de Agosto de 1810:

«... O inimigo debaixo das ordens do general Serras em força superior avançava para salvar este batalhão sitiado pelos Milicianos de Traz-os-Montes e parte d'aquelle Regimento de cavallaria (o 12); porém estes bravos Milicianos, animados pela conducta do seu Chefe o Senhor Marechal de Campo *Silveira*, não se intimi-

daram; e o inimigo em se aproximar só grangeou o desgosto de presenciar a entrega do seu batalhão, que se fez á sua vista.

Tal foi a consequencia dos conhecimentos com que o Senhor Marechal de Campo *Silveira* entrou n'esta empreza, e do valor e prudencia com que a conduziu....

Sua ex.ª tem o maior gosto de fazer assim publicamente justiça ao merecimento do Senhor Marechal de Campo *Silveira*,» etc., etc.

Do que fica transcripto se conclue:

Que o general conde de Amarante possuia, em alto grau, *disciplina, conhecimentos, valor* e *prudencia*. Dil'o o insuspeitissimo Beresford.

Além d'isso, era um desvelado *patriota* e possuia um caracter *generoso* e *honrado*. Puebla de Sanabria confirma-o.

Permitta-se-nos abrir um ligeiro parenthesis n'esta lenga-lenga, para darmos um conselho áquelles que se deixam deslumbrar por tudo quanto é estrangeiro, esquecendo ou desconhecendo aquillo que é nosso:

E' bom, de vez emquando, pôr de parte a retorta ou o giz, interromper as complexas lucubrações scientificas, e lêr um poucochinho de Historia patria, fonte inexgotavel de onde emanam grandes exemplos, que embora não sigamos porque o abysmo attrahe, são, todavia, bastante consoladores para os tristissimos tempos que vão passando. N'ella conheceremos os nossos heroes e habilitar-nos-hemos a consagrar á sua memoria o respeito devido.

Fechado o parenthesis, perguntamos: Que faltava pois ao grande general Silveira?

Os portuguezes residentes em Inglaterra em 1811, acompanhando, de longe, o sentir da Mãe Patria, offereceram-lhe uma Espada de Honra, que fizeram acompanhar de uma carta da qual transcrevemos o ultimo periodo, cuja phrase final responde cabalmente á nossa pergunta:

«... fazendo-nos V. Ex.ª a honra de empunhal'a na justa causa que defende, não faltará á nação uma protecção efficaz, nem a V. Ex.ª o unico premio a que aspiram os heroes—a gratidão da sua Patria.»

Antonio Guedes Vaz,
Alferes d'infanteria.

TREINAMENTO DE MARCHA

La santé est aux marcheurs en plein vent, allons donc courir la campagne, l'hygiene l'ardonne.

General Saint Mans.

L'aptitude à la guerre n'est autre que l'aptitude au mouvement.

Coronel Maillard.

Ha um ponto fundamental a considerar no estabelecimento de um programma racional da instrucção da infanteria: é o treinamento de marcha.

Parece não estar assim entendido entre nós, pelo menos de facto. Afóra um ou outro exemplo de passeio militar a que temos ouvido alludir, e que não vem para o caso, por isso mesmo que é raro e curto, não se pratica entre nós o treinamento de marcha.

Encarecer a importancia e demonstrar implicitamente a necessidade do treinamento de marcha é uma ques-

tão sobre a qual não deveriamos alongar-nos muito; quem não tiver aquella necessidade por intuitiva—por evidente por simples ennunciação—tambem a não terá provavelmente por demonstravel. Tome se, pois, a nossa digressão sobre tal ponto, apenas como uma simples mas sincera manifestação de voto para que a infanteria tenha mais em favor, do que não até hoje, o seu treinamento de marcha.

E' sabido que a importancia das marchas sob o ponto de vista tactico tem sido reconhecida em todos os tempos. Foi, porém, desde meiados do seculo passado, e muito especialmente desde as campanhas do Grande Frederico, que se começou a considerar a mobilidade das tropas como o verdadeiro principio ou condição de exito na guerra e a procurar a victoria no imprevisto e na rapidez dos movimentos. (1)

Com effeito, vemos a França, depois dos desastres da guerra dos sete annos, acudir pressurosa ás suas tropas até ao ponto de adoptar o systema das frequentes mudanças de guarnição, no intuito de as despertar e de lhes proporcionar o habito da marcha, systema aliás perfeitamente substituivel por outro muito mais simples, effectivo e economico, e que por isso mesmo estamos muito longe de deixar de preferir ao das mudanças de guarnição. Demais, estas estão absolutamente contra-indicadas por incompativeis com o actual modo de ser dos exercitos.

Em 1796-97 a mobilidade suppriu a inferioridade numerica. Com effeito, como diz o capitão Vaulet, (2) «a velocidade foi o grande meio de guerra de Frederico. «Foi pela rapidez das suas marchas que elle surprehen-

---

(1) Clausewitz—Theorie de la grande guerre. Trad. de Vatry, tomo I, cap. X, pag. 303.

(2) La Revue d'Infanterie, abril 1898, pag. 334-335, capitaine Vaulet, Tenue de campagne et chargement du fantassin pendant les operations.

«deu successivamente os seus numerosos inimigos e che-«gou a fazer frente a toda a Europa.»

Em 1814 tambem a velocidade suppriu o numero.

Pouco antes ferira-se Iéna (1806) e mais tarde Sedan (1870). O estudo das operações que conduziram a estes feitos de guerra levou Maillard (1) a affirmar que *a aptidão para a guerra e a aptidão para o movimento são uma e a mesma coisa.*

Com effeito, e para não nos reportarmos senão ao exemplo mais recente, basta recordar que o 3.º exercito allemão, do commando do principe Frederico Carlos, entrando no combate de Wissemburgo em 4 de agosto de 1870, empenhava-se na batalha de Sedan no dia 1.º de setembro, depois de ter percorrido cerca de 500 kilometros n'uma marcha de invasão, dando batalhas, (2) transpondo cadeias de montanhas, (3) serpeando por entre praças de guerra, bloqueando outras e fazendo a meio da sua incursão uma conversão de 90.º

Ora a aptidão para o movimento que resulta d'esta incursão, e de todas as outras operações de que nos falla Maillard, traduz-se fundamentalmente pelo *rendimento de marcha*; este, a seu turno, traduz-se pela extensão do percurso ou percursos que uma dada tropa possa realisar sem prejuizo da faculdade de entrar em combate n'um momento dado. O prejuizo exprime-se pelo desfalque resultante do numero de indisponiveis, por exgotamento de forças e pelos estropeados, deixados ou não á retaguarda, e que consequentemente se abatem ao effectivo, ás vezes para todo o sempre. Por isso Meckel (4) nos diz, que durante uma campanha prolon-

---

(1) Elements de la guerre—Première partie, Marches, stationnement, sureté, pag. 2.

(2) Entre as quaes a batalha de Wœrth (6 agosto) que lhe custou 489 officiaes e 10:000 praças.

(3) Entre Reichshoffen e o Sarre, por exemplo.

(4) Les elements de la tactique—trad. de Monet, pag. 249.

gada as fadigas das marchas reduzem mais os effectivos do que não as perdas soffridas nos combates e nas batalhas.

Mas, se isto é assim, quem ignora que o habito das coisas, intelligentemente desenvolvido ou adquirido, multiplica extraordinariamente nos individuos não sómente a resistencia ás fadigas originarias da pratica das mesmas coisas, mas ainda a aptidão para a sua execução?

Nem de outro modo seria possivel acreditar os factos que traduzem os dados do quadro seguinte pelo que respeita a materia de locomoção humana, e que indicamos a titulo de dar uma noção precisa da força do habito sob o ponto de vista que nos occupa:

ANDEJOS	PERCURSO — Metros	TEMPO GASTO NO PERCURSO		
		Horas	Minutos	Segundos
W. G. George	16:090	—	51	20
W. Cumming		—	51	6 3/5
G. A. Dumming	32:180	1	58	44 4/5
J. Wharburtor		1	56	38
A. Squires	48:270	3	17	36 1/2
G. Mason		3	15	—
G. A. Dumming	64:360	4	50	12
J. Bailey		4	34	27
J. E. Dixon	80:045	6	18	26 1/5
G. Cartwright		5	55	4 1/2
J. Saunders	160:000	17	36	14
C. Rowel		13	26	30

Trata-se aqui, sem duvida, de percursos realisados por homens isolados, desprovidos de carga, e sobre pistas especiaes. Não obstante, e estando muito longe de pensar em pretender levar as tropas a uma tal aptidão de locomoção, não póde deixar de se affirmar que o treinamento de marcha é um potentissimo factor da aptidão das tropas para a marcha, um multiplicador da aptidão para o movimento, e, consequentemente, da aptidão para a guerra.

(Continúa).

A. J. Santa Clara Junior.
Tenente de Infanteria.

Trincheiras-abrigos

(Conclusão)

Marcha para o trabalho. — Distribuida a ferramenta, o official do pelotão de trabalhadores condul-o em linha para o lado onde começou o traçado e á rectaguarda d'este, quatro a dez passos, onde lhe manda=*alto*=e seguidamente=*tres passos e meio á direita (esquerda) estender—marche.*=Executado este mandamento, os trabalhadores põem no chão e junto a si a ferramenta e descançam as armas. Depois o official dá a voz=*em terra lançar armas.*=A' voz de advertencia=*em terra lançar*=os trabalhadores abrem fileiras e preparam para meia volta, e á voz=*armas*=fazem a meia volta, lançam as armas em terra, devendo a espingarda ficar perpendicular á trincheira, o couce para o lado d'esta e o punho voltado para cima, e volvem em seguida para a campanha.

Dá-lhe em seguida a vóz de=*arriar mochilas*=, executando os soldados o preceituado na ordenança, ficando a mochila com a marmita voltada para cima, tendo a

parte inferior no alinhamento do couce, a arma e mochila do cerrafila á esquerda da do seu chefe de fila. Arriada a mochila, unem fileiras, pegam na ferramenta com a mão esquerda e, á voz=*ao trabalho*=dada pelo official commandante, correm á trincheira e os cavadores começam a marcar com as picaretas sulcos transversaes distantes entre si 2,^{m}5 na direcção do couce da espingarda, formando assim os *talhões* e principiam a cavar e remover as terras entre as parallelas marcadas pela esquadra de traçamento.

A reserva fica deitada a alguns passos á retaguarda da linha das armas da ultima fileira dos trabalhadores, podendo deixar de estender, conservando todavia as armas em terra e as mochilas arriadas.

Interrupção do trabalho.— O trabalho póde ser interrompido:

1.º—Para descançar os trabalhadores.

2.º—Por ser necessario pegar de repente em armas.

3.º—Quando se queira render os trabalhadores.

No 1.º caso o commandante dá a voz=*alto-descançar*=com a qual os trabalhadores suspendem o trabalho, collocam a ferramenta no revés da trincheira e se assentam n'esta ou na berma, não podendo sahir dos talhões.

Para recomeçar o trabalho dará a voz de=*sentido*=com a qual os trabalhadores tomam a posição de sentido e pegam na ferramenta com a mão direita, ficando os bicos das picaretas e as palmas das pás voltadas para a frente. Dá em seguida a voz=*ao trabalho*=com a qual começam a trabalhar.

No 2.º caso o commandante chamará=*ás armas*=ou mandará fazer o signal de alarme. A'quelle brado ou a este signal os trabalhadores largam ou levam a ferramenta para junto das mochilas, podendo deixar de deitar estas, armam-se e correm a abrigar-se na trincheira. O mesmo fazem a reserva e as outras fracções da força.

Retirado o inimigo, e querendo-se continuar o trabalho, o commandante da força mandará=*aos seus logares-marche*=indo cada fracção para o logar que occupava, ficando na mesma disposição que tinha antes do signal de alarme ou brado d'armas. A' voz de=*ao trabalho*=os trabalhadores começam a trabalhar.

No 3.º caso deve-se attender a que, se a reserva constar sómente d'uma esquadra, ella só tem por fim fornecer ferramenta em substituição da inutilisada e substituir as praças impossibilitadas de trabalhar.

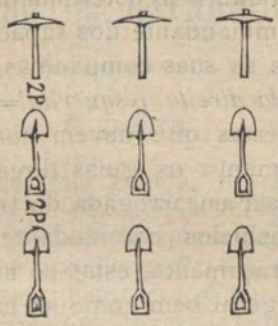
Se, porém, a=*reserva*=fôr em numero egual aos trabalhadores e se quizer render estes, avisar-se-ha com antecedencia o seu commandante para que os mande estender. Depois o commandante dos trabalhadores mandará=*alto*=,com esta voz os trabalhadores suspendem o trabalho e tomam a posição de sentido. Manda em seguida=*render*;=os soldados que trabalharam largam a ferramenta e retiram e os que estavam em descanço vão a occupar o logar d'aquelles. Quando se cruzam devem ás filas que vem render dar a direita ás rendidas. A força rendida poderá deitar-se logo que chegue á altura das suas armas.

Conclusão do trabalho.—Concluido o trabalho, o commandante dos trabalhadores dá-lhe a voz de=*alto*=tomando os soldados a posição já indicada, e depois a de=*armar*=com a qual os sapadores embainham a ferramenta e os outros retiram, levando-a para junto das mochilas, deitam estas, pegam nas armas e volvem á campanha. *A occupação da trincheira*=pela força é feita á voz do commandante=*á trincheira—marche*.

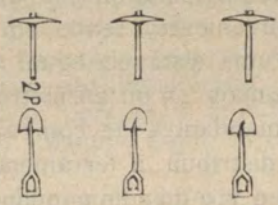
Nota.—*Depositos de ferramentas.* Estes depositos são estabelecidos á retaguarda dos flancos da linha de combate (d'aquelle por onde começa o traçamento) e a uma distancia proximamente de 60 a 70 passos.

A disposição da ferramenta nos depositos varia conforme a natureza das terras.

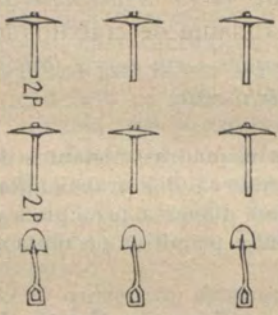
Nas de homem e meio emprega-se uma picareta para duas pás e a disposição é a seguinte:



Nas de dois homens uma picareta para uma pá e a disposição é a seguinte:



Nas de tres homens duas picaretas para uma pá e a disposição é a seguinte:



Os terrenos d'homem e meio e dois homens são os mais frequentes.

2.º Caso

Grupo de companhias, batalhão ou regimento

Os preceitos a observar são os mesmos do caso antecedente e executa-se do mesmo modo e pela mesma ordem, tendo mais em vista o seguínte:

1.º—O commandante geral, antes de *reconhecer o terreno*, além do que fica determinado, tem mais que dar ordem ao commandante dos sapadores para mandar recolher estes ás suas companhias, e dar a voz de =*entrincheirar pela direita (esquerda)*=para indicar aos commandantes d'estas que devem nomear para as esquadras de traçamento os guias direito (esquerdo) da secção que ha-de ser encarregada do trabalho.

2.º—Nomeadas pelos commandantes de companhias as esquadras de traçamento, estas só avançam á ordem do commandante geral bem como só começam o traçado á voz de=*traçar*=do mesmo commandante. Os guias são collocados por elle ou pelo ajudante nos pontos que julgar conveniente, tendo em vista que deve haver entre elles uma distancia egual á frente da companhia em linha e mais 15 ou 20 metros.

3.º—Os commandantes de companhias durante o traçado mandam distribuir a ferramenta e os trabalhadores só avançam á voz do commandante geral=*esquadras, secções ao alinhamento.*

4.º—A' voz de =*ao trabalho*=do commandante geral, cada commandante de trabalhadores manda successivamente=*estender—em terra lançar armas, etc.*,— e por ultimo=*ao trabalho.*

Nota.—Das tres esquadras restantes da companhia uma poderá ficar como reserva dos trabalhadores, outra lançada para a frente em ordem dispersa, prompta a proteger estes e a ultima restante na linha primitiva prompta a occupar o seu logar na trincheira.

Albino dos Santos Pereira Lopo.

Tenente de infanteria.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

A guerra

Tratando-se de uma guerra, a primeira coisa que importa averiguar é se ella é justa ou injusta; isto é, se a razão está do lado d'aquelle que a declara.

A tal respeito a opinião universal, em grande maioria, pronunciou o seu juizo recto, e pôz a razão do lado da Hespanha. Os Estados Unidos fazem uma guerra injusta, impondo á nação que descobriu a America e para lá encaminhou a civilisação, sacrifícios e humilhações revoltantes.

Declararam a guerra a pretexto do attentado do «Maine» e de intervenção humanitaria, mas nunca conseguiram demonstrar perante o mundo imparcial que houve attentado do «Maine», e que só os moveu o amor da paz e da justiça.

A Belgica e a Grecia deveram a sua independencia á intervenção collectiva de algumas nações, mas essa intervenção honra as potencias intervenientes e a humanidade, porque foram desinteressadas e justas.

E' muito outro o caso actual, e a grande nação Yankee sahirá da guerra ganhando alguns dollars e algumas ilhas, mas perdendo as suas tradições generosas e libertarias, e a aureola que prestigiava a sua democracia e o seu genio industrial.

Se a não aguilhoasse a cubiça das colonias hespanholas, teria attendido o conselho das potencias. Mas não quiz tal intervenção, irritou-se. Quer ser n'aquellas paragens o unico papão.

Que os yankees quizeram ensaiar o seu dominio colonial e maritimo, e saborear o direito da força exercido sobre uma nação mais fraca, não ha duvida. A surpresa de Cavite é significativa.

Não é uma represalia; é uma conquista que se pretende levar a effeito, e conquista de largo alcance, porque n'aquellas paragens ha um grande espolio de *nações moribundas*, e um vasto campo de exploração.

A ilha de Luzon com a grande bahia de Manilla,

dá uma vantagem enorme á nação que a possuir, e que disponha de forças navaes para imperar n'aquelles mares. D'ahi a rivalidade e a intervenção das potencias, intervenção que não irá em auxilio directo da Hespanha, mas só para obstar a que Dewey colha todo o fructo da sua facil victoria: tem de repartir!

*

Está, pois, descoberto o mobil principal da guerra, esboçada a sua solução, e a Hespanha fez mal em pôr tão intransigentemente a sua honra na posse e dominio das colonias, que, exceptuando Cuba, não lhe dão consideraveis vantagens e interesses.

O territorio colonial deve distinguir-se sensivelmente do territorio nacional. Possuir o territorio nacional é um principio de honra, que nenhum homem digno deve deixar de defender com as armas: explorar o territorio colonial e conquistado é um principio de negocio.

O terreno colonial, sobretudo se está muito distante, entra no dominio da metropole com um caracter adventicio ou temporario, e está naturalmente destinado a separar-se mais tarde ou mais cedo, quer seja pela emancipação—que é um direito—quer seja pela disputa de uma potencia, que quer tambem fazer o seu negocio.

A nós, que somos tambem nação colonial, e que não dispomos de grandes armadas nem de grandes forças para defender dominios tão distantes, o que se passa com a Hespanha deve-nos instruir e interessar.

Vão os hespanhoes perder, certamente, as Phillippinas, ou o melhor do archipelago, mas não tanto em virtude dos ataques dos americanos: são os indigenas revoltados que os atacam furiosamente, sem quartel, aproveitando o enfraquecimento e o embaraço da Hespanha para fazerem uma especie de terrivel ajuste de contas.

Ora, estou convencido de que assim não succederia, se os hespanhoes usassem de uma politica mais habil e benevola, tratando os indigenas com justiça e brandura, não lhes fazendo iniquidades e extorsões, e concedendo-lhes as regalias que apenas os mais ousados e francos se atreviam a reclamar.

Illudiram-se com as apparencias dos *humildes* que

nada queriam; acharam commodo e vantajoso dominar os fortes com os fracos; combateram pertinazmente os primeiros, alistando os segundos nos regimentos e companhias e dando-lhes armas, e eis que no momento critico os dedicados auxiliares assassinam os officiaes, passam-se para o inimigo, roubam e fazem hecatombes...

Muito differente do procedimento dos Tagalos tem sido o proceder das colonias americanas, nacionalisadas e povoadas com gente hespanhola.

Entre os numerosos auxiliares de Cuba e Porto Rico, que são hespanhoes ou descendentes de hespanhoes, não tem havido casos de traição.

A população das grandes cidades tambem ainda não fez causa commum com os insurrectos, conserva-se fiel á Hespanha, não reclama nem quer independencia nem autonomia.

Aqui, em Cuba, tambem esta dedicação (talvez pouco convicta) foi fatal á Hespanha, porque, se os politicos hespanhoes dessem a tempo a autonomia, só francamente reclamada por um punhado de bravos insurrectos, teriam defendido bem a honra da Hespanha e tinham-lhe poupado as amarguras que vae soffrendo.

Apesar das diligencias feitas pela Hespanha, o conflicto ainda não teve na politica europea uma repercussão estrondosa; porém, outro tanto se não póde dizer a respeito da repercussão nos espiritos.

Ao que parece, os governos europeos vão observando com interesse o novo aspecto da politica yankee.

Na Inglaterra, principalmente, a arremettida bellicosa do tio Sam causou enthusiasmo, e aqueceu excessivamente cabeças como as de lord Salisbury e lord Chamberlain, que desataram a fazer discursos e declarações inconvenientes e inopportunas.

Depois de preconisarem a solidariedade da raça Anglo-saxonia, e a conveniencia da alliança Anglo-Yankee, permittiram-se a extraordinaria franqueza de fazer declarações que assumiram um caracter mais grave e perigoso mesmo para os proprios inglezes.

Affirmaram os referidos lords e membros do governo, que era difficil á Inglaterra encontrar um amigo na Europa, e que todas as nações importantes seguiam uma politica hostil á da Gran-Bretanha, e que no momento actual para a solução das questões pendentes, era impossivel encontrar um alliado.

dá uma vantagem enorme á nação que a possuir, e que disponha de forças navaes para imperar n'aquelles mares. D'ahi a rivalidade e a intervenção das potencias, intervenção que não irá em auxilio directo da Hespanha, mas só para obstar a que Dewey colha todo o fructo da sua facil victoria: tem de repartir!

*

Está, pois, descoberto o mobil principal da guerra, esboçada a sua solução, e a Hespanha fez mal em pôr tão intransigentemente a sua honra na posse e dominio das colonias, que, exceptuando Cuba, não lhe dão consideraveis vantagens e interesses.

O territorio colonial deve distinguir-se sensivelmente do territorio nacional. Possuir o territorio nacional é um principio de honra, que nenhum homem digno deve deixar de defender com as armas: explorar o territorio colonial e conquistado é um principio de negocio.

O terreno colonial, sobretudo se está muito distante, entra no dominio da metropole com um caracter adventicio ou temporario, e está naturalmente destinado a separar-se mais tarde ou mais cedo, quer seja pela emancipação—que é um direito—quer seja pela disputa de uma potencia, que quer tambem fazer o seu negocio.

A nós, que somos tambem nação colonial, e que não dispomos de grandes armadas nem de grandes forças para defender dominios tão distantes, o que se passa com a Hespanha deve-nos instruir e interessar.

Vão os hespanhoes perder, certamente, as Phillippinas, ou o melhor do archipelago, mas não tanto em virtude dos ataques dos americanos: são os indigenas revoltados que os atacam furiosamente, sem quartel, aproveitando o enfraquecimento e o embaraço da Hespanha para fazerem uma especie de terrivel ajuste de contas.

Ora, estou convencido de que assim não succederia, se os hespanhoes usassem de uma politica mais habil e benevola, tratando os indigenas com justiça e brandura, não lhes fazendo iniquidades e extorsões, e concedendo-lhes as regalias que apenas os mais ousados e francos se atreviam a reclamar.

Illudiram-se com as apparencias dos *humildes* que

nada queriam; acharam commodo e vantajoso dominar os fortes com os fracos; combateram pertinazmente os primeiros, alistando os segundos nos regimentos e companhias e dando-lhes armas, e eis que no momento critico os dedicados auxiliares assassinam os officiaes, passam-se para o inimigo, roubam e fazem hecatombes...

Muito differente do procedimento dos Tagalos tem sido o proceder das colonias americanas, nacionalisadas e povoadas com gente hespanhola.

Entre os numerosos auxiliares de Cuba e Porto Rico, que são hespanhoes ou descendentes de hespanhoes, não tem havido casos de traição.

A população das grandes cidades tambem ainda não fez causa commum com os insurrectos, conserva-se fiel á Hespanha, não reclama nem quer independencia nem autonomia.

Aqui, em Cuba, tambem esta dedicação (talvez pouco convicta) foi fatal á Hespanha, porque, se os politicos hespanhoes dessem a tempo a autonomia, só francamente reclamada por um punhado de bravos insurrectos, teriam defendido bem a honra da Hespanha e tinham-lhe poupado as amarguras que vae soffrendo.

Apesar das diligencias feitas pela Hespanha, o conflicto ainda não teve na politica europea uma repercussão estrondosa; porém, outro tanto se não póde dizer a respeito da repercussão nos espiritos.

Ao que parece, os governos europeos vão observando com interesse o novo aspecto da politica yankee.

Na Inglaterra, principalmente, a arremettida bellicosa do tio Sam causou enthusiasmo, e aqueceu excessivamente cabeças como as de lord Salisbury e lord Chamberlain, que desataram a fazer discursos e declarações inconvenientes e inopportunas.

Depois de preconisarem a solidariedade da raça Anglo-saxonia, e a conveniencia da alliança Anglo-Yankee, permittiram-se a extraordinaria franqueza de fazer declarações que assumiram um caracter mais grave e perigoso mesmo para os proprios inglezes.

Affirmaram os referidos lords e membros do governo, que era difficil á Inglaterra encontrar um amigo na Europa, e que todas as nações importantes seguiam uma politica hostil á da Gran-Bretanha, e que no momento actual para a solução das questões pendentes, era impossivel encontrar um alliado.

Comprehende-se, pois, que achando-se assim desapoiada a politica ingleza, os olhares se cravassem, esperançosos, nos Estados-Unidos, postos de repente em evidencia como potencia naval de valor e emprehendimento. Que essa alliança se venha a fazer, e que mais tarde dê á Inglaterra um grande apoio, é muito provavel; porém, os que suppozeram encontrar alli já o apoio que precisavam, devem ter soffrido um grande desapontamento, porque os organismos politicos, militar e naval dos yankees, não se mostraram ainda á altura dos momentos difficeis.

Quando declararam a guerra annunciaram que as operações seriam promptas, rapidas e decisivas; são passados dois mezes, e por emquanto, exceptuando a facil victoria de Cavite, não teem passado de canhoneios que apenas poderão gastar lentamente o adversario.

Estes canhoneios, e ateiar insurreições e açular selvagens.

Este espectaculo deve ter desilludido os activos membros do governo inglez, que se calaram absolutamente a respeito da alliança yankee, e passaram a ferir na imprensa campanhas a favor de accordos com a França e com a Allemanha.

Com a França nada conseguiram, nem provavelmente conseguirão.

O que obtiveram da Allemanha começa a desvendar-se no mar da China...

Lord Salisbury fez ainda outra affirmação notavel, não porque se trate de theorias de sua invenção, mas por ter defendido tal doutrina como regra corrente e rasoavel a observar na politica pratica.

A affirmação foi esta: Que as nações decadentes ou moribundas devem ser exploradas, absorvidas ou expropriadas em beneficio das nações progressivas.

Até ha pouco tempo, as nações que se consideravam dentro d'aquella classificação eram a China, Marrocos, a Turquia, e outras menos citadas, mas não europeias; narrando-se a coincidencia de estar n'este momento a Hespanha a ser victima de expropriação pelos Yankees, occorreu logo a convicção de que lord Salisbury se referia á Hespanha, e ainda a outras nações da Europa, entre as quaes Portugal.

Lord Salisbury não definiu sufficientemente os sym-

ptomas da decadencia; mas, quanto a nós, a decadencia de uma nação data:

1.º Do dia em que ella começa a pezar menos na balança politica;

2.º Do dia em que ella passa á defensiva;

3.º Do dia em que ella abandona a linha politica que a levou ás culminancias do prestigio;

4.º Do dia em que ella perdendo o tino e o senso começa a praticar injustiças e attentados aos direitos dos outros.

Ora, como a Inglaterra e os Estados Unidos, ao presente, só tomam a offensiva contra as nações fracas, começam a ter o seu prestigio politico empanado; se se dispõem a commetter os maiores attentados contra a civilisação, não respeitando nenhum direito, e offendendo a consciencia humana, pertence-lhes, em nossa opinião, a classificação de decadentes.

O symptoma indicado por lord Salisbury de falta de confiança nos chefes, existe em alto grau nos Estados Unidos; e no dia em que a Inglaterra apanhe o primeiro grande cheque, tambem se ha de vêr a confiança que os seus chefes inspiram.

J. O.

BIBLIOGRAPHIA

Acabamos de receber a delicada offerta do nosso collaborador, o snr. tenente Silva Villar—«Atravez das ordens de Beresford, durante a guerra Peninsular» — e por isso mesmo seja-nos licito dizer duas palavras acerca da opportunidade d'este bello trabalho, que honra o nome do seu auctor.

Em primeiro logar a Europa atravessa um periodo de desmedidas ambições de expanção commercial e industrial que a colloca n'uma situação tão periclitante que ninguem poderá prever o que será o dia de amanhã.

Todos se armam desesperadamente e todos proclamam a paz; mas a guerra poderá surgir inesperadamente, e por isso devemos de ante-mão estar precavidos.

No principio d'este seculo fomos colhidos de sur-

preza e, no meio de uma profunda desorganisação militar, passámos pelas humilhações que não se podem esquecer porque pertencem á Historia, não sendo a menor essa vergonha de entregarmos o exercito ao commando do extrangeiro.

Parece que tão pungente licção devia ter servido de estimulo e incentivo para que ficasse bem radicado no nosso espirito que acima de tudo, a primeira funcção do Estado, a mais importante, a que deve sobrelevar a todas as cousas, é a organisação defensiva do paiz, que nos garanta o uso do nosso direito e a posse dos nossos haveres.

Sem isto tudo é vão e contingente, tudo é incerto e factivel.

E comtudo as licções da Historia parece terem cahido para ahi, n'este paiz, como semente em terreno sáfaro.

Será?

E' por isso que o livro do snr. tenente Villar tem toda a opportunidade. Em linguagem elegante e com uma exposição methodica e logica, o snr. Villar faz justiça ao valor militar, talentos e notaveis aptidões do general irlandez, que nos commandou durante a guerra peninsular, pondo bem em relevo que o valor do chefe encontrou na alma do soldado portuguez valor que bem o merecesse.

N'um arranco sincero de verdadeiro soldado inflammado pela luz sagrada do amor da patria, proclama o snr. Villar:

«E' realmente consolador, n'estes tempos modernos, pensar que temos não só soldados mas officiaes que honram a nação e o exercito a que pertencem, e que, emquanto o coração palpita, não ha inimigo impetuoso nem regiões doentias que os detenham no cumprimento do dever.

Não... a patria portugueza já não tem necessidade de recorrer á chefia do extrangeiro. Os seus filhos lhe bastam. Com elles affrontará todos os perigos, quando tal se imponha, para defender os seu direitos.»

E'

Não ha duvida alguma que é consoladora essa ideia, essa crença, essa certeza.

Mas, se o soldado portuguez foi sempre o primeiro soldado do mundo, pelo seu heroismo, pela sua bravu-

ra, pela resignação inegualavel como arrosta com todos os soffrimentos, pelo seu incomparavel amor á terra onde nasceu e á bandeira que lhe symbolisa essa terra bemdicta da patria, é tambem certo que todas essas nobilissimas qualidades devem ser fortalecidas pela educação e instrucção militar, amparadas por solidas organisações technicas, e como que centuplicados pela arte da guerra, dispondo o paiz de todos os meios materiaes para de um momento para outro podermos efficazmente defender o que nos pertence, o que temos por indeclinavel e impreterivel dever defender.

O proprio Napoleão nas notabilissimas cartas que de França escrevia a Junot, quando Junot senhor de Lisboa, tendo entrado por este nosso querido Portugal como por uma terra sem gente, considerando a patria portugueza como paiz conquistado, que não mais lhe sahiria das mãos, o proprio Napoleão, dominado pela ideia verdadeira e exacta do nosso valor, insistia, ordenava, imponha-se e ia até ao desespero, para que Junot desarmasse todos os portuguezes e mandasse para França o melhor do exercito d'este pequeno paiz. «Alons, dizia, tous les moyens que vous aures laissés aux Portugais tourneront contre vous; car, enfim, *la nation portugaise est brave.* «Desarmez les habitants; renvoyez toutes les troupes portugaises.»

É que Napoleão, com a sua vista de aguia, via, com os olhos do seu extraordinario talento, o que valia esta raça de heroes, e presentia, talvez? que nas escarpas do Bussaco os humildes recrutas das nossas aldeias haviam de fazer recuar os gigantes de tantas batalhas, coroados de tantos louros.

O livro do sr. Villar é um livro de estudo, reflectindo a luz serena e magica da Historia, impregnado de justiça e de verdade.

Ha muito que aprender alli.

Repetimos, tem toda a opportunidade; estamos no fim do seculo.

Lembrem-se todos, governantes e governados, que este seculo começou com uma tremenda guerra, na qual o nosso glorioso exercito, embora sempre honrado, teve de acceitar o commando do extrangeiro!

Como principiará o seculo que vem?

*
* *

O «Annuario da Escola do Exercito», relativo ao anno lectivo de 1897-1898, é um livro interessantissimo e muito util.

E' muito curioso o seu Calendario Escolar com a designação de varios trabalhos e serviços da Escola em harmonia com o respectivo regulamento.

Insere uma notavel oração de sapientia do dignissimo professor, o snr. capitão de engenheiros, José Jeronymo Rodrigues Monteiro.

Sentimos que a falta de espaço nos inhiba do prazer de transcrever n'estas paginas a eloquente peroração do talentoso e illustrado professor, quando, dirigindo-se aos alumnos, essa esperança querida do futuro, essa aurora de nobilissimas ambições, os exhorta a fixar o seu destino na solidez do saber, na dedicação incondicional pela patria e na firmeza da crença.

Toda esta oração, de um alto valor scientifico, verdadeiramente á altura dos creditos firmados da nossa Escola Militar, está impregnada dos mais puros conceitos e dos mais nobres sentimentos de um verdadeiro altruismo.

O «Annuario» tem uma parte consagrada á Legislação, outra ao Ensino, outra á Estatistica e ainda um Appendice com curiosas informações.

Em todo este bello livro adivinha-se o cuidado, o interesse, o zelo, a dedicação do snr. tenente coronel Julio Cesar Garcia de Magalhães, digno secretario da Escola.

A «Revista de Infanteria», agradecendo a offerta preciosa do «Annuario», não póde deixar de felicitar o snr. tenente coronel Magalhães pelo seu excellente trabalho.

*
* *

A «Revista Portugueza Colonial e Maritima» publicou um numero especial commemorativo do 4.º Centenario do descobrimento maritimo da India.

É uma bella publicação esta, não só pela excellencia e vernaculidade dos seus notabilissimos artigos, como pelo valor da sua collaboração artistica.

Na primeira pagina a gente fica encantada com um magnifico fac-simile de uma soberba aguarella de El Rei.

A simplicidade, a naturalidade com que S. Magestade sabe tratar o seu assumpto predilecto—o mar—imprimindo ás suas marinhas um cunho de verdade, inspirando-lhe movimento, vida e animação, torna este trabalho de El-Rei a pagina mais apreciada e mais suggestiva do notavel numero da Revista Portugueza.

El-Rei apresenta-se-nos como um artista emotivo, de uma inspiração fecunda, sabendo integrar o seu assumpto e tratal-o com uma delicadeza leve, subtil, bella.

A' «Revista Portugueza Colonial e Maritima» agradecemos a sua amavel offerta.

A. S.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

Officiaes—dois annos de serviço—Circular n.º 25 da 1.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra de 5 de janeiro de 1898.

Pedindo relações dos alferes ou 2.ºs tenentes que já tenham feito dois annos de serviço effectivo nos corpos da sua arma ou nas respectivas escolas praticas, para o effeito do artigo 5.º da carta de lei de 13 de maio de 1866, devendo de futuro os commandantes dos corpos communicar á mesma repartição, quaes os officiaes d'aquella cathegoria que completem o referido tempo.

Officiaes—doentes—Circular n.º 1 da Direcção da administração militar, de 5 de janeiro de 1898.

Determina que os officiaes, quando doentes no seu quartel, continuam a perceber as gratificações de exercicio e de commando até ao decimo quinto dia de doença, e que os commandos que derivam d'esta situação não dão direito á respectiva gratificação, emquanto esta fôr abonada aos officiaes substituidos; derrogando assim unicamente n'esta parte o § 2.º do artigo 167.º da 1.ª

edição do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito.

Licenças—Circular n.º 8 da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 18 de janeiro de 1898.

Determina que em vista do excesso de praças com vencimento, até ao fim do corrente anno economico, seja concedida licença registada a todas as praças de pret que estejam no 3.º anno de alistamento e não desejem readmissão. Exige relações mensaes dos descontos que deveriam soffrer as que tiverem a referida licença e declararem não terem meios para o pagamento quinzenal dos seus debitos. Que seja tambem concedida licença registrada ás praças do 2.º anno do alistamento, por periodos de 60 dias, uma vez que satisfaçam a importancia dos seus debitos. Que, para attenuar a perturbação que d'estas medidas resultará para o serviço, se determine: Reducção do serviço de guarnição. Limitar o mais possivel o serviço interno do quartel, empregando recrutas nos serviços que não demandem instrucção especial. Limitar a nomeação de praças promptas no serviço interno para serem exclusivamente empregadas no de guarnição. Qualquer outro meio que se julgue proficuo e que será participado áquella secretaria.

Recrutamento—intimação e captura de recrutas —Ordem circular n.º 5-A da Repartição de recrutamento e reservas da 1.ª divisão militar, de 26 de fevereiro de 1898.

Determina que, em virtude do exarado na nota da Secretaria da guerra, n.º 179 de 24, os recrutas que não poderam ser intimadas por estarem ausentes no extrangeiro, devem, sendo destinados ao serviço activo, ser intimados nos termos do artigo 106 do regulamento de 6 d'agosto de 1896, e sendo destinados á 2.ª reserva serão capturados quando regressarem ao paiz, aonde forem encontrados, sem embargo de se fazerem por via d'este commando (o da 1.ª divisão) as convenientes communicações, depois de nos districtos de recrutamento e reserva se obterem as informações sobre o ponto em que residem os mesmos recrutas.

I Anno • Agosto—1898 N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

Reorganisação da Escola pratica de Infanteria

(Resposta)

Tem a Revista tratado d'este assumpto em todos os numeros publicados e promette ainda continuar. Ignoro o que mais possa dizer o articulista em defeza do actual regimen escolar, porém, pelo visto, a sua argumentação não póde ir muito mais longe, porque a causa é pouco defensavel.

Todavia, apreciando a penna que traçou os artigos, muito me honro em responder-lhe, convicto de que ambos desejamos ardentemente o aperfeiçoamento da nossa arma. Os nossos camaradas que julguem o pleito e pronunciem o seu *veredictum* ou que entrem tambem na contenda e exponham melhores principios a que deva obedecer a organisação escolar.

Para mim, o principio fundamental, sem emphase allemã, por simples e intuitivo, é: A escola especial de applicação de uma arma só tem razão de existir para a parte da instrucção profissional que nos respectivos corpos não póde adquirir o necessario desenvolvimento, quaesquer que sejam os seus effectivos, porque o regimento é a unica e verdadeira escola, capaz de produzir resultados seguros. Isto é tão verdadeiro na Allemanha, como o é em toda a parte, pois, d'outro modo, seria negar ao regimento a capacidade de se instruir, o que envolveria a sua condemnação por inutil. Ora, a unica ins-

trucção profissional, que não pode ministrar-se nos corpos por falta absoluta de material, de tempo e de logar apropriado e por excessiva despeza é, na minha opinião, a respeitante ao tiro nas suas relações com a tactica, com a topographia e com a fortificação do campo de batalha.

Posto isto, permitta-me o meu presado camarada que eu comece por rectificar datas, que não são sem importancia para o caso.

A Escola pratica de Infanteria foi organisada em 9 de novembro de 1887 e não em 1890; e, embora durante este lapso de tempo estivesse ligada á de cavallaria, nem por isso se pode alterar a sua certidão de edade, da qual a organisação de 1890 apenas riscou as seguintes palavras: «*e de cavallaria*».

Quer isto dizer, alem de outras cousas que a seu tempo virão a lume, que a Escola pratica de Infanteria, com ser gemea da de cavallaria, não deixou por isso de existir e que, portanto, conta, desde os seus primeiros vagidos, perto de 11 annos de existencia, periodo assáz sufficiente para se julgar da utilidade pratica dos seus trabalhos, porquanto, as organisações de 87, de 90 e de 93 são precisamente a mesma cousa nos seus lineamentos geraes, isto é, pretendendo sempre abranger todos os ramos da instrucção da arma, como cousa viavel e indispensavel ao ensino complementar dos regimentos.

Agora a quinta essencia reformadora, ciosa de tudo absorver, recommenda mais a sobrecarga—*deveres de serviço e de escripturação*— como indispensavel tambem á machina regimental, que o é certamente, porem manifestando tal recommendação a desconfiança de que o regimento nem para isso é apto.

Em resumo, a Escola é o anjo tutelar dos regimentos que os dispensa das canceiras da vida, *preparando-lhes e melhorando-lhes os quadros.*

Bello ideial e bellos sentimentos, na verdade, mas, peccando por irrealisaveis, bom seria que descessemos

ao campo da realidade e nos deixassemos de ideialisar em sonhos depauperantes do organismo militar.

Para provar que o regimento é, em geral, a unica escola possivel de si mesmo, bastará reflectir em que a instrucção regimental é o fructo de muitos annos de trabalho proprio e não obra de dias ou poucos mezes, passados na Escola, de largos em largos annos. Ora, sendo assim, o que não offerece duvida, a Escola só poderá *preparar e melhorar os quadros* por obra e graça do divino Espirito Santo, o qual, creio, não paira sobre os ares de Mafra.

Reduzida, pois, ás condições terrestres, a Escola apenas tem feito o que, humanamente, é possivel fazer-se, isto é, esboçar o estudo dos differentes ramos da instrucção sem por forma alguma os desenvolver e completar, como affirma o meu illustrado contendor. Haja vista a opinião geral da arma, e, sobretudo, os nossos principaes regulamentos, cuja reforma se tem operado sem o concurso dos relatorios escolares, e haja vista os seus trabalhos finaes, onde, por vezes, se tem exhibido verdadeiras puerilidades, dado o fim pomposo de *preparar e melhorar os quadros regimentaes em todos os ramos de instrucção e de serviço.*

Levantando um pouco mais o véo aos trabalhos escolares, poderá ver-se, á vista desarmada, que a Escola tem feito tactica abstracta em terreno accidentado, porque, não conjugando com a tactica o effeito util dos fogos que não estuda, não pode esta ter o caracter applicado. No tiro individual gasta grossa maquia de cartuchos e regosija-se no papel insignificante de formar alguns bons atiradores, mais pela propria aptidão do que pela excellencia dos methodos de ensino; e no tiro collectivo contenta-se em proceder a algumas experiencias sem nexo, o que de todo lhes desvirtua o valor que só lhes pode advir do conjuncto e de combinação com a tactica, deixando assim de obter preciosos subsidios para um curso pratico de tiro, que já quasi todas as nações

possuem pelo trabalho proprio e julgado indispensavel a redacção e ás applicações da tactica.

O meu contendor, confessando e apreciando as deficiencias do tiro escolar, poupa-me ao trabalho de adduzir novos factos que ainda mais comprovem que a Escola tem feito tactica sem tiro e tiro sem tactica, o que, a meu ver, invalida, por completo, a resolução dos famosos problemas e dos exercicios de combate, que por lá se fazem. Exactamente ou muito semelhante aos tempos do celebre batalhão escolar de 1889, de que eu fui humilde ajudante e mais humilde ainda de percepção, porque nunca cheguei a comprehender o arrojado alcance das manobras de cordelinho, em que o fogo entrava como foguete festeiro lançado aos ares com bravo applauso do arraial.

Deixando de adduzir mais factos comprovativos do que venho de affirmar, provocado por affirmações contrarias do articulista, não se julgue que o faço por desculpa banal de quem não tem mais que dizer, mas por não querer, pelo emquanto, romper todo o fogo de que julgo dispôr.

Procurando, n'outra ordem de ideias, a prova provada de que o regimento é a escola, lembrarei que o consenso das nações adopta unanimemente este principio, unico salutar e proprio a não deixar medrar illusões perigosissimas.

Nem a Allemanha, nem a França, nem a Italia, nem os pequenos estados, excepto a Belgica, possuem escolas praticas; e, conformando-se com a necessidade inadiavel de estudar os fogos d'infanteria, todos dispõem de escolas de tiro.

Se a Belgica faz excepção, possuindo, recentemente, uma escola de applicação e de aperfeiçoamento d'infanteria (especie de escola pratica, divergindo, porem, da nossa em muitos pontos essenciaes), é porque o tiro no solo belga é de facil applicação, principalmente no seu polygono de Beverloo, raso como a palma de uma mão,

e porque os corpos vão ali annualmente desenvolver largamente os seus programmas de exercicios de tiro.

A Russia, como dispõe de uma massa enorme de combatentes, está repudiando a sua tradicional tactica de choque, e procurando no estudo do tiro a efficacia preponderante da tactica do fogo. Demais, até a Hespanha nos não imita, porque a chamada escola pratica de infanteria não é mais do que uma dependencia da antiga *Académia general*, onde os alumnos vão executar trabalhos praticos sob a direcção e vigilancia dos respectivos lentes. Como na Belgica, os regimentos hespanhoes dispõem de um bello campo de tiro em Carabanchelles, perto de Madrid, que, sendo da artilheria, não impede que ali se ache constantemente um batalhão de infanteria, exercitando-se, especialmente, no tiro elementar e de combate.

Nós, porem, os sabios palavrosos, rindo-nos do criterio de estranhos, inventamos um estabelecimento, com foros universitarios, onde o dirigir o rancho para mais de 400 praças serve de argumento para exaltar as bellezas de machina tão perfeita, porem onde se persiste systematicamente no desconhecimento pratico dos principios e regras mais elementares da *direcção do fogo!*

Como se nos corpos os officiaes superiores e os commandantes de companhia fossem incapazes de instruir os seus subordinados em todos os serviços que lá, diariamente se praticam; e como se os corpos dispozessem de meios para estudar o tiro em todo o seu desenvolvimento e com applicação á tactica, onde o tiro é tudo, na phrase allemã, e a respeito do qual o ultimo regulamento francez, impressionado de verdade cada vez mais evidente, já diz: «*O tiro é a parte mais importante da instrucção*».

Singular contradicção e peor cegueira que ameaça perseguir por muito tempo a nossa infanteria, a pobre pela rotina!

Extasia-se o correspondente da Revista ante as ex-

cellencias do actual regulamento, quando, na verdade, elle está cheio de incoherencia e é a principal causa de todo o mal:

1.º porque preceitua o ensino de toda a instrucção que se dá no regimento ao mesmo tempo que não estabelece esta unidade, nem mesmo um batalhão regular na Escola que assim se acha em condições de inferioridade, apezar dos pequenos effectivos regimentaes;

2.º porque, obedecendo á mesma logica anterior, o mesmo regulamento commette aos postos inferiores o encargo de levar aos corpos a mais fina essencia da instrucção escolar, como se, invertendo os papeis, o subalterno, o aspirante e o sargento devessem ensinar os officiaes superiores e os capitães, e estes nada tivessem que ensinar aos primeiros;

3.º porque, suppondo que o regulamento dava á Escola a unidade de instrucção requerida, como aliás mais logicamente dispunha o de 1887, ainda assim os resultados seriam mediocres, em relação ao aproveitamento e á excessiva despeza, conforme se provou n'aquelle anno, e como, em geral, indirectamente o demonstra a não existencia de escolas praticas nos exercitos estrangeiros;

4.º porque um estabelecimento, destinado a desenvolver a instrucção de tiro, ou antes o fim tactico do fogo, não comporta maior tarefa, como directamente o prova a experiencia alheia, e deveria tambem provar a nossa pela pratica de 11 annos de existencia da Escola e de trabalho improbo do seu pessoal;

5.º porque o programma de tiro, estabelecido pelo regulamento e tão encarecido pelo articulista, não é mais do que um recheio de copia indigesta de original já gasto ao tempo da publicação do regulamento por falta da orientação moderna que convinha e convem dar ao estudo do tiro da infanteria. O regulamento de 1890, com ser de exposição mais modesta, definia mais acertada e methodicamente o ensino do tiro escolar; e, se bem que muito deixava a desejar, conviria, por isso, melhoral-o

e não estragal-o, ajuntando palavras pomposas, mas de interpretação cabalistica;

6.º porque a organisação escolar absorve quantiosa pecunia e pessoal em excesso, depauperando os regimentos a titulo de *preparar e melhorar* o que só se pode efficazmente conseguir por outro meio—a instrucção regimental—ou nunca o nosso exercito estará *preparado nem melhorado;* etc.

Sou, pois, desde ha muito, adversario intransigente e convicto da presente e das passadas organisações escolares, e, sobretudo, sustento *que dentro de uma escola pratica não cabe uma escola normal de tiro*, porque morre asphyxiada.

(Continúa).

Alberto Vergueiro,
Capitão d'infanteria.

O TIRO DA INFANTERIA

(Continuado do n.º 4)

Até aqui, considerámos simplesmente o tiro individual executado por classes de atiradores separadas.

Supponhamos, agora, o tiro feito á distancia precedentemente indicada e contra o mesmo alvo, por um grupo composto de soldados de primeira e segunda classe, entrando os primeiros na proporção de um quinto da totalidade. Distribuindo egual numero de cartuchos por praça, ter-se-ha, representando N o numero total de tiros feitos:

Tiros feitos pelos atiradores de 1.ª classe $= \frac{N}{5}$

Tiros feitos pelos atiradores de 2.ª classe $= N - \frac{N}{5}$

Balas acertadas pelos primeiros $= \frac{N}{5} \times \frac{58,85}{100}$

Balas acertadas pelos segundos $= \left(N - \frac{N}{5}\right) \times \frac{21,78}{100}$

Sommando, será o numero total de balas acertadas egual a $\frac{29}{100}$ N. (1)

Ora, todos nós sabemos que no fogo collectivo á *vontade* os soldados tem uma extraordinaria tendencia para lhe augmentar a velocidade, com prejuizo da precisão e que no fogo por descargas muitos tiros partem á voz do chefe sem que as pontarias estejam dirigidas ao ponto indicado.

Estas causas de dispersão farão, pois, baixar aquella percentagem; e, se tivessemos supposto que do numero de atiradores faziam parte alguns de 3.ª classe, é claro que ainda menor ella se tornaria.

---

(1) Se as armas estivessem perfeitamente reguladas, deveriam coincidir os pontos medios dos dois grupamentos; no grupamento total resultante da sobreposição, não se verificaram, porém, exactamente as leis da dispersão. Partamos da hypothese que 20 homens fizeram 100 tiros, 5 por cada homem.

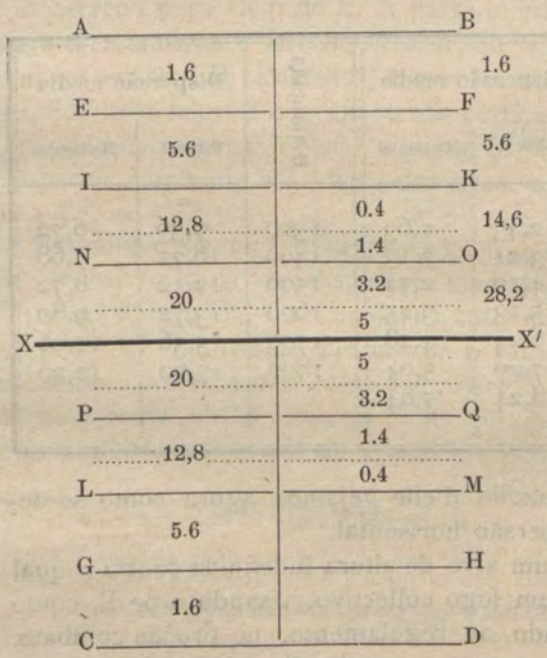
A altura da zona indefinida que deve conter 50 °/₀ dos impates dos 16 atiradores de 2.ª classe ou sejam 40 balas será, segundo o nosso caso, egual a $3,9 \times 0,73 = 2,847$; mas n'esta zona estarão 83,4 °/₀ dos tiros da 1.ª classe ou sejam 16,7 balas, porque $\frac{2,847}{1,9 \times 0,73} = 2,05$ factor correspondente a 83,4 °/₀

Sommando os tiros, ter-se-ha na zona central egual á quarta parte da dispersão total: $40 + 16,7 = 56,7$ balas em logar de 50. A zona dupla da primeira, e que deveria conter 82 °/₀ recebe da 2.ª classe 82 °/₀ de 80 ou 65,6 balas, da 1.ª 100 °/₀ de 20 ou 20; somma 85,6, $\left(\frac{2 \times 2,847}{1,387} = 4,60\right.$ factor correspondente a 100 °/₀$\left.\right)$. A zona tripla, devendo conter 96 °/₀ recebe da 2.ª classe 96 °/₀ de 80 ou 76,8, da 1.ª classe 20; somma 96,8.

Para as deducções que havemos de tirar, consideraremos, porém, em vista das pequenas differenças, que as leis da dispersão se mantêm sempre nos grupamentos provenientes de atiradores de differentes classes. A figura seguinte indica claramente o que acabamos de expôr

Compulsando o registo de tiro da nossa Escola Pratica, nos annos de 1891-1893-1894-1895 e 1896 achamos, á distancia de 600 metros, no fogo executado contra o alvo retangular de 1,80×2,70, por atiradores de diversas classes (soldados e cabos), a percentagem de 28 %, pouco differente, como se vê, da que obtivemos theoricamente. Para que no alvo considerado se obtenha este resultado, suppondo que a dispersão media horisontal e vertical cresceram na mesma proporção, é preciso que esta seja de 1:3,33 e portanto: D. m. v. = 2^m,43, D. m. h. = 1^m,63.

Para as distancias superiores não temos dados em que possamos basear-nos seguramente; por isso, soccorrer-nos-hemos das experiencias realisadas em França e que constam da publicação do general Lami-



ABCD: zona contendo a totalidade dos tiros dos atiradores de 2.ª classe.

IKLM: zona contendo a totalidade dos tiros dos atiradores de 1.ª

Os numeros da esquerda correspondem aos primeiros, os da direita aos segundos.

raux citada no principio d'este trabalho. Por ella se vê que os desvios no tiro collectivo augmentam mais rapidamente do que no tiro individual; assim, a 600 metros a dispersão media vertical é egual a 5 vezes a da taboa de tiro, a 1:000 metros egual a 5,9.

Applicando estes numeros á nossa espingarda teremos, pela seguinte proporção

$$\frac{3{,}33}{5} = \frac{x}{5{,}9} \qquad x = 3{,}92$$

a 1:000 metros uma dispersão quadrupla, proximamente. Estabelecendo a mesma proporcionalidade para as distancias intermedias 700-800-900, e admittindo, por falta de melhores dados numericos, que a partir de 1:000 metros até 1:800 o factor do augmento de dispersão se conserva constante podemos formular o seguinte quadro:

Distancias	Dispersão media		Distancias	Dispersão media	
	Vertical	Horisontal		Vertical	Horisontal
	m	m		m	m
600	2,43	1,63	1300	9,36	6,72
700	3,21	2,13	1400	10,72	7,68
800	4,10	2,74	1500	12,12	8,72
900	5,13	3,45	1600	13,72	9,80
1000	6,24	4,28	1700	15,56	10,96
1100	7,20	5,04	1800	17,60	12,20
1200	8,24	5,84			

Com o auxilio d'elle vejamos agora como se determina a dispersão horisontal.

Seja AB um alvo de altura indefinida contra o qual se executou um fogo collectivo, visando o pé B, como está preceituado no regulamento, no tiro de combate, quando outro ponto não é indicado pelo chefe.

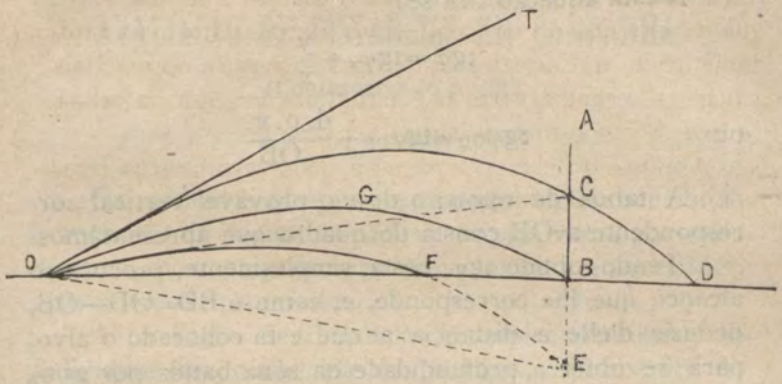


Fig. 1

E' claro que devendo passar a trajectoria media por esse ponto, só a metade superior DCOGB do feixe de trajectorias encontrará o alvo e irá, prolongado, percutir o terreno para além de B. A parte inferior do feixe baterá directamente o terreno situado áquem d'esse ponto na extensão FB. Portanto, o alvo conterá sómente 50% dos tiros feitos e o grupamento vertical distribuir-se-ha por quatro zonas eguaes a partir de B para a parte superior, contendo a 1.ª 25% dos tiros, a 2.ª 16, a 3.ª 7 e a 4.ª, 2.

Supponhamos que BC representa o desvio provavel vertical (metade da dispersão media) á distancia OB; será tambem BC a ordenada da trajectoria OCD á distancia OB. A formula que nos dá o valor d'esta ordenada em funcção dos angulos de projecção: $\varphi =$ TOD correspondente a OB e $\varphi_x =$ TOC correspondente a OC e portanto a X = OB de que differe pouco, é:

$$y = x\,(\mathrm{tg}\varphi - \mathrm{tg}\varphi_x)\ (^1)$$

---

(1) A formula mais exacta é: $y = \frac{x}{2\cos^2\varphi}\left(\mathrm{sen}\,2\varphi - \mathrm{sen}\,2\varphi_x\right) = x\,\mathrm{tg}\varphi\,(\varphi - \varphi_x)\left(1 - \frac{\mathrm{sen}\varphi_x{}^2}{\cos^2\varphi}\right)$

N'esta equação tira-se:

$$tg\varphi = tg\varphi_x + \frac{y}{x}$$

ou

$$tg\varphi_{OD} = tg\varphi_{OB} + \frac{d.\ p.\ v.}{OB}$$

A taboa dá $tg\varphi_{OB}$; o desvio provavel vertical correspondente a OB consta do quadro que apresentámos.

Tendo obtido $tg\varphi$, resta, simplesmente, procurar o alcance que lhe corresponde, e, como é BD=OD—OB, deduzir d'elle a distancia a que está collocado o alvo, para se obter a profundidade da zona batida por 25 % dos tiros, á rectaguarda d'elle. (1)

A zona batida pela metade inferior, do feixe BGOE, determina-se tambem facilmente por meio d'aquella equação. Prolongando AB para a parte inferior, faça-se BE=BC; será BE a ordenada negativa, á distancia x=OB, da trajectoria OF descripta sob o angulo de projecção φ. Ora, para y negativo é

$$tg\varphi = tg\varphi_x - \frac{y}{x}$$

ou

$$tg\varphi_{OF} = tg\varphi_{OB} - \frac{d.\ p.\ v.}{OB}$$

Tendo determinado OF, acha-se logo FB, por ser FB=OB—OF.

As duas zonas, FB áquem e BD além do alvo, constituem, pois, a zona total FD que contêm 50 % dos tiros.

Mafra. (Continúa).

Amaro Dias da Silva Junior,
Tenente da Escola Pratica.

---

(1) Vê-se que este processo é o primeiro a que se refere o nosso regulamento de tiro, a pag. 85, n.º 85, mas que não vem ali desenvolvido.

AVALIAÇÃO DE DISTANCIAS EM CAMPANHA

(Continuado do n º 3)

Os methodos porque em campanha pode ser obtida a avaliação de distancias são: á simples vista, por meio do som, por meio de cartas ou plantas e empregando instrumentos apropriados.

A avaliação de distancias á simples vista sobre os individuos era conhecida dos antigos, e já nos fins do seculo passado foi empregada pelos carabineiros do regimento de infanteria de Grevenitz. Este methodo é hoje adoptado por todos os paizes que teem exercito constituido, por ser o que apresenta apparentemente menores difficuldades para um certo numero de individuos, e talvez um dos poucos de que em campanha os soldados podem lançar mão, quando se dêem circumstancias favoraveis para a observação.

O methodo de avaliação de distancias á simples vista é fundado na maior ou menor facilidade que os individuos teem em reter de memoria as distancias ás quaes vêem certas partes do corpo, do uniforme e do equipamento das tropas e algumas particularidades do terreno tanto naturaes como artificiaes, e em que quanto maior fôr essa distancia tanto menos claros e distinctos se apresentarão esses objectos, tanto menor a sua altura, tendo em attenção o grau de vista do observador, as condições atmosphericas, o fundo sobre que se projectam, a configuração do terreno, etc., etc.

Não é isento de difficuldades o methodo de avaliação de distancias á simples vista, especialmente para soldados.

N'um paiz de analphabetos, como o nosso, o soldado ressente-se naturalmente d'essa falta de instrucção; e tanto assim, que é raro o mancebo que sabe ler,

escrever e contar, quando vem assentar arraiaes nas fileiras militares.

Para ensinar a estes homens com tão pequeno cultivo de espirito, que é preciso dar 71 passos para se percorrerem 50 metros, e reduzir tantas vezes aquelle numero de passos ao correspondente em metros, é necessario dispender grande somma de trabalho que nem sempre é productivo, trabalho que, sem representar dinheiro, como no *time is money* dos americanos, representa comtudo capital perdido no esgoto das nossas forças moraes e physicas.

Difficuldades maiores ainda nos esperam quando se pretende ensinar-lhes, que, para avaliar distancias que excedem centenas de metros, é necessario fixar que cada dezena de passos corresponde a 7 metros, trabalho a meu ver inutil, porque a alça da *kropatschek* está graduada de 100 em 100 metros com subdivisões apenas de 50 metros, interrompendo-se ás distancias de 1:500, 1:600 e 1:700 metros por motivos de construcção inherentes ás alças d'aquelle modelo. Depois mais um contrapeso na balança do espirito do soldado, sobrecarregado como está, dará logar a um desiquilibrio, que redundará em esquecimento ou confusão.

Não me parece tambem facil poder fixar quaes as partes do corpo que devem avistar-se a taes e taes distancias para uma vista regular, quando a difficuldade está em conseguir arranjar o grau de regularidade, ou vista base, permittam-me que lhe chame assim.

E a consequencia d'essa difficuldade, senão impossibilidade, é a instrucção ser conduzida a resultados erroneos, porque não é possivel da parte do instructor a confirmação das observações feitas pelas praças, quando não possuam a tal vista regular. E todos nós sabemos como as praças vêem hoje certas particularidades que ámanhã já não enxergam.

Tenho observado vistas reputadas regulares e confirmadas pelo confronto com outras no estudo de certas

particularidades em distancias determinadas, affastarem-se por differenças importantes, para mais ou para menos, em distancias differentes d'aquellas.

Por tudo isto, e pelas difficuldades que se encontram ainda para fazer comprehender a influencia que os effeitos de luz e a configuração do terreno teem sobre a avaliação de distancias á simples vista, vemos a impossibilidade em ministrar esta instrucção de um modo geral a soldados, para a consecução de bons avaliadores.

Mas, muito embora se continue a dar esta instrucção a todas as praças, o que acho conveniente para se poder fazer a selecção, isso não impediria que se facultasse aos commandantes de companhia escolherem entre os seus recrutas, e no fim do primeiro periodo de instrucção, os melhores avaliadores de distancias, e só quando os houvesse aptos, até o numero que se fixasse.

Estes homens receberiam depois uma instrucção desenvolvida e cuidadosa da sua especialidade emquanto estivessem no activo, e seriam elles que acompanhariam sempre os commandantes de fracções que fossem reconhecidos como maus avaliadores de distancias, por defeitos no apparelho visual, ou por outro qualquer motivo.

Estou convencido que assim não seria difficil arranjarem-se bons avaliadores de distancias como o do coronel *Böklin*.

Tem o methodo de avaliação de distancias á simples vista sobre as partes do corpo, do uniforme e do equipamento das praças, empregado em campanha, o grande inconveniente de pecar pela base.

E assim é, por isso que, para poder ser empregado, é preciso que os homens, sobre quem recae a observação, estejam visiveis durante segundos, pelo menos, como alvos fixos.

Já antes da descoberta da polvora sem fumo se di-

zia que a futura guerra devia ser mais fertil em surprezas e embuscadas do que em luctas em campo aberto. Com a adopção de tão maravilhoso invento, as opiniões arraigaram-se mais n'esse sentido; e, assim, devemos convir, que no futuro, os combatentes se mostrem a furto, quando se arremessarem de abrigo para abrigo, ou quando se der o assalto, se se der, pois parece estar reservado á bala o glorioso papel de desalojar o inimigo da posição, *decidindo* a distancia, em logar da bayoneta na bocca das espingardas, e sobre o peito do inimigo.

O aphorismo de Souvaroff cahiu ha muito por terra.

As forças, diz a tactica, quer atacando quer defendendo uma posição, têm necessidade de tirar do terreno todo o partido que tirariam de um escudo immovel que gozasse das propriedades de as preservar dos projecteis contrarios e de as encobrir ás vistas do inimigo.

E para o caso que o terreno não satisfaça a essas condições, os tacticos levaram a phantasia, talvez exagerada, á pretensão de crearem um escudo artificial para dotar a infanteria.

A Dinamarca em 1893 destinou 100:000 corôas para a fabricação de escudos portateis; a Allemanha não desdenhou experimentar a couraça Dowe e o pára-balas Reinde e até a França, apesar do seu temperamento, oh! *a furia franceza!* pensou em dotar a sua infanteria de um abrigo portatil.

Contrapondo-se a esta opinião surgem, porém, no mundo militar, astros brilhantes que condemnam o abrigo para a linha de combate, e quebram lanças pelos lanços feitos em passo ordinario, muito embora, já ouvi dizer! se atravesse a tão *terrivel região da morte.*

Assim, dizem, não é quebrado o espirito offensivo das tropas; a marcha torna-se mais energica, o homem tem o sentimento do apoio reciproco que se pretende, e chega á posição fresco e apto para perseguir ou repellir.

Se as cousas se passarem assim na futura guerra, devemos concordar em que a avaliação de distancias á simples vista sobre os individuos voltará ao seu periodo aureo, quando a infanteria não procurava abrigar-se com o terreno, e se achava armada da espingarda de carregar pela bocca que obrigava o atirador a pôr-se de pé para melhor a carregar, no tempo em que a *bala era doida e só a bayoneta tinha fóros de sabia.*

Tudo leva a crer, porém, que os factos não se passarão assim em vista da grande importancia do armamento moderno como arma de fogo. E, embora Dragomiroff com todo o peso da sua auctoridade incontestavel marche na vanguarda dos que assim pensem e crêem e seja um dos astros mais rutilantes, poucos satellites arrastará comsigo, porque já as guerras passadas mostram exemplos que se contrapõem, e alguns até dos nossos dias, e os russos mais que nenhum outro povo os deviam esquecer.

(Continúa).

Santos Fonseca,
Capitão de infanteria.

OS NOSSOS EFFECTIVOS

(Continuado do n.º 3)

A força de um exercito, ou o seu effectivo, obedece, na sua fixação, a principios de ordem technica, politica, economica e estatistica.

A technica militar não impõe, ao presente, nenhum limite no numero de combatentes. Aceita todos os que possam manejar uma arma, 50:000, 100:000, 1.000:000 dois ou cinco milhões mesmo, pois se conta para o suc-

cesso final, menos com a superioridade intrinseca dos combatentes, e com as habilidades estrategicas e tacticas, do que com o numero. Tornou-se a solução da guerra um principio de mechanica. Com uma espingarda na mão, o soldado é uma machina phisico-psichica. Quanto mais machinas mais força, mais potencia, e a potencia maior vence a menor.

A politica, não de hoje, mas de todos os tempos, aconselha as nações que não quizerem ser destruidas ou dominadas, a terem sempre preparados os mais fortes elementos de guerra que possam reunir; e os exforços sociaes, procurando durante muitos seculos o augmento das forças de guerra, graças aos progressos geraes realizados, conseguiram implantar n'este seculo o serviço obrigatorio no exercito permanente, para todos os cidadãos validos.

Portanto, nem na arte militar que a todos commanda e ordena, nem na politica que de todos precisa o exforço do braço e a intelligencia, o effectivo encontra a imposição de um limite.

Esse limite é fixado pela economia e pela estatistica, pelos recursos em dinheiro e em homens; advertindo, porém, que hoje, na Europa (e ainda n'outras partes), graças á adopção do systema das reservas, todas as nações possuem os recursos sufficientes para elevar os effectivos ao maximo permittido pela estatistica, e mesmo as nações mais poderosas—a França, a Italia, a Allemanha, a Austria e a Russia,—põem todo o cuidado em tirar as maiores vantagens do systema das reservas e das milicias e em conduzirem a educação nacional e a administração de modo a conseguirem o que em phraseologia moderna se chama «*nação armada*».

Esta implantação do serviço obrigatorio combinado com o systema das reservas transformou os exercitos em verdadeiras avalanches, e, comparados com estes, os exercitos de Frederico, de Condé e de Alba, não passam de simples brinquedos. Uma potencia de 1.ª ordem

o menos que mobilisa, em 8 ou 15 dias, é um milhão. As antigas invasões com exercitos de 30:000, de 50:000 ou 100:000 homens, passaram á historia. Hoje serão feitas com milhões ou pelo menos algumas centenas de milhares, porque a guerra é menos encarada como um conflicto entre dous exercitos, do que um conflicto entre dous povos.

A força armada já menos serve para diminir caprichos e ambições de imperadores, do que para defender as aspirações dos povos, os seus interesses e o seu destino consciente; e, sendo este o papel da força armada, justo é que toda a nação faça parte d'ella.

É intuitivamente absurdo que o destino de toda a nação seja resolvido só por uma pequena fracção d'ella, fracção que nunca pode representar toda a sua energia, toda a sua vitalidade.

A força de um paiz reside na sua mocidade, e, portanto, toda essa mocidade deve estar preparada para intervir nas luctas em que se jogam cousas tão sagradas como são o destino do paiz, a independencia, a honra pessoal e nacional.

Que classificação merece um paiz que entrega a sua defeza só a um pequeno grupo de analphabetos?

Não é isto a negação completa do brio nacional?

Quando se trata de uma empreza aventureira, mercantil e de conquista, admitte-se que as legiões expedicionarias sejam organisadas com toda a casta de engajado voluntario ou mercenario; porém, de modo nenhum quando se tratar de defender o territorio nacional. N'essa defeza devem intervir todos, porque de todos é a Nação.

Se ha differença de obrigações, a maior obrigação cabe ás classes mais elevadas, classes que possuem maior capital, propriedade e instrucção.

Na Europa, exceptuando a Inglaterra, a Belgica e Portugal, todas as outras nações teem o serviço obrigatorio, e é esse serviço que lhes permitte mobilisar gran-

des exercitos permanentes, e ainda numerosas guardas nacionaes ou milicias.

A nossa lei actual do recrutamento, de 6 de agosto de 1896, diz no art. 10 que o serviço é obrigatorio, mas não existe de facto tal obrigação, visto serem facultadas as remissões.

Para que o serviço seja «obrigatorio» não basta que esta palavra esteja escripta na lei. Serviço obrigatorio é um principio que exclue a faculdade da substituição, e da remissão do serviço activo.

Nas nações que teem o serviço obrigatorio, salvo um resumido numero de isempções e dispensas, todo o contingente aprovado se recruta para o exercito activo, ou pelo menos é chamado para receber a instrucção militar.

Quando o serviço obrigatorio existe n'um paiz, nota-se logo a grandeza dos effectivos. Por exemplo:

SERVIA

População	2.345:000	homens.
Exercito regular mobilisado.	110:245	»
Tropas de reforço . . .	49:000	»
Auxiliares	192:000	»

GRECIA

População	2.403:806
Exercito de campanha. . .	82:000
Guarda nacional.	76:000

SUISSA

População.	2.917:754
Elite	137:649
Landwehr	100:000
Landsturn	270:000

FRANÇA

População	38.517:975
Exercito permanente mobilisado	1.600:000
Guarda nacional	1.200:000

ALLEMANHA

População	54.000:000
Exercito permanente mobilisado	1.600:000
Milicia	2.000:000

Uma lei de serviço obrigatorio, combinado com um organismo militar em elevado grau de aperfeiçoamento, conduz a resultados como os que aquelles numeros significam; e, se o nosso paiz não apresenta resultados eguaes, é porque não tem de facto o serviço obrigatorio, e porque são pessimos os systemas organicos e o processo funccional do exercito.

(Continúa).

Julio de Oliveira,
Tenente de infanteria.

A reorganisação da Escola Pratica de Infanteria

(Continuado do n.º 3)

Uma das secções da Escola pratica que mais util serviço presta e cuja conservação se deve inquestionavelmente manter na futura reforma, é a denominada *Companhia normal de instrucção.*

Creada pelo actual regulamento em substituição da

antiga *companhia de guerra,* pertence-lhe especialmente ministrar aos aspirantes e 1.os sargentos em tirocinio a instrucção sobre tactica, serviço e trabalhos de campanha e fortificação. Além d'isto, cabe-lhe tambem fornecer a maior parte do effectivo necessario para se constituir o batalhão de instrucção, nos exercicios destinados aos capitães tirocinantes, todo o pessoal preciso para a execução dos fogos de guerra e ainda o que por vezes é necessario para a realisação de quaesquer experiencias—como succedeu com as que foram dirigidas por um illustrado official, o snr. tenente Correia de Souza, nos seus estudos sobre determinação de grandeza do passo, cadencias, etc..., e com as que uma commissão de officiaes da Escola effectuou para a escolha de um modelo de alparcata para as tropas apeadas do exercito. E' tambem com o pessoal da mesma companhia, que se têm realisado todos os trabalhos de fortificação, que annualmente se executam na Escola.

Não obstante prestar—como se vê—um tão util e variado serviço e dever ser por isso mesmo considerada como indispensavel á Escola pratica, a existencia da *Companhia normal* tem sido por mais de uma vez discutida nas estações superiores, havendo sempre quem julgue conveniente a sua suppressão!

Desnecessario é dizer que os que assim pensam nada conhecem do verdadeiro fim a que a companhia é destinada, e, sabendo apenas que dispõe de um effectivo desmarcado, superior ao do pé de guerra (mais de 300 homens), suppõem que as praças que a constituem vão para Mafra, *para ali serem instruidas.* Dominados por esta idéa—que não procuram verificar sequer se é justificada—insurgem-se contra o facto de se distrahirem annualmente dos corpos da arma 160 praças de pret e serem enviadas para Mafra, quando aliás a instrucção lhes deveria ser dada nos respectivos regimentos!

E assim, por uma falsa interpretação do regulamento da Escola pratica e tambem por esse costume,

tão peculiar ao nosso meio militar, de se discutir e condemnar aquillo mesmo que por vezes mal se conhece, se formou uma tal ou qual corrente de opinião contra a denominada *companhia normal*, que é, repetimol-o bem alto e cathegoricamente, uma das mais uteis secções da Escola, uma das que mais proveitoso serviço presta á arma de infanteria pela natureza da instrucção que ministra aos seus futuros officiaes.

Não devemos occultar que nos dois primeiros periodos de vigencia do actual regulamento (1893-94 e 1894-95), a companhia não satisfez inteiramente ao seu fim que devia ser, como dissemos, o exclusivo ensino dos cadetes e 1.os sargentos.

N'aquelles dois annos, os cadetes eram enviados á companhia normal por periodos de 8 a 15 dias, durante os quaes assistiam e tomavam parte, é certo, em toda a instrucção, mas como eram nomeados por turmas, geralmente de 8 a 12, e os dois cursos foram numerosos, succedia que só alli voltavam passados perto de dois mezes, do que resultada fatalmente que os cadetes que assistiam a uma determinada especie de instrucção, não conheciam a que a precedera nem tomavam parte já na que se lhe seguia.

Os subalternos da companhia é que nos exercicios commandavam habitualmente as differentes fracções, desempenhando os cadetes, de ordinario, o serviço dos sargentos, fazendo de guias das secções, etc.

Por outro lado, os 1.os sargentos e sargentos-ajudantes em tirocinio não concorriam á instrucção da companhia normal.

Este systema era evidentemente defeituoso, porquanto a instrucção dos cadetes, dada forçosamente sem grande ordem nem methodo e a todo o momento interrompida, não devia produzir senão um insignificante aproveitamento.

O facto dos sargentos ajundantes e 1.os sargentos não tomarem parte na instrucção de tactica e serviço

de campanha, era uma verdadeira anomalia sem justificação, porquanto de todos é bem sabido que aquelles individuos, inteiramente absorvidos com o serviço das secretarias regimentaes ou com os trabalhos de administração e escripturação das companhias, não se consagram nunca a estudos de tactica e muito menos de serviço de campanha, e, sendo assim, tanto vinham a necessitar receber a instrucção propria da companhia normal como os cadetes.

Em 1895 acabou, porém, este systema, e desde então a *companhia normal* entrou no seu verdadeiro papel, passando a servir unicamente de *meio* ou *instrumento para a instrucção tactica dos aspirantes e 1.os sargentos em tirocinio na Escola pratica.*

As 160 praças que a companhia annualmente recebe e que constituem o seu *pessoal de instrucção*, não vão pois para Mafra para alli serem instruidas, mas sim para que com ellas se possa instruir o pessoal eventual da Escola pratica, especialmente repetimos, os aspirantes e 1.os sargentos.

A missão da Escola não é ensinar os soldados da arma, mas sim os *quadros.*

(Continúa).

P. S.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

As victorias de Sampson e de Dewey

Agora, que os Estados Unidos provaram o seu rasoavel poder naval, suppomos de interesse offerecer aos leitores uma rapida noticia sobre o modo como se creou e desenvolveu tão rapidamente esse poder.

Em 1885, quando M. Cleveland foi investido do supremo cargo da Republica, as forças navaes da União consistiam n'uns velhos chavecos de ferro, sem velocidade, incapazes, armados só

com peças de carregar pela boca. Entre todos não havia um só que se podesse bater com qualquer cruzador europeu de 2.ª classe, pois, além de não poder fazer-se ao mar, seria logo mettido a pique por falta de couraça.

Ao passo que a marinha se achava n'este lastimoso estado, não havia na União um só estaleiro habilitado a construir um navio pelo systema moderno, e as fundições de canhões estavam no mesmo atrazo. Para se fabricarem algumas peças de pequeno calibre, foi preciso importar o aço e as machinas do estrangeiro.

A marinha mercante achava-se na mesma relativa decadencia, pois de todo o grande commercio de importação e exportação, apenas 14 °/₀ do transporte era feito em navios nacionaes. A fim de levantar e proteger a marinha mercante, e de dotar a União com os meios de intervir na politica exterior e geral, com todas as consequencias que essa intervenção podesse arrastar, M. Whitney, secretario da marinha, emprehendeu o plano da reforma da marinha de guerra.

Obtidos do congresso os fundos necessarios para se adquirirem 10 cruzadores, 1 cruzador couraçado e 5 monitores, logo os arsenaes particulares e do estado fizeram as reformas precisas, e deram começo á construcção dos novos barcos.

Pouco depois novos creditos foram votados para um couraçado de 1.ª classe, um guarda-costas, um cruzador couraçado, duas canhoneiras de canhões lança-torpedos e 7 cruzadores.

Em 1891 já muitos d'esses barcos estavam no mar, tendo dado provas de boa construcção, e novos creditos foram votados para 3 couraçados de 1.ª classe.

O notavel discurso de M. Gibson, na sessão de 4 de fevereiro de 1891, no Senado, justifica plenamente esses creditos, e assignala a grande transição que se vinha operando nos costumes politicos e no espirito nacional que, sentindo-se ambicioso, aggressivo, avido de gloria e emprehendedor, abandonava os antigos e sentimentaes processos democraticos, e adoptava a administração republicana, unica que satisfazia ao novo caracter e sentimento da nação que se manifestava disposta a tudo o que fosse preciso, quando a guerra se declarasse.

Com os ultimos creditos se construiram os couraçados de Sampson, o *Oregon*, *Indiana* e *Massachussets*, que foram lançados ao mar em 1894, com qualidades notavelmente superiores, por se terem empregado na sua construcção as placas de aço-nikel construidas pela officina Bethlehem e endurecidas por um processo especial que Harvey acabava de inventar.

Com o fim de escolher a placa mais resistente para o cou-

raçamento dos navios, em 1890, o Departamento maritimo de Washington fez realisar em Annapolis experiencias de resistencia das melhores placas então conhecidas e empregadas nas construcções. Foram 3 as placas submettidas ás experiencias: a de aço-nikel da casa Creusot, outra de aço simples, e a terceira do systema Compound. Contra cada uma d'estas placas se fizeram 5 tiros com projecteis de 15c e 1 com o projectil de 20c.

A placa Compound foi atravessada por todos os projecteis.

A placa de aço-nikel e a de aço puro não foram atravessadas, mas esta ultima abriu grandes fendas, pelo que a commissão classificou as placas:

1.ª A de aço-nikel.

2.ª Aço puro.

3.ª Compound.

Ficou, portanto, condemnada a placa preferida nos arsenaes inglezes, e que até aquelle tempo passava por ser a melhor, e o departamento convidou as casas americanas Bethlehem e Carnegie a apresentarem novas placas, algumas das quaes deviam ser endurecidas pelo processo que Harvey acabava de inventar.

Foram 8 as novas placas submettidas a experiencias: de aço puro, aço-nikel, pobres em carbone, ricas em carbone, fabricadas pelo processo Harvey, fabricadas por qualquer outro processo.

Todas as placas tinham as mesmas dimensões, sendo a espessura de 257 millimetros.

No dia 30 de outubro experimentaram-se 3 placas, sendo o resultado desfavoravel para as placas de aço-nikel pobres em carbone, endurecidas pelo systema de Harvey.

No dia 14 de novembro experimentaram-se outras 3 placas, sendo o resultado favoravel ás placas de aço-nikel ricas em carbone, endurecidas pelo systema Harvey, que não foram atravessadas nem abriram fendas.

Em vista d'esta superioridade continuaram as experiencias, mas só sobre estas ultimas placas, e com o fim de se obter o seu completo aperfeiçoamento.

A officina Bethlehem conseguiu effectivamente aperfeiçoar o seu fabrico, de modo que nas ultimas experiencias os projecteis de 20c não conseguiram rompel-as, rompendo estes mesmos projecteis as placas Creusot e Compound de maior espessura (0^m40 e 0^m50).

Ao mesmo tempo que os metalurgistas americanos apresentavam estas placas superiores, as officinas pyrothecnicas e as fundições de canhões faziam progressos parallelos.

Em 1891 já se construiam canhões de 25c, metralhadoras e espingardas eguaes ás melhores da Europa.

Em 1887 foi experimentado o canhão pneumatico do tenente Zalinsky, de 20c de calibre e comprimento de 19m,80.

O alvo era um velho barco contra o qual se lançaram, da distancia de 1:700 metros, 5 projecteis carregados com 25 kilos de gelatina explosiva. Nenhum projectil bateu no barco, mas, apesar d'isso, elle afundou-se, provando que o torpedo rebentando debaixo de agua, exerce a sua acção destruidora a grande distancia, e que, com uma carga maior, um só torpedo poderia metter no fundo um grande navio.

O canhão pneumatico ou lança torpedos foi logo classificado de primeira ordem para a defeza das costas e portos, e o Departamento resolveu tambem armar o crusador Vesuvius com canhões d'este systema. O Vesuvius foi lançado ao mar pouco depois, armado com 3 canhões pneumaticos Zalinski, de 38c. Os seus projecteis de 3 metros de comprído, recebem uma carga de algodão polvora ou dynamite que póde ir até 227 kilos, e são designados tambem por *torpedos aereos*, em virtude da sua grande acção destruidora.

Os canhões do Vesuvius acabam de ser empregados nos bombardeamentos dos fortes e costas de Cuba. Nos pontos aonde cahiam e explodiam os projecteis, n'uma grande zona, tudo ficava despeçado; porém, o tiro carecia de precisão, e os torpedos batiam longe do alvo. Esta falta de precisão do tiro provém de ser o canhão immovel sobre o reparo e de não ter apparelho de pontaria.

E' de prever que o canhão torpedeiro se torne uma arma verdadeiramente terrivel, quanda a pontaria se poder fazer com rigor, o que provavelmente os americanos hão-de conseguir, dado o seu genio perseverante e bem succedido nos inventos.

*

Pelo que fica rapidamente referido se vê como os norte-americanos souberam levantar n'um curto espaço os seus arsenaes, estaleiros e fundições, que, certamente, estão a par dos melhores da Europa.

Os norte-americanos proclamam já a superioridade dos seus navios, dos seus canhões, projecteis e explosivos; porém, em taes affirmações deve ver-se um pouco de presumpção e de

outra coisa a que chamaremos espirito americano, esse espirito que mistura o enthusiasmo das victorias com os reclamos á industria, que gaba a pericia dos fabricantes e dos operarios, primeiro que cante a heroicidade e a destreza dos marinheiros.

Ninguem duvida, suppomos, da sua capacidade industrial, e do seu espirito inventivo e emprehendedor; porém, os europeus tambem possuem sufficientemente d'estas qualidades para poderem disputar á America a primazia, senão em todos os ramos, mas na maior parte d'elles, entrando certamente n'esta parte o material de guerra.

O *Indiana*, o *Iowa*, o *Texas*, o *Oregon* e o *Massachussets*, são cinco bellos barcos, mas o combate de S. Thiago não se travou em condições de se concluir uma superioridade absoluta.

Para se tirar tal conclusão era preciso que se batessem com os melhores couraçados da Europa, o que não aconteceu. Apenas se bateram com cruzadores que são navios mais velozes que fortes. Os barcos de Cervera tinham de couraça $0^{m},30$, os de Sampson tinham $0^{m},46$, sendo os primeiros de aço simples e os segundos de aço-nikel. Além d'isso, dispunha Sampson de mais canhões de grosso calibre, e de projecteis carregados com polvoras brisantes.

Ao passo que os barcos hespanhoes eram atravessados por todos os projecteis que tivessem mais de $0^{m},12$ de calibre, os de Sampson não seriam atravessados nem mesmo pelos de $0^{m},30$. Em Cavite os cruzadores não protegidos hespanhoes tiveram de haver-se com os protegidos e bem artilhados de Dewey; foram vencidos os hespanhoes, e, portanto, d'este combate tambem se não tira nenhuma conclusão inesperada. Tanto n'uma como n'outra parte triumphou o aço e a polvora.

Os que esperavam que Cervera pela velocidade e pela manobra conseguisse algumas vantagens, e evitasse a derrota que se deduzia das forças mechanicas em presença, soffreram decepção.

Como os chavecos de Montojo, os cruzadores de Cervera, offereceram-se ao canhão inimigo como alvos, como se estivessem de antemão, condemnados ao exterminio, por uma direcção superior pouco habil, e por uma politica imprevidente.

*

Recordaremos, por ultimo, a razão principal da reforma da marinha dos Estados Unidos, e ainda da reforma da marinha hespanhola.

A marinha que os *yankees* acabam de experimentar sobre

os hespanhoes, foi principalmente construida para meter medo aos inglezes, a quem o governo de Washington e o povo americano tinham velha aversão.

A esquadra de Cervera foi projectada apoz a questão das Carolinas com allemães, em 1885, o que vem a dizer que ella foi construida sob os auspicios de uma futura guerra com os allemães ou de uma desforra.

Vê-se agora como as coisas mudam na lanterna magica da politica. Estão os inglezes alliados com os *yankees* e os allemães quasi alliados dos hespanhoes.

J. O.

BIBLIOGRAPHIA

O potril militar por Francisco José Figueira, medico veterinario militar.—O fim d'este livro dil-o o seu auctor: «mostrar d'uma maneira clara e concisa tudo quanto *technicamente* se faz no potril militar.»

Comprehende duas partes; na primeira revela-nos o seu auctor perfeito conhecimento dos potris militares estrangeiros e na segunda trata, d'uma maneira muito completa, methodica e clara, da organisação do nosso *potril militar*, revelando profundos conhecimentos technicos e mostrando ser um *crente* nas cousas militares, qualidade hoje apreciavel.

O serviço de remonta ou, mais propriamente, a escolha do cavallo de guerra tem, entre nós, sido tratada d'uma maneira, permita-se-nos a expressão, *rudimentar*, e vemos por este livro que, se não fosse o cavallo importado d'Hespanha, não teriamos cavallaria.

Se um dia a Hespanha prohibir a exportação dos seus cavallos, succeder-nos-ha, visto não termos uma recreação mais ou menos *militarisada*, o que succedeu á Prussia nos principios do seculo actual.

E' altamente interessante e instructiva a leitura da primeira parte, porque, vendo por ella os progressos que a Allemanha, a França, a Italia e a Hespanha fizeram com a *militarisação* da recreação cavallar, com o estabelecimento de coudelarias e depositos e por fim com a organisação dos *potris militares*, conseguimos tirar conclusões que muito nos podem aproveitar.

Na 2.ª parte descreve o snr. Figueira o potril da Crucieira

d'uma maneira detalhada, completa, methodica, estabelecendo sempre o confronto com o que se faz nos potris estrangeiros, apresentando sempre uma serie de contas correntes pelas quaes se vê que o custo da recreação foi inferior ao custo medio da recreação em todos os potris estrangeiros, mas, infelizmente, apesar da evidencia d'esta e d'outras conclusões, nada se fez.

No capitulo III da 2.ª parte trata o illustre veterinario dos differentes systhemas de recreação, chegando por fim a concluir que o estado atrasador em que entre nós se encontra este ramo de serviços militares é devido á falta de *militarisação* da reproducção e recreação, em consequencia dos poucos cuidados e nenhuns esforços que para isso tenham feito o ministerio da guerra e o das obras publicas.

O livro do snr. Figueira é um brado sincero e quente e n'esta ordem de ideias o secundamos e o felicitamos e bom seria que este seu brado fosse ouvido por alguem.

Felicitando o snr. Figueira pelo seu trabalho methodico e completo, sómente nos resta agradecer-lhe a amabilidade da offerta e a gentileza da dedicatoria.

D. A. R.

*

* *

A nossa REVISTA agradece cordealmente as amaveis referencias da REVISTA DE ENGENHERIA MILITAR e protesta-lhe as suas mais sinceras sympathias.

O nosso mais vivo empenho e dedicado desejo é procurar o engrandecimento da infanteria portugueza, como factor imprescindivel do engrandecimento do exercito e honra da patria.

N'esta entrepreza pomos toda a nossa alma.

Por isso, tudo quanto seja indicio de união de todos os elementos que constituem o exercito, tudo quanto affirme a alliança intima de todas as armas e serviços, tudo quanto concorra para a verdadeira, a sincera, a refulgente camaradagem que abriga a todos nós á sombra da mesma bandeira sacrosanta, e inflamma os nossos corações com as scentelhas divinas do mesmo amor pelo torrão natal, é por nós recebido com enthusiasmo e desvanecimento.

Assim, a nossa modesta REVISTA vai ao encontro da REVISTA DE ENGENHERIA MILITAR, saudando-a jubilosamente, e sentindo-se feliz por ter a fortuna de adoptar o seu nobre exemplo.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

(Continuação)

Licenças—Circular n.º 8 da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 25 de janeiro de 1898.

Esclarecendo duvidas sobre a circular n.º 8 de 18, determina: 1.º—A concessão de licença registada ás, praças do 3.º anno do alistamento não é, em absoluto, obrigatoria; entretanto devem ser estas que de preferencia se procurará licencear. 2.º—Quando as praças n'estas condições não tiverem meios para se transportarem ás terras da sua naturalidade ser-lhes-ha concedido transporte por conta do estado. 3.º—A importancia do debito que as praças do 2.º anno teem a satisfazer para lhe ser concedida licença registada é sómente relativa aos periodos de licença.

Doentes — visitas aos enfermos—Circular n.º 125 da 6.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 28 de janeiro de 1898.

Determina que, por estar provado ser de alta inconveniencia hygienica a visita geral aos doentes nos hospitaes militares, fique suspensa a practica da visita em dias certos e a todos os doentes dos hospitaes militares, podendo e devendo os directores permittir, em qualquer dia, aquellas que tenham vantagem moral para os enfermos, inadiavel interesse para as familias ou quaesquer outras condições attendiveis.

Remidos—tempo de serviço—Circular n.º 267 da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 31 de janeiro de 1898.

Esclarece que as praças remidas servem na 2.ª reserva durante 12 annos, descontando-se-lhe o tempo que serviram no activo, conforme está preceituado no § 5.º do artigo 25.º da lei de 13 de maio de 1896.

Licenças—Ordem circular n.º 9 do Commando da 1.ª Divisão militar, de 2 de fevereiro de 1898.

Determina que, em virtude de ordem do Ministerio da Guerra, as praças do 3.º anno de alistamento que d'esta data em deante desejarem licença registada, devem depositar a importancia dos seus debitos correspondentes ao tempo de licença.

Filhos d'officiaes já fallecidos—Circular n.º 2 da Direcção da administração militar, de 9 de fevereiro de 1898.

Permitte aos cabos e soldados filhos de officiaes já fallecidos, comerem do rancho dos sargentos nas condições em que o fazem os aprendizes de musica, em quanto pelo seu comportamento forem dignos d'esta concessão.

Maqueiros—Circular n.º 183 da 6.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 10 de fevereiro de 1898.

Determina que em virtude da escassez de praças do 2.º anno de alistamento, tornar difficil cumprir o que dispõe para a formação das esquadras de maqueiros a respectiva ordenança, e convindo manter a instrucção especial d'este serviço, apenas finde a instrucção de recrutas se complete com elles as guarnições das macas.

Imprensa nacional—Circular da 3.ª Repartição da Direcção da Secretaria da Guerra, de 14 de fevereiro de 1898.

Communica que d'ora ávante a imprensa nacional abona 20 % sobre a importancia não só de livros para as escolas regimentaes como de quaesquer impressos para o serviço dos corpos do exercito, quando taes livros e impressos forem directamente requesitados áquelle estabelecimento pelos conselhos administractivos dos corpos e pela agencia militar.

I Anno Setembro—1898 N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

A ESPINGARDA DE GUERRA

(Continuado do n.º 4)

As modernas armas e a adopção das polvoras sem fumo vieram tambem tornar mais difficil o reconhecimento das posições inimigas, não se podendo talvez obter esclarecimentos completos.

A cavallaria, em virtude da sua grande mobilidade, era a arma mais propria para desempenhar esta missão.

A artilheria, provocando o fogo das baterias inimigas era tambem empregada para o reconhecimento das suas posições.

O fumo—principal denunciador—desappareceu quasi completamente, sendo visiveis apenas a curtas distancias algumas ligeiras nuvens; e só os clarões provenientes da deflagração da polvora, o luzir das armas, trabalhos de fortificação, informações, etc., constituirão hoje os elementos para a exploração tactica.

Para se fazer o reconhecimento é necessario *ver sem ser visto,* approximando-se os exploradores o mais possivel da posição inimiga. Hoje a infanteria é a arma mais propria para o desempenho de tão espinhosa e difficil missão, pela facilidade que tem em percorrer todos os terrenos, occultando-se com os abrigos que elle lhe offerecer.

Na França cada companhia tem 32 homens, 2 por esquadra, com uma instrucção especial para o desem-

penho d'este serviço, previamente escolhidos pelo capitão d'entre os mais intelligentes, vigorosos, de melhor vista e audacia, exactamente como tambem prescreve o nosso regulamento para a instrucção tactica de infanteria.

A missão dos exploradores, alem de difficil, é penosa, por isso que terão muitas vezes de marchar á carreira e de supportar enormes fadigas. Devem procurar na offensiva ganhar desde logo um grande avanço sobre as companhias que cobrem, reconhecer o terreno sem retardar a marcha das mesmas companhias e encobrir sempre os seus movimentos o mais possivel, afim de não serem vistos, não hesitando comtudo em fazer uso das suas armas para repellirem os exploradores inimigos.

Precisam, portanto, de possuir, alem de grande agilidade, muita resistencia ás marchas, e serem alliviados de peso, circumstancias estas que, de resto, devem ser extensivas, tanto quanto possivel, a toda a infanteria, visto como se tem difficultado o combate offensivo, exigindo a maior rapidez nos movimentos. O peso de todos os artigos que o soldado transporta deve ser o menor possivel; além d'isso, o equipamento, calçado, etc., necessitam ser commodos, e os artigos a transportar na mochila devem ser reduzidos ao estrictamente indispensavel. Emquanto ao armamento, ha quem tenha alvitrado que o seu peso deve ser diminuido ainda que com prejuizo das suas qualidades balisticas.

Na offensiva os exploradores avançam, segundo o regulamento francez, e tambem segundo o nosso, até cerca de 900^{m}-800^{m} da posição inimiga—sendo o terreno descoberto—podendo ainda destacar para a frente alguns homens para fazerem um reconhecimento mais completo. Estabelecidos em posição, rompem um fogo *certeiro e energico* para reconhecer as posições da artilheria e da infanteria, e para facilitar a entrada em linha ás forças que precedem. Estas, logo que tenham alcançado

a posição occupada pelos exploradores, ou avançando mais ainda, conjunctamente com elles, passam á formação em uma fileira, estabelecem-se em posição e rompem o fogo.

Pouco divergem as opiniões emquanto á especie de fogo a empregar n'esta altura de combate. Os fogos por descargas e por fracções constituidas, ordinariamente secções ou pelotões, são geralmente acceites pelas grandes vantagens que offerecem: facilitar a regularisação dos fogos e a sua concentração sobre determinados objectivos, e evitar um exagerado consumo de munições. Devem ser empregados pelo maior espaço de tempo possivel, passando-se só aos fogos individuaes quando, em virtude da violencia do combate, se tornem absolutamente impraticaveis; porque terão ainda a vantagem de, pela voz e attitude dos officiaes, serenar os soldados impressionados pelos gritos dos feridos, sibilar das balas, ruido dos ricochetes, detonações, etc., o que muito contribuirá para que, sendo o fogo individual, elles não façam boas pontarias, ou até nem mesmo apontem, havendo fatalmente um consumo inutil de munições.

São muitas as vantagens do fogo por descargas, e que poderão compensar largamente os inconvenientes que lhe attribuem: a differença de tempo empregado por cada soldado para fazer a pontaria e a preoccupação com a voz do commando.

Chegada a linha a 600^{m} da posição inimiga, o estado moral do soldado já não é o mesmo que ás grandes distancias. O enervamento vae-se tornando successivamente maior, á medida que o combate se desenvolve; a fadiga causada pelas marchas á carreira, peso da arma com armazem carregado, etc., irá tambem augmentando, e tudo isto em prejuizo do tiro que irá perdendo a sua precisão. O cordão já não poderá, por si só, avançar e só impulsionado por fracções de reserva poderá ser levado a posições mais avançadas. O fogo

por descargas torna-se já impossivel e é substituido pelo fogo individual.

A 400m a situação do combate torna-se demasiadamente violenta, as perdas fazem-se sentir muito accentuadamente—sendo enorme a percentagem dos officiaes postos fóra do combate,—o estado nervoso dos combatentes é augmentado com a execução do tiro rapido, e o soldado fica bastante abandonado á sua iniciativa.

E' n'estas condições, diz o artigo a que já alludimos, que o soldado vae armar bayoneta, que o peso da arma vae ser augmentado, e que o seu manejo vae ser difficultado com o deslocamento do centro de gravidade para a frente.

As armas que, como a Lebel, tem o armazem no fuste, systema Kropatschek, já tem o inconveniente de, durante todo o tempo de combate, lhe ser augmentado o seu peso e lhe ser deslocado para a frente o centro de gravidade, por isso que o armazem é carregado antes de tomadas as formações de combate. Este inconveniente é augmentado quando se arma bayoneta, o que tem logar no momento em que seria necessario que o tiro tivesse grande precisão e que redobrasse de intensidade.

*
* *

N'estas e n'outras considerações, todas tendentes a mostrar a difficuldade do moderno combate offensivo, é que é baseada a ideia da transformação da espingarda franceza de 8m m/1886 em uma *verdadeira arma de guerra*, isto é, em uma arma que satisfaça ás seguintes condições:

1.º Que seja leve.

2.º Que tenha um recuo acceitavel, podendo mesmo ser um pouco superior ao da actual Lebel.

3.º Que seja bem equilibrada, afim de que os movimentos de carregar se façam com o menor esforço possivel.

4.º Que seja de facil manejo.

5.º Que seja disposta de maneira que o atirador tenha facilidade em tomar promptamente a linha de mira ás pequenas distancias.

6.º Que todas estas qualidades sejam obtidas sem detrimento das suas qualidades balisticas.

(Continúa).

Antonio Barbosa Junior,
Tenente de Infanteria.

Reorganisação da Escola pratica de Infanteria

(Resposta)

(Continuado do n.º 5)

Combatendo as *excrescencias* a que se entrega a Escola e apontando, como contraste, as *deficiencias* a que não tem attendido, tenho sómente em vista fazer notar que estas são, precisamente, as que mais affectam a aptidão da infanteria para o combate, pois a *direcção do fogo* é a parte mais difficil e importante da missão do official em campanha, e, consequentemente, aquella que a Escola deveria preferir, se com proveito quer influir na instrucção regimental.

Dirão os tacticos da terra que eu sou um visionario do tiro e que o fogo não é tudo; mas se não é tudo, é quasi tudo, e, por isso, aos que me suppoem visionario offereço, para meditar, a seguinte passagem do regulamento allemão que, essencialmente, traduz toda a tactica de combate. «Attender nos exercicios ás necessidades da guerra consiste em escolher judiciosamente as disposições que melhor conveem ao fim que se tem em vista.

Esta escolha, porem, está subordinada a duas condições: 1.ª fazer produzir ás armas empregadas o maximo effeito util; 2.ª diminuir, quanto possivel, a efficacia das armas do adversario. Se estas duas condições são satisfeitas, das quaes a primeira é a mais importante, o exercicio é conforme com as necessidades da guerra».

Da simplicidade d'este principio sobresái, nitidamente, que o conhecimento previo do effeito provavel do fogo é condição indispensavel para dirigir, conscientemente, os exercicios de combate, e não ha artimanha tactica nem correcta urdidura do thema que o possa substituir. E ainda mais: só esse conhecimento pode destruir pela base o formalismo esteril de que enfermam os nossos exercicios de tactica, á falta de regras praticas que nos orientem no emprego do fogo.

Mas, se isto succede entre nós, pelo contrario, em toda a parte essas regras têm sido objecto de numerosas e porfiadas investigações, porque só ellas podem dar ao fogo efficacia real, visto como está demonstrado que, no campo de batalha e até no polygono, diz Journée e outros, a differença entre o effeito util obtido por bons atiradores e o obtido por atiradores mediocres é pouco apreciavel ou sensivelmente nulla. Ora, se no tiro isolado a destresa do atirador é o factor preponderante, nos fogos de guerra esse factor preponderante será a *destresa* no commando ou a *direcção do fogo*. E, porque é principio assente que a *direcção* sobreleva á *execução*, isto é, á acção individual, não basta a simples instrucção das carreiras, ter uma boa arma, formar atiradores, estar ao corrente do mechanismo da tactica, etc.; é preciso mais, muito mais — um agente de maior valor: saber dirigir o fogo, regular o seu emprego conforme os objectivos e segundo a distancia e o terreno em que se acham de concerto com as propriedades balisticas da arma para produzir o maximo effeito util; e, inversamente, conhecer a vulnerabilidade relativa das diversas formações ás differentes distancias e segundo o terreno

para se subtrair ao effeito dos fogos contrarios, eis do que depende o successo tactico de cada unidade em combate, e eis, portanto, a *balistica* do campo de batalha que o official de infanteria não pode ignorar, sob pena de expôr a sacrificio certo e condemnavel as tropas do seu commando.

Só então, sabida essa *balistica*, poderá a tactica dizer-se applicada, porque a verdadeira manobra, de todos os tempos, consistiu e consistirá sempre em fazer produzir ás armas empregadas o maximo effeito util, ou subtrahir-se a elle, como diz o allemão. Assim, modernamente, se viu a velha Dreyse levar de vencida a Chassepot, superior em propriedades balisticas, porem exhaurida pelo tiro individual, por desprovida da acção do commando.

Reconhecida, pois, a importancia primaria a que se eleva o estudo dos fogos de guerra, e, sabido, como é, que esse estudo não cahiu em graça á Escola pratica, seja por deficiencia de recursos, como diz o articulista, seja, accrescento eu, por vicio organico, resta procurar outra solução que, não sendo mais dispendiosa, satisfaça, todavia, ás necessidades da arma, porque tanto o dispendio em excesso, como essas necessidades, são circumstancias, creio eu, dignas de ponderar-se e não bagatellas de que se disponha a capricho.

Essa solução cifra-se n'uma escola de tiro onde o official possa aprender, pela lição eloquente dos factos, devidamente explicados, a sciencia do fogo, que lhe é tão essencial e que pelo estudo meramente theorico, por mais perfeito que fosse, ficaria sempre incompleta e inapplicavel para o campo de batalha.

Ao articulista, porem, não agrada a solução; e, porque muito mais valem os saltos da gymnastica, as *poses* da esgrima, o tiro de *sport*, as manobras plasticas da companhia normal, os jeroglificos da pseudo-tactica applicada e a genial sabedoria dos *deveres de serviço e escripturação*, etc., prefere o rico dinheiro da dotação para

tudo isto, e lança ao desprezo os fogos de guerra até ulterior abastança do orçamento escolar. Isto é uma perfeita inversão no coefficiente de importancia dos differentes serviços. Pobres fogos, que fareis fiasco como os de Cervera!

No entretanto, os ditos apadrinhados serviços, excepto a gymnastica e a esgrima, teem tambem capella nos regimentos, pelo que, como no tempo dos dois papas, não se sabe qual é a verdadeira. Haja vista a *determinação* da grandesa do passo, cadencias, modelo de alpargatas, etc., a que o articulista allude e em que o papa escolar soffreu desacato, não sendo já o primeiro, e, de certo, não será o ultimo se o scisma continuar, até morrer um dos papas.

Apezar, porém, das desavenças e dos louros um pouco murchos, o articulista não desiste de elevar ás nuvens o actual regimen escolar, e, por isso, repelle como nefanda, gerada em cerebro enfermo, a ideia (aliás vulgar nos exercitos estrangeiros) de fazer reverter para o tiro escolar toda a *mingoada dotação*, quando, se reflectir no que deixo exposto, por ser mingoada existe mais forte razão para simplificar os serviços da Escola, reduzindo-os ao strictamente indispensavel, pois o superfluo, como as hervas damninhas, foi sempre a causa da ruina do pobre. Ora, o superfluo, insisto, é, n'este caso, a repetição desnecessaria do que se ensina nos regimentos; e o indispensavel é o que n'elles não pode ter o necessario desenvolvimento.

Devo, todavia, notar, sem que corra o risco de alviçareiro, que a parca dotação representa um minimo no meio das outras despezas escolares, pois estas entram, de fóz em fóra, por alguns contos de réis annuaes para nos darmos a luxo *exquisito* de possuir uma escola pratica que, pela bocca do articulista, pede ainda mais dinheiro para levar ao fim o seu espaventoso programma, ou senão, não!

Triste! Porque, arredando argumentos irritantes e

passando á ordem dos factos, sabe-se que a Escola *de tiro* de Chalons, em pouco tempo, com menor dispendio e desajudada da luz que d'ella desde então irradia, produziu o celebre regulamento de 1882 e o *Cours des Ecoles de Tir* e d'ahi a immediata revisão da tactica; ao passo que a nossa Escola *pratica*, em 11 annos e tendo gasto centenas de contos de réis, como o *Fretus in cunctis nihil in omnibus*, ainda não pôde achar o mais simples dado para o regulamento de tiro, nem tem soccorrido a revisão da tactica do mais elementar conhecimento pratico do fogo, de sua authentica lavra!

Entretanto, á Escola nunca faltaram officiaes que desejassem encarregar-se d'estes trabalhos, entendendo-se, porem, por conveniente excluil-os quasi da pratica escolar em nome da primasia dos outros serviços que pejam o regulamento e trazem a dotação derreada.

Passando em revista os outros argumentos que ao articulista apraz apresentar em prol da sua muito amada organisação escolar, responder-lhe-hei summariamente:

1.º que nem os regimentos nem o pessoal concorrente podem ser causa do insuccesso no ensino do tiro escolar, porque, para isso, precisava primeiro a Escola mostrar, por outros meios, que realmente se entregava ao respectivo estudo e que este, de sciencia propria ou alheia, convenho, era sanccionado pela pratica escolar, condição indispensavel para a sua comprehensão e applicação. Ora, se a Escola, seja pelo que fôr, não tem passado do insignificante tiro ao alvo e pouco mais e, se nem sequer do pouco que tem feito possue devidamente organisadas estatisticas de tiro que de algum modo definam a arma e o seu emprego, com que razão pode o articulista increpar os officiaes e os regimentos perante tão notavel atrazo? E ainda mais: se sómente parte dos poucos exercicios de fogos de guerra de 1889, 90 e 91 se teem repetido quasi de chapa, havendo unicamente, até hoje, a innovação do tiro de noite, que progresso é esse que só avança para a noite e se afasta da luz do dia?

2.º que as indicações superiores, reprimindo as nephlibatices do tiro theorico, foram muito sensatas e, sobretudo, de grande opportunidade, até disciplinar, pois se queria fazer do tiro escolar uma sciencia *ex-cathedra*, quando a sua theoria não é nem difficil nem complicada, sendo sómente difficil e complicada a applicação do terreno—fim final do ensino. «Le tir de guerre ne peut comporter une trés grande exactitude, et, sans être exact, il peut être meurtrier».

3.º que a escolha do pessoal concorrente não pode ser feita segundo a pessoa, mas segundo os gráus hierarchicos que mais convenham á propagação do ensino nos regimentos. Assente a base de nomeação não pode haver outra escolha, visto que todos teem eguaes direitos e deveres, e devem, por isso, sugeitar-se ás mesmas provas, especialmente na preparação para o combate, pois que a incapacidade e a ignorancia se pagam caras na guerra.

4.º que o relatorio, attenta a natureza do assumpto, o numero e o posto dos concorrentes, é o meio mais adequado para avaliar da capacidade e do aproveitamento do relator, quando a apreciação seja sevéra e esclarecida e haja a isempção de informar devidamente, para os *devidos effeitos*. O principal no ensino do tiro, como em todo o ensino, é que haja um bom *demonstrador* que pelos olhos faça entrar o que se propõe demonstrar.

5.º que, até hoje, ninguem pôz em duvida que uma escola normal de tiro (para armas portateis) fosse privativa da infanteria, estando tão feliz descóberta reservada para o articulista que, ousadamente, contesta o que geralmente se acha estabelecido. Emfim, até morrer, apprender; mas o articulista deve, seguro, como está, do seu invento, convidar as Escolas de tiro de Chalons, de Spandau, de Parma, de Varsovia, etc., a que mudem de frontispicio. Se é certo, e não ha duvida, que as diversas armas necessitam de estar ao corrente do modo

como no combate se exerce a acção de cada uma, não sei a que proposito se cite este principio da tactica geral, e, sobretudo, não comprehendo que elle possa prejudicar a independencia do estudo dos fogos de infanteria pela infanteria, pois nem a artilheria nem a cavallaria pensaram nunca em rivalisar com a infanteria, empregando a arma portatil. *Chacun a ses places.*

Por ultimo, o amavel correspondente da Revista termina o seu artigo n.º 3 por apostrophar de maus infantes os que não commungam nas suas ideias. O argumento é feio, na verdade, e pouco proprio a convencer o proximo; mas, como é irrespondivel, devolvo-lh'o intacto.

(Continúa).

Alberto Vergueiro,
Capitão de infanteria.

TREINAMENTO DE MARCHA

(Continuado do n.º 4)

No meio militar nós encontramos, recentemente, o capitão Richard, do 20.º batalhão de caçadores, francez, fazendo em 1896, com os exploradores da sua companhia, excursões de 70, 80 e 90 kilometros, respectivamente, em 13, 15 e 19 horas, sem que os homens chegassem ao fim da étape mal dispostos ou incapazes de tomar parte em um combate immediato.

E' certo que ainda aqui se trata apenas de um grupo de 30 a 32 homens.

Mas, nas grandes manobras de 1895, graças a um intelligente treinamento de marcha conduzido pelo mesmo official, o mesmo 20.º batalhão de caçadores, com o effectivo de 640 homens, tinha experimentado apenas

3 baixas no segundo dia das manobras, sendo duas d'ellas por doença e uma apenas por ferimentos nos pés; *depois de quatorze dias de marcha o batalhão entrou em Baccarat com o effectivo de 637 homens.*

E' que, diz o capitão, «à mon bataillon, ou la mar-«che est en honneur à l'égale de la manœuvre et du tir, «nous n'interrompons jamais nos marches militaires.»

E' preciso que nos convençamos de que podemos muito mais do que se imagina na verdade. A questão está em o querermos, e isto não passa de um simples facto proprio, isto é, da *vontade.*

Vial refere que a infanteria *habituada ás marchas* fará 12 a 15 leguas por dia, durante muitos dias, podendo assim em uma marcha aturada fatigar muito uma tropa *de cavallaria*, acossando-a na retirada, e tomando-lhe alguns cavallos, porquanto estes necessitam, para reparar as forças e descançar, mais tempo que não os homens.

Este modo de dizer de Vial, que apenas trazemos a pello como reforço para dar nota do que *póde* uma infanteria que queira, e não porque pensemos que valha a pena treinar a infanteria para incommodar a cavallaria, assenta no facto relatado por Jacquinot de Presle e occorrido na campanha de 1805. Esse facto foi o seguinte: *a cavallaria austriaca, que se escapou de Ulm para alcançar a Bohemia, foi perseguida pelos granadeiros de Oudinot, que fizeram ètapes de 14 leguas por dia, não permittindo á cavallaria inimiga repouso algum e facilitando á cavallaria franceza os meios de fazer cahir em seu poder grande parte d'aquella.*

Sem duvida a *tactica proegetica* ou a arte de fazer marchar as tropas de maneira a fatigarem-se o menos possivel, quer sob o ponto de vista da velocidade, quer do objectivo da marcha, quer da passagem á ordem de combate (Rustow), e onde a final se póde descortinar principalmente a *concepção* e a *preparação* do movimen-

to, póde favorecer ou contrariar a aptidão das tropas para a marcha; mas essa concepção e essa preparação que precedem as marchas não podem, não devem produzir-se antes da consideração pelo *rendimento de marcha* ou pela *aptidão para a marcha* que, como tal, é essencialmente uma faculdade da tropa e não do commando ou dos seus auxiliares.

Não levar em conta na concepção e preparação do movimento a aptidão das tropas para a marcha seria um erro do commando e dos seus auxiliares, capaz de conduzir ás mais tristes decepções que na guerra se não traduzirão por menos que funestos resultados. Se esta aptidão é mediocre – menos que sufficiente—, chega até a não se admittir a concepção do movimento, e sim apenas a paralysia. Com effeito, como muito bem dizia já Souwaroff, *a energia é a mais importante das qualidades militares*. Mas para que nos servirá ella apenas no espirito do chefe? A energia fecunda na guerra será tão sómente aquella que se traduza pelo movimento.

Posto isto, é para lastimar que, sob o ponto de vista do treinamento de marcha, nós já estivessemos melhor do que não estamos hoje.

Com effeito, recordando as passagens do preterido regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, approvado por decreto de 21 de novembro de 1866, isto é, ha quasi 32 annos, é-nos tão grato transcrever, como penoso assignalar que constituem regulamentação morta as seguintes prescripções taxativas do finado regulamento:

«Art. 183.º—Em outro mez do anno, á escolha do «commandante do corpo, e com licença do general com«mandante da divisão territorial, segundo a estação se «apresentar mais propria nas diversas localidades, terão «logar os passeios militares duas vezes cada semana, «percorrendo-se uma extensão nunca menor de 12 kilo«metros, nem maior de 20, entre ida e regresso, execu«tando-se durante a marcha simulacros de reconheci-

«mentos, tomada de posições, e a resolução rapida de «problemas tacticos, propostos pelo commandante aos «officiaes superiores e capitães.»

Se tão salutares e judiciosas prescripções—em principio (1)—se cumpriam ou não, é occorrencia que não vem para o caso. E' facto do dominio da historia, e d'esta não podemos nós constituir a melhor fonte, attenta a duvida. Taes hypotheses estão fóra de qualquer discussão, como todas aquellas que, para combater ideias, se estribem na falta de cumprimento de expressas prescripções regulamentares.

Viria então a proposito dizer com Derrecagaix (2): *é sómente nos exercitos cuja disciplina afrouxa e enfraquece que os exercicios de marcha cahem em desuso.*

Nós temos bem presente o § 1.º do art. 31.º, o art. 41.º, e ainda o art. 8.º do regulamento para a instrucção tactica dos corpos de infanteria que faz parte do decreto de 12 de julho de 1894, mas tudo isso se nos afigura como que dito por incidente, aqui e alli, n'um diploma tão fundamental. O limite de *successivamente mais distantes*, tanto póde ser logo ali perto, como no infinito. Em duas palavras: só uma extrema boa vontade póde descortinar ali o *treinamento de marcha* imposto de um modo effectivo, e só uma boa vontade muito superior poderá realisar sem attrictos, por aqui e por alem, um

---

(1) A licença do general da divisão dispensa-se; o treinamento de marcha entendemos que deve estender-se por todo o anno, com bom tempo; o limite maximo do percurso deve ir até 30 kilometros (*marcha ordinaria*—A. S. C. 251), sem que isso obste a que uma ou outra marcha attinja um percurso maior como marcha de prova annual; igualmente conviria praticar as *marchas forçadas*—(A. S. C. 251) e as *marchas de noite* (N. S. C. 253); uma serie de quatro marchas ordinarias seguidas, impõe-se igualmente como prova annual para toda a unidade independente (batalhão ou regimento).

(2) La guerre moderne—Deuxiéme partie. Tactique. Cap. I, pag. 2.

effectivo treinamento de marcha, estribando-se apenas no texto das prescripções apontadas.

O espirito do legislador transparece crystalino atravez d'essas prescripções e de outras que uma attenta e interessada leitura coordena bem com ellas sob o ponto de vista que nos occupa; mas, emquanto os factos nos não contradigam, affigura-se-nos que essas prescripções são pouco impulsivas, nada suggestivas, absolutamente nada peremptorias, para a massa avára e algo inerte, mesmo perante legislação que não se imponha apenas por transparencia.

(Continúa).

A. J. Santa Clara Junior,
Tenente de infanteria.

PROBLEMA DE COMPANHIA

(Vêr a folha n.º 7 da Carta dos Arredores de Lisboa do Corpo do Estado maior)

Um batalhão em serviço de postos avançados tem o piquete n.º 1 no contraforte a N dos moinhos d'Atalaia e proximo de cota 156, vigiando o sector comprehendido entre o caminho de ferro a L e a estrada de Queluz. O piquete n.º 2 a S do casal de Adaiões e a reserva dos postos avançados na estrada a S E do casal da Serra.

E' commandante do piquete n.º 1 e recebeu ordem de resistir a todo o transe nas suas posições contra forças inimigas que apparecem na Venteira, até que o corpo principal da brigada possa occupar as posições de combate, occasião em que retirará para fazer parte da reserva da brigada.

Qual a situação dos pequenos postos e vedetas e descreva o combate por phases, até ao momento em que o corpo principal occupou as posições de combate.

Resolução do problema de companhia

Tendo o batalhão a que pertence a minha companhia recebido ordem para constituir os postos avançados para o que se concentrou na estrada a S E do casal da Serra, apenas ali chegado, ordena-me o respectivo commandante que marche com a companhia do meu commando para o ponto de cota 156 ao N dos moinhos d'Atalaya, afim de constituir o piquete n.º 1, devendo o posto principal ser collocado no alludido ponto.

Mais me é informado de que o posto principal do piquete n.º 2 fica installado a S do Casal dos Adaiões, e que a reserva dos postos avançados fica a S E e proximo do casal da Serra.

Marcha do local da concentração do batalhão para o ponto do posto principal do piquete

Para cumprimento da ordem recebida determino que a guarda avançada da companhia seja constituida pela 4.ª secção (1/6 do effectivo) (271-274 do R. C.) e que a inicie a marcha.

A columna fraccionar-se-ha então pela seguinte forma:

Flexa—formada por 2 homens sob o commando do sargento commandante da 4.ª secção (272 R. C.) a 100 metros.

Corpo da guarda avançada—constituida pela 4.ª secção (274 R. C.) sob o commando do commandante do pelotão (278 R. C.) a 200 metros.

Corpo principal—constituido pela força restante a 100 metros.

Guarda da rectaguarda—formada por 6 homens e fornecida pela 6.ª secção (299 R. C.)

Ao commandante da guarda avançada determino que siga a estrada Ajuda-Amadora e logo que chegue

á bifurcação da estrada seguida com o caminho para o casal do Maduro, faça alto aguardando ordens.

Exploração durante a marcha

A exploração durante a marcha será feita pelos dois escalões em que é dividida a guarda avançada e pela seguinte forma:

Flexa—Os dois homens que a constituem marcham á mesma altura e um de cada lado da estrada (288 R. C.) devendo explorar o caminho seguido e os obstaculos que encontrar, removendo-os caso possa (288 R. C.) dando parte de tudo que veja (272 R. C.) ao commandante da guarda avançada. O sargento commandante procurará conhecer o itenerario da marcha para o que tomará nota dos pontos notaveis por onde tem que passar (272 R. C.) pedindo ao commandante da guarda avançada os esclarecimentos precisos.

Guarda avançada—O seu commandante terá o maximo cuidado com o serviço da exploração, para o que me deverá pedir, antes da columna iniciar a marcha, a carta do terreno por onde se tem de marchar e as devidas instrucções, (278 R. C.) e deverá communicar-me todas as noticias do serviço de exploração (280 R. C.)

O commandante da guarda avançada, apenas a fracção do seu commando chegue á bifurcação da estrada seguida pela columna com a que se dirige para Queluz, destacará uma patrulha para o flanco esquerdo, a qual dirigindo-se ao casal do Borel, exploral-o-ha convenientemente, estabelecendo-se ahi, dando

o seu commandante conhecimento de tal facto e do que vir ao commandante da guarda avançada. Este, quando chegue á bifurcacão da estrada Ajuda-Amadora com o caminho para o casal do Maduro, onde deve fazer alto, em vista da ordem que lhe dei, destacará para o casal do Brandão uma outra patrulha que procederá pela forma que foi indicada para a do casal do Borel.

Cada uma d'estas patrulhas será composta de quatro soldados e um cabo.

Logo que chegue com o resto da companhia ao crusamento das estradas Ajuda-Amadora com a estrada Ajuda-Queluz (ponto de cota 165) marcho para o ponto de cota 156, local destinado para o posto principal do piquete.

Installação do piquete

Com a occupação da linha Borel-Brandão pelas duas patrulhas de flanco, e pela guarda-avançada, satisfiz assim em parte ao determinado no n.º 527 do R. C. que determina que os commandantes dos piquetes explorem a frente e flancos do terreno confiado á sua vigilancia, e com a disposição da força pela forma indicada observei portanto as precisas medidas de segurança, (527 R. C.) e se não enviei patrulhas a explorarem o terreno até 1000 metros é porque parto da hypothese da existencia de patrulhas de cavallaria na frente da linha dos postos avançados, protegendo portanto assim o estabelecimento dos mesmos (527 R. C.)

Chegado ao ponto de cota 156 reconheço rapidamente o terreno afim de ver quaes os locaes que devem ser occupados pelos pequenos postos (527 R. C.) e re-

solvo que seja de dois o seu numero (509 R. C.), o n.º 1 no casal do Brandão e o n.º 2 no casal do Borel (551 R. C.) servindo este de posto de reconhecimento

Belem—Abril de 1898. (Continúa).

Miguel Baptista da Silva Cruz,

Tenente-ajudante de infanteria.

O TIRO DA INFANTERIA

(Continuado do n.º 5)

Para obter as zonas de 82, 96 e 100 %, bastará, empregando o processo anterior, fazer (fig. 2) BF=BG, BH=BI, BK=BL, respectivamente eguaes a 2, 3, 4 vezes o desvio provavel vertical;

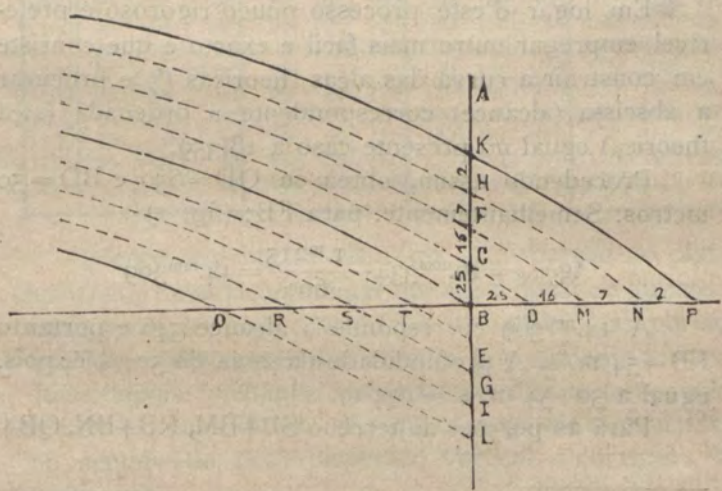


Fig. 2

Posto isto, passemos a determinar a profundidade do grupamento horisontal, a 600 metros por exemplo.

Teremos, para BD

$$\text{d.p.v.} = \frac{2,^{m}43}{2} = 1,^{m}215 \qquad tg\varphi_{600} = 16^{mm}334$$

$$tg\varphi_{OD} = 16^{mm}334 + \frac{1^{m}215}{600} = 18^{mm}359$$

Pela taboa reconhece-se que á alça theorica (tangente do angulo de projecção) 18,359 corresponde um alcance comprehendido entre 600 e 700 metros. Se as alças theoricas fossem proporcionaes ás distancias, o que não é exacto, poderiamos, por meio de uma simples intercalação entre estas duas distancias, achar aquelle alcance. E assim ter-se-hia

$tg\varphi_{600} =$	16.334	16.334
$tg\varphi_{700} =$	20.544	18.359
Diff.ª	4.210	2.025

$$\frac{4.^{mm}21}{100} = \frac{2.^{mm}025}{x} \qquad x = 48$$

Portanto OD = 648 e BD = 48 metros.

Em logar d'este processo pouco rigoroso é preferivel empregar outro mais facil e exacto e que consiste em construir a curva das alças theoricas (1) e procurar a abscissa (alcance) correspondente á ordenada (alça theorica) egual no presente caso a 18,359.

Procedendo assim, obtem-se OD = 650 e BD = 50 metros. Semelhantemente, para FB; (fig. 1)

$$tg\varphi_{OF} = 16.^{mm}334 - \frac{1.^{m}215}{600} = 14.^{mm}309$$

A $14.^{mm}309$ corresponde o alcance 546 e portanto FB = 54 m. s. A profundidade da zona de 50 % é, pois, egual a 50+54 m. s. = 104 m. s.

Para as porções de terreno SB+BM, RB+BN, QB+

---

(1) Regulamento, pag. 51, n.º 59, substituindo as alças totaes pelas theoricas. As escalas mais convenientes são: 1 a 2 centimetros por 100 metros para os alcances; 2 a 3 millimetros por millimetro para as alças.

BP, (fig. 2) batidas por 82, 96 e 100 % dos tiros, obtem-se, por identico modo:

BM = 98 SB = 114 SBM = 212
BN = 140 RB = 180 RBN = 320
BP = 184 QB = 254 QBP = 438

O quadro que se segue contem, com approximação até meia dezena, os resultados obtidos por este processo ás distancias que vão desde 600 a 1:800 metros.

Distancias	Profundidade do terreno batido por 50 % dos tiros			Idem por 82 %			Idem por 96 %			Idem pela totalidade		
	Zona posterior	Zona anterior	Zona total	Zona posterior	Zona anterior	Zona total	Zona posterior	Zona anterior	Zona total	Zona posterior	Zona anterior	Zona total
600	50	55	105	100	115	215	140	180	320	185	255	440
700	50	50	100	95	110	205	140	170	310	185	240	425
800	50	50	100	95	105	200	140	165	305	185	230	415
900	50	50	100	95	105	200	140	165	305	185	225	410
1000	50	50	100	95	105	200	140	160	300	185	225	410
1100	45	50	95	95	100	195	140	155	295	180	210	390
1200	45	50	95	90	100	190	135	150	285	175	205	380
1300	45	45	90	90	95	185	130	140	270	175	200	375
1400	45	45	90	90	90	180	130	140	270	170	195	365
1500	45	45	90	90	90	180	130	140	270	170	190	360
1600	45	45	90	90	90	180	130	140	270	170	190	360
1700	45	45	90	90	90	180	130	140	270	170	190	360
1800	45	45	90	90	90	180	130	140	270	170	190	360

Parece á primeira vista que a dispersão no plano horisontal deveria augmentar quando a distancia augmentasse, a simples inspecção do quadro mostra-nos, porém, que longe de crescer ella começa por diminuir tornando-se depois constante. Para explicar este facto consideremos as duas causas das quaes depende a dispersão no sentido do tiro: dispersão vertical e curvatura da trajectoria.

Em virtude do accrescimo da primeira com a distancia deverá augmentar a dispersão em alcance; em virtude do accrescimo da segunda deverá ella diminuir.

Por consequencia, emquanto a dispersão vertical crescer mais lentamente do que a curvatura da trajectoria diminuirá a extensão do terreno batido; quando as duas causas crescerem a par, esta tomar-se-ha constante; quando a dispersão vertical crescer muito rapidamente haverá augmento, como se observou na Russia no tiro executado a distancias superiores a 2:500 metros.

Mostra-nos mais o quadro que a profundidade da zona attingida pela parte central do feixe de trajectorias (50 %) vae decrescendo lentamente de 105 a 95 metros desde 600 a 1:200 metros, conservando-se constante e egual a 90 metros a partir d'esta ultima distancia até 1:800 metros.

Ora como por falta de dados exactos, suppozemos constante o factor do augmento de dispersão vertical a partir de 1:000 metros, quando de facto elle crescerá, faremos notar que os numeros aqui indicados para as distancias superiores devem ser realmente mais elevados, approximando-se n'este caso mais de 100 metros do que de 90. Por isso e attendendo á insignificante differença entre os limites extremos (90-105) é licito estabelecer 100 metros como profundidade constante d'esta zona cuja parte anterior é muito sensivelmente egual á posterior.

D'aqui se vê qual a interpretação que se deve dar aos n.os 291 e 296 do nosso Regulamento de tiro. Diz o primeiro: «Em terreno parallelo á linha de mira o fogo executado com uma só alça qualquer que seja a distancia, bate efficazmente uma zona de 100 metros de profundidade, 50 metros áquem e 50 metros além do alvo». Pelos resultados a que chegamos somos levados a concluir que esta zona efficazmente batida é a zona correspondente á parte central do feixe e que contem 50 % dos tiros feitos.

Reparando em cada distancia isoladamente nota-se que a dispersão no terreno segue com extraordinaria approximação a lei de dispersão no plano vertical, e

como nós tomámos para a zona dos 50 °/₀ a grandeza de 100 metros, estabeleceremos de maneira geral 200 metros para a zona de 82 °/₀, 300 metros para a de 96 °/₀ e 400 metros para a zona batida pela totalidade dos tiros. (1)

Mafra. (Continúa).

Amaro Dias da Silva Junior,
Tenente da Escola Pratica.

Reorganisação da Escola pratica de Infanteria

(Continuado do n.º 5)

Poderá parecer á primeira vista que a instrucção de tactica não será de uma absoluta necessidade para os aspirantes, pois que tendo estes frequentado a Escola do Exercito e tendo tomado parte durante 2 annos nos exercicios militares que n'ella se realisam, deviam chegar a Mafra com sufficiente conhecimento da ordenança de infanteria e com uma tal ou qual pratica de commando.

Talvez assim devesse ser, mas na realidade nada d'isso succede e em todos os annos tem havido cadetes ou aspirantes—e não poucos—que, ao apresentar-se na Escola, mostram bem nunca terem visto soldados, per-

(1) Não será superfluo repetir que a dispersão depende do gráo de instrucção dos atiradores; os numeros que apresentamos representam um resultado medio que, de resto, é o que os varios escriptores militares adoptam n'este genero de estudos. Nas experiencias de Chalons com a espingarda $^{m}/_{1874}$ concluiu-se que a largura da faixa indefinida parallela á frente dos atiradores e que continha 50 °/₀ dos tiros era de 120 metros Experiencias feitas na Russia com a espingarda $7^{mm},62$ provaram que segundo o gráo de instrucção dos homens assim a dispersão total variava desde 220 até 360 metros.

turbando-se e perdendo toda a serenidade logo que se encontram na sua frente, revellando uma absoluta falta de pratica de commando e um completo desconhecimento do regulamento tactico da arma.

N'estas circumstancias pois, e sendo a instrucção dos recrutas um dos primeiros serviços em que os aspirantes são forçosamente empregados ao entrarem nos regimentos, comprehende-se bem a conveniencia que ha em lhes ministrar na Escola um ensino minucioso e completo, não só sobre a ordenança, como tambem sobre o regulamento de campanha, serviço de guarnição, equipamento etc.... isto é, sobre tudo quanto constitue a instrucção dos recrutas.

Além d'esta vantagem, outra não menos importante colhem, assistindo e tomando parte em toda a instrucção da companhia normal, porquanto obedecendo essa instrucção a um programma completo, tão desenvolvido quanto possivel e que, mercê do grande e constante effectivo da companhia e dos recursos da Escola, é rigorosamente cumprido, os aspirantes ficam fazendo uma idéa perfeita da ordem e do methodo a que deve obedecer toda a instrucção annual de uma companhia de infanteria, começando na instrucção individual dos recrutas, passando pelas escolas de esquadra, pelotão e companhia, até aos exercicios de tactica applicada e de serviço de campanha d'esta ultima unidade.

Em regimento algum dispõem as companhias de um effectivo que se approxime sequer do da companhia normal—160 praças de pret no pessoal de instrucção,—effectivo que se mantem constante desde janeiro, em que ella se constitue, até fim de agosto em que é dissolvida; em nenhuma outra companhia póde pois a instrucção caminhar com tanta regularidade, com tanto methodo e sobretudo com tanta persistencia.

Uma vez ao menos e logo no principio da sua carreira, os futuros officiaes da arma téem assim occasião de conhecer o modo como deveria caminhar a instruc-

ção das companhias nos regimentos, e quando por occasião de manobras ou por qualquer outra circumstancia tenham de ver-se á frente de unidades de grande effectivo não o podem estranhar porquanto já commandaram e manobraram com pelotões de 26 filas, que tantas são as de que dispõe cada um dos 3 pelotões da companhia normal.

Tanto na Escola se reconheceu a necessidade de se dar á instrucção tactica dos aspirantes o maior desenvolvimento possivel, fazendo-lhes adquirir a pratica do commando e o habito de se encontrarem á frente dos soldados, que, desde 1895, essa instrucção tem logar todos os dias, em uma sessão de hora e meia de trabalho, pelo menos, desde janeiro até agosto, e no actual periodo escolar desde novembro, isto é desde a abertura da Escola.

Acrescentando a isto que na companhia normal a instrucção é dirigida com bastante rigor, não póde deixar de se admittir que, só por uma grande falta de aptidão militar ou por uma completa ausencia de boa vontade, é que, ao concluirem o tirocinio e ao entrarem nos regimentos, os aspirantes se não apresentam com desembaraço na frente dos soldados, conhecendo regularmente o regulamento tactico da arma e o do serviço de campanha, encontrando-se bem preparados para instructores dos recrutas e para commandarem as secções e pelotões nos exercicios de companhia.

*
* *

Tal como actualmente se acha prescripta, a instrucção dos aspirantes e 1.os sargentos na companhia normal, obedece aos principios mais sensatos e mais apropriados ao fim que ha em vista alcançar.

(Continúa). *P. S.*

Commissão de aperfeiçoamento da arma de infanteria

Noticia dos ultimos trabalhos

Foram apreciados os resultados obtidos nas experiencias que por ordem do Ministerio da Guerra se effectuaram nos differentes corpos da arma sobre as alterações feitas ultimamente no Titulo I do Regulamento para a instrucção tactica da infanteria, na parte relativa á grandeza e velocidade dos passos cadenciados, afim de servirem de contra-prova á serie de experiencias realisadas na escola pratica de Mafra.

Da analyse d'esses resultados vê-se que as opiniões se dividem quanto á fixação da grandeza do passo ordinario. Nas experiencias feitas em alguns corpos constatou-se que essa grandeza attingia 0,^{m}75 com a velocidade de 120 passos por minuto. Em outros regimentos, porém, entre os quaes seis da guarnição de Lisboa e dois da guarnição do Porto, a grandeza resultante das experiencias não excedeu a 0,^{m}70 e a 0,^{m}72 com a mesma cadencia.

A grande maioria dos corpos pronunciaram-se a favor do passo accelerado executado pela forma prescripta no n.º 65 do Titulo I do alludido Regulamento, edição de 1895, comquanto nem todos fossem concordes na grandeza e velocidade a attribuir a este passo.

Quanto á forma de execução do passo de carga notou-se uma grande diversidade de opiniões, apresentando-se argumentos de ponderação contrarios a que no regulamento sejam fixados os numeros representativos da velocidade e grandeza do passo, preferindo alguns corpos que estes elementos fiquem indeterminados tornando-se variaveis segundo as circumstancias, ou executando-se este passo á carreira.

A maioria dos corpos pronunciou-se tambem favoravelmente á conservação dos movimentos de arma *em adoração, em funeral e á do passo lateral.*

*

Foram revistas as ultimas provas das *Instrucções para o emprego e disposição do equipamento de infanteria de 1894 e sua nomenclatura*, as quaes devem ser brevemente distribuidas aos corpos e estabelecimentos da arma.

*

Tomou-se conhecimento da nota do commandante de infanteria n.º 14, na qual se expõe a conveniencia de serem publicadas umas instrucções que regulem o serviço de embarque e desembarque das tropas de infanteria em marcha pela via ferrea e o consequente acondicionamento dos artigos do equipamento dentro dos respectivos vagons, de forma a conciliar a commodidade das tropas durante o trajecto pela via ferrea, com as possiveis vantagens tacticas no caso de ataque de comboyos.

Sobre este assumpto fizeram ligeiras considerações alguns dos membros da commissão, concordando-se em que as difficuldades existentes não se encontram só na forma do acondicionamento dos equipamentos dentro dos vagons, mas ainda na diversidade de typos de vagons de 3.ª classe, cujas condições de accomodação variam bastante de linha para linha e ainda dentro da mesma linha ferrea.

Por ultimo resolveu-se que o coronel de infanteria n.º 16, snr. José Augusto Nogueira de Sá, fosse encarregado de elaborar um projecto de instrucções sobre o serviço de embarque e desembarque das tropas de infanteria em marcha pela via ferrea, afim de serem apreciadas pela commissão e submettidas seguidamente á approvação superior.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Novo material de artilheria de campanha

Depois dos aperfeiçoamentos introduzidos na arma portatil que attingiu um alcance de 2:500 metros e uma velocidade de 10 tiros por minuto, a artilheria, continuando armada com a simples boca de retrocarga, como se fabricou ha quarenta annos, corria o risco de perder parte da sua importancia, por não poder influir poderosamente em todas as soluções tacticas, acompanhando o combate mesmo nas phases mais criticas. Previa-se que, com os seus agora fracos meios de acção, se não poderia sustentar em frente das linhas de infantes, ás distancias em que a sua cooperação se torna mais necessaria.

A artilheria de campanha dispunha de um material atrazado, não só em relação á espingarda de repetição, mas ainda ao armamento dos navios, abundantemente providos de peças de tiro rapido.

Dos esforços feitos para dotar a artilheria de campanha com um progresso parallelo, resultou a moderna peça de tiro rapido que tem sobre as anteriores o dobro do alcance, uma velocidade de tiro triplicada, maior precisão e effeitos destruidores mais energicos, pelo emprego das granadas carregadas com polvoras brisantes.

O primeiro canhão de tiro rapido apresentado foi o Nordenfeld que era montado em reparo fixo, e, portanto, só utilisavel no armamento dos navios e fortificações.

Um canhão proprio para armar a artilheria de campanha tinha de ser montado sobre um reparo de flexa e com rodas, e portanto não podia aquelle servir, mas nem por isso deixava de fornecer certos detalhes communs ou facilmente adaptaveis, que vinham facilitar o problema da construcção do canhão movel.

As condições a que devia satisfazer o novo canhão foram primeiramente formuladas por alguns officiaes de artilheria, e diziam especialmente respeito :

1.º A' adopção de um reparo que, uma vez posto em bateria, tivesse uma parte fixa e outra movel durante o recuo, de modo que, apoz este, a peça voltasse automaticamente á primitiva posição.

2.º A' adopção de uma alça funccionando com mais rapidez que a alidade de pontaria.
3.º A peça devia poder apontar-se, sem se deslocar a parte fixa do reparo.
4.º O cartucho devia ser reunido ao projectil, ter escorva, e dar uma obturação perfeita.
5.º A extracção do cartucho queimado devia operar-se automaticamente com o movimento da culatra, assim como o armar do percutor.

Os primeiros canhões de tiro rapido apresentados foram construidos nas officinas Krup e Crusonwich, vindo em seguida o

Canhão Canet

O canhão Canet é já conhecido, porque a sua descripção foi publicada.

O elemento que apresenta maior modificação é o reparo, dito de *flexa elastica.*

Consta o reparo de duas partes principaes : a conteira e a flexa, sendo aquella fixa durante o tiro, e movel a segunda que, apoz o tiro, escorrega com um movimento de embolo, arrastando no mesmo movimento de recuo as rodas, o eixo e a boca de fogo.

A *conteira* é formada por um tubo de aço, no interior do qual se aloja um freio hydro-pneumatico, cuja haste de piston é constituida pela flexa.

A *flexa* é de aço e comprehende uma parte com uma das extremidades aberta para dar passagem á conteira.

O *reparo propriamente dito* compõe-se de duas falcas solidamente reunidas. São de aço, e todas as superficies de contacto são perfeitamente trabalhadas e polidas, de modo que os manejos são faceis e rapidos.

Linha de mira: Obtem-se por meio de uma alça e de um ponto de mira.

Freio Hydro-pneumatico: Está alojado dentro da conteira, e assegura o regresso ou retorno em bateria.

Munições: Comprehendem dois elementos, o projectil e a camisa ou envolucro. O envolucro é de latão e aluminio, e contém a escorva de percursão e a carga de polvora. Os dois elementos estão habitualmente separados, e a ligação só se opéra em vista do tiro immediato.

Actualmente são muitos os modelos de canhões de campanha, de tiro rapido, que teem sido apresentados e offerecidos para experiencias a varias nações que os pretendem estudar e adquirir. Alem dos canhões Krup e Canet, temos noticia dos canhões Throusen, Maxim, Ordonez e St-Chamond.

O estado dos estudos e fornecimentos nas differentes nações é o seguinte:

ALLEMANHA

Ha dois annos que n'esta nação se trabalha com grande actividade e segredo na transformação do material, e suppõe-se que a substituição deve estar muito adeantada.

Até ha pouco tempo nenhuma informação se tinha publicado sobre o assumpto; porém a recente publicação das instrucções officiaes permittiu tomar d'esse material um conhecimento approximado. Não se faz n'essas instrucções a descripção da peça e seus accessorios, mas tambem se não poude evitar o conhecimento das manobras e de alguns detalhes. Segundo a *Revue militaire de l'étranger*, n.º 844, a boca de fogo não repousa sobre o reparo pelo systema dos munhões, e póde apontar-se em direcção sem mecher no mesmo reparo, cuja rigidez se obtem por um freio de cordas e uma pá de conteira.

A extracção do cartucho é automatica. A culatra é de cunha, abrindo para a direita, e a obturação obtem-se pelo envolucro e sua base. O fogo communica-se por um percutor.

FRANÇA

Possue já muitas baterias armadas com o obuz de 12^{cm} de tiro rapido, e muitas peças de 7,^{cm}5 com que em breve se armarão outras baterias.

AUSTRIA

Teem-se feito experiencias com a artilheria de tiro rapido, mas, entretanto, ou seja por circunstancias economicas, ou por que se não descobrio uma consideravel vantagem na nova peça, determinou-se que na artilheria antiga fossem introduzidas algumas modificações tendentes a obter maior velocidade de tiro.

Com a reforma introduzida no material antigo, dizem as novas instrucções, consegue-se uma velocidade de 6 tiros por minuto, ou o dobro da que anteriormente se alcançava. As alterações principaes consistiram na adopção de um freio de recuo, uma alça, um annel obturador e uma chave de regulação das espoletas de tempos.

O systema destinado a limitar o recuo compõe-se de uma armadura do meio da qual se destaca uma haste contendo uma serie de molas ligadas na frente a um disco, sobre o qual se applica o recuo, que de 0,^{m} 90 que era se restringe a 0^{m},30.

RUSSIA

Ainda não introduziu o material moderno, mas introduziu melhoramentos no antigo, de modo a augmentar a velocidade de tiro.

ITALIA

Em 1897 abriu o governo concurso entre os constructores, para a apresentação da peça de tiro rapido. Foram apresentado seis modelos, dois das officinas de Napoles e Turim e quatro de casas estrangeiras. As experiencias realisaram-se no polygono de Nettuno, mas parece que a commissão se não deu por assaz satisfeita com os resultados, que não achou concludentes.

O general Peltoux, n'um relatorio apresentado ao parlamento, declarou que o material de 9^{c} podia continuar a servir sob a condição de ser melhorado com algumas alterações; porem o material de 7^{c} precizava ser substituido por outro moderno.

HESPANHA

Uma commissão official procedeu ás experiencias o anno passado, de canhões de tiro rapido apresentados pelos constructores Krup, allemão, A. Chamonad, francez, Maxim e Nordenfeld, inglez, e pelo tenente coronel hespanhol, Ordonez.

SUISSA

Ha mais de um anno que n'este paiz proseguem os estudos e experiencias, e parece que em breve este paiz renovará todo o material.

TURQUIA

Acaba de fazer encommendas á casa Krup.

PORTUGAL

Começaram já ou devem começar brevemente em Vendas Novas as experiencias com peças de tiro rapido apresentadas em concurso por differentes constructores.

Com a peça que ficar approvada e escolhida se armará em seguida o grupo de baterias a cavallo que tem o seu quartel em Queluz.

ESTADOS-UNIDOS

Nos recentes combates com os hespanhoes já os americanos fizeram uso de bocas de fogo de campanha de tiro rapido, que suppomos serem de fabricação ingleza.

Vê-se pelo que fica exposto que a acquisição da peça de campanha de tiro rapido é um dos assumptos que actualmente mais preoccupam os organisadores militares, e que n'um futuro não muito distante todas as artilherias estarão armadas com a nova boca de fogo.

Razão tinha, pois, o coronel Langlois, quando em 1892 escreveu na *Revue militaire de l'étranger:* «As nações europeas serão certamente chamadas a transformar o armamento de artilheria de campanha».

E o capitão Moch dizia na mesma revista: «Deve-se esperar que, logo que por uma nação seja introduzido, não diremos um material completamente novo e superior, mas um simples melhoramento, todas as mais nações o adoptem sem demora».

J. O.

BIBLIOGRAPHIA

Manual para uso dos candidatos aos postos de 2.º sargento de infanteria. José Velloso de Castro e Albino Chalot.

Este livro, como no prefacio declaram os seus auctores, dois illustrados e distinctos officiaes inferiores da nossa infanteria, tem por fim preparar os candidatos ao posto de 2.º sargento, ministrando-lhes todos os conhecimentos exigidos pelo programma.

Felicitamos os dois illustrados auctores do livro em questão, pois attingido o fim que se propozeram, conseguiram remover muitas difficuldades e trabalhos que assobrebavam os candidatos ao officialato inferior da nossa arma com a consulta de varios diplomas officiaes, regulamentos manuaes de varias origens, estes mais ou menos eivados de defeitos e já pouco em harmonia com o actual programma.

A edicção do livro que temos presente é já 2.ª, signal certo que elle tem obtido um lisongeiro acolhimento, aliás merecido. Todavia, áquelles para quem o livro foi escripto aconselhamos a fazer acquisição d'elle, certificando-os nós de que elle não só bem os prepara para a prova que pretendem dar, mas até mais tarde lhes servirá de compendio de assumptos techinicos, de administração e detalhe, cujo conhecimento será necessario para o bom desempenho das funcções que ao seu posto estão commettidas.

Felicitamos mais uma vez os dois distinctos escriptores, resta-nos agradecer-lhes a amabilidade da dedicatoria com que honraram a nossa *Revista*.

SECÇÃO COLONIAL

Subsidios para um projecto de colonisação militar

(Continuação)

II

Quanto ao *trabalho*, a mão d'obra seria indigena (soldados negros nos primeiros tempos, soldados e contractados mais tarde); a direcção seria européa (officiaes e praças brancas profissionaes ao principio, officiaes, praças e technicos mais tarde).

Os officiaes seriam sómente inspectores, fiscaes ou agentes (commandantes de posto). Vemos que, em conformidade com os principios da Economia Politica, os administradores e fiscaes seriam tirados d'entre os accionistas, por serem interessados nos progressos da instituição, mas faz-se-hia acquisição de technicos ou gerentes que conduzissem os trabalhos com a proficiencia que fallece n'aquelles. Esses technicos seriam essencialmente praticos, contratando-se inclusivamente estrangeiros, quando os não houvesse nacionaes.

No recrutamento das praças brancas preferir-se-hiam profissionaes, lavradores, pedreiros, serradores, carpinteiros, serralheiros, etc.

Os não profissionaes formariam parte d'uma guarnição permanente dos postos sempre em armas, para dominar qualquer conflicto. As praças brancas e negras teriam exercicio militar 3 vezes na semana.

De resto, eis o programma dos trabalhos a emprehender.

—Organisação de *granjas militares*, junto dos postos situados em regiões ferteis e em boas condições agricolas, tendo o cuidado de explorar as especies que melhor devessem vingar n'essas regiões, depois de bem estudados o clima e a natureza do terreno a cultivar.

Destribuir ao indigena sementes de especies vegetaes valiosas, e que se adoptassem perfeitamente ao *habitat* local, incitando aquelle á sua cultura, por meio de premios, de remunerações convenientemente destribuidas.

Recorrer ao negro contractado para auxiliar a guarnição nos trabalhos do campo em certas epochas em que estes fossem mais activos e violentos. Pagar ao trabalhador negro em genero (o que elle preferisse) dentro dos lucros que tivesse a receber; conviria talvez abonar-lhe de vez em quando, como incentivo, á conta dos lucros que tivesse a receber, os artigos que elle mais ambicionasse. O negro trabalhará melhor e mais, se se lhe pozer o premio quasi ao alcance da mão, distribuindo-lhe os lucros a miudo: assim como para elle deve ser prompto o castigo, tambem o galardão. Respeitar-lhe o interesse, patenteando-lhe os objectos mais cubiçados e fazendo-lhe perceber que os virá a possuir, se executar um determinado trabalho n'umas determinadas condições.

Explorar culturas differentes, como manda Leroy, Preaulieu para que, tendo em vista as alternativas de

excesso e *procura* dos mercados europeos, houvesse sempre sahida para alguns productos.

Os emigrantes europeos prestariam bons serviços nas colonias agricolas, quer aperfeiçoando o indigena nos trabalhos do campo, ensinando-lhes os processos de cultura europeos, quer iniciando-os nas difficuldades das artes manuaes, formando assim carpinteiros, ferreiros, serradores, mineiros, cabouqueiros, quer cooperando com o chefe do posto na collocação dos seus productos, auxiliando-o com a sua intelligencia e com a sua dedicação; attender sempre, porém, a que, devendo a organisação d'uma colonia ser muito modesta nos primeiros tempos, não se poderia sobrecarregal-a com o enorme encargo da mantença de dezenas de colonos.

Os poucos homens que se deixassem aggregar a qualquer granja militar, deveriam ter um comportamento exemplar, conhecer bem qualquer profissão util á colonia, ser activos e dedicados e ficar sujeitos aos regulamentos militares da colonia, exercitando-se com a guarnição e destribuindo-se-lhes armamento e equipamento.

—Organisação de feitorias commerciaes, embora modestas, annexas aos postos existentes em regiões povoadas, fiscalisadas pelos respectivos commandantes, e que tivessem por fim abastecer os mercados indigenas das immediações, permutando-se os generos europeus de fabrico nacional mais estimados n'essas regiões, por productos indigenas de melhor e mais remuneradora collocação.

Seria util interessar no negocio certas entidades indigenas de prestigio entre o negro e da nossa confiança, incitando-as a estabelecer mercados nas regiões do interior ou a organisar caravanas que se internassem o mais possivel, a negociar com o indigena, tornando conhecidos d'elle os nossos productos. A cooperativa forneceria a todos os postos tabellas dos preços maximos porque os agentes poderiam adquirir os generos coloniaes, arbitrando a esses agentes uma commissão sobre

as compras effectuadas, commissão cujo °/₀ seria proporcional ao valor que a transacção effectuada tivesse nos mercados europeus, isto para obrigar os agentes a preferir as compras de generos mais remuneradores, embora de mais trabalhosa acquisição. D'este modo a cooperativa cederia as fazendas para o agente negociar, conduzindo este as transacções como podésse de modo que ella viesse a receber os generos por preço rasoavel.

Com o mesmo fim conviria organisar systemas de premios pecuniarios e até honorificos: ao agente que negociasse mais em conta para a Cooperativa, ao que transaccionasse mais rapidamente, ao que transaccionasse em maior escala, ao que abrisse maiores extensões de caminhos, ao que cultivasse mais, etc.

Estabelecer entrepostos de Cooperativa nos portos mais importantes, os quaes se poriam em relações directas com os postos visinhos e com a metropole, encurtando-se assim os percursos das mercadorias com dupla economia de tempo e dinheiro.

—Organisação de colonias de exploração junto dos postos estabelecidos em regiões providas de madeiras valiosas, de especies vegetaes espontaneas de valor seguro e de collocação garantida e de mineraes de extracção e transporte faceis e pouco dispendiosos.

(Continúa).

Alfredo de Leão Pimentel,
Alferes de infanteria.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

Nomenclatura abreviada—Circular n.º 519 da 2.ª Repartição do Commando geral de artilheria, de 15 de fevereiro de 1898.

Determina que para a execução da portaria de 4 do corrente, que manda adoptar a nomenclatura abreviada do material de guerra em substituição da publicada na ordem n.º 6 da direcção geral d'artilheria de 1 de julho de 1883, se cumpra o seguinte: 1.º—Que na escripturação do registo respectivo a referida nomenclatura comece a vigorar em 1 de julho do corrente anno. 2.º—Que observando-se quanto está determinado na ordem do exercito n.º 23 de 3 de setembro de 1892, com respeito á organisação do registo 11, serão modificadas as designações dos artigos por fórma a harmonisar a antiga com a nova nomenclatura trocando alguns dizeres ou accrescentando outros, podendo assim ser aproveitadas as actuaes folhas d'aquelle registo.

Telegraphos—pessoal supplente—Circular n.º 15 da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 26 de fevereiro de 1898.

Altera provisoriamente o § unico do artigo 14.º do regulamento para o serviço dos telegraphos de guarnição e pombaes militares, de 7 de setembro de 1888, publicado na ordem do exercito n.º 22, augmentando o pessoal habilitado em cada corpo para occorrer ás vacaturas e impedimentos, com um cabo ou soldado, que reuna as condições do artigo 19.º do mesmo regulamento.

Recrutamento—autos e intimações — Circular n.º 18-A da Repartição de justiça do commando da 1.ª divisão militar, de 5 de março de 1898.

Determina rigorosa observancia das «Instrucções» de 25 de novembro de 1896 da 2.ª Repartição da secretaria da guerra e seus modelos, para os effeitos do artigo 23.º da lei de recrutamento, por isso que no crime de deserção, previsto no referido artigo, se torna necessario que as intimações tenham sido devidamente feitas, o que as citadas instrucções claramente ensinam e explicam.

Ajudas de custo—inspecções—Circular n.º 435 da Direcção da Administração militar, de 3 de março de 1898.

Determina que a ajuda do custo de 1$000 réis aos membros das juntas districtaes, de que trata o § 4.º do artigo 58.º do regulamento dos serviços de recrutamento de 6 de agosto de 1896, sómente deverá ser abonada nos dias em que as juntas funccionem; e que os presidentes das juntas enviem á mesma direcção relações nominaes dos officiaes com direito ao referido abono, declarando os dias em que as juntas realmente funccionaram.

Averbamentos—Circular n.º 36 da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 7 de março de 1898.

Declara que é extensivo á casa «baixa de serviço» das folhas de registo do modelo anterior ao actual, o disposto no artigo 35.º do regulamento para o serviço dos corpos de 24 de dezembro de 1896, pelo que devem os correspondentes averbamentos ser escriptos na casa «notas biographicas.»

Escripturação—Ordem circular n.º 24 do commando da 1.ª divisão militar, de 9 de março de 1898.

Publica a nota 36/1896 da 2.ª Repartição da Secretaria da Guerra, declarando que as instrucções annexas ao regulamento do serviço interno dos corpos revogam

as disposições anteriores relativas á escripturação e apenas admittem as consignadas na ordem n.º 22 de 1892 e additamentos, para serem estabelecidos de preferencia como nórma, devendo, portanto, seguirem-se os preceitos estabelecidos nas referidas instrucções.

Recrutamento—*Apresentações*—Circular n.º 31 da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 10 de março de 1898.

Determina que os commandantes das unidades activas communiquem aos das de reserva a apresentação dos recrutas destinados áquellas unidades, ficando por esta forma alterado o disposto no artigo 99.º do regulamento de 6 de agosto de 1896.

Averbamentos—Circular n.º 36 da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 12 de março de 1898.

Determina que na verba de passagem á companhia de alumnos da E. Ex. para effeito de matricula no curso de engenharia civil e minas se mencione «nos termos do § unico do artigo 84.º do regulamento da Escola do Exercito de 27 de setembro de 1897.»

Hospitaes Militares—Circular n.º 57 da 6.ª Repartição da Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 17 de março de 1898.

Publica as instrucções sobre a remodelação do regimen alimentar nos hospitaes militares, mandado ensaiar, durante quatro mezes a começar do 1.º de abril, nos hospitaes permanentes de Lisboa e Porto.

Telegraphos—*Pessoal*—Ordem circular n.º 28 do commando da 1.ª divisão militar, de 23 de março de 1898.

Transcreve a nota da Secretaria da Guerra que recommenda a rigorosa observancia do disposto no § unico do n.º 3.º do artigo 18.º do regulamento dos telegraphos da guarnição e pombaes militares, a fim de que na Direcção respectiva haja perfeito conhecimento do pessoal habilitado para o serviço telegraphico. Igual-

mente recommenda que os corpos tenham para este serviço o pessoal que consta do artigo 14.º do regulamento citado e circular da 2.ª repartição n.º 15 de 26 de fevereiro ultimo.

Reservas—*Mappas* m/5—Circular n.º 1:014 da Repartição de recrutamento e reservas do commando da 1.ª divisão militar, de 30 de março de 1898.

Determina que se deve indicar no verso do mappa modelo 5, em casas especiaes, por armas e postos, o numero de reservistas ausentes nas colonias, no estrangeiro, e d'aquelles cujo domicilio é desconhecido, com indicação das especialidades da arma de engenheria e companhias de administração militar. Nos postos basta especialisar: officiaes inferiores, cabos e soldados serventes, cabos e soldados conductores, musicos, artifices, clarins, corneteiros ou tambores e respectivos aprendizes, ferradores e aprendizes de ferrador. O mappa 5 deve conter o numero total dos reservistas incluindo os ausentes sem domicilio conhecido.

Impedidos e ordenanças a cavallo—Ordem circular n.º 29-A do commando da 1.ª divisão militar, de 26 de março de 1898.

Determina que as ordenanças isoladas e os impedidos de officiaes que, a cavallo, tenham de percorrer a Avenida da Liberdade o façam sempre por uma das ruas lateraes, sendo-lhes expressamente prohibido o transito pela rua central. Igualmente determina que se não transportem nos cavallos, trouxas, saccos, cabazes ou quaesquer outros volumes. As praças encontradas em transgressão serão rigorosamente punidas.

I Anno Outubro—1898 N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

A psychiatria e a justiça militar

A noção classica de criminalidade tem soffrido, nos ultimos annos, as mais interessantes deformações. O elemento—degenerescencia—insinuou-se por tal fórma nas questões forenses, que nos parecem bem cabidas algumas considerações sobre o assumpto e sobre a necessaria invocação dos dados scientificos adquiridos, quando nos tribunaes militares se julguem crimes communs.

E' relativamente avultado o numero de praças do exercito que por esses crimes respondem no fôro militar. Resalta isto da estatistica particular a que o nosso cargo moralmente nos obriga. Em face de taes crimes, o official a quem se confiou o cargo de patrono d'esses desgraçados tem de pôr de parte os seus galões: não está defendendo um soldado, está defendendo um homem; a familia militar não foi lesada, apenas a sociedade o foi. A rigidez classica do official é descabida n'esses casos, porque o defensor não se assentou na sua cadeira sob o pezo grave do brio e do decoro militar offendidos; acha-se ali inteiramente livre e despreoccupado—tão despreoccupado e tão livre como se, em lugar de uma farda, vestisse uma toga. Trata-se apenas de defender um homem—repetimo-l'o—e, infelizmente, esse homem está muitas vezes longe de ser uma creatura normal.

Claro é que nem todo o criminoso é um degenerado: isso seria insistir sobre um abuso theorico de pes-

simas consequencias. Só os systhematicos — que os ha n'isto como em tudo — aventurariam uma affirmação de tal ordem. O que não póde contestar-se é que grande parte dos criminosos são creaturas que regressaram e seguem o caminho da extincção — degenerados n'uma palavra, conformações moraes monstruosas reveladas n'um complexo de estigmas. Os modernos estudos de Magnan e de Schüle trouxeram para a luz o verdadeiro typo do tarado; o quasi sonho de Morel, que viu o Adão decahido sob um aspecto biblico, tem a sua confirmação na obra dos modernos psychiatras. Hoje não se duvida um segundo do grande papel do degenerado no theatro da criminalidade. A degenerescencia é facto admittido e assente. Se ha casos em que a affirmação d'um desvio do typo normal é nitida á vista da conformação exterior do criminoso, outros ha em que o não é. Umas vezes, o degenerado trahe-se por um estigma physico—uma asymetria, a adherencia do lobulo da orelha etc.; outras vezes, por um estigma psychico—um «impulso» por exemplo. *Todo o acto conscientemente realisado, que não poude ser inhibido por um esforço da vontade,* diz Magnan *(Les Dégénérés,* pag. 138*) é um impulso.* Ora, esse impulso, se ás vezes é inoffensivo, como o *delirio do tacto*, outras vezes constitue um crime, — e muitas os maiores e os mais repugnantes crimes. E'-se assassino, violador, ladrão por *impulso*,—por degenerescencia, por doença. E o degenerado tem tanta responsabilidade do estupro que commetteu impulsivamente, como do facto de ter adherente o lobulo da orelha. E' tão criminoso por um motivo como pelo outro, porque ambas as viciações — a organica e a moral — são estranhas á sua vontade.

Não é da nossa especialidade alargar o assumpto. O que queremos deixar bem estabelecido é que ha criminosos por simples fatalidade de doença; que essa doença da raça — a *degenerescencia* — é herdada e intimamente ligada á siphilis, ao impaludismo, ao alcoolismo,

e que uma grande parte dos reus entregues aos tribunaes militares são degenerados.

Ora, é justamente para esse triste rebanho de desviados e de doentes que não ha no Codigo a sombra d'uma disposição benefica. Falla-se ali de loucuras escassamente. Mas degenerescencia não é loucura. Ninguem vae classificar de vesanico um homem que apresenta, por exemplo, a *claustro-phobia*—isto é, o horror invencivel aos espaços fechados. Mas tão naturalmente o degenerado póde ser um claustro-phobo inoffensivo, como um klepto-maniaco que se faça condemnar por ladrão ou um satyriaco que se faça condemnar por violador. A velha questão da *epilepsia larvada*, da epilepsia sem ataque, traz ao banco dos reus muito desgraçado que, por não apresentar a fulguração theatral do verdadeiro epileptico, é tido como um normal. Estamos ainda dentro do campo da degenerescencia, porque o epileptico é um degenerado *ab ovo*.

Ora toda esta horda de impulsivos, de obsediados, de aberrantes, de comiciaes larvàdos—que não são loucos—não tem nos nossos Codigos a mais leve referencia. Nos tribunaes ordinarios, os juizes, educados pela assistencia de advogados que profissionalmente acompanham os progressos da criminalogia, acceitam como circumstancia dirimente, ou, pelo menos, como attenuante, a invocação da pathologia nervosa do reu. Assim devia ser, e assim é. Mas nos tribunaes militares não succede o mesmo. Os jurys não dão o minimo valor á affirmação scientifica da não imputabilidade do degenerado que delinquiu. Porque o reu é soldado e porque uma junta de medicos o admittiu ao serviço militar, entende-se que não póde ser um degenerado. Se o fosse —insistem elles—não o teriam deixado passar no apuro medico do recrutamento.

Era precisamente aqui que nós queriamos chegar. Os clinicos militares que fazem parte das juntas de inspecção, dão ingresso nas fileiras a creaturas que, pela

sua doença, hão de fatalmente resvalar no crime, ou que, pelo menos, trazem com a propria degeneração o *demonio da inadaptabilidade*. Essa impossibilidade manifesta de adaptação ao novo meio militar, traz depois a enorme floração dos crimes offensivos da disciplina. Pelo banco dos reus, junto da nossa meza de defensor, desfila annualmente uma procissão de degenerados que os medicos não deviam ter deixado entrar no exercito, porque, em virtude das suas deploraveis condições morbidas, vem perturbal-o e contaminal-o.

Das duas, uma: Ou os medicos passam a ser mais escrupulosos no exame clinico da admissão ou os jurys que tiverem de julgar esses desgraçados levam em linha de conta, como no fôro commum, os antecedentes nevro-pathologicos do reu. Vá que se não invoque o facto d'uma degenerescencia para os crimes pura e essencialmente militares, porque ahi é julgado não o homem, que póde ser doente, mas o soldado, que deveria ser são. Mas nos crimes communs, em que o criminoso é o homem e não o soldado, a consideração da psychiatria impõe-se nitida e firme—e de modo nenhum deve encontrar no espirito dos juizes militares a repugnancia instinctiva que parece ter encontrado até agora.

Casimiro Dantas,
Major de infanteria.

OS NOSSOS EFFECTIVOS

(Continuado do n.º 5)

Passando uma rapida revista pelas instituições militares nos differentes reinados, desde D. Sebastião até á actualidade, encontramos, a respeito de effectivos, os dados seguintes:

D. Sebastião—Aperfeiçoou as leis relativas á milicia, ordenando que todos os individuos, cuja renda fosse superior a 200$000 réis, tivessem um cavallo proprio para a guerra, que tivessem arcabuz aquelles cuja renda fosse superior a 100$000 réis, ficando obrigados a terem lança todas as mais pessoas, desde os 20 aos 65 annos de edade.

D. João IV.—O Conselho de guerra decretou o serviço obrigatorio nas milicias e ordenanças desde os 15 aos 60 annos de edade, organisou um exercito activo de 25:000 homens com a base do voluntariado, e deu organisação a 30 regimentos ou terços de milicias auxiliares. N'este periodo, as forças armadas foram constituidas por:

1.ª linha...	25:000	homens
Auxiliares .	30:000	»
Ordenanças	100:000	»

O paiz tinha então 2.000:000 de habitantes, e as receitas do estado eram inferiores a 3:000 contos, motivo que se oppoz, por certo, á formação de um maior exercito de campanha.

D. Pedro II.—Manteve a lei e a organisação das milicias e ordenanças e elevou o exercito permanente a 35:000 homens.

A infanteria era constituida por 34 regimentos a 600 homens cada um, e a cavallaria dispunha de 9:600 cavallos.

D. João V.—Desde 1715 e por espaço de 20 annos, manteve-se o exercito no pé de paz, tendo a infanteria 20 regimentos a 500 homens cada um.

Em 1735 determinou-se que cada regimento tivesse 1:000 homens e se compozesse de 2 batalhões.

D. José I.—Manteve-se a organisação das milicias e decretou-se o serviço obrigatorio na 1.ª linha.

Em 1762 foi o exercito elevado ao pé de guerra, ficando cada regimento com 16 companhias e 1:600 homens.

N'este reinado teve o exercito duas mobilisações, achando-se presentes, na 1.ª linha, 50:000 homens,

D. Maria I.—Tornou-se mais rigoroso o serviço obrigatorio.

O tòtal das forças militares foi de 68:600 homens, sendo:

23 regimentos de infanteria do exercito permanente com 18:000 homens.

4 regimentos de artilheria com 3:600 homens.

14 regimentos de cavallaria com 7:000 cavallos.

Somma 28:600 homens.

A milicia teve 48 regimentos organisados, com 40:000 homens.

D. João VI.—*Reinado e regencia.*—Em 1807 foi o reino dividido em 7 governos militares com 24 brigadas de milicias a 2 regimentos cada uma.

Em 1808, para a defeza da capital organisaram-se em Lisboa 16 legiões de ordenanças com 32:000 homens. No mesmo anno foram creados 6 batalhões de caçadores.

Em 1809 creou-se a Leal Legião Luzitana com 2 batalhões de voluntarios, o regimento de voluntarios do commercio, 2 batalhões de atiradores e um de artilheiros.

Em 1810 crearam-se mais 6 batalhões de caçadores, que foram augmentados ao exercito regular.

Em 1811 tinhamos em armas:

Exercito de linha 53:000 homens.

Milicias e voluntarios 57:000 homens.

Ordenanças, divididas em 441 capitanias, 83:000 homens armados de espingarda, e 133:000 armados de lança.

Total dos armados com espingarda 200:000 homens.

N'esta epocha a população do paiz era de 3.500:000 habitantes, e as receitas do thesouro não excediam 13:000 contos por anno.

Em 1816, restabelecida já a paz, o exercito activo foi organisado de modo a attingir, quando mobilisado, 57:000 homens, cabendo á infanteria 24 regimentos e 12 batalhões de caçadores. As milicias foram tambem reorganisadas, de modo a fornecerem 60:000 homens disciplinados, instruidos e armados.

Os regimentos de milicias eram então uma especie de *regimentos—quadros*, e n'elles faziam serviço permanentemente muitos officiaes, sargentos e mais praças, concorrendo, por tal motivo, para avolumar as despezas militares que subiam a 1:000 contos annuaes.

*

A' effervescencia guerreira determinada pela invasão franceza e pelo impulso moral e organico de Beresford. succedeu a seguinte obra:

O decreto de 17 de abril de 1821, faculta aos recrutados que tiverem dinheiro a apresentação de um substituto pago, e isenta do serviço militar os casados.

O decreto de 22 de agosto do mesmo anno extinguiu as ordenanças e suas revistas periodicas e registos, desapparecendo assim uma reserva de 200:000 homens, que, embora constituissem apenas uma tropa de 3.ª qualidade, não deixavam de dar bastante apoio moral e moral á defeza da nação e de concorrerem para a facil formação da 1.ª e da 2.ª linha.

D. Maria 1.ª—O decreto de 25 de abril de 1832, dado em Angra, extingue os batalhões de milicias, ordena que cesse todo o serviço na 2.ª e 3.ª linha, e cria os batalhões de voluntarios constitucionaes.

O decreto de 14 de julho do mesmo anno, publicado no Porto, extinguiu todos os corpos de milicias do reino, declarando esse decreto no preambulo, *que os corpos de milicias eram um dos maiores flagellos que pesavam sobre a nação portugueza!...*

Comprehende-se. A 2.ª linha, pelo seu valor, dis-

ciplina e apego ás tradições, dava ao absolutismo um grande apoio, e, portanto, foi intimada a desarmar e, dissolvida, assim acabou esta instituição que vinha de D. Affonso Henriques, de D. João IV, e que em 1808 fôra reorganisada de modo que, quando convocada e mobilisada, dispunha de 60:000 homens.

Pelo decreto de 14 de julho de 1832, deu D. Pedro começo á organisação dos batalhões nacionaes, determinando obrigatorio o alistamento n'esses batalhões, para todos os individuos de 18 a 50 annos de edade. Logo que D. Miguel fosse expulso e restabelecida no throno a rainha, cessava a obrigação de servir n'aquelles batalhões.

Graças ao enthusiasmo que a causa liberal despertou, D. Pedro poude remir no Porto as forças sufficientes para resistir ao cerco posto á cidade por 80:000 homens das tropas de D. Miguel; e depois, sendo essas forças augmentadas com alguns regimentos do exercito regular que adheriram á causa da rainha, e com numerosos batalhões que se formaram por todas as provincias, poude triumphar definitivamente.

Com a convenção de Evora-Monte em 1834, foram dissolvidas as tropas que tinham obedecido a D. Miguel e que eram a maior parte do antigo exercito permanente que vinha de 1641, 1762, 1808 e 1816.

Estavam, portanto, completamente destruidas as antigas organisações militares, e as forças armadas que existiam no paiz eram, de infanteria, uns 10 regimentos da 1.ª linha que tinham adherido, e os numerosos batalhões nacionaes, cuja organisação era temporaria, porque as praças eram obrigadas a servir só até ao restabelecimento da rainha no throno.

Tendo sido por diversas vezes reduzidos e licenceados e outras vezes mobilisados e reorganisados, estes batalhões existiram como tropa irregular ou de 2.ª linha até ao anno de 1846, em que foram dissolvidos,

por offerecerem pouca segurança e garantia ao regimen constitucional e á tranquillidade publica.

Depois d'esta dissolução não se tornou a organisar em Portugal nenhuma outra tropa de 2.ª linha, facto que não deixa ter gravidade, e que se nos afigura um mau expediente para obter a tranquillidade e a segurança da nação.

Parece-nos que se devia reformar e disciplinar a força armada e não supprimil-a.

Emquanto ao exercito regular—o exercito da organisação de 1816—só se veio a reconstituir setenta annos depois, em 1884, depois de haver passado pelas seguintes phases:

Em 25 de julho de 1834, com os regimentos e batalhões que tinham adherido á causa da rainha, organisaram-se 12 regimentos de infanteria e 4 de caçadores.

Em 1837, foram estes regimentos transformados em 30 batalhões.

Em 1842 foi a infanteria reorganisada em 17 regimentos e os caçadores em 8 batalhões.

A reforma de 1863 deu-nos 18 regimentos de infanteria e 12 batalhões de caçadores, tendo aquelles 8 companhias e estes 6.

Segundo esta reforma o exercito mobilisado apresentaria 50:000 homens, força bastante insufficiente para as necessidades e recursos da epocha, porque demais, continuava a não haver nenhuma tropa de 2.ª linha nem reserva.

Finalmente, pela reforma de 1884 foi a infanteria organisada com 36 regimentos, sendo 12 de caçadores, e tendo cada regimento dois batalhões activos e 1 de reserva. Estes ficaram apenas no papel, porque nunca se reuniram elementos nenhuns para a sua formação, nem praças nem officiaes.

*

Como os regimentos e batalhões nem sempre tiveram o mesmo numero de companhias, é descriminando o numero d'estas, que se pódem mais rapidamente comparar as differentes reformas.

E assim:

Em 1762	teve	a infanteria	320	companhias
Em 1816	»	»	»	312	»
Em 1863	»	»	»	216	»
Em 1884	»	»	»	288	»

Emquanto a effectivos tivemos 50:000 homens nas mobilisações de 1763 e 1811, que é o effectivo organico da reforma de 1863, e que seria o mesmo effectivo que praticamente nos daria a reforma de 1884, se uma mobilisação tivesse logar no actual momento.

Prova tudo isto que, no progresso basilar da instituição armada, que substancialmente reside na grandeza dos effectivos, não só não temos acompanhado n'este seculo as demais nações da Europa, como nem mesmo nos acompanhamos a nós proprios.

A principal causa d'este retrocesso foi o perdermos o principio de serviço obrigatorio que substituimos por outros systemas inferiores de recrutamento que estabeleceram o previlegio, a substituição e a remissão.

Outro golpe profundo foi a suppressão da 2.ª linha e finalmente as más reformas do exercito activo e a nenhuma execução d'essas reformas.

(Continúa). *Julio d'Oliveira.*

Tenente de infanteria.

Reorganisação da Escola pratica de Infanteria

(Resposta)

(Continuado do n.º 6)

O articulista vem agora dizer-nos o que seja a *companhia normal de instrucção*; e, remontando, erradamente, á data da sua creação, descreve-nos os seus prestantes serviços e termina por nos persuadir de que ella *é o meio ou o instrumento para a instrucção tactica dos aspirantes e 1.os sargentos em tirocinio na Escola Pratica.*

Começando pela *creação*, contarei em duas palavras, essa historia que aliás poderia ser longa. Desde 1887 a 1891 estiveram na Escola dois caturras que, á fina força, queriam dar incremento ao tiro. Approximou-se o periodo de instrucção de 1889 e com elle chegou o celebre batalhão escolar, armado em guerra, de que já fallei no primeiro artigo. Começou a faina do trabalho e da manobra, nos termos em que já a descrevi; mas o que é certo é que o tiro não levou a melhor. Escusado é dizer que os dois caturras ficaram furiosos, e juraram aos seus deuses tirar justa vingança. Com effeito, no anno de graça de 1890 o batalhão morria ás mãos d'um homem que, não sendo da arma, comprehendeu melhor as necessidades d'ella. O infeliz (porém gastador eximio, ponha-se-lhe no epitaphio) foi substituido por uma simples companhia em pé de guerra, d'onde proveio para esta o nome de *companhia de guerra*. Devo, todavia, dizer que os ditos caturras ainda não ficaram satisfeitos, porque, sendo seus paranymphos, queriam que se chamasse—companhia de tiro—desapparecendo a companhia de guerra, como producto hybrido e difficil de combinar com os estudos da sua paixão (dos caturras). Veio depois o outro anno da graça

de 1893, e o que, até ali, se chamava *companhia de guerra*, passou, sem mudar nem um pêlo, a chamar-se, por euphonia, *companhia normal de instrucção, desdobrando-se* em batalhão pela vara magica escolar, e aqui é que está o genio creador, não já de 93, mas de tempos mais recentes e propicios ao engrandecimento da Escola, no pessoal.

Eis a veridica historia do *instrumento*, e agora vejamos a sua afinação sob o ponto de vista de tiro, cujos exercicios executa desde 1890.

Axioma é, não carecendo de demonstração, que a pratica faz os mestres, e, portanto, se a companhia (de guerra ou normal, pois o habito não faz o monge) tem, durante quasi dois lustros, servido de *instrumento* á execução dos fogos de guerra, e n'isto não ha duvida, claro está que o concurso, por ella prestado a esta especie de exercicios, não póde ser sómente material, porque tal circumstancia provaria, *ipso facto*, a inefficacia do ensino do tiro escolar para com o proprio pessoal permanente. Mas, por outro lado, se o ensino tem sido efficaz, os quadros da companhia deveriam fornecer á Escola excellentes officiaes de tiro, sempre que as conveniencias do serviço assim o reclamassem. Ora, estas conveniencias de serviço teem-se apresentado, mas os officiaes de tiro, de tal procedencia, é que, em regra, não tem apparecido; e, se alguma vez se deu a excepção, esta corrobora o que deixo dito, porque nenhum caminhou sem assessor, seja dito á puridade.

O que prova isto? De duas, uma: ou que a companhia não se interessa pela parte mais importante do tiro, o que não é verdade, porque tem tido officiaes de incontestavel valor; ou que, desejando interessar-se, o não pode fazer, rodeada, como está, de serviços que lhe incumbem pelo regulamento e mais instrucções posteriores, e esta é que é verdade prophetisada pelos dois caturras que não passam por ter inventado a polvora.

Em conclusão, *a companhia normal* não pode muito

bem servir de *norma* no attinente ao tiro, pois que, por indole regulamentar, consome os 365 dias de cada anno, afóra os bissextos, na preparação e conforto do seu *menage* mais predilecto, porém de uso corrente nos regimentos e accessivel ao nosso mais modesto capitão, salvo *a razão* das condições climatericas que tanto podem influir sobre o caso.

O articulista, pelo que deixo dito, está talvez tentado a exprobar-me a ignorancia que pareço ter do regulamento, pois este commette a cada companhia escolar o seu fim especial, e, portanto, é á companhia de tiro que compete desenvolver o assumpto que lhe foi assignalado.

A objecção seria, com effeito, para me levar de vencida, se a providencia regulamentar não désse azo a escapar-me; mas, por mal dos nossos peccados, vê-se que a companhia de tiro, no tocante a soldados pede emprestado, em material eguala a pobreza franciscana, e em tempo para o estudo pratico dispõe, se dispõe, do respectivo periodo de instrucção annual, como se os instructores não precisassem de preparação alguma e devessem possuir a sciencia infusa ou lhes bastassem as platonicas leituras que importamos de França a tantos francos por volume.

E' com taes elementos de trabalho que a pobre companhia se tem governado, sem que as reformas lhe tenham levantado o voto de pobreza a que umas e outras a teem sugeitado. De modo que, em 11 annos de existencia da Escola, d'entre instructores e instruidos não se apura um só que saiba dirigir o fogo, e graças em haver alguns que saibam dar o seu tirinho.

E' tudo quanto, em materia de tiro, tem produzido a nossa Escola Pratica em beneficio da arma que, a meu ver, precisa de mais alguma cousa, por certo mais difficil de attingir, mas, por isso mesmo, mais de molde a justificar a sua existencia, pois, quer queira quer não: «Le feu a une puissance destructive et moral que l'offi-

cier de troupe tient dans sa main: s'il sait apprecier les distances, s'il sait faire de ses fusils un emploi judicieux, s'il est maitre d'imposer sa volonté. Tout cela s'apprend en temps de paix et ne demande pas, autant qu'on le voudrait croire, l'expérience de la bataille. Bref, de la balle qu'on dit *foule*, il faut faire une balle intelligente et sage, et lorsqu'au moment opportun il faudra déterminer le resultat décisif, alors seulement la bayonette será sage». (Lamiraux).

Tal é o fim de uma escola de tiro—tornar sabia a bala louca. E, porque o tiro tem de se subordinar ao terreno e ás necessidades do combate, facil é comprehender que a tarefa de semelhante escola será sobremaneira espinhosa e difficil, e consumir-se-ha muito tempo e grande copia de recursos para chegar a um fim real e positivo; ou, d'outro modo, como até aqui temos feito, será simplesmente illudil-o.

Com risco de enfadar os meus leitores, vou ainda apresentar um facto comprovativo de quanto, lá fóra, o tiro tem merecido a attenção dos officiaes de todas as graduações. Em França são officiaes generaes, como Philebert, Lamiraux, Le Joindre, Warnet, Mille, e coroneis, como Paquié, Ortus, etc., que não desdenham entregar-se ao estudo do tiro; na Russia é o general Pototsky e na Italia é o major general Massa, que nos mostram alguns dos trabalhos das suas escolas de tiro; e, pelo que respeita á Allemanha, bastará sómente dizer que os coroneis são obrigados a frequentar a Escola de tiro de Spandau, em curso de informação.

O facto de graduações tão elevadas se occuparem, minuciosamente, do tiro da infanteria prova bem, a meu ver, que os velhos processos tacticos estão no occaso e que a crença no tiro augmenta e se torna cada vez mais insistente, á medida que se avança no seu estudo, pois só este pode revelar-lhe o valor. Deixar, porem, ao acaso o que se rege por leis, mesmo no campo de batalha, parece-me um verdadeiro attentado que brada aos

céos, porque o combate jámais será um schema, preconcebido pela phantasia. Apresentando a lista de alguns auctores, dos mais conspicuos, que se teem devotado ao tiro de infanteria, quiz tambem chegar a uma outra conclusão: é que todos elles, advogando *á outrance* a causa do tiro, expandem-se mais em theorias do que em ensinamentos praticos. A' primeira vista, isto pode parecer uma inconsequencia; mas, na realidade, não é senão um proposito, claramente exposto pelos proprios auctores, pois não occultam que «os trabalhos das escolas de tiro são reservados».

Na nossa viagem de instrucção a França, o meu ex.mo amigo, coronel Souza Machado, e eu fizemos todas as diligencias para obter informações sobre os cursos de tiro, professados nas escolas francezas; mas, apesar de travarmos conhecimento com um distincto official, capitão Dourson, membro da commissão de revisão dos trabalhos de tiro, presidida por Ortus, foram-nos repetidas aquellas mesmas palavras. Ao nosso illustrado e estudioso camarada, capitão Affonso Chaves, succedeu outro tanto, ainda este anno, quando no ministerio da guerra francez sollicitou licença para ir a Chalons presencear os trabalhos d'esta escola.

Se das escolas francezas (e digo escolas porque hoje ha mais 2, alem de Chalons) transpira muito pouco, das allemãs (porque tambem ha mais do que Spandau) não transpira absolutamente nada, a não serem as experiencias, por de mais sabidas, a que, depois de 1870, procedeu o capitão Maig. Hoje tudo o que se sabe é que Spandau estuda a fundo as questões de tiro e que os seus periodos de instrucção são frequentados por officiaes, desde o tenente ao coronel. «Utiliser la toute-puissance du fusil actuel, cela en tenant compte des lois, des formes du terrain, determinées par l'ecole de tir de Spandau». (Guillaume II, manœuvres impériales de 1894).

De tudo isto chega-se a uma conclusão final: é que

cada um trabalha para si, se quer progredir; se não quer, os estranhos é que não lhe darão de mão beijada o que só á custa de um labor constante e de muito dinheiro se póde obter. Eis a melhor razão para que da nossa Escola devam banir-se todos os serviços cujo unico logar proprio é nos regimentos, e para que os recursos actuaes possam applicar-se ao tiro, á gymnastica e á esgrima. Deixem-se os aspirantes e os 1.os sargentos aos commandantes de companhia para que os eduquem e instruam, como aliás terão que fazer depois de recolherem de Mafra, pois não se póde comprehender que uma educação e uma instrucção de mezes possa ser bastante, nem mesmo sufficiente. Comprehende-se que na Escola do Exercito se aprendam os conhecimentos theoricos necessarios á profissão do official, mas que a instrucção pratica, a mais difficil, leve ainda menos tempo, é forçar muito a hypothese ou, pelo menos, não me cabe isso na cabeça. Sendo assim, isto é, que a instrucção recebida na escola precisa ser continuada, dia a dia, no regimento, claro está que «quem póde o mais, póde o menos» e, portanto, não vejo utilidade alguma em que os aspirantes e os 1.os sargentos vão para Mafra aprender o que só no regimento se pode completar.

O articulista estriba-se na falta de effectivos e em affazeres de escripturação para os 1.os sargentos.

Ora, valha-nos Deus, com taes rasões. Poderá porventura acceitar-se que se façam majores e generaes com effectivos, relativamente, muito menores, e que um pequeno pelotão não seja sufficiente para a instrucção dos aspirantes e 1.os sargentos? Poderá porventura admittir-se que a companhia dispense o 1.º sargento da respectiva escripturação por todo o tempo que está na Escola, e que não possa, no regimento, dispensal-o, por algumas horas em alguns dias da semana, para lhe ministrar o ensino de que necessita? Não terá o commandante de companhia, como primeira obrigação, de pre-

cada um trabalha para si, se quer progredir; se não quer, os estranhos é que não lhe darão de mão beijada o que só á custa de um labor constante e de muito dinheiro se póde obter. Eis a melhor razão para que da nossa Escola devam banir-se todos os serviços cujo unico logar proprio é nos regimentos, e para que os recursos actuaes possam applicar-se ao tiro, á gymnastica e á esgrima. Deixem-se os aspirantes e os 1.os sargentos aos commandantes de companhia para que os eduquem e instruam, como aliás terão que fazer depois de recolherem de Mafra, pois não se póde comprehender que uma educação e uma instrucção de mezes possa ser bastante, nem mesmo sufficiente. Comprehende-se que na Escola do Exercito se aprendam os conhecimentos theoricos necessarios á profissão do official, mas que a instrucção pratica, a mais difficil, leve ainda menos tempo, é forçar muito a hypothese ou, pelo menos, não me cabe isso na cabeça. Sendo assim, isto é, que a instrucção recebida na escola precisa ser continuada, dia a dia, no regimento, claro está que «quem póde o mais, póde o menos» e, portanto, não vejo utilidade alguma em que os aspirantes e os 1.os sargentos vão para Mafra aprender o que só no regimento se pode completar.

O articulista estriba-se na falta de effectivos e em affazeres de escripturação para os 1.os sargentos.

Ora, valha-nos Deus, com taes rasões. Poderá porventura acceitar-se que se façam majores e generaes com effectivos, relativamente, muito menores, e que um pequeno pelotão não seja sufficiente para a instrucção dos aspirantes e 1.os sargentos? Poderá porventura admittir-se que a companhia dispense o 1.º sargento da respectiva escripturação por todo o tempo que está na Escola, e que não possa, no regimento, dispensal-o, por algumas horas em alguns dias da semana, para lhe ministrar o ensino de que necessita? Não terá o commandante de companhia, como primeira obrigação, de pre-

Porcalhota
142
Venteira
148
C.al do Madure
137
M.o do Doutor
138
PP. n.º 1
C.al do Brandão
Venteira Velha
156
PP. n.º 1
C. do Borel
PP. n.º 2
154
P.e Queluz
178
M.o d'Atalaia
188
125
165
C. d. Serra
PP n.º 2
R
P.e Azeda

parar os quadros que o hão-de coadjuvar no ensino, e não será a instrucção dos recrutas a mais propria para desenvolver no aspirante as qualidades do instructor, como succedia com os alferes graduados? *Docendo docebis.*

Emfim, interrompendo a serie longa de interrogações que poderia fazer, termino hoje por dizer ao meu articulista que o remedio para os males que aponta, se se procura, não está em Mafra.

(Continúa). *Alberto Vergueiro,*
Capitão de infanteria.

PROBLEMA DE COMPANHIA

(Vêr a folha n.º 7 da Carta dos Arredores de Lisboa do Corpo do Estado maior)

(Continuado do n.º 6)

A collocação dos pequenos postos nos alludidos casaes satisfaz ás condições de ficarem na rectaguarda do centro das vedetas que devem fornecer, em posição que as descobre, occultos pelos mesmos casaes e com bastante campo d'observação (552=R. C.)

Ao commandante da 3.ª secção dou-lhe então ordem para que marche com a força do seu commando para o casal do Brandão, afim de constituir o pequeno posto n.º 1, devendo ordenar, logo que ali chegue, que a patrulha de flanco que occupa o mesmo casal se vá reunir á guarda-avançada.

Ao commandante da guarda-avançada determino que marche a occupar o casal do Borel, afim de constituir o pequeno posto n.º 2 que será posto de reconhecimento.

Pelo exposto se vê que cada pequeno posto tem a força d'uma secção (509 R. C.), ficando sob o commando, o n.º 1, d'um 1.º sargento e o n.º 2 d'um official subalterno (554 R. C.) e, como este posto é o mais importante e serve de posto de reconhecimento, por isso fica sob o commando d'um official (571 R. C.).

Em seguida dou aos commandantes dos pequenos postos, alem do santo (555 R. C.), as seguintes:

Instrucções especiaes

a) — O pequeno posto n.º 1 vigiará o sector comprehendido pela linha ferrea e pela estrada Ajuda-Amadora; e o n.º 2 o sector comprehendido pelas estradas Ajuda-Amadora, Ajuda-Queluz.

b)—As vedetas occuparão a linha=cruzamento da linha ferrea com o caminho para o casal do Maduro, casal do Maduro, caminho do casal do Maduro pela Venteira Velha até ao cruzamento da linha d'agua que passa a N do casal do Borel com a estrada Ajuda-Queluz.

c—Cada pequeno posto fornece tres vedetas (510 R. C.).

d—Devem observar especialmente a Venteira, Amadora, estradas para Queluz e Porcalhota-Amadora.

e—No caso de ataque, as vedetas retiram lentamente para os pequenos postos.

f—Os pequenos postos resistirão tenazmente até receberem ordem para retirar.

g—Nomearão o numero de patrulhas que julgarem convenientes, as quaes avançarão para reconhecimento: as do pequeno posto n.º 1 até á Amadora e as do pequeno posto n.º 2 até á Venteira.

h—Os pequenos postos organisarão defensivamente os casaes que occupam.

Os commandantes dos pequenos postos procederão á installação dos mesmos, dirigindo-se directamente aos pontos que lhes foram fixados (556 R. C.) e, apenas ahi, nomearão o serviço de vedetas e sentinellas precisas, destinando o resto para o serviço de patrulhas (557 R. C.) Afim de collocarem o primeiro turno de vedetas, destacarão uma patrulha de reconhecimento para a frente da linha das mesmas, sob a protecção da qual procederá directamente á installação d'estas, devendo os pequenos postos conservar-se em armas até que recolha de tal serviço.

Em seguida destacarão patrulhas para os pequenos postos visinhos para saberem da sua collocação e estabelecerem a devida ligação, fazendo depois arriar as mochillas, participando-me a sua installação (558 R. C.).

Poderão conceder que o turno de vedétas que fôr rendido se deite para dormir (550 R. C.).

Recebidas as communicações do estabelecimento dos pequenos postos e vedetas, mando o posto principal ensarilhar as armas e arrear as mochilas, e, nomeadas as patrulhas e as rondas precisas a quem fixo as horas de serviço, determino que seja estabelecida uma sentinella na frente e a curta distancia do posto afim de dar conhecimento dos signaes que forem feitos dos pequenos postos, tendo em vista tambem observar o terreno a grande distancia por assim o permittir o ponto occupado pelo posto principal (532 R. C.). Nomeio uma forte patrulha para estar álerta no local do posto principal (533 R. C.).

Em seguida visito os pequenos postos e as vedetas, completando o reconhecimento do terreno que está confiado á minha guarda (520 R. C.) e, formulando o plano

de combate, caso seja atacado, determino que, em taes circumstancias, as vedetas retirarão lentamente sobre os pequenos postos, devendo resistir tenazmente nos casaes que occupam, para o que serão organisados defensivamente.

Determino que uma força do posto principal, sob o commando do alferes mais antigo, construa uma trincheira-abrigo com 200 metros de desenvolvimento na linha Borel-Brandão e a meio, servindo-se do methodo progressivo até obter o perfil normal.

Na minha visita aos pequenos postos e vedetas procurarei verificar se cada um conhece os deveres do serviço de que esteja encarregado (531 R. C.).

O rancho será cosinhado áquem da estrada militar afim do fumo das cosinhas não ser visto da campanha (533 R. C.) para o que nomeio do posto principal o numero de fachinas que sejam precisas para tal serviço (534 R. C.).

Recommendo que as armas estejam carregadas com 10 cartuchos (501 R. C.).

Completa a installação do piquete, envio ao commandante dos postos avançados o meu relatorio acompanhado do esboço do terreno no qual esteja indicado a posição dos differentes escalões do piquete (505 R. C.).

Posto principal do piquete n.º 1 no ponto de cota 156, 225 metros ao norte dos moinhos d'Atalaya, em... ás 4 horas e 27 minutos da manhã (130-131 R. C.).

(Continúa).

Miguel Baptista da Silva Cruz,
Tenente-ajudante de infanteria.

Reorganisação da Escola pratica de Infanteria

(Continuado do n.º 6)

Dois periodos distinctos comprehende essa instrucção: o primeiro, ou periodo preparatorio, que decorre de novembro até meados de janeiro; o segundo, que começa logo que se constitue a *companhia de instrucção* (em 15 de janeiro) e se estende até fins de agosto. N'aquelle recebem os aspirantes e 1.os sargentos o ensino theorico e pratico que os deve preparar com o conhecimento minucioso da ordenança e do regulamento de campanha, para poderem servir de instructores aos soldados da companhia, isto é, ao denominado *pessoal de instrucção*.

Esse ensino foi no actual periodo escolar ministrado em uma sessão diaria de hora e meia de duração, alternando-se as theorias com os exercicios praticos.

Para estes foram aproveitadas as praças disponiveis (do pessoal de serviço) da companhia normal, com as quaes se organisaram as escolas, esquadras e finalmente um pelotão de instrucção.

O programma a que obedeceu este ensino preparatorio foi o que, com insignificantes alterações, tem sido adoptado desde 1895, e constou do seguinte:

Periodo de preparação para instructores, de 4 de novembro de 1897 a 15 de janeiro de 1898

Tactica abstracta

1.º—Instrucção individual sem arma e com arma;

2.º—Instrucção da esquadra e do pelotão em ordem unida e em ordem extensa;

3.º—Instrucção sobre signaes e toques de corneta;

4.º—Exercicios de flexibilidade da esquadra e do pelotão.

Instrucção sobre correame e equipamento

1.º—Nomenclatura do correame e equipamento, e respectivos processos de limpeza;

2.º—Disposição de roupa na mochila; equipar e desequipar em ordem de marcha.

Serviço de guarnição

1.º—Modo de render uma guarda de official subalterno;

2.º—Modo de receber a ronda superior e de reconhecer a ronda de visita;

3.º—Modo de rondar as guardas e de render as sentinellas;

4.º—Continencias e honras militares.

Serviço de campanha

1.º—Serviço de segurança em marcha: modo de proceder da flecha e dos apoios da flecha de uma guarda avançada; marcha e conducta das pequenas patrulhas nas proximidades do inimigo; missão dos differentes escalões do serviço de segurança em marcha, etc.

2.º—Serviço de segurança em estação: conducta das vedetas, dos pequenos postos, dos postos de reconhecimento e dos postos á cossaco; estabelecimento e rendição de um pequeno posto e das vedetas; rondas e patrulhas de ronda; modo de proceder para com os parlamentarios, desertores, etc.

Claro é que a instrucção sobre os serviços de guarnição e de campanha foi, n'este periodo, ministrada unicamente em theorias; como, porém, os aspirantes começaram desde novembro a commandar a guarda da escola (da força de 15 soldados) e a desempenhar o serviço de ronda de visita, tiveram occasião de applicar desde logo os conhecimentos adquiridos sobre o primeiro.

Na instrucção relativa ao equipamento, os aspirantes e 1.os sargentos aprenderam *praticamente* a dispor toda a roupa na mochila, a deitar e arriar esta e finalmente a equipar e desequipar em ordem de marcha. Como era natural, toda esta instrucção foi ministrada com o novo equipamento.

*

Reunidos—de 10 a 15 de janeiro—os contingentes destinados á *companhia de instrucção* e constituida esta, principiou o segundo periodo da instrucção tactica.

Para que os aspirantes e 1.os sargentos se preparem convenientemente para a missão de instructores, os soldados da companhia normal são para todos os effeitos considerados como recrutas, aos quaes se deve ministrar todo o ensino prescripto no regulamento tactico, desde a instrucção individual.

Cada um dos tres pelotões da companhia dispoz de 4 esquadras, compostas por 1 cabo e 12 soldados, o que permittiu formar ao todo 24 escolas, de 6 a 7 praças cada uma, para a instrucção individual e 12 esquadras—de 6 filas, além do cabo—para o ensino da Escola de esquadra.

Toda a instrucção foi *directamente* ministrada ás escolas, esquadras e pelotões pelos aspirantes e 1.os sargentos, limitando-se os officiaes da companhia a dirigir, aconselhar e corrigir os instructores.

O programma a que obedeceu no presente anno a instrucção da companhia foi o seguinte:

Periodo de 15 de janeiro a 30 d'abril

Tactica abstracta

1.º—Instrucção individual sem arma e com arma;

2.º—Instrucção da esquadra em ordem unida e em ordem extensa;

3.º—Idem do pelotão;

4.º—Instrucção sobre signaes e toques de corneta;

5.º—Exercicios de flexibilidade da esquadra e do pelotão.

Tactica applicada

1.º—Instrucção preparatoria de combate: conducta do atirador e aproveitamento dos accidentes do terreno;

2.º—Mechanismo do combate offensivo e defensivo da esquadra e do pelotão contra inimigo figurado;

3.º—Combate de pequenas patrulhas, de força não superior a um pelotão;

4.º—Combate de exploradores.

Serviço de campanha

1.º—Serviço de segurança em marcha: flecha e apoios da flecha de uma guarda avançada; patrulhas de exploração lateral, de flanqueadores e de communicação; medidas de segurança d'estas patrulhas nas proximidades do inimigo;

2.º—Serviço de segurança em estação: vedetas e sentinellas; postos á cossaco; serviço de um pequeno posto normal; postos de reconhecimento; rendição dos pequenos postos e das vedetas; conducta para com os parlamentarios e desertores.

—No dia 30 de abril, o Commandante da Escola e o official superior director da instrucção inspeccionaram a companhia normal ou, mais propriamente, os aspirantes e 1.ºs sargentos, n'esta instrucção, assistindo a duas provas, uma de tactica abstracta (instrucção individual, escolas de esquadra e de pelotão) e outra de serviço de campanha e tactica applicada (serviço de segurança seguido de combate).

(Continúa). *P. S.*

AVALIAÇÃO DE DISTANCIAS EM CAMPANHA

(Continuado do n.º 5)

Affastemo-nos por um momento do nosso caminho e vamos acompanhar a serie completa dos fogos de guerra que uma companhia de alumnos militares da escola de S. Cyr, na força de 215 homens, municiados cada um com 35 cartuchos, acaba de executar.

Ao commandante da companhia foi dado o seguinte thema:

«O inimigo marcha em tal direcção; para evitar ser surprehendido no flanco direito, ordenou que uma companhia tomasse posição n'um ponto *x* desconhecido. E' esta companhia constituida por alvos, que é preciso descobrir e reconhecer, tomando de assalto a posição.»

Alcancemos a companhia ás primeiras descargas feitas a 1:300 metros sobre a linha dos alvos, e vejamos os resultados:

Sobre 3 secções, cada uma constituida por 56 alvos, representando a do centro homens de pé e as dos flancos homens ajoelhados, foram feridos 16 atiradores, 2 commandantes de secção, 2 ordenanças do capitão e 1 corneteiro; ao todo, 21 homens para 176.

Ao terminar os lanços e até 600 metros, novas descargas se succederam dando os seguintes resultados: 62 homens feridos, sendo alguns com 2 e 3 balas no ventre, recebendo o capitão 2 balas nas coxas; as secções dos flancos intactas, o que provava que o fogo tinha sido dirigido sobre o centro. E' a tendencia natural para tomar de preferencia o alvo mais visivel.

De 600 até 400 metros, sob a acção do fogo á vontade, foram feridos 96 homens, fazendo cada alumno 4 tiros.

Reforçada a linha dos alvos a 400 metros até perfazer o numero representativo de 234 homens, e sob a acção do fogo vivo, foram feridos 174 homens, consumindo cada alumno 10 cartuchos.

Em media cada alvo recebeu 3 balas, sendo o capitão tocado por 8, um commandante de secção por 9 e um outro por 27 balas!

Este ultimo estava de pé, sereno e altivo na rectaguarda da sua secção, que se achava de joelhos. Eis a explicação do facto.

Aquelles 27 buracos no infeliz commandante de secção representam um exemplo salutar, pois mostram que ha tudo a perder, quando se queira imprimir confiança ás praças com actos de coragem inuteis e prejudiciaes, verdadeiras bravatas só desculpaveis em frente de pretos que voltem a cara na occasião do tiro.

A ideia de abrigar é profundamente humana, e, embora seja tambem profundamente humano o receio de deixar o abrigo protector, é certo que o sentimento do dever, a disciplina e o exemplo dos chefes, ainda assim no limite das forças humanas, arrancarão os homens d'esses abrigos, fal'os-hão atravessar os terrenos varridos pela rede de chumbo e a tão terrivel *região da morte* sem receio da propria morte, embora vejam cahir fulminados pelos projecteis os seus companheiros de combate, e tenham a certeza que lhes succederá outro tanto logo que cesse essa missão protectora.

Cada homem que morder o pó não será esquecido, e será mais um justo titulo para a grandiosidade do padrão representativo da victoria.

A 150 metros, depois do fogo de repetição, a companhia arremessou-se ao assalto, tomando a posição. Deparou-se-lhe então um espectaculo imponente. Os alvos estavam crivados de balas semelhando joeiras, as partes de ferro transformadas em dentes de serra, e o chão achava-se revolvido como por um arado de mil pontas.

O infeliz commandante de secção recebeu mais 13 balas, ao todo 47. O capitão, o corneteiro que o acompanhava e as ordenanças estavam crivadas; emfim, para 234 alvos tinham sido tocados 203.

Para além da crista e a 500 metros de distancia, as reservas que estavam *abrigadas* e tão abrigadas das vistas do atacante que d'ellas não estava apercebido, mostravam 300 furos feitos por outras tantas balas.

Embora este exemplo seja d'uma experiencia em tempo de paz em que as condições do atirador são muito differentes das condições do atirador em combate, a ideia do abrigo prevalecerá na futura guerra, estamos d'isso convencidos, e os lanços deverão ser feitos com a maior rapidez, tornando assim de pouco effeito pratico a avaliação de distancias sobre os individuos, seu uniforme e equipamento.

Ainda na avaliação de distancias á simples vista sobre os individuos, se procurou empregar como escala, a altura do ponto de mira e da alça.

Para este fim, deverá a praça reter na memoria as distancias ás quaes um infante de pé, ajoelhado ou deitado, ou um cavalleiro, são encobertos pela alça ou pelo ponto de mira, no todo ou em parte, estando a espingarda a uma distancia constante da vista do observador, apontada, por exemplo.

Tambem me parece pouco pratico este meio para ser empregado em campanha, porque o alvo pode deixar de se mostrar visivel no todo ou em parte; e ainda quando tal se desse, bastaria a sua deslocação rapida para não poder fazer-se a observação. Requer tambem um ponto de apoio para o observador, o que nem sempre se tem á mão, e apresenta o inconveniente da altura variavel dos alvos.

A Kropatscheck deu-me os seguintes resultados que apresento como curiosidade, tendo-a na posição de apontar, e empregando o ponto de mira.

100 metros—O infante de pé é encoberto até á cin-

tura pelo ponto de mira, sendo todo encoberto estando de joelhos, e pela espessura do pé ou por meio ponto de mira, quando deitado.

200 metros—O infante de pé é todo encoberto pelo ponto de mira; ajoelhado por $^2/_3$ e deitado por $^1/_3$ do ponto de mira.

300 metros—O infante de pé é encoberto por $^2/_3$ do ponto de mira, e ajoelhado pela espessura do pé. Para o infante deitado não encontrei meio de observação.

400 metros—O infante de pé é encoberto por meio ponto de mira e a espessura do pé dá-lhe pelos hombros. O infante ajoelhado é encoberto por $^1/_3$ do ponto de mira.

500 metros—O infante de pé é encoberto pela espessura do pé do ponto de mira, e ajoelhado por $^2/_3$ do mesmo pé.

D'esta distancia em diante não encontrei meio de observação. A espingarda estava apoiada no hombro de uma praça.

A avaliação de distancias á simples vista sobre o terreno quer-me parecer que dá resultados mais seguros, e pode empregar-se estando o alvo abrigado ou não.

Para este meio poder ser empregado com vantagem, é preciso que o observador eduque a vista em uma distancia constante, 50 ou 100 metros, distancia base, que servirá de *metro* para a medição da distancia que se pretende avaliar, calculando quantas vezes aquella cabe n'esta.

Quando o terreno fôr muito cortado ou tão cheio de particularidades que difficultem a operação pode irradiar-se para outro ponto do terreno que satisfaça ás condicções, despresando-se sempre os terrenos planos, unidos e sem particularidades, que não satisfazem por falta de pontos de referencia.

Tambem a avaliação de distancias á simples vista sobre as particularidades naturaes e artificiaes do ter-

reno poucos resultados praticos poderá dar, porque se não pode dizer de modo absoluto, que a tal distancia se avistam as janellas de uma casa, ou se contam os seus pinasios, se enxergam os troncos grossos das arvores, se contam os postes telegraphicos, etc., não só por essas particularidades variarem de grandeza, como por essas distancias comprehenderem muitas dentro das quaes se podem cometter erros.

Supponhamos que a 1:500 metros (distancia que depois se conheceu) mal se encherga o tronco de uma arvore.

Como se póde saber que se está na presença de um grosso tronco que se avista até 2:000 metros? E, admittindo a hypothese de que é um grosso tronco, como saber se está a 1:500, a 1:200 metros, ou outra distancia maior ou menor, se se desconhecem as variantes para as classificar.

O methodo de avaliação de distancias á simples vista, como qualquer outro, pode ter confirmação immediata com as descargas de regulação.

O titulo 2.º do nosso regulamento para a instrucção tactica da infantēria acha conveniente, quando além de 1:000 metros haja incerteza sobre a verdadeira distancia do objectivo, fazer o emprego simultaneo de duas alças differindo uma da outra 100 metros, de modo que a distancia provavel fique comprehendida nos limites da graduação d'ellas.

Esta faculdade interdicta ás fracções inferiores ao pelotão, será usada distribuindo uma alça differente a cada fileira.

E porque não, tambem, até 1:000 metros? Tanto se commettem erros na avaliação de distancias até 1:000 metros, como nas distancias que lhe são superiores; erros, é verdade, menores no 1.º caso, mas que não deixam de ser muitas vezes de perniciosa influencia nos resultados do tiro.

As descargas de regulação devem começar por

uma alça pequena que se irá augmentando até que a poeira levantada pelas balas, que deverá ser explorada com o auxilio de bons oculos, esteja approximadamente na altura em que se suppõe o inimigo.

As descargas de regulação deveriam a meu ver ser o complemento da avaliação de distancias á simples vista.

Santos Fonseca,
Capitão de infanteria.

Conferencia sobre os resultados das experiencias de tiro e fogos de guerra do corrente anno feita na Escola Pratica de Infanteria com a assistencia de S. Ex.ª o General Commandante Geral e dos membros da commissão de aperfeiçoamento da arma de infanteria pelo 2.º commandante da mesma escola.

Terminaram no corrente anno as experiencias de tiro e os fogos de guerra que ha bastantes annos já é costume executarem-se na nossa Escola na ultima parte de cada periodo de instrucção, como remate da instrucção pratica do tiro aos alumnos vindos da Escola do Exercito e aos 1.os sargentos que aqui veem tambem fazer o seu tirocinio para o posto de official. Por ordem das estações superiores do exercito foi tambem este anno delegado um tenente de cada um dos corpos de caçadores e de infanteria do continente do reino para assistir a esta parte da instrucção do tiro, com o fim muito louvavel de lhes proporcionar alguns elementos praticos para estudo do effeito dos fogos collectivos, que possa habilital-os a exercer com pericia uma das suas mais difficeis missões tacticas em campanha—a da direcção do fogo—depois de promovidos ao posto immediato.

Como encarregado de dirigir superiormente a instrucção de tiro na nossa Escola Pratica, cumpre-me fazer annualmente o estudo mais ou menos detalhado dos resultados obtidos em todos os exercicios de fogos collectivos, para pelas vias competentes ser levado esse estudo ao conhecimento das estações dirigentes. Por esta forma, porém, os corpos da arma, que são aquelles a quem mais directamente pode interessar o conhecimento d'este estudo, não chegavam a ter d'elle a menor noticia e alguns até nem sequer chegariam a saber da sua existencia.

Para remediar em parte este grande inconveniente, resolveu o Ex.mo Commandante da nossa Escola que, findos os exercicios de fogos collectivos de combate no corrente anno, eu fizesse uma rapida recapitulação e apreciação dos seus resultados perante todo o pessoal que a elles tinha assistido.

E' essa missão que eu vou tentar desempenhar o melhor que os meus apoucados conhecimentos do assumpto me permittirem, certo de que os meus estimaveis camaradas, que me escutam, desculparão bastantes incorrecções e supprirão muitas deficiencias, que a escassez do tempo me não permittiu remediar.

Experiencias de tiro collectivo

A carreira e campo de tiro da nossa escola, sendo de dimensões muito acanhadas para que se possam ali executar, como muito conviria, muitas e variadas experiencias de fogos collectivos de combate, estão já tão explorados, que, com muito pequenas modificações, ha necessidade de repetir todos os annos os mesmos exercicios, visto como os terrenos são invariavelmente os mesmos.

E não ha possibilidade de melhorar de situação, porque a proximidade dos logares povoados fóra da tapada real de Mafra não permitte, que sem grande perigo os fogos sejam feitos senão contra o espaldão em uma unica direcção.

N'estas circumstancias, os exercicios realisados n'este periodo de instrucção foram os do anno precedente, apenas um tanto modificados e aperfeiçoados. Não se pense, porém, que por este facto elles foram desprovidos de interesse. Pelo contrario: a mudança do pessoal executante e da qualidade das munições empregadas fazem variar muito os resultados, e em questões de tiro não é possivel deduzir regras verdadeiramente praticas, sem primeiro se ter procedido a numerosas e repetidas experiencias, em que, sem variarem essencialmente as condições principaes, se façam variar todas as outras, afim de se poderem estudar as questões sob differentes aspectos, e nos exercicios realisados nos ultimos annos ha ainda muito que modificar, aperfeiçoar e ampliar, á medida que um estudo consciencioso dos seus resultados fôr provocando novas duvidas e questões differentes.

Foi isto o que succedeu, quando no fim do periodo de instrucção de 1896-97, estudando os resultados dos tiros executados ás pequenas distancias contra alvos figuras nas tres posições regulamentares, se deduziram alguns preceitos que pare-

ciam pouco em harmonia com os principios theoricos e menos ainda com a boa razão, embora justificados por factos incontestaveis. Tão certo é que nos tiros collectivos de combate se obteem frequentes vezes resultados os mais extravagantes e inexplicaveis devidos certamente a circumstancias fortuitas, mas cuja impressão só se consegue fazer desapparecer totalmente depois de longas series de experiencias em que os resultados condigam com os sãos principios.

Assim dos resultados do tiro collectivo contra alvos figuras em terreno descoberto e a distancias conhecidas de 100 a 200 metros deduziu-se no anno de 1897, que os fogos executados pelos atiradores de pé foram mais efficazes, do que os feitos de joelhos e deitado, o que estava em manifesta contradicção com a boa razão, pois que todos sabem que são menos firmes as pontarias feitas de pé a braços.

Para contrapôr a este facto, porém, só outro facto. E realmente das percentagens geraes colhidas no corrente anno resulta, que a todas as distancias de 100 até 400 metros a posição do atirador deitado é aquella em que se obtem maior efficacia no tiro, seguindo-se-lhe immediatamente na ordem decrescente a posição de joelhos e por fim a posição de pé.

Pelo que diz respeito á vulnerabilidade dos alvos figuras nas tres posições regulamentares, verificou-se que os mais attingidos foram os de figura de pé, seguindo-se-lhe na ordem decrescente os de figura de joelhos e os de figura deitada. Os seguintes numeros mostram eloquentemente a efficacia do fogo e a vulnerabilidade relativa dos alvos figuras em terreno descoberto e a distancias conhecidas nas tres posições.

Por °/₀ geral obtido em 1898 ás distancias de 100 até 400 metros em fogo vivo feito por atiradores nas seguintes posições:

De pé	20,1
De joelhos	23,7
Deitados.	24,4

Por °/₀ geral obtido em 1898 ás distancias de 100 até 400 metros em fogo vivo contra alvos figuras nas seguintes posições:

De pé	27,4
De joelhos	23,6
Deitados.	12,7

Vê-se claramente d'estas percentagens que, a distancias inferiores a 400 metros, a posição mais conveniente para o atirador em terreno descoberto e sensivelmente parallelo á linha de

mira é a de deitado, não só porque é n'essa posição que pode obter maior efficacia do seu tiro, mas tambem por ser aquella em que elle é menos vulneravel.

Um facto que impressiona immediatamente quem estuda com algum cuidado os resultados dos fogos collectivos de combate contra alvos figuras, é o decrescimento rapido da efficacia do tiro com o augmento da velocidade d'este. Com effeito, foram as seguintes as percentagens obtidas no corrente anno em fogo vivo ás distancias seguintes :

A 100 metros	46,3
A 150 »	28,0
A 200 »	25,9
A 250 »	19,1
A 300 »	9,8
A 350 »	11,7
A 400 »	8,2

A distancias maiores do que estas, mas em fogo lento, foram os resultados relativamente muito superiores, como pode ver-se das seguintes percentagens:

A 500 metros	24,6
A 600 »	11,0
A 700 »	16,6

E ainda em fogo por descargas os resultados foram os seguintes:

A 500 metros	12,5
A 600 »	13,2
A 700 »	10,4

As irregularidades que se notam em algumas das percentagens supra indicadas, são devidas a muitas circumstancias fortuitas, taes como: a disposição peculiar ou a differença de luz, a maior ou menor commodidade das posições dos atiradores, a variação das circumstancias atmosphericas, etc., que, passando a maior parte das vezes desapercebidas, não deixam, comtudo, de ter uma certa influencia na efficacia do tiro. Apesar d'isso, vê-se bem que em fogo lento e bem ajustado a efficacia a 500, 600 e 700 metros de distancia corresponde aproximadamente á que se obtem a metade d'estas distancias em fogo vivo, e que mesmo a do fogo por descargas lhe é bem superior, d'onde se deduz immediatamente que os fogos rapidos, occasio-

nando um consumo enorme de munições em um pequeno espaço de tempo, não produzem resultados correspondentes e compensadores, podendo mesmo dizer-se que o abuso d'elles pode ser origem de graves revezes, se se attender á grande difficuldade do reaprovisionamento de munições, quando o combate de fuzilaria se acha bem travado ás pequenas distancias.

Já nos annos anteriores tive occasião de notar este mesmo facto que me parece ter grande importancia sob o ponto de vista tactico. Julgo, por isso, dever lembrar a conveniencia que haveria, visto tratar-se presentemente de rever a ordenança de infanteria, de modificar o que se acha disposto com relação á velocidade dos fogos, estatuindo-se por modo claro que em fogo lento o consumo das munições não deve exceder 3 tiros por minuto, em fogo vivo 6 no mesmo espaço de tempo e que só no fogo de repetição poderá empregar-se a maxima celeridade de que as armas forem susceptiveis.

Esta graduação das velocidades do tiro, além de mais racional, porque distinguiria completamente as tres especies de fogo, parece-me mais consentanea com as condições do combate moderno e com a economia de munições que só devem na maioria dos casos ser prodigalisadas nos momentos que precedem a crise final da lucta para proteger a approximação das tropas de choque ou para repellir qualquer aggressão brusca e imprevista.

Comparando as percentagens alcançadas a 500, 600 e 700 metros no fogo lento e no fogo por descargas, nota-se uma superioridade importante nas da primeira especie de fogo sobre as da segunda, e este facto tem-se reproduzido regularmente em todas as experiencias feitas nos annos anteriores. Apesar de ser ha muito conhecido este facto, nem por isso o fogo lento tem sido preferido ás descargas; a causa d'isto está em que, sendo bastante limitado o numero dos cartuchos transportados pelas praças de fileira e muito difficil o reabastecimento durante o combate ás pequenas distancias, convem empregal-os com a maior parcimonia nos primeiros periodos, para que elles não façam falta no momento mais critico do combate, a crise final.

Ora a experiencia tem demonstrado que a excitação do combate produz geralmente a exageração do perigo e, consequentemente, uma perda importante da presença de espirito, que faz em pouco tempo degenerar o fogo lento em fogo rapido, não sendo então facil aos graduados regularem o consumo das munições e manter a disciplina do fogo. O unico meio, que praticamente tem dado resultado para se conseguir este duplo

fim, é demorar pelo maior espaço de tempo que as circumstancias da occasião permittirem, o emprego dos fogos individuaes, usando das descargas que, embora materialmente produzam menor effeito, teem uma superioridade moral incontestavel sobre todas as outras especies de fogo, e é de todos sabido que no combate real a acção moral sobreleva muito á acção material.

Ainda ás distancias de 500, 600 e 700 metros se fizeram experiencias tendentes a demonstrar a vulnerabilidade de uma linha de atiradores em terreno descoberto e suavemente ascendente para o lado d'estes. Empregaram-se as duas especies de fogo, lento e por descargas.

Foram as seguintes as percentagens medias obtidas sobre a linha de atiradores nas tres posições regulamentares:

A 500 metros contra os atiradores de	pé. . . .	33,5
» » » » » » »	joelhos. .	12,5
» » » » » » »	deitados .	9,8
A 600 » » » » »	pé . . .	17,8
» » » » » » »	joelhos . .	14,5
» » » » » » »	deitados .	4,1
A 700 » » » » »	pé . . .	19,8
» » » » » » »	joelhos . .	14,5
» » » » » » »	deitados .	6,2

Pondo de parte o facto anormal e inexplicavel de as percentagens obtidas a 600 metros serem quasi todas inferiores ás de 700 metros, nota-se claramente que a posição dos atiradores deitados é a mais conveniente em terrenos sensivelmente planos e desprovidos de abrigos, o que é perfeitamente racional, visto que n'esta posição a superficie do alvo é a menor possivel.

Fez-se tambem uma serie de experiencias para estudo da vulnerabilidade relativa da companhia nas formações em linha, em columna cerrada de frente e em columna cerrada de costado a dois ou em columna aberta de costado a dois. Foram as seguintes as percentagens obtidas:

A 700 metros contra a companhia em linha . . .	14,3
A 700 metros contra a companhia em columna cerrada de frente.	37,2
A 700 metros contra a companhia em columna cerrada de costado a dois	9,1
A 750 metros contra a companhia em linha . . .	15,8

A 750 metros contra a companhia em columna cerrada de frente 34,4
A 750 metros contra a companhia em columna cerrada de costado a dois 7,1

A 800 metros contra a companhia em linha . . . 14,2
A 800 metros contra a companhia em columna cerrada de frente. 31,3
A 800 metros contra a companhia em columna aberta de costado a dois. 6,7

A 850 metros contra a companhia em linha . . . 5,3
A 850 metros contra a companhia em columna cerrada de frente. 24,2
A 850 metros contra a companhia em columna aberta de costado a dois. 9,4

Da comparação d'estas percentagens resulta que, sob a acção unica do fogo de fuzilaria, a vulnerabilidade da companhia em linha é quasi a mesma ás distancias de 700 a 800 metros, decrescendo bastante a 850 metros, o que parece ser devido a circumstancias fortuitas, pois não parece natural uma differença tão importante; que a companhia em columna cerrada de frente é a formação mais vulneravel, pelo que deve ser banida como impropria para operar em terrenos descobertos e desprovidos de abrigos a estas distancias; e, finalmente, que a formação menos vulneravel e muito manejavel é a columna de costado a dois, quer cerrada, quer aberta.

(Continúa).

Francisco Rodrigues da Silva,

Tenente coronel de infanteria.

Era nosso vehemente desejo publicar n'um só numero a magnifica conferencia do illustre 2.º Commandante da Escola Pratica de Infanteria. Com grande pezar nosso, porém, e apezar de retirarmos o artigo *Espingarda de guerra* e a *Secção official*, do que pedimos desculpa aos seus illustrados auctores e aos nossos benevolos assignantes, sendo certo que isso não significa menos consideração para com aquelles, mas tão sómente preferencia dada a um assumpto de tão magna importancia, e aliás bem tratado, como é este do trabalho a que nos vimos reportando; apezar de augmentarmos o numero de paginas da *Revista* e de empregarmos o typo corpo 8 na composição da *Conferencia*, vemo-nos forçados a deixar a conclusão d'esta para o proximo numero e d'isto pedimos desculpa ao seu notavel auctor e aos nossos assignantes.

Nota da Redacção.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

A paz geral

Por ordem do czar da Russia, Nicolau II, foi ha pouco entregue a todos os representantes estrangeiros acreditados em S. Petersburgo uma circular, convidando as potencias a um congresso, aonde se discutissem os meios de tornar praticavel a reducção dos armamentos e dos exercitos e de se obter uma paz duradoura entre as nações.

Quasi todos os jornaes se referiram já a essa circular, e muitos a publicaram na integra.

Trata-se de um documento extraordinario e original e causou assombro e surpreza em todo o mundo civilisado ver o senhor do maior exercito a tomar a iniciativa de um congresso, aonde se estude o meio de obter a paz geral e de reduzir as forças militares ou, pelo menos, obstar ao seu augmento.

Tem-se-lhe feito varia critica, e essa critica é concorde em considerar a circular apenas uma platonica e generosa aspiração que se não traduzirá por nenhum resultado pratico.

Suppõe-se que a diplomacia nunca abandonará o systema ardiloso que tem seguido, que as nações se farão sempre má visinhança, que se não respeitará o principio das nacionalidades, e que as nações momentaneamente mais fortes não deixarão de pôr acima de todos os direitos o direito da força.

Segundo essa critica nenhum acordo é possivel, porque ha questões de ao pé da porta a resolver, fronteiras a restringir ou a ampliar, as nações pequenas correrão o perigo de serem sacrificadas na conferencia da *guerra*, e os delegados não levariam outra cousa na sua bagagem senão reclamações.

Ora, sendo assim, a conferencia seria um verdadeiro fiasco, e não me parece que o czar tomasse a iniciativa d'ella sem se ter assegurado dos meios de lhe imprimir toda a seriedade, de modo a obter um fim *certo e determinado*.

Não se trata simplesmente de fazer economias no exercito, porque nenhuma nação está mais ao abrigo de uma aggressão em terra do que a Russia, e, portanto, podia reduzir o orçamento sem perigo e sem pedir a adhesão dos outros.

Não se trata de levar aos timidos chinezes um protesto de

intenções pacificas, nem se trata de pôr em relevo por uma forma estrondosa os bons sentimentos de fraternidade que animam o herdeiro do throno dos czares.

Certamente, depois da phrase brutal de Bismark,—a força prima o direito—e depois das não menos brutaes declarações de Salisbury, a circular do czar não deixa de attrahir para a Russia bastantes sympathias, mas esta vantagem é uma simples consequencia e não o objectivo essencial.

A questão chineza é por certo o objectivo principal da politica russa no actual momento. A genese da circular deve provir d'essa questão e do retorno offensivo que a diplomacia ingleza acaba de operar. Porque assumiu a Inglaterra, de repente, uma attitude energica em face da Russia? Porque reconheceu que os grandes exercitos europeus pouco mal lhe poderiam fazer, por não poderem ir por terra á China e ao Indostão, e que nenhuma alliança continental poderia reunir no mar forças que equilibrassem as da alliança anglo-americana.

Foi provavelmente isto que a politica russa viu, e tambem a allemã, a franceza e a austriaca, e d'ahi a ideia de chegar a um acordo que, visando apparentemente a salvar as finanças e a assegurar a paz, procura sobretudo reunir recursos para augmentar as forças navaes, unicas que podem defender o commercio e a influencia em regiões remotas.

Na verdade, não se póde conceber nada mais absurdo nem mais antagonico com uma éra verdadeiramente civilisada, do que a attitude das nações europeias umas em face das outras, guardando as fronteiras de arma ao hombro e fazendo depender o precario socego interno unicamente da voz dos seus canhões. O odio ao estrangeiro, o espirito de engrandecimento, de rapina e de conquista são as ideias que dominam ainda hoje a politica e os povos, exactamente como dominaram os selvagens, as antigas nações orientaes, a republica romana, a edade media e a edade moderna.

Ora a occasião para se obter alguma coisa que modifique tal orientação é por demais opportuna.

O territorio está todo dividido em nações civilisadas, umas antigas, unificadas e argamassadas com a sua historia e outras modernas e em cohesão progressiva.

Algumas d'ellas são susceptiveis de conquista, pela sua inferioridade relativa, pela falta de preparação defensiva e por atravessarem periodos de decadencia mais ou menos accentuados; porém será muito difficil demonstrar que essas conquistas tragam algum resultado vantajoso para o conquistador ou para a civilisação.

O imperio de Alexandre desappareceu sem deixar vestigios, logo apoz a morte do grande guerreiro.

Roma sujeitou innumeros povos ás suas leis, mas caiu miseravelmente, e hoje nenhum povo falla, sequer, a lingua romana. Perderam-se os imperios de Napoleão e de Carlos v, a Turquia vai retrocedendo para as suas fronteiras mais naturaes, e a Allemanha reconhece hoje que foi um erro a annexação da Alsacia-Lorena. Foi a porção digerivel scientificamente calculada e, apesar d'isso, no fim de 28 annos ainda a digestão não se operou e a Allemanha, em vez de tirar força da Alsacia, tem ali uma causa de fraqueza, por não poder desenvolver a marinha de guerra e porque a França espreita o momento opportuno.

Ao passo que estas nações, no fim de tantas guerras e conquistas, se acham apenas na posse das suas fronteiras naturaes e ethnicas, Portugal, a Hespanha e a Inglaterra, pela colonisação e pelas suas qualidades prolificas, expandiram-se immensamente, e a lingua portugueza, que ha tres seculos era fallada por 2 milhões, é hoje fallada por 25 milhões de individuos.

Os Estados Unidos, em quanto o governo de Washington se limitou a receber fraternalmente os povos que voluntariamente se queriam aggregar á União, prosperaram vertiginosamente e realisaram, sem queimar um cartucho, um enorme alargamento de fronteiras. Hoje mudaram de systema, entraram no caminho das conquistas á força, mas não falta quem faça maus presagios a esse novo systema.

Durante uns poucos de seculos foi o solo italiano theatro de repugnantes ambições e intrigas por parte da Hespanha, da Austria e da França. Foram a final todas repudiadas, mas o espectaculo das successivas denominações alterou o caracter italiano de diversos modos e talvez nos assassinos de Carnot, de Cánovas e da imperatriz da Austria, andem residuos de odios e corrupções antigas. O que se conclue d'aqui é que á grande despeza feita com os enormes exercitos não corresponderam nunca nem correspondem vantagens equivalentes, como o declara o proprio Nicolau II, e é uma insensatez que a politica se não inspire em processos differentes dos empregados por Cyro, Scipião, Carlos Magno, Othão, Mahomet e Carlos V.

Uma nação unica no Universo ou em cada continente é impossivel, e havendo varias nações e povos, umas e outros não accusarão nunca precisamente o mesmo grau de prosperidade e umas estarão progressivas e outros decadentes.

Ora a historia demonstra que o progressivo ou são hoje

é o decadente ou doente amanhã, e a sciencia politica já descobriu que a aggressão não é a melhor therapeutica.

Mesmo na hypothese de não haver erro no prognostico, o doente póde ter ainda (embora não o pareça) o sufficiente grau de vigor para se levantar e applicar ao *progressivo* a lição que a Europa deu a Napoleão I.

Todos os decadentes se teem levantado no fim de mais ou menos tempo, e, prevendo isto, a Inglaterra segue na India um systema muito prudente de dominio, dominio que procura assegurar sobretudo pelo seu prestigio administrativo

O grande decadente que ao presente se trata de dividir e tutelar é a China, mas como esta se ha-de levantar em breve e com 300 milhões de individuos, os pretendentes não pensam em entrar á força de canhões, mas de libras para corromper os altos funccionarios do celeste imperio, que se não cansarão em explicar ao povo como os intuitos do czar são *pacificos* e como os da Inglaterra são *generosos*.

Quando a conferencia se realisar já as duas grandes rivaes se terão harmonisado a respeito de espheras de *influencia e protecção*, porque, emfim, se uma tem formidaveis couraçados, a outra sempre conseguiria ir por terra á India e á China e pelos caminhos de ferro que se vão dirigindo para lá!

Sejam quaes forem as notas discordantes d'esse congresso, estamos convencidos de que elle ha-de marcar uma nova era na justiça Universal e concorrer poderosamente para a formação da solidariedade européa. Seguidamente se obterá talvez a reducção dos orçamentos dos exercitos de terra, mas essas economia não serão tão depressa applicadas a acudir ás crises economicas e financeiras; serão applicadas no augmento das esquadras ou forças de mar pelas nações que tiverem em vista equilibrar a alliança anglo-americana.

Emquanto á remodelação do mappa da Europa, como base previa de qualquer acordo, parece-nos *blague* dos inimigos da conferencia ou receio infundado. Tal base só poderia dizer respeito a alguma porção de territorio *objecto de discordia permanente* e não á suppressão de nações constituidas e independentes.

J. O.

I Anno Novembro—1898 N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

DA INICIATIVA

I

Muito se tem fallado entre nós em iniciativa, mesmo ainda nos proprios regulamentos, e, comtudo, talvez não haja exercito onde se ande mais divorciado da iniciativa do que no nosso.

A rotina servil, o principio facil e commodo da lettra das ordens e dos regulamentos sem exame, teem de tal modo illaqueado as consciencias, prevertido e subjugado as vontades, que, quando apparece algum official que excepcionalmente deseja ser mais alguma coisa do que um simples executante automatico das prescripções superiores, é desgraçadamente tido e considerado como um insubmisso, como pouco disciplinado e, o que é peior ainda, é tambem muitas vezes considerado como um incompetente.

E este facto, aliás bem lamentavel, apparece-nos como a resultante d'esta escola baseada n'um falso principio de authoridade, d'essa authoridade imposta apenas e exclusivamente pelos regulamentos e pela lei, e á qual falta a sancção do valor intrinseco, essa força que nasce da competencia que é, de resto, a verdadeira, a unica authoridade conscienciosamente respeitada.

Ora, o habito, que é uma segunda lei da natureza, cria defeitos e vicios que difficilmente se podem extinguir.

E' por isso que, quando uma corporação de officiaes vai educada e encaminhada n'essa obediencia cega ás

ordens, n'essa escravidão incondicional aos regulamentos, mal vai d'essa corporação e, portanto, d'esse exercito, se circumstancias imprevistas e inevitaveis o jogam aos azares de uma guerra.

Veja-se o que se passou na guerra Franco-Prussiana.

De uma parte, entre os allemães, a constante applicação de uma iniciativa intelligente; da outra, entre os francezes, a obnoxia doutrina de nada se fazer sem ordem.

De um lado as victorias successivas, a honra, a gloria e a felicidade da patria allemã; do outro, desastres continuados, a ruina, a desgraça, a pungente amargura da patria franceza.

E não eram menos valorosos, menos audaciosos e bravos esses soldados da França. Não.

A grande differença, a capital differença existia na orientação technica, na preparação profissional das tropas e na consciencia do valor do principio da iniciativa.

E' intuitivo que o commando não póde prever todas as hypotheses n'um combate; não póde prevenir todas as mil variantes que circumstancias absolutamente fóra do nosso alcance e da nossa previsão podem, de um para outro momento, fazer brotar; não póde acautelar e defender todos os interesses e, sosinho, garantir e assegurar o triumpho das suas tropas.

Carece do auxilio de todos, da iniciativa intelligente de todos, de modo que, esboçada a ideia geral, a ideia directriz, a ideia motôra, permitta-se-me a phrase, cada chefe subalterno a complete consoante as circumstancias particulares do seu caso e assim não haja quem possa declarar que não fez o que devia por não ter recebido ordem.

A verdadeira iniciativa não deve contrariar o pensamento, a vontade do general em chefe.

O principio da iniciativa não é cada um fazer o que quizer, é pelo contrario, a divisão do trabalho, a conca-

tenação de esforços intelligentes, é o complemento da arte creadora do commando.

Não ha regras nem principios preestabelecidos para o emprego da iniciativa no exercito, ha, sim, apenas limites dentro dos quaes a iniciativa póde e deve exercer a sua acção.

Esses limites são impostos pelo esboço do plano do commando.

A iniciativa nasce do estudo, da competencia, do criterio, da razão e até da alma do subordinado.

A iniciativa deve ser cuidadosamente cultivada na paz, para não apparecer como uma surpreza na guerra.

A arte da guerra que se nos apresenta altiva, rainha soberana, a maior de todas as artes, que envolve em principio tudo quanto seja accessivel ao saber e ao poder do homem, não pode estar reservada para receber surprezas, quando das suas leis depender a salvação da patria e a honra da nossa bandeira.

Assim como o commando que julgar poder prevenir tudo, tudo regulamentar e ordenar se arrisca a comprometter o exito de combate e muitas vezes a sacrificar e despedaçar os altissimos interesses confiados á sua probidade profissional, cousa que desgraçadamente falta a muita gente, assim tambem o chefe que sem ideias seguras sobre a sua missão, sem ter creado o plano em esqueleto da marcha dos acontecimentos, abandonar a direcção suprema e se dedicar a completar detalhes, isto é, a entrar pela iniciativa dentro dos seus subordinados, mostra uma incompetencia e uma desorientação que é criminosa, porque arrasta as suas tropas á desgraça e muitas vezes á deshonra.

Occorre-me neste momento que, quando Bazaine era anciosamente procurado, em Rezonville, para orientar a situação, como commandante do corpo de exercito, foi encontrado a fazer metter algumas boccas de fogo em bateria.

Veja-se por isto que criterio aquelle e que competencia aquella!

A centralisação tradicionalista, que foi em ultima analyse a origem primaria dos grandes desastres da guerra de 70 para os francezes, traria entre nós consequencias identicas se tivessemos ámanhã de defender com as armas na mão as nossas fronteiras.

Quem escreve estas linhas poderia citar alguns factos occorridos durante a sua não muito longa carreira militar e que serviriam para evidenciar até que ponto a centralisação tem raizes entre nós, obcecando até espiritos esclarecidos.

Mas não o quer fazer, não o deve fazer.

Espera que a luz da verdade, illuminando a todos, e mui principalmente aos nossos chefes que são os nossos mestres e os nossos guias, traga ao exercito dias de esperança e depois dias de felicidade.

A propaganda tenaz, conscienciosa e inspirada apenas nos altos interesses do exercito a favor da iniciativa, é um dever que se impõe. Lancemos mão d'essa propaganda.

O general Woyde, do exercito russo, escreveu um notabilissimo livro sobre a *Iniciativa nos chefes subordinados.*

Esse trabalho do sabio general russo deve ser manuseado por todos, porque esclarece a questão de uma maneira deslumbrantissima.

A iniciativa audaciosa, escreve o general Woyde, em face do interesse geral, constitue hoje um *dever bem definido* para todo o subordinado que *opéra fóra do raio de acção* do seu superior.

Este principio é reconhecido por todo o exercito allemão. E, comtudo, é claro que torna muito mais difficil e muito mais séria a posição do subordinado em campanha, não deixando todavia de ter um ponto vulneravel, um ponto perigoso, mas inevitavel, o qual, aconselha o general Woyde, devemos corajosamente affrontar.

Esse perigo consiste na possibilidade da iniciativa transpôr os limites estabelecidos; porque, se a iniciativa é um direito, temos o dever de o usar, sem comtudo passar alem das disposições que se podem tomar com verdadeiro conhecimento de causa e sob nossa inteira responsabilidade, nunca passando mais adiante das intenções do alto-commando.

Assim como a falta de iniciativa é um mal que urge energicamente combater, tambem a iniciativa inintelligentemente applicada e fóra dos limites impostos pela direcção superior, pelo ponto de vista do alto-commando, se torna altamente prejudicial.

Ora, ao criterio de cada um, ao seu bom senso, aos seus conhecimentos, ao desenvolvimento da sua intelligencia é que se deve ir buscar a norma de proceder, de forma que o emprego da nossa iniciativa corresponda sempre a uma necessidade de momento, que até certo ponto complete um detalhe necessario para o exito da operação de guerra.

Repetimos, não ha regras, não poderiamos nunca applical-as, visto serem tão variaveis e tão imprevistos os casos particulares que se podem apresentar a cada momento na guerra.

O general Verdy du Vernois é do seguinte parecer.

«O primeiro combate a que assisti foi o de Nachod. Encontrei-me na orla do *plateau* de Wenzelberg. Um combate violento tinha começado e as cousas caminhavam mal para nós n'um dado momento. As companhias da guarda avançada, assim como a bateria de artilheria, retrogradavam emquanto que o grosso estava empenhado ainda no desfiladeiro. Se n'este instante os austriacos tivessem conseguido manter-se no *plateau*, a sahida do corpo não se teria podido effectuar.

Puz-me então a lembrar de todas as regras tacticas imaginaveis, mas não encontrei uma só que podésse ser applicada ao caso presente. Mandei então todas as re-

gras ao diabo e perguntei a mim mesmo simplesmente, de que se trata aqui?

Adquiri a convicção de que todas as tropas que tinham pisado Wenzelberg deviam a todo o custo manter-se alli e que o resto devia adiantar-se para se lançar na lucta em toda a parte onde ella fosse necessaria.

Desde esta epocha eu experimento uma certa repulsão por tudo aquillo que se convencionou chamar *regras.*»

A. Sarsfield,

Capitão de infanteria.

A ESPINGARDA DE GUERRA

(Conclusão)

Os alvitres apresentados para que a Lebel tenha estes requesitos, são os seguintes:

1.º Supprimir o armazem tubular no fuste.

2.º Diminuir o peso da arma.

3.º Dispôr o comprimento do couce da coronha de forma a tornal-o variavel e adaptavel ás differentes estaturas do soldado.

4.º Diminuir o angulo formado pelo eixo do fuste e o couce.

5.º Tornar o *delgado* de menor secção.

6.º Adoptar uma alça de combate.

Vamos tratar resumidamente de cada um d'elles.

Supprimir o armazem tubular no fuste.—Todas as armas de repetição com o deposito fixo tem o inconveniente de, consumidos por qualquer circumstancia os cartuchos n'elle contidos, o soldado poder vêr-se, em momentos criticos impossibilitado de fazer o fogo de repetição, visto ser necessario um certo tempo para o tornar a carregar, o que terá certamente uma influen-

cia moral muito prejudicial. A Allemanha, Austria, Belgica, etc., usam nos seus exercitos espingardas com *carregadores automaticos* os quaes, podendo ser promptamente substituidos, depois de consumidos os cartuchos que comportam, fazem cessar aquelle inconveniente, tornando a arma sempre propria para o fogo de repetição.

No trabalho de que nos occupamos é, porem, posto de parte este systema, pelo motivo de que, tendo os *carregadores* um certo peso, augmentam a carga do soldado e ainda porque, se este, debaixo da excitação do combate, não sabe servir-se bem d'elles e os não colloca facilmente no seu lugar, perderá muito a rapidez do tiro. Porisso é proposto um armazem fixo, collocado por baixo da caixa da culatra e disposto de forma a permittir tambem o tiro simples; e para evitar o inconveniente de o soldado, na emoção do combate, já sem cartuchos no deposito, continuar abrindo e fechando a culatra e a fazer outros movimentos inuteis, é reconhecida a necessidade de inventar um systema pelo qual elle fosse prevenido de já ter consumido todos os cartuchos, porque certamente não os levará contados.

Diminuir o pezo da arma.—A Lebel, descarregada, peza 4,^{k} 200 e com o armazem carregado 4,^{k} 515. E' mais leve que a nossa que em igualdade de circumstancias peza respectivamente 4,^{k} 550 e 4,^{k} 899, mas mais pesada que a Mannlicher, allemã, que, descarregada, peza apenas 3,^{k} 800.

A collocação do deposito sob a caixa da culatra já torna a arma mais leve alem de mais equilibrada, mas, para diminuir ainda mais o seu pezo, deve ser reduzido o seu comprimento. Como consequencia d'isto não ha uma utilisação completa dos gazes da polvora, dando em resultado uma diminuição na velocidade inicial; e tambem o comprimento da arma deve ser tal que permitta o fogo em duas fileiras, razão porque todas ellas tem um comprimento que oscilla entre 1,^{m} 24 e 1,^{m} 30. A espingarda franceza tem um comprimento de 1,^{m} 30

e a allemã o de 1,^{m}255, mas a velocidade inicial d'esta é menor 7 metros que a d'aquella.

Uma espingarda com 1,^{m}24 de comprimento permitte bem o fogo em duas fileiras e, por isso, uma reducção de 6 centimetros no cano da Lebel não a prejudicará debaixo d'este ponto de vista, mas diminuir-lheha 7 metros á velocidade inicial, sem fallar no inconveniente, que é insignificante, de se apontar melhor com uma arma comprida que com uma arma curta, visto ser pequena a reducção e, alem d'isso, ficar, pela suppressão de pezo na frente, em melhores condições para se executar o tiro rapido com maior precisão.

A diminuição de 7 metros na velocidade inicial crêem que poderá desapparecer, modificando a bala por forma a tornal-a meia gramma mais leve e alongando-lhe um pouco mais a ogiva; ou então, quando se não aproveite este meio, poderá ainda conseguir-se o mesmo, augmentando a carga de polvora de 2, 5, centig. com cuja elevação de pressão—150 kilogrammas por centimetro quadrado—podem as paredes do cano.

O comprimento da bayoneta deve ser reduzido ao menor possivel, para diminuir o peso da arma na frente e tornal-a, portanto, mais equilibrada no manejo de fogo e de maior justeza no tiro ás distancias inferiores a 400 metros.

Dispor o comprimento do couce de forma a tornal-o variavel e adaptavel ás differentes estaturas do soldado.—As duas modificações já apresentadas, tornando a arma mais equilibrada e mais leve, são tambem de molde a tornal-a mais apta para, com menos fadiga e maior desembaraço, se levar á posição de apontar. No sentido, porém, de a melhorar mais ainda debaixo d'este ponto de vista, para que com a maior naturalidade seja derijida a linha de mira, deve a arma ter uma coronha cujo comprimento esteja em harmonia com a estatura do soldado, pois que, sendo d'um tamanho constante, correspondente á estatura media dos homens,

acontecerá que, quando um homem muito alto com grandes braços, leva a arma á posição de apontar, ficará com a cara muito proxima da mão direita e, com a preoccupação da arma lhe bater na occasião do tiro, fechará os olhos e levantará a cabeça, emfim desmanchará a pontaria quando disparar. Pelo contrario um homem de pequena estatura terá difficuldade em levar a arma á cara e fazer a pontaria, não encostará o cotovello esquerdo ao peito, a mão direita não segurará fortemente a arma pelo delgado, apenas a primeira phalange do dedo indicador se apoiará no gatilho e quando disparar mecherá com o hombro.

E' necessario, portanto, que o couce da arma seja proporcional á estatura do soldado. Para isso elle deve ter um comprimento fixo, $0^m,32$ por exemplo, mas ser a arma disposta de forma a poderem collocar-se até 4 ou 5 peças de couro de 6 millimetros d'espessura entre a coronha e a chapa do couce, mantidas ahi por esta chapa e dois parafusos. D'esta forma, os commandantes de companhia, quando destribuissem o armamento aos recrutas, podiám facilmente tornar o comprimento da coronha proporcional ao soldado, mandando tirar a chapa do couce e collocar entre esta e a madeira o numero de peças de couro que fossem necessarias para tal conseguir.

O processo é simples e solido, e, além d'isso, sendo o comprimento da coronha correspondente aos homens mais baixos, um certo numero d'armas não precisava de modificação alguma. Tinha ainda a vantagem de diminuir os choques, quando se descança a arma.

Diminuir o angulo formado pelo eixo do fuste e o couce.—Para fazer a pontaria ás pequenas distancias é necessario voltar mnito a cabeça para a direita e elevar e avançar o hombro. E' certo que isto é difficil d'obter na instrucção; e no combate, em virtude das circumstancias em que o soldado se encontra quando faz estas pontarias, ha uma tendencia para atirar muito alto, o

que os homens experientes explicam ser devido a o soldado disparar apenas vê o ponto de mira, sem ter feito passar o raio visual pela ranhura da alça, sem fallar nos que, por se acharem já muito cansados, atiram na posição de carregar.

Obvia-se a este inconveniente, dispondo-se a coronha de forma que, quando se faça a pontaria ás pequenas distancias, a ranhura da alça venha collocar-se immediatamente em frente da vista. Para tal se obter é necessario que seja menor o angulo formado pelo eixo do fuste com o couce, o que traz ainda a vantagem de diminuir o recuo que foi augmentado quando se aligeirou o peso da arma, apesar de que esta vantagem pouca importancia tem, attento o estado moral do atirador áquellas distancias. Ha o inconveniente de, ás maiores distancias, ser necessario, para apontar, baixar mais o couce, mas n'estas occasiões ainda se conserva o sangue frio e far-se-ha portanto tudo o que fôr preciso para bem apontar.

Tornar o delgado de menor secção.—E' de grande conveniencia que o soldado abranja completamente o *delgado* com a mão direita quando aponta, para ficar mais independente o movimento do dedo e para mais firmeza, o que se pode conseguir muito facilmente tornando o delgado de menor secção. Fica mais fraco, mas pode evitar-se este contra, reforçando-o com umas placas de metal, sendo pequeno o augmento de peso e insignificante o prejuizo no tiro. Depois, como já se viu, os choques são diminuidos com o emprego das peças de couro

Adoptar uma alça de combate.— O soldado tem, em geral, difficuldade em fazer a pontaria por forma a dirigir a linha de mira por dois *pontos:* ranhura da alça e crista do ponto de mira. E' necessario uma grande pratica, para que elle, olhando constantemente o alvo, apanhe de prompto estes dois pontos quando mette a arma á cara. A's pequenas distancias, em que se tem perdido a tranquilidade, ainda mesmo que haja uma

solida instrucção de tiro, apontar-se-ha mal, tornando-se, por isso, necessario uma alça especial que, não impedindo o uso da alça ordinaria ás grandes distancias, possa ser empregada para as menores, permittindo tomar-se com promptidão a linha de mira.

As modificações respeitantes á inclinação da coronha e ao seu comprimento já são em parte conducentes a este fim, mas para que elle se consiga mais completamente é preciso adoptar uma *alça de combate*. Esta alça seria formada por uma lamina metalica, concava na parte superior e de cerca de 0,^{m} 2 de comprimento, analoga ás que têm algumas armas de caça. Para evitar o reflexo do sol teria o fundo estriado. Um entalhe collocado do lado do atirador marcaria o meio da alça.

Assim já não havia na arma unicamente dois pontos para determinar a linha de mira, mas todo o comprimento da lamina por cujo fundo passaria o raio visual o qual, tocando o ponto de mira, se dirigiria ao alvo. A alça ordinaria continuar-se-hia a empregar nos fogos de maior precisão e a maiores distancias.

*
* *

Inquestionavelmente, qualquer arma com as modificações que vimos de descrever ficará em muito melhores condições de garantir um fogo mais certeiro na occasião mais critica do periodo de preparação que começa a 400,^{m} e julgamol-as todas perfeitamente applicaveis á nossa arma Kropatschck, a não ser a que diz respeito á reducção do seu comprimento a 1,^{m} 24, que obrigará a um córte no cano de 65,^{mm} 8, sendo a distancia da chapa do couce ao gatilho de 0,^{m}32. Mas, sendo certo que o cano é susceptivel de maiores pressões, podia tambem tornar-se mais curto e augmentar a carga.

De resto, a nossa Kropatschek, comquanto seja de

qualidades balisticas inferior á Lebel, é ainda uma boa arma. Assim a nossa infanteria estivesse bem instruida como está bem armada.

Antonio Barbosa Junior,
Tenente de Infanteria.

OS NOSSOS EFFECTIVOS

(Continuado do n.º 7)

Como vimos no ultimo numero da *Revista*, durante as campanhas da restauração tivemos em armas 55:000 homens de 1.ª e 2.ª linha, e em 1808-1814, para repellir as invasões francezas, tivemos 112:000.

Abstrahindo das ordenanças e sendo a população do reino na 1.ª epocha de 2 milhões de individuos e na 2.ª epocha de 3.300:000, vê-se que, para resistir ás pretensões da Hespanha em 1641-1668, tivemos de armar $\frac{1}{40}$ da população e, para repellir as invasões francezas, tivemos de armar $\frac{1}{30}$. Sendo agora a população de 5 milhões e fazendo o calculo pela proporção $\frac{1}{30}$, deduzimos que o pé de guerra seria de 170:000 homens, *na hypothese de serem os actuaes factores dos effectivos os mesmos que de ha 80 annos.*

Como esses factores não são os mesmos, porque os progressos realisados—como os caminhos de ferro, o augmento da riqueza, o aperfeiçoamento moral do homem, as transformações tacticas—permittiram elevar a proporção a $\frac{1}{10}$ ou $\frac{1}{20}$, esta proporção applicada ao nosso paiz dá-nos um effectivo de guerra de 250:000 ou de 500:000 homens, sendo este ultimo numero o que melhor realisa o systema «nação armada» e que comprehende toda a população valida.

O nosso contingente annual de recenseados é de 55:000 homens, dos quaes ficam approvados para o serviço militar uns 30:000.

Admittindo que a porção approvada baixe mesmo a 25:000, em virtude de diversas falhas, os contingentes reunidos de 10 annos dariam 250:000 homens que, deduzindo todas as baixas e faltas possiveis, nós arredondamos em 200:000 que constituiriam a 1.ª linha.

Terminado o tempo de serviço na 1.ª linha aos 30 annos, os homens serviriam na 2.ª linha até aos 45, pelo que a 2.ª linha disporia de 200:000 homens.

As duas linhas reunidas davam-nos 400:000 homens instruidos e talvez mesmo 500:000.

Além d'estas tropas moveis ou de campanha, podia ainda haver uns 200:000 milicianos. Taes seriam, pois, os resultados obtidos, se a nossa organisação militar se fundasse no serviço obrigatorio. Em vez de termos, como ao presente, apenas 50:000 homens, teriamos 400:000 ou mesmo 500:000.

As excellentes condições defensivas que o paiz tem na sua topographia, nos seus rios e montanhas, na situação de Lisboa e nos limites com o oceano como que duplicariam o valor d'aquelles 400:000 homens que ficariam em condições de luctar com um exercito invasor de 600 ou mesmo 800:000 homens; e, como uma tão poderosa invasão é difficil de effectuar, Portugal disporia assim de um exercito capaz de lhe garantir a independencia com a infallibilidade que em boa razão se pode exigir, porque a garantia absoluta nenhum exercito do mundo a pode dar.

Não poderá nunca um grão de areia resistir ao choque de um bloco, nem um bloco ao choque de um colosso; mas, se não temos obrigação de fazer o impossivel, temos comtudo o dever de fazer o possivel, mantendo-nos no maximo estado de preparação, o que agora está muito longe de acontecer.

Devemo-nos preparar para todas as eventualidades,

porque nunca devêramos deixar de o estar, decretando e pondo em perseverante execução uma reforma conveniente e que as circumstancias não permittem já desconhecer e protelar.

No principio d'este seculo soffremos uma formidavel invasão vinda de alem dos Perinéos, que bem póde tornar a repetir-se, pela raça gauleza ou qualquer outra.

A fronteira maritima póde ser tomada tambem para base de operações e dar ingresso a uma invasão, e isto sem nos referirmos ao annunciado *ricorsi* dos outros continentes sobre a Europa, apesar dos ultimos acontecimentos nos fazerem prevêr a sua possibilidade.

Notaremos, comtudo, que são as praias de Portugal que abrem as portas do Atlantico para a Europa, que as futuras grandes luctas de raças se decidirão nos mares e que qualquer conflicto travado na zona de Gibraltar não deixará de nos envolver, ou sinceramente ou *ardilosamente*.

Todas estas circumstancias e ainda muitas outras que omittimos nos permittem conjecturar os perigos sufficientes para justificarem uma forte organisação militar, mas o motivo mais visivel d'essa organisação é a necessidade de estarmos prevenidos contra qualquer acto offensivo por parte da Hespanha, porque é ella que nos tem feito ataques mais frequentes e a que, pela sua visinhança, está mais nas condições de os repetir.

Até ha pouco tempo a elite intellectual de Hespanha pronunciava-se contraria á renovação dos antigos processos violentos para fundar a unidade politica da Iberia, opinião que era sensata e que parecia destinada a transformar a melindrosa questão do Iberismo de paixão obcecada e aggressiva n'um problema de sciencia social, *resolvivel só pela emergencia de phenomenos politicos adequados ou de condições materiaes e moraes que impellissem espontaneamente os luzos para a união.*

Umas vezes em silencio e outras com ruido, esta ideia vinha fazendo e ganhando adeptos d'este lado da

fronteira, irresistivelmente attrahidos pela magica da expressão 16+5=21, operação tão simples e insignificante pelo lado arithmetico como transcendente n'uma concretisação politica. 16 e 5 são os milhões de habitantes de Hespanha e Portugal, são duas edades menores que, juntas, fazem uma maior idade. 16+5=21 é a synthese symbolica da potencia da *Iberia una*. Era a realisação na propria casa d'esse imperio que os dois povos da peninsula não puderam realisar longe, de uma forma duradoura.

Parece, porém, que os *dilectantes da união espontanea* não refletiram que a experiencia já se fez em 1580 com resultados pouco convidativos. Alguns annos depois começou a estrella dos Fillipes a declinar e Portugal, se não se separa tão depressa, perdia o Brazil, Angola e toda a India. Ora, se isto aconteceu na epocha em que a Peninsula, cheia de prestigio, dava a lei em terra e no mar, o que não aconteceria agora, em que um e outro paiz entrariam para a união sem força, sem dinheiro e sem boa orientação governativa?

A ausencia de *condições propicias*, o estudo mais profundo do assumpto e os recentes desastres de Cuba e Fillipinas puzeram em debandada os *dilectantes* de cá, mas os hespanhoes é que se não resignaram a juntar as suas perdas a esperança da *união iberica*, e alguns jornaes assumiram uma attitude aggressiva a nosso respeito, dizendo que se devia partir para a conquista de Portugal, cuja separação era a desgraça da Peninsula, que era um direito de visinhança, uma necessidade ethnica e politica.

Póde essa attitude explicar-se pelo mau humor proveniente das proprias desgraças; pelos rumores que correram de uma alliança anglo-portugueza; pelo procedimento incorrecto de alguns jornaes portuguezes; por terem os vencidos assimilado dos vencedores as theorias da força e da annexação, e porque, emfim, no auge do de-

sespero acariciam a ideia de ressarcir as perdas, seja como fôr.

O mais provavel é que isto não passe de uma animosidade muito restricta e passageira, destinada a desapparecer em breve sem maiores vestigios; porém, o que não deve desapparecer da nossa attenção rapidamente é que a Hespanha pôde expedicionar a Cuba 200:000 homens, que apura annualmente 90:000 mancebos aptos para o serviço militar e que, no caso de um conflicto comnosco, não lhe será impossivel reunir 600:000 ou mais para transpôrem a fronteira.

Foi a Hespanha sempre uma nação belicosa e irriquieta e, apesar dos desastres que acaba de soffrer, mostra-se com animo para proseguir nas suas tradições. Vendo por terra, aniquilado o seu exforço de quatro seculos, não succumbe na contemplação da ruina do seu trabalho colossal e agita-se na perspectiva de novas emprezas. Pensa em reorganisar o exercito nas bases do seu amplo serviço obrigatorio e em restaurar a marinha. E para que, isto? Para revindicar Gibraltar, para se tornar digna de concorrer á partilha de Marrocos e para tudo o mais que poder fazer, em honra de principios que lhe pareceram muito feios quando applicados ha pouco pelos norte-americanos.

Deve até certo ponto desculpar-se a persistente ambição da Hespanha, porque, emfim, quem já foi muito não se póde mais resignar a ser pouco. Na phase mais aguda da guerra recente estiveram a ponto de começar loucamente as hostilidades em Gibraltar.

Ninguem deve, pois, desconhecer a possibilidade de nos invadirem a fronteira, e para nos defendermos devemos contar com os recursos proprios e não com soccorros estranhos.

Nem a nossa independencia está conjugada no equilibrio europeu, de modo a acarretar infalliveis complicações, nem a Hespanha de hoje é a rival temivel do seculo 17.º que muito convinha enfraquecer.

Se a aggressão se produzisse agora, em que nem temos sequer uma preparação que se aproxime do estado medio, não deixariamos de offerecer um espectaculo de soberba confusão. Feita a mobilisação dos 50:000 instruidos, vinham depois os 80:000 sem instrucção e por ventura muitos outros dedicados patriotas, mas para os quaes não teriamos boas armas nem munições. A instrucção d'esta gente, dada á ultima hora, seria nulla, convencional ou imperfeitissima, porque, se durante a paz *os elementos disponiveis de todo o exercito,* apenas podem instruir n'um anno uns 8:000 homens, deve-se deduzir que a decima parte d'aquelles elementos não poderão instruir n'um mez ou dois 60:000 ou 120:000 homens.

Ao lado d'este problema insoluvel levanta-se o dos fardamentos, o dos solipedes, o do material dos parques, o dos armamentos e por cima de todos, formando a cupula do edificio, o problema do dinheiro, pois que as despezas militares, que em tempo de paz orçam por 400 contos por mez, se não fariam com menos de 8:000 contos. Tinham de ser instantaneamente supprimidas quasi todas as despezas dos outros ministerios e o governo, que em tempos normaes não attinge fazer o possivel, teria então de fazer milagres.

Mas nós estamos vendo quaes seriam os milagres: alguma colonia teria de ser sacrificada.

Emquanto tivermos colonias cubiçadas e ilhas ferteis ou que são bons pontos estrategicos, não nos faltará auxilio interesseiro, mas n'esse caso sempre a Hespanha teria alcançado metade do seu objectivo, pois que a perda das colonias está annunciada como sendo o advento das *condições propicias* ou favoraveis á união ou á absorpção.

Para não querermos um auxilio tão perigoso é pois mister que o não precisemos, e para o não precisarmos urge adoptar uma organisação e um systema vasados em moldes novos e verdadeiramente fecundos.

Pesa sobre Portugal a suspeita de ser um paiz de-

cadente, o que não deixa tambem de ser uma seria ameaça á integridade nacional, dados os implacaveis principios com que este findar de seculo justifica a expoliação dos decadentes. A suspeita fundou-se, por certo, em phenomenos administrativos e deficiencias da riqueza publica e privada, mas não é menos certo que as consequencias se aggravariam perigosamente, se a esses phenomenos se ajuntasse a demonstração da nossa fraqueza militar, e desde esse momento perderiamos mesmo a benevolencia d'aquelles que ainda nos desculpam não termos as *sordidas* virtudes de creadores e conservadores da riqueza.

Sejam, pois, quaes forem os problemas que nos assoberbem, o problema da defesa não póde nunca ser posto de parte, e sobretudo no actual momento, em que *a theoria das raças superiores e das grandes nacionalidades vae fazendo a sua marcha triumphante sobre os mal governados e impotentes.*

Se as nações poderosas pela população e pela força das suas industrias e capitaes julgam necessaria para a sua manutenção uma forte organisação militar, com maior rasão ella é necessaria para nós, porque de mais, como nação colonial, constituimo-nos na obrigação de acompanhar o que se tenha por mais genuina manifestação do progresso ou seja uma feição momentanea da civilisação.

De tudo se deduz pois, que nos é absolutamente necessario adoptar uma organisação em que o serviço obrigatorio se applique rigorosamente em harmonia com os mais perfeitos principios da organica moderna. Com esse systema damos á independencia nacional uma garantia quasi absoluta, impellimos a nação no caminho do progresso e levamos á população o beneficio d'uma educação impulsionante e d'uma cohesão disciplinada e solidaria.

Julio d'Oliveira.
Tenente de infanteria.

(Continúa).

Reorganisação da Escola pratica de Infanteria

(Resposta)

(Continuado do n.º 7)

A excellente conferencia, feita pelo 2.º commandante da Escola Pratica de Infanteria e começada a publicar no ultimo numero da Revista, vem muito a proposito para justificar plenamente tudo quanto aqui tenho escripto ácerca da necessidade de reorganisar a mesma Escola.

O illustrado conferente prestou d'este modo inquestionavelmente um bom serviço á nossa arma, que assim fica conhecendo melhor qual o estado do tiro escolar, na parte que mais lhe pode aproveitar, e quaes as causas que, porventura, tenham impedido o seu regular desenvolvimento. E' claro que um trabalho d'esta importancia para a nossa arma não pode deixar de ser considerado aberto á discussão, pois qualquer outra intenção contraria envolveria um autoritarismo injustificavel em face do que em toda a parte se pratica com as outras escolas, cujos dados e principios apurados são objecto de numerosas e acaloradas controversias sem prejuizo da disciplina e antes em seu favor, porque ella não se firma sómente na educação, mas tambem na instrucção.

N'estes termos e porque, no momento, me encontro tratando do assumpto, não devo declinar a honra de discutir em melhores bases, nem tão pouco devo perder tão valioso auxilio, como o que me fornece o illustrado conferente; e, se a apreciação, que vou fazer, não é em tudo conforme com a sua opinião, nem por isso haverá discordancia no fim essencial—progredir—que ambos temos em vista.

Demais, a conferencia tem para mim um ponto de especial attracção, e é elle recordar-me de que foi assim que se inauguraram os primeiros trabalhos do tiro escolar, attingindo em 1890, nos dois periodos de instrucção d'esse anno, um desenvolvimento não inferior e muito semelhante ao actual, como se poderia verificar, não pelas conferencias ou theorias feitas, porque *verba volant*, mas em presença dos relatorios finaes de que, se não existem na escola vestigios, ainda restam alguns apontamentos e lembranças nas mãos e na memoria de quem mais lhe queria, e bem assim outros esclarecimentos sobre diversos serviços executados ou em via de execução, pois, por essa epocha, nada havia feito, nem abundavam, como hoje, os livros uteis a consultar.

Relembrando esses primeiros trabalhos, cujas estatisticas de tiro, pelo menos, deveriam ser cuidadosamente guardadas para confronto de resultados, não influe em mim a ideia mesquinha de disputar primasias, seja a quem fôr, ou de ter em menos conta a utilissima conferencia. O meu pensamento é outro bem differente, é fazer notar que a escola se arredou por muito tempo d'um dos seus principaes fins e que, por isso, hoje, como hontem, estamos ainda muito no principio do estudo complexo dos fogos de guerra e dos assumptos correlativos e que os resultados inscriptos na conferencia não correspondem, por forma alguma, a um trabalho e a um dispendio de 11 annos, nem jámais se obterão resultados condignos sem que, primeiramente, se operem modificações radicaes no modo de ser escolar. Milagre seria esperar grande fartura de quem tem vivido tão pobre.

Algumas das causas de atrazo aponta-as o esclarecido conferente e ahi está, a meu ver, o maior merecimento da conferencia, pois é natural que, perante voz tão auctorisada, os poderes superiores se disponham a attender uma das necessidades mais instantes da arma de infanteria, qual é o conhecimento da tactica do fogo

pelo estudo experimental dos seus effeitos. D'outro modo, continuaremos sempre no campo vago das theorias e das supposições hesitantes, cousas supinamente inuteis e irreconciliaveis com a realidade crua do combate, quando, por desgraça, não conteem tambem o germen de verdadeiros e mais altos perigos.

Posto isto, passarei adeante.

O estudioso conferente começa por mencionar as graduações que costumam assistir aos exercicios do tiro escolar—aspirantes, 1.os sargentos e, este anno, um tenente por cada regimento de infanteria do continente—com o fim de os habilitar, diz o conferente, a exercer com pericia uma das suas mais difficeis missões tacticas em campanha—a da direcção do fogo.

Com effeito, o fim é esse; mas não só esse, como o de levar aos corpos o verbo d'essa instrucção preciosa, de modo que seja assumpto das conferencias regimentaes com a devida applicação aos exercicios da tactica de combate. Por isso, os vehiculos da instrucção devem ser outros, muitos outros, se se quer obter o fim desejado.

Mas, consultando os regulamentos escolares e as alterações feitas n'este sentido, vê-se que não se tem sahido do mesmo circulo vicioso, sendo já tantas as variantes imaginadas que este anno se voltou ao que dispunha o primeiro regulamento, admittindo-se sómente tenentes, e faltando os capitães designados no numero 28 do actual regulamento. No entretanto, a confiança no bom exito da propagação do ensino aos regimentos exprime-a o conferente no seguinte conceito: «os corpos da arma não chegavam a ter d'elle (do estudo dos fogos) a menor noticia e alguns até nem sequer chegariam a saber da sua existencia», se não se houvesse tomado a resolução de se fazer uma conferencia sobre os resultados do tiro. D'onde se pode concluir que os presentes e passados delegados dos regimentos não assimilam, ou não querem assimilar, ou ainda que o ensino não é

comprehensivel, o que, em todos os casos, dá um resultado—zero—para os regimentos. Depois, o illustrado conferente queixa-se, e com razão, do apoucado da carreira e do campo de tiro que não permittem experiencias de fogos collectivos em maior escala, não havendo possibilidade de melhorar de situação, no que não concordo, pois n'este mundo ha, graças a Deus, remedio para todos os males. O ponto está em seguir-se a velha maxima «do mal o menos», que se póde contrapôr ao outro velho rifão «quem tudo quer, tudo perde» e é exactamente por teimar-se no ultimo que a Escola tem deixado ficar os fogos de guerra n'esta desgraça, sem nunca ter attendido ao conselho que teem seguido gentes mais sabias do que nós, não desdenhando a França copiar servilmente a Allemanha e seguindo-lhe na pista a Italia, a Russia e a Austria e os pequenos satellites ainda não decadentes.

Seja, porém, como fôr o que lá por fóra se passa, o que é certo é que nós, sendo em tudo o mais uns copistas de primeira agoa, no tocante á transformação da Escola pratica em escola de tiro temos guardado o mais sevéro decoro que se deve a uma virgem; mas virgem tambem de importação, pois a sua mãe belga expirava quando á filha, princeza, se dava por moradia o palacio de D. João 5.º. Deixemos em paz a memoria da mãe, que morreu logo apoz o parto difficil; mas contemos que um dia um pé de vento travesso arregaça as alvas vestes da virgem e mostra-nos por dentro o pão bolorento com que se enfeita o seu regulamento, pois a outra cousa não cheira o que se apura do introito da conferencia:—interinidade das disposições regulamentares, inefficacia do ensino e deficiencia de terrenos para o estudo do tiro.

Bem me parecia a mim que o meu olfacto não me enganava, pois o conferente sincero tambem não dissimula a verdade e, antes, carrega nas côres para que d'isso não reste duvida! Como, porém, eu não sou um

demolidor e, pelo contrario, desejo reconstruir, porei de parte o resto da proficiente conferencia ou o seu valor doutrinario até á sua inteira publicação, e vejamos, rapidamente, como se poderiam corrigir os defeitos apontados, isto é, como se deveria proceder na escolha do pessoal que teria de visitar a escola em missão de estudo, especie de trabalhos que deveria presencear, duração do curso, numero de concorrentes, organisação do ensino escolar, pessoal permanente ou agentes da instrucção, e, por ultimo, meios de ordem economica para melhorar de situação.

Escolha do pessoal.—Pelo principio de que a direcção do fogo interessa a todos os graduados e ainda para que esta instrucção se propagasse tão rapida e tão efficazmente, quanto possivel, seria necessario que tambem todos concorressem á escola; mas, como tal pretensão é manifestamente impraticavel, resta escolher d'entre os officiaes da arma os que mais aptos sejam para receber o ensino e ao mesmo tempo estejam em melhores condições de propagal-o.

Por isso e segundo o principio, inflexivel, de que não basta que o inferior saiba quando o superior ignora ou, antes, de que é necessario que o superior saiba para que o inferior aprenda (pois vae longe o tempo em que «era preciso que o tenente soubesse lêr, porque podia o capitão ser fidalgo»), os naturalmente indicados serão todos aquelles que, por dever de cargo, mais ingerencia teem na marcha e direcção do ensino regimental e que, por isso mesmo, devem ser os primeiros na instrucção, como de resto o são em tudo o mais.

Ora, estes graduados são os capitães e os officiaes superiores, pois é desde aquelle posto que começa a exercer-se mais ampla iniciativa e a ter-se mais auctoridade e responsabilidade no ensino, ao mesmo tempo que, pela edade e conhecimentos adquiridos, serão mais seguro penhor do mutuo estimulo que é justo haver entre o pessoal que dirige e o que recebe o ensino.

Este é o methodo allemão e o mais perfeito e o unico que, entre nós, conviria adoptar, porque, sobre ser o melhor, é o de mais rapidos effeitos, condição muito importante perante o atrazo em que nos encontramos. De resto, as outras nações admittem geralmente capitães, algumas tambem majores e ainda outras tambem aspirantes.

Especie de trabalhos.—Para determinar a especie de trabalhos a que cada uma das classes de officiaes mencionados teria de assistir, é fóra de duvida que, a tal respeito, se deveria tomar, como ponto de partida, as respectivas attribuições no ensino. Ora, cabendo aos officiaes superiores mais um fim de direcção do que de acção immediata, claro está que o que mais lhes aproveitaria seria um *curso de informação* sobre os fogos de guerra; e aos capitães, incumbindo-lhes mais directa intervenção na acção da tropa, seria, por consequencia, precisa uma instrucção mais extensa nos seus pormenores, que os habilitasse a conhecer perfeitamente as propriedades balisticas da arma, seu emprego no combate e os melhores methodos de ensino, como bases essenciaes da instrucção da tropa do seu commando.

O que não se comprehende é que os coroneis e capitães tirocinantes vão ás escolas praticas em epochas em que pouco mais podem observar do que o mobiliario, do que fatalmente se hão de resentir os seus relatorios. O fim fica assim completamente prejudicado, pois que o verdadeiro seria observar o modo de acção de cada arma, o qual na infanteria se manifesta pelos fogos. Se com os capitães de infanteria se tem em vista fazel-os estudar durante 2 mezes, fraco estudo poderá ser esse, em que se lhes não revela praticamente o elemento preponderante da sua arma.

Duração do curso.—O programma que deixo estabelecido poderia ser satisfeito em 20 dias para os officiaes superiores e em 60 para os capitães, pois é, proximamente, este espaço de tempo o empregado pelas

escolas de tiro estrangeiras (Chalons 5 mezes) e que convém não exceder para evitar maiores despezas e mesmo para que a duração do curso não fosse um obstaculo á propagação do ensino, nem affectasse grandemente os effectivos e os trabalhos ordinarios dos regimentos.

Numero.—Com respeito ao numero de concorrentes ao ensino, poderia servir de norma o seguinte:

Sendo os capitães, proximamente, em numero duplo dos officiaes superiores, deveriam concorrer á escola 2 capitães por 1 official superior; mas, como não é possivel ministrar-se com proveito o ensino a um numero exagerado e a promoção é mais rapida no posto de official superior do que no de capitão, deverá este numero limitar-se a 36 capitães, ou um por cada regimento, e a 12 officiaes superiores. A rotação por todos os officiaes d'estas classes seria sem duvida morosa (9 annos), mas qualquer outro augmento no numero, alem de prejudicial ao ensino, seria proporcionalmente mais dispendioso; e a creação de dois cursos annuaes avolumaria por tal forma a despeza que o aproveitamento nos dois poderia ser inferior ao de um só, admittida a hypothese provavel de que os actuaes recursos não podem ser augmentados.

Organisação do ensino.—A nova escola constituiria uma commissão permanente de estudos do tiro e dos assumptos correlativos—tactica, topographia e fortificação do campo de batalha—na parte cuja relação intima é indispensavel estabelecer.

Consequentemente, o programma geral do ensino versaria sobre:

a) Estudo das armas portateis, especialmente das distribuidas ao exercito; isto é, conhecimento pratico das suas propriedades balisticas, seu emprego no combate e condições de serviço; methodos de ensino do tiro;

indicando as modificações a introduzir no regulamento de tiro.

b) Estudo dos fogos e do terreno; isto é, demonstração experimental dos seus effeitos sobre os differentes alvos de guerra, variando a distancia, a posição, as condições do terreno e a especie de fogo;

c) Complemento tactico; isto é, applicação do conhecimento do effeito util do tiro aos exercicios da tactica de combate;

deduzindo as regras a seguir na execução dos fogos e sob a sua acção.

O estudo dos fogos e do terreno e o complemento tactico constituiriam o *curso de informação*. Para satisfazer a este programma a escola teria necessidade de dividir os seus trabalhos annuaes em duas partes distinctas, correspondentes a dois periodos differentes: periodo de preparação, e periodo de instrucção ou de execução.

O periodo de preparação seria especialmente destinado ao estudo theorico e especulativo, aos trabalhos graphicos e estatisticos, á redacção de relatorios, memorias, manuaes, etc., e, finalmente, ás experiencias e exercicios necessarios á preparação do pessoal instructor e da tropa, como meio de acção, para a boa execução do periodo seguinte.

O periodo de instrucção, 60 dias, seria exclusivamente consagrado ao ensino do pessoal que concorresse á escola em missão de estudo, sendo os ultimos 20 dias d'este periodo destinados ao *curso de informação*.

O ensino seria ministrado em um curso theorico-pratico que desenvolveria, quanto possivel, o referido programma e de modo que os trabalhos apresentassem uma sequencia regular, do simples para o composto. As sessões theoricas seriam limitadas á indipensavel enunciação dos factos sem caracter demasiadamente scientifico ou sómente especulativo; e as sessões praticas seriam o complemento e a confirmação das primeiras, attingindo o maximo desenvolvimento e tendo sempre em vista que o exemplo seguisse de perto o preceito.

No ensino, qualquer que fosse o methodo preferido, a importancia que se attribua á destresa do atirador ou a que possa derivar de assumptos não designados no programma estabelecido, a escola attenderia sómente á sua missão especial:—fazer dos officiaes bons instructores de tiro pelo conhecimento pratico das propriedades balisticas da arma, do seu emprego no combate e pela excellencia dos methodos de ensino; e habilital-os a bem dirigir os fogos e a subtrair-se á sua acção pela demonstração experimental dos seus effeitos e segundo os preceitos da tactica.

O pessoal em missão de estudo assistiria a todas as sessões, em reunião de officiaes, e cada um formularia um relatorio circumstanciado dos trabalhos presenceados que entregaria no commando da arma e lhe seria devolvido depois de apreciado por esta estação superior ou pela escola, segundo a cathegoria do signatario. Todos os relatorios seriam presentes á commissão d'aperfeiçoamento da arma que, apreciando-os, enviaria ao ministerio da guerra aquelles que julgasse dignos de especial menção para effeito do n.º 7, art. 13, do respectivo regulamento.

Na escola funccionaria um conselho de instrucção, formado pelo commandante, 2.º commandante e capitães do quadro permanente, e competir-lhe-ia: Tratar dos assumptos technicos; informar o commando geral da arma sobre o que este mandasse submetter á sua apreciação; propôr quanto julgasse necessario ao desenvolvimento do serviço de instrucção da escola.

(Continúa).

Alberto Vergueiro,
Capitão de infanteria.

A proposito da escolha da nova espingarda para a infanteria

A «Revista de Infanteria» lamenta não poder applaudir a constituição da commissão nomeada pela ordem do Exercito n.º 23, para a escolha de novo typo de espingarda para o nosso exercito.

Lamenta tanto mais quanto é certo que a commissão vae estudar um assumpto que diz particularmente respeito á arma de infanteria, e os officiaes de infanteria são n'essa commissão representados em minoria.

A «Revista» affirma desde já que não trata nem tratará nunca de questões pessoaes. Apenas estudará e investigará os assumptos que lhe dizem respeito no campo dos principios.

A «Revista de Infanteria» tem a maior consideração e respeito pelos destinctissimos officiaes que constituem a referida commissão e sente verdadeiro prazer em affirmar que tão notaveis officiaes são verdadeiras summidades da sciencia da guerra não só no nosso exercito mas em qualquer exercito do mundo, todavia, acha que a commissão de que se trata devia ser composta por officiaes de infanteria na sua quasi totalidade.

E' mister quebrar-se a rotina e abrir-se novos horisontes ás legitimas aspirações da arma. E' tempo de desprender e desligar a arma de infanteria de tutelas que lhe são alta e profundamente prejudiciaes, porque a humilham, porque a illaqueiam e porque lhe desfazem nobres aspirações de progresso.

O uso antigo e nefasto de tutelar uma arma que tem em si todos os elementos para bem poder honrar a importantissima missão que a patria lhe impõe, tem produzido resultados tão desgraçados que a «Revista» não os quer apontar n'este momento para não alongar estas considerações.

Ainda não ha muito tempo que no exercito se escolheu uma nova carabina para cavallaria. Esse estudo fez-se no commando geral de cavallaria, havendo na commissão a maioria de officiaes de cavallaria.

D'esta vez o estudo da nossa espingarda faz-se no commando geral de artilheria.

Chalons e Spandau chorariam eternamente a sua vergonha, se em França ou na Allemanha procurassem resolver a escolha de uma espingarda, entregando esse trabalho ao estudo de uma maioria de officiaes de outras armas.

A «Revista de Infanteria», que tanto espera da alta capacidade, illustração e valor do nobre ministro da guerra, ficou verdadeiramente surprehendida com uma medida d'esta ordem que não esperava, e, sentindo infinitamente não a poder applaudir, affirma que acompanhará, o mais de perto que lhe seja possivel, esta questão, que tanto intimamente diz respeito á nossa arma, para com toda a coragem, desassombro e verdade apresentar ao exercito as suas opiniões conscienciosas e convictas.

Conferencia sobre os resultados das experiencias de tiro e fogos de guerra do corrente anno feita na Escola Pratica de Infanteria com a assistencia de S. Ex.ª o General Commandante Geral e dos membros da commissão de aperfeiçoamento da arma de infanteria pelo 2.º commandante da mesma escola.

(Conclusão)

Estes resultados, que parecem estar em perfeita harmonia com a boa rasão, não condizem entretanto com os obtidos em 1896 e em 1897, dos quaes parecia dever concluir-se que a linha é a formação mais vulneravel, seguindo-se-lhe immediatamente na ordem decrescente a companhia em columna cerrada de frente. No que, porém, os resultados de todas as experiencias são concordes é em que a formação menos vulneravel em egualdade de condições é a columna cerrada ou aberta de costado a

dois, o que, reunido á circumstancia já indicada de ser qualquer d'estas columnas muito manejavel em todos os terrenos, as torna imminentemente proprias para todas as forças que, constituindo apoios ou tropas de choque, tenham de seguir immediatamente a linha do combate.

N'estas considerações deixou, porém, de se tomar em conta um factor muito importante nos combates modernos, o qual só de per si póde fazer variar consideravelmente ou mesmo mudar completamente as conclusões deduzidas dos resultados do fogo de fuzilaria sómente. Quero referir-me á acção do fogo de artilheria que, com os aperfeiçoamentos ultimamente introduzidos no seu material, se acha em condições de exercer uma grande influencia no emprego das formações das tropas de infanteria no combate. Não me é licito, comtudo apreciar qual o grau da influencia da acção do fogo da artilheria, por me faltarem elementos seguros para tal fim. Basta saber por agora que a acção do fogo da artilheria é, tanto moral como materialmente, muito consideravel, e que talvez seja devido a ella que os allemães manifestam uma certa predilecção pelas formações em linha para a infanteria, quando tenha de operar ás grandes e ás medias distancias.

Com o fim de salientar melhor a acção do fogo de fuzilaria sobre todas as formações em que a companhia de infanteria pode apresentar-se no campo de combate, pareceu-me importante reunir os resultados de diversas experiencias feitas todas no corrente anno. Foram as seguintes as percentagens obtidas á distancia de 700 metros em identidade de condições:

Contra a companhia em linha.	14,3
» » » em columna cerrada de frente.	37,2
Contra a companhia em columna cerrada de costado a dois	9,1
Contra a companhia em columna aberta de costado a dois	7,8
Contra a companhia em columna cerrada de secções de costado a dois.	5,1
Contra a companhia em columna aberta de secções de costado a dois.	6,8
Contra a companhia em atiradores de joelhos . .	5,7

Do confronto d'estas percentagens, resulta evidentemente que, das formações em ordem unida e sob a acção unica da fuzilaria, a columna cerrada de secções de costado a dois é a menos vulneravel, chegando mesmo a soffrer menos perdas do

que a linha de atiradores de joelhos, o que, entretanto, deve ser considerado um facto accidental. Notam-se tambem umas pequenas differenças, ora para mais, ora para menos, na vulnerabilidade das columnas de costado a dois cerradas ou abertas; reunidos, porém, os resultados obtidos no corrente anno com os dos dois annos anteriores obtidos em condições semelhantes, parece poder concluir-se que, sob o ponto de vista da vulnerabilidade, embora pareça haver uma pequena vantagem para as columnas abertas, não ha motivo de preferencia, quando outras circumstancias tacticas a não justifiquem. E, para demonstrar este asserto, apresento em seguida o resultado de uma outra experiencia, em que se empregaram as duas especies de fogo, por descargas e lento. O por °/₀ obtido á distancia de 700 metros foi o seguinte:

Contra a companhia em columna cerrada de costado a dois com fogo por descargas	9,1
Contra a companhia na mesma formação, mas com fogo lento	13,0
Contra a companhia em columna aberta de costado a dois com fogo por descargas	7,8
Contra a companhia na mesma formação, mas com fogo lento	11,4
Contra a companhia em columna cerrada de secções de costado a dois com fogo por descargas. . .	5,1
Contra a companhia na mesma formação mas com fogo lento	9,4
Contra a companhia em columna de secções de costado a dois com os maiores intervallos que podem ter em combate (30 passos) com fogo por descargas	6,6
Contra a companhia na mesma formação, mas com fogo lento	8,6

Vê-se pelos resultados d'esta experiencia que se manteem oscillantes as percentagens, não havendo, portanto, motivo, como ficou dito, para preferencia de uma ou outra d'aquellas columnas, quando outras razões a não aconselharem.

Nota-se tambem uma differença para mais nas percentagens obtidas com o fogo lento, que, incontestavelmente, produz um effeito material superior ao do fogo por descargas, o que, aliás, já ficou demonstrado anteriormente.

Uma outra experiencia foi feita, no intuito de se estudar a vulnerabilidade relativa de uma linha de atiradores e das columnas mais proprias para as tropas que teem de os seguir de mais perto. O por °/₀ obtido em fogo por descargas, á distancia de 750 metros, foi o seguinte:

Contra a companhia em atiradores	6,8
Contra a companhia em columna aberta de costado a dois	13,1
Contra a companhia em columna cerrada de secções de costado a dois.	11,8
Contra a companhia em columna aberta de secções de costado a dois.	9,6

D'estas percentagens resulta claramente que, como anteriormente previra, só accidentalmente as columnas de costado poderão ser menos attingidas do que uma linha de atiradores; e vê-se tambem que a columna cerrada de secções de costado a dois continua a manter, pelo que diz respeito á vulnerabilidade, uma situação intermedia com relação ás duas columnas abertas de pelotões e de secções.

Fez-se, por ultimo, uma experiencia a 800 e a 850 metros de distancia contra a companhia em atiradores e em columna aberta de secções de costado, empregando-se o fogo por descargas As percentagens d'estes fogos foram as seguintes:

A 800 metros contra a companhia em atiradores. .	5,2
A 800 metros contra a companhia em columna aberta de secções de costado a dois	10,1
A 850 metros contra a companhia em atiradores. .	5,4
A 850 metros contra a companhia em columna aberta de secções de costado a dois	8,6

Estes resultados vêm confirmar os obtidos na experiencia precedente á distancia de 750 metros, e mostram claramente que, para distancias eguaes, a linha de atiradores é a formação menos vulneravel sob a acção de fogo de fuzilaria. Se juntarmos a esta grande vantagem a de que ella é tambem a formação que melhor se presta para a execução dos fogos em terrenos accidentados, chegaremos á conclusão final de que só em atiradores se deve combater sempre que haja necessidade de operar sob a acção do fogo da fuzilaria.

Tiro indirecto

Esta especie de tiro, que em campo aberto é muito pouco pratico e, portanto, de um emprego excepcional, tem uma certa importancia nos sitios das praças de guerra. O emprego das equipagens aerostaticas em quasi todos os exercitos das nações civilisadas fez desapparecer os maiores defeitos do tiro indirecto, que eram, como se sabe, o não se conhecer o momento preciso em que o alvo estava no local proprio e o não poder apreciar-se o resultado do fogo.

Remediados, porém, em grande parte estes defeitos, parece que a importancia do tiro indirecto deve augmentar consideravelmente nas futuras guerras de sitio. Foi por isso que, á semelhança do que se tem praticado nos annos anteriores, foram propostos e resolvidos no corrente anno quatro problemas sobre esta especie de tiro, sendo dois d'elles com o alvo auxiliar a distancia e os outros dois com emprego da linha de mira horizontal.

Procedeu-se, depois da resolução theorica dos problemas, á respectiva experiencia na carreira de tiro, com o fim de tornar familiar aos officiaes e 1.os sargentos que assistiram ás experiencias de tiro e aos fogos de guerra, os processos praticos da sua execução.

Foram os seguintes os resultados obtidos nas experiencias dos quatro problemas.

No 1.º, estando o alvo á distancia de 1:100 metros, o alvo auxiliar a 514 metros e empregando-se a linha de mira mais approximada do que se calculara, que era a de 1:000,m o por °/₀ obtido por 32 atiradores de 1.ª e 2.ª classe foi de 49.

No 2.º, estando o alvo á distancia de 1:450,m o alvo auxiliar a 564 metros e empregando-se a linha de mira de 1:400,m o por °/₀ obtido pelos mesmos atiradores da experiencia precedente foi de 15,7.

No 3.º, estando o alvo á distancia de 1:500,m e empregando-se a linha de mira horizontal com a alça de 1:500,m o por °/₀ obtido pelos mesmos atiradores das experiencias precedentes foi de 12,6.

Finalmente no 4.º, estando o alvo á distancia de 1:200,m e empregando-se tambem a linha de mira horizontal com a alça de 1:350,m o por °/₀ obtido pelos mesmos atiradores foi de 26,8.

Vê-se, portanto, que, em boas condições, esta especie de tiro pode dar, senão melhores resultados, pelo menos tão bons como os que se poderiam obter com o tiro directo.

Tiro de noite

O tiro de noite, menos pratico ainda em campanha do que o tiro indirecto, pode, comtudo, ter algumas vezes applicação nos sitios das praças de guerra, em que os ataques nocturnos são frequentes em determinados periodos do cerco tanto pelos sitiantes, como pelos defensores. Tratou-se, pois, de mostrar praticamente a todo o pessoal que concorreu ás experiencias de tiro o processo de execução, aliás indicado no nosso actual regulamento de tiro.

Construiu-se para isso uma bateria de 20 espingardas em uma das faces do velho reducto do Juncal, e, depois de se terem apontado de dia as armas, procedeu-se á experiencia ás 7 e meia horas da noite, fazendo-se uma serie de 10 descargas. O alvo, que estava collocado a 700 metros de distancia, era uma companhia em columna cerrada de frente.

Empregou-se a linha de mira de 750 metros e obteve-se o por °/₀ de 30,5. Este resultado bastante lisongeiro dá a medida da utilidade que em alguns casos se pode tirar do tiro de noite.

Fogos de guerra

O primeiro exercicio dos fogos de guerra no corrente anno teve por fim estudar o resultado do fogo de uma companhia de infanteria contra uma bateria de artilheria montada em formação e posição de combate, tendo apenas perto de si o seu 1.º escalão da reserva (4 carros de munições, 1 carro de bateria e as reservas de pessoal e gado). Os alvos representando a bateria de combate foram collocados na crista do espaldão da carreira de tiro; como, porém, o terreno á rectaguarda da crista começa a pequena distancia a descer abruptamente, foi necessario deslocar os armões, o carro de bateria e dois dos carros de munições com as reservas de pessoal e gado para o flanco esquerdo da bateria de combate, ficando sómente dois dos carros de munições á distancia regulamentar, um na rectaguarda de cada meia bateria de combate. Em virtude d'esta disposição, que não tinha sido adoptada nos annos anteriores, uma grande parte do pessoal e do material e quasi todo o gado da bateria ficou fóra das linhas de tiro da infanteria. Creio, porém, que para uma bateria isolada é frequente o emprego d'esta disposição, que está prevista no respectivo regulamento de manobras, e por isso não deixa de ser interessante o estudo dos resultados do fogo de infanteria n'este caso.

Na primeira disposição da companhia de infanteria o fogo

foi executado em uma fileira por 105 praças. Cada uma d'estas fez uma serie de 10 tiros em descargas por pelotões. A distancia da bateria era approximadamente 1:000^{m}. Foram attingidos em 1:039 tiros feitos 29 homens e 3 solipedes; o por °/₀ foi, portanto, de 3. Bateram, além d'isso, 5 balas nas peças e 3 nos carros de munições.

Nos dois annos anteriores a esta mesma distancia o por °/₀ obtido tinha sido de 3,1 com cartuchame muito inferior ao empregado este anno.

Na segunda disposição, á distancia de 1:450^{m} approximadamente, 104 praças da companhia em uma fileira fizeram em fogo por descargas de pelotões uma nova serie de 10 tiros por praça. Em 1:022 tiros feitos só foram attingidos 3 homens da bateria, o que dá o por °/₀ de 0,2.

Nos dois annos anteriores, á mesma distancia, o por °/₀ havia sido de 1,3.

Na terceira disposição as mesmas 104 praças da companhia executaram em fogo por descargas geraes outra serie de 10 tiros por praça. A distancia da bateria era approximadamente de 1:700^{m}. Em 1:027 tiros feitos só 4 balas attingiram os homens da bateria e outras 4 o gado; o por °/₀ foi de 0,7; além d'isso uma bala bateu em um carro de munições.

Nos dois annos anteriores o por °/₀ obtido á mesma distancia havia sido de 1,2.

Na quarta disposição as mesmas 104 praças da companhia fizeram em 10 descargas geraes 960 tiros á distancia approximada de 2:000,^{m} da bateria. Foram attingidos 6 homens e um solipede, sendo o por °/₀ de 0,7.

Nos dois annos anteriores o por °/₀ obtido á mesma distancia havia sido de 0,5.

O estudo d'estes resultados mostra-nos uma diminuição consideravel nas percentagens obtidas no corrente anno principalmente ás distancias de 1:450 e de 1:700 metros, devendo notar-se que as munições empregadas este anno eram de muito melhor qualidade, do que as empregadas nos dois annos anteriores, como já tive occasião de dizer. Deve, pois, attribuir-se este facto principalmente á differente disposição dos alvos que, achando-se na sua maior parte fóra das linhas de tiro da infanteria, só podiam ser attingidos pelas balas que, por quaesquer circumstancias, tivessem um grande desvio para a directa, e raramente por alguns tiros directos. A outras causas, porém, que é difficil agora averiguar quaes fossem, se devem attribuir as pequenissimas percentagens obtidas a 1:450 e a 1:700 metros, comquanto seja certo que a estas distancias a infanteria não

deve já contar com um importante resultado do seu tiro, senão á custa de um dispendio consideravel de munições ou quando a disposição dos armões e dos escalões da reserva da artilheria inimiga e a fórma do terreno em que se achem se prestarem aos effeitos de razança das balas da infanteria.

O que, entretanto, se deduz, sem duvida alguma, das percentagens obtidas tanto no corrente anno, como nos dois annos anteriores, é que, á distancia de 1:000^{m} e talvez mesmo á de 1:200^{m} da infanteria, a artilheria, se não quizer ficar immobilisada e calada em alguns minutos por falta de pessoal e gado, terá de se affastar rapidamente. E não será preciso á infanteria um grande desenvolvimento de forças para conseguir este fim; bastará que disponha em frente de cada bateria inimiga uma companhia com 150 a 200 homens de fileira. N'este numero e abrigada pela crista de qualquer pequena dobra de terreno, que a occulte ás vistas do inimigo, não será difficil á infanteria empregar no combate real 1 °/₀ dos seus tiros, e este resultado será sufficiente para em alguns minutos collocar a artilheria inimiga em circumstancias muito criticas, se ella não tiver querido affastar-se em tempo opportuno.

*

No segundo exercicio a experiencia teve por fim apreciar a vulnerabilidade da cavallaria, tanto em ordem unida como em forrageadores, a distancias que podem ser consideradas normaes no combate real.

Na primeira disposição os alvos figuravam um esquadrão a tres pelotões de 12 filas em columna de pelotões a pé firme. Um pelotão da companhia normal de instrucção na força de 49 praças de fileira, representando a guarda avançada da companhia, executou contra elle uma serie de 6 tiros por praça em fogo por descargas de pelotão a 750^{m} de distancia; 41 balas attingiram os cavalleiros inimigos e 37 os cavallos, sendo o por °/₀ de 27,2.

O mesmo pelotão de infanteria executou ainda, em perfeita identidade de condições, uma nova serie de 6 tiros por praça em fogo de repetição; 19 balas tocaram os homens e 20 os cavallos, sendo o por °/₀ de 13,6.

Na segunda disposição o alvo era o mesmo da precedente. O 2.º pelotão da companhia normal de instrucção cerrou sobre o primeiro e, na totalidade de 98 praças de fileira, os dois pelotões executaram á mesma distancia uma serie de 10 tiros por

praça, empregando o fogo vivo em massa; 54 balas tocaram os homens e 34 os cavallos, sendo o por °|₀ de 9.

Na terceira disposição o alvo foi ainda o mesmo e na mesma posição. Os dois pelotões da companhia normal de instrucção na força de 97 praças de fileira avançaram até á distancia de 550ᵐ do alvo e, depois de desenvolverem em linha, fizeram uma serie de 9 tiros por praça em fogo de repetição; 71 balas tocaram os cavalleiros e 56 os cavallos, sendo o por °|₀ de 14,7.

Finalmente, na quarta disposição os alvos representavam uma linha de forrageadores, constituida por dois pelotões, seguida a 100ᵐ de distancia por um pelotão de 12 filas em ordem unida, que lhe servia de apoio. Os dois pelotões da companhia normal de instrucção na força de 97 praças desenvolveram-se em atiradores á distancia de 500ᵐ e executaram depois uma serie de 9 tiros por praça em fogo de repetição; 23 balas tocaram os forrageadores e 17 os cavallos respectivos, e 12 balas tocaram os cavalleiros do apoio e 4 os cavallos, sendo o por °|₀ total de 6,4.

Em 1897 o por °|₀ obtido na primeira disposição, identica á do fogo por descargas do corrente anno, foi de 23.7; o obtido na segunda disposição, tambem identica á d'este anno, foi de 10,3; e o obtido na quarta disposição foi de 6,4.

Os resultados d'esta experiencia mostram-nos á evidencia, mesmo depois de reduzidas as percentagens ás suas proporções de campanha, que a cavallaria será quasi totalmente destruida, quando, atacando em ordem unida a infanteria, tiver de avançar a descoberto por espaço de um minuto ou mais sob o fogo d'esta. O facto de na experiencia a cavallaria estar parada tem a meu ver pouca importancia, porque, se é certo que a rapidez do movimento deve fazer diminuir um tanto as perdas da cavallaria atacante, tambem não é menos certo que a cavallaria, constituindo um alvo de grandes dimensões e approximando-se cada vez mais da infanteria, o fogo d'esta irá augmentando necessariamente de efficacia, o que evidentemente deve, pelo menos, contrabalançar a desvantagem da mobilidade do alvo.

O ataque da cavallaria em forrageadores é certamente muito menos mortifero para esta; mas a acção do choque sendo tambem muito diminuta, a cavallaria não poderá empregar esta formação senão excepcionalmente contra linha de atiradores muito rareados e desmoralisados ou então contra forças de infanteria em fuga desordenada.

Do estudo detido das percentagens obtidas n'esta experiencia e na do anno anterior podem ainda tirar-se as seguintes conclusões:

1.ª—Que a infanteria nada tem a receiar dos ataques da cavallaria, qualquer que seja a formação em que se ache, comtanto que conserve a serenidade precisa para executar, quer o fogo por descargas, quer o fogo rapido, e se ache em uma situação em que não possa ser envolvida pela cavallaria. Seja qual fôr a formação de ataque da cavallaria, esta ficará desorganisada e impotente para poder levar a carga a fundo, desde que a infanteria, mesmo inferior em numero, possa executar qualquer das citadas especies de fogo por espaço de um minuto.

2.ª—Que o fogo por descargas, alem da superioridade incontestavel do effeito moral, produz contra a cavallaria effeitos materiaes duplos dos obtidos com os fogos rapidos, vivo ou de repetição. A superioridade do fogo por descargas mantem-se mesmo quando o fogo rapido é executado a uma distancia inferior de 200m.

3.ª—Que a formação em linha reune todas as condições para a melhor resistencia aos ataques da cavallaria, mesmo quando os flancos estejam apenas mediocremente apoiados.

4.ª—Que a efficacia do fogo em massa é relativamente inferior á do fogo rapido em linha em identidade de condições. Além d'isso, a formação em massa, dando uma grande presa aos fogos, quer da fuzilaria, quer da artilheria inimigas, e não garantido sufficientemente a segurança dos flancos contra os ataques da cavallaria, é uma formação perigosa e impropria para a infanteria, pelo que me parece que deve ser banida do actual regulamento de manobras.

*

No terceiro exercicio fez-se uma experiencia de fogo contra alvos representando duas companhias de infanteria em formação de combate cobertas pelos respectivos exploradores. O terreno á rectaguarda dos alvos que representavam a linha principal de combate do inimigo, era inclinado para baixo da linha de mira do atacante.

Os alvos, que representavam a companhia da reserva em columna cerrada, estavam a 450m á rectaguarda da linha principal e os que representavam os exploradores estavam a 700m na frente d'ella.

Na 1.ª disposição 24 dos melhores atiradores da companhia normal de instrucção executaram, depois de terem estendido a 6 passos de intervallo ao norte do Casal da Vela, uma serie de 10 tiros, cada um em fogo por descargas, contra os alvos que re-

presentavam os exploradores inimigos os quaes se achavam a uma distancia de 600m approximadamente. Attingiram os exploradores inimigos 5 balas e outras 6 foram bater na linha principal, sendo o por % total de 5. No anno anterior em condições semelhantes o por % foi de 2,6.

Na 2.ª disposição os mesmos 24 atiradores fizeram a 300m de distancia dos exploradores inimigos uma nova serie de 10 tiros, cada um em fogo lento. Os exploradores inimigos foram attingidos por 21 balas e, além d'estas, mais duas foram bater na linha principal. O por % foi de 10. No anno anterior, em identica disposição, tinha sido de 5,9.

Na 3.ª disposição a companhia normal de instrucção, na força de 104 praças de fileira em atiradores, executou a 1000m de distancia contra a linha principal de combate do inimigo uma serie de 5 tiros por praça, em fogo por descargas de pelotões. A linha principal do inimigo foi attingida por 30 balas e, além d'essas, foram bater 3 nos alvos que representavam a reserva; o por % foi de 6,3. No anno anterior tinha sido de 4.

Na 4.ª disposição as mesmas praças executaram na mesma formação uma outra serie de 5 tiros, cada uma tambem em fogo por descargas de pelotões, á distancia approximada de 700m da linha principal do inimigo. Esta foi attingida por 46 balas e, além d'isso, 7 foram bater na companhia de reserva; o por % total foi de 10,3. No anno anterior havia sido de 6,6.

Na 5.ª disposição as mesmas praças fizeram ainda em atiradores com as bayonetas armadas uma outra serie de 10 tiros, cada uma em fogo vivo, á distancia de 400m da linha principal do inimigo. Esta foi attingida por 107 balas e, além d'essas, mais 21 foram bater na companhia da reserva. O por % total foi de 12,3. No anno anterior foi egual.

Na 6.ª e ultima disposição as mesmas praças fizeram uma serie de 9 tiros, cada uma em fogo de repetição com as bayonetas armadas á distancia de uns 200m da linha principal do inimigo. Este fogo foi executado de baixo para cima, pois que os alvos estavam collocados perto de uma crista com o commandamento de 13,5 approximadamente. A linha principal do inimigo foi attingida por 155 balas, emquanto que a companhia da reserva só foi tocada por 10. O por % total foi de 17,6. No anno anterior não foi executada esta disposição.

A simples inspecção das percentagens acima indicadas faz resaltar uma superioridade importante das obtidas no corrente anno sobre as de 1897. Parece-me poder asseverar que esta superioridade se deve attribuir unicamente á melhor qualidade do cartuchame que este anno se empregou, pois, além da maior

perfeição do seu fabrico, era carregado com a polvora nacional sem fumo A, que tem dado em geral excellentes resultados em todos os trabalhos em que tem sido empregada, tanto este anno, como já nos anteriores.

Fazendo, porém, um estudo mais minucioso dos resultados d'este exercicio, tiram-se as seguintes conclusões:

1.ª—Que os effeitos do fogo dos exploradores contra os exploradores inimigos, depois de reduzidos ás suas verdadeiras proporções de campanha, teem uma importancia tactica muito mediocre. Em geral, a efficacia do fogo dos exploradores só começa a ter uma importancia apreciavel de 400m para baixo; mas a estas distancias do inimigo já elles na maioria dos casos se acharão incorporados na linha de combate das respectivas companhias. Não é, pois, pelo effeito do fogo que se póde justificar a instituição dos exploradores. A verdadeira missão d'estes consistirá: na offensiva, em preserverar principalmente as companhias da 1.ª linha das emboscadas e surprezas que o inimigo lhes tenha preparado, quando ellas tiverem de atravessar terrenos muito cobertos e accidentados e em denunciar a tempo a posição das tropas inimigas hoje bastante difficil de reconhecer, por causa do emprego geral da polvora sem fumo, evitando assim os graves inconvenientes dos desenvolvimentos em falsas direcções; e na defensiva, em surprehender o inimigo, em attrahir-lhe as tropas em falsas direcções e, finalmente, em difficultar-lhe por todos os modos o reconhecimento tactico.

2.ª—Que o fogo da linha de combate na offensiva não deve começar muito alem de 700m da linha de resistencia da defeza, pois que o seu effeito a distancias superiores a esta não justifica o importante consumo de munições, que é preciso fazer para que os resultados sejam apreciaveis. De 800m para cima só deverá empregar-se o fogo por descargas com muita parcimonia, quando a grandeza dos alvos fôr tal que dê seguras garantias de um bom emprego das munições. Estão n'estas condições as columnas de companhia ou esquadrão e a artilheria em formação de combate, quando convenha fazel-a afastar e não haja outro meio. Na defensiva, porém, quando tenha havido tempo de avaliar exactamente as distancias de certos pontos de referencia, será algumas vezes conveniente começar o fogo ás distancias de 1:000 ou mesmo de 1:200m, para demorar a marcha do atacante, obrigando-o a desenvolver as suas columnas para poder proseguir atravez dos campos, vencendo todos os obstaculos que se lhe apresentarem.

3.ª— Que não é conveniente para a defeza desenvolver prematuramente as forças que devem constituir a linha de resis-

tencia, as quaes podem ser consideraveis, durante o combate dos exploradores. Esta regra não exclue, porém, a possibilidade de um desenvolvimento parcial das forças da linha de resistencia, quando houver para ellas bons abrigos, que as preservem do fogo do inimigo.

4.ª—Que, quando o terreno á rectaguarda das linhas de combate fôr inclinado para baixo da linha de mira do adversario, os effeitos da rasança dos projecteis podem ser muito importantes sobre os apoios, tropas de choque e mesmo ainda algumas vezes sobre as reservas. Convirá, pois, que n'estes casos todos os escalões existentes atraz das linhas do fogo procurem os espaços mortos, quer approximando-se d'estas sempre que fôr possivel, quer demorando-se fóra das zonas rasadas, quando não fôr indispensavel a sua presença a pequena distancia das linhas de combate. Os abrigos naturaes ou artificiaes serão sempre cuidadosamente aproveitados, embora as forças inimigas não sejam visiveis; e, em todo o caso, as tropas, quando tiverem de mover-se nos terrenos rasados e não haja receio de serem vistas pela artilheria adversa, empregarão sempre as formações de costado que, por offerecerem menor frente, são as mais proprias para as preservarem dos effeitos da rasança dos projecteis inimigos.

*

No 4.º exercicio os alvos representavam tambem duas companhias de infanteria; a linha de resistencia, que era formada por uma d'ellas em atiradores, foi collocada na encosta sul do monte do Baracio. A companhia da reserva foi collocada a uns 400^{m} á rectaguarda da linha de resistencia detraz da crista apparente do mesmo monte, emquanto que a linha dos exploradores estava na orla sul dos pinhaes do Forte, a uns 850^{m} para a frente e um pouco para a direita d'aquella linha.

Na 1.ª disposição 24 dos melhores atiradores da companhia normal de instrucção postados na orla norte do pinhal do Forno executaram uma serie de 10 tiros por praça em fogo lento contra os alvos que representavam os exploradores inimigos. A distancia era de uns 300^{m} approximadamente. Attingiram os alvos 12 balas, sendo o por °/₀ de 5. Em 1897, á mesma distancia, o por °/₀ sobre os exploradores inimigos foi de 11,1 e sobre a linha principal de resistencia foi de 2,2.

Na 2.ª disposição dois pelotões na força de 79 praças de fileira em atiradores ao norte do velho reducto do Juncal executaram uma serie de 5 tiros por praça em fogo por descargas de pelotões contra os alvos que representavam a linha principal

de resistencia do inimigo. A distancia era approximadamente de 750m e o terreno á rectaguarda dos alvos era inclinado para cima da linha de mira do atacante o que tornava o tiro d'este fixante. Os alvos foram attingidos por 19 balas, sendo o por °/₀ de 4,8. Em 1897 o por °/₀ obtido em condições um pouco semelhantes á distancia de 600m foi de 6,4 contra a linha de resistencia e de 0,2 contra a reserva.

Na 3.ª disposição toda a companhia normal, na força de 109 praças de fileira, executou á distancia de 400m da linha de resistencia do inimigo uma serie de 10 tiros por praça em fogo vivo com as bayonetas armadas. O fogo foi ainda fixante. Attingiram os alvos 134 balas, sendo o por °/₀ de 12,4. A' mesma distancia, o por °/₀ obtido em 1897 foi de 6,7 sobre a linha de resistencia e de 0,5 sobre a reserva do inimigo.

Na 5.ª disposição o mesmo numero de praças fez uma outra serie de 9 tiros cada uma em fogo de repetição contra a linha de resistencia do inimigo. O fogo foi executado de baixo para cima á distancia approximada de uns 200m com as bayonetas armadas. A linha de resistencia do inimigo foi attingida por 201 balas, sendo o por °/₀ de 30,6. Em 1897 tinha sido de 12,3 sobre a linha de resistencia e de 0,7 sobre a reserva.

Se compararmos o resultado dos fogos obtido n'este mesmo exercicio nos dois annos de 1897 e 1898, notaremos logo que o por °/₀ geral no primeiro d'estes annos foi de 9,9, emquanto que em 1898 foi de 10,7. Assim comparados sómente estes resultados não fazem uma differença muito consideravel, mas no que elles differem notavelmente é na distribuição das perdas pelos diversos escalões da defeza, pois que em 1897 em todas as disposições além do escalão visado foi attingido sempre pelas balos algum dos outros mais retirados, emquanto que em 1898 sempre foram unicamente attingidos os alvos do escalão visado. A razão d'isto parece estar em uma pequena differença na situação dos alvos, que representavam os diversos escalões da defeza. Com effeito, por inadvertencia talvez, os alvos que representavam a linha principal de resistencia da defeza foram collocados este anno algumas dezenas de metros mais para leste do que no anno precedente, emquanto que a companhia da reserva que em 1897 era perfeitamente visivel, foi este anno premeditadamente collocada detraz da crista apparente do monte Baracio onde mal se enxergava. Resultou d'esta pequena deslocação dos alvos que representavam a linha principal de resistencia e a reserva que elles ficaram fóra das linhas de tiro dos exploradores atacantes na 1.ª phase do exercicio e que a reserva, custando a enxergar, não foi directamente visada nas outras pha-

ses e, como a differença de nivel entre a linha de resistencia e a reserva era consideravel, esta nunca foi attingida por bala alguma.

Se compararmos ainda a percentagem a 700m de distancia, obtida no exercicio precedente (13,3) em um terreno que á rectaguarda dos alvos visados era inclinado para baixo da linha de mira do atacante com a obtida no presente exercicio á distancia de 750m (4,8), em que o terreno á rectaguarda dos alvos visados era inclinado para cima da linha de mira do aggressor, nota-se que, apezar da differença das distancias, houve proporcionalmente uma superioridade muito consideravel no por °/o obtido no 1.º caso. E', porém, certo que esta superioridade decresce bastante, se compararmos a média das percentagens á distancia de 700m nos dois annos de 1896 e de 1897 (8,4) com a percentagem obtida a 750m no corrente anno (4,8); comtudo a média das percentagens d'aquelles dois annos em terreno inclinado para baixo da linha de mira do atacante é ainda quasi dupla do por °/o obtido a 750m, quando o tiro do atacante era fixante no corrente anno. Parece, pois, poder deduzir-se d'este resultado que, sendo os forças visadas egualmente visiveis, deverão soffrer muito maiores perdas as que tiverem os escalões á rectaguarda em um terreno inclinado para baixo da linha de mira do adversario.

No combate real, porém, é possivel, é mesmo muito provavel que não succeda assim. Se é certo que, quando as balas cahem em um terreno inclinado para cima da linha de mira, as zonas perigosas encurtam tanto mais quanto maior fôr a inclinação d'esse terreno e que, portanto, ha n'esse caso grande probabilidade de os tiros serem menos certeiros, não é menos certo tambem que toda a translação para a linha do combate tem de se fazer a descoberto em todo o espaço que medeia entre a crista e a posição d'essa linha de combate, o que indubitavelmente augmentará as perdas. Mas não será n'esse caso só este o prejuizo; o atacante verá destinctamente, não só o momento em que se faz o reforçamento da linha de combate, mas tambem o numero dos reforços enviados, o que não póde deixar de ser considerado um grave inconveniente. Quando, pelo contrario, as forças visadas occupam uma crista encontram n'ella um certo abrigo e, além d'isso, toda a translação para a linha de combate se faz a coberto das vistas do adversario, o que proporciona ensejo para o surprehender. Demais, o perigo dos effeitos da rasança dos fogos do adversario é relativamente facil de attenuar, utilisando-se racionalmente os abrigos do terreno e empregando-se as formações em columna de costado a dois.

Resulta d'estas breves considerações que o estabelecimento das linhas de combate nas cristas não só não tem na pratica tão graves inconvenientes como as modernas theorias do tiro pretendem fazer crer, mas proporciona muitas vezes ás tropas assim postadas o meio de diminuirem consideravelmente as perdas e de poderem observar a tempo os movimentos das suas contrarias, occultando-lhes os seus, o que é uma preciosa vantagem, principalmente quando d'ella se podér tirar todo o partido possivel.

*

No 5.º exercicio os alvos representavam ainda duas companhias inimigas em dispositivo de combate. O terreno onde elles se achavam collocados descia em rampa muito suave para o lado da origem do tiro e só nos primeiros 600m era bastante ondulado. O terreno que recebia as balas era inclinado para baixo da linha de mira do atacante nas duas phases do combate dos exploradores e parallelo nas tres ultimas da linha de combate.

Na 1.ª disposição 24 dos melhores atiradores da companhia normal de instrucção, tendo estendido a 5 passos de intervallo no dorso oeste ao alto do pinhal do Forno, fizeram uma serie de 10 tiros por praça em fogo lento contra os alvos que, a uns 600m de distancia, representavam os exploradores da defeza. Estes foram attingidos por 10 balas, emquanto que a companhia da reserva formada em columna cerrada e collocada a uns 800m na sua rectaguarda foi attingida por 4. O por °|o total foi de 5,8.

Na 2.ª disposição os mesmos 24 atiradores fizeram uma nova serie de 10 tiros por praça ainda contra os alvos que representavam os exploradores inimigos os quaes estavam a 400m de distancia. Empregou-se o fogo vivo. Attingiram os exploradores inimigos 17 balas, emquanto que os alvos, que representavam a linha principal de resistencia e estavam collocados a 550m na rectaguarda d'elles, foram attingidos por 5. O por °|o total foi de 9,1.

Na 3.ª disposição dois pelotões da companhia normal, na força de 72 praças de fileira, constituindo a linha de combate, executaram em atiradores uma serie de 5 tiros em fogo por descargas de pelotões á distancia de 500m dos alvos que representavam a linha principal de resistencia do inimigo. Esta linha foi attingida por 43 balas, emquanto que só 4 foram bater na companhia da reserva collocada á 300m na rectaguarda d'ella. O por °|o total foi de 13,6.

Na 4.ª disposição a linha de combate da companhia normal foi reforçada com o ultimo pelotão e na força de 108 praças de fileira executou uma serie de 10 tiros por praça em fogo vivo com as bayonetas armadas á distancia de 300m. Os alvos que representavam a linha principal de resistencia do inimigo foram attingidos por 132 balas, e os que representavam a companhia da reserva, que não mudou de posição, foram tocados por 11. O por °/o total foi de 13,2.

Na 5.ª e ultima disposição o mesmo numero de atiradores fez á distancia de 130m da linha principal de resistencia do inimigo uma outra serie de 9 tiros por praça em fogo de repetição com as bayonetas armadas. A linha principal de resistencia do inimigo foi attingida por 327 balas e 17 foram bater na reserva, que fôra conservada a 300m de distancia. O por °/o total foi de 35,4. Observando attentamente as percentagens obtidas n'este exercicio, nota-se que á distancia de 500m o effeito do fogo por descargas foi superior ao do fogo vivo á distancia de 300m, o que vem confirmar as conclusões já tiradas anteriormente, quando se estudou especialmente a questão das velocidades do tiro.

Se agora procurarmos o por °/o médio em cada um dos tres exercicios feitos contra as duas companhias de infanteria em dispositivo de combate, mas collocadas em terrenos differentes, encontraremos para o 1.º em terreno inclinado para baixo da linha de mira do atacante 10,2; para o 2.º em terreno inclinado para cima da linha de mira do adversario 10,7; e finalmente para o 3.º em terreno quasi todo parallelo á linha de mira do atacante 15,4. Da simples comparação d'estas percentagens médias resulta claramente:

1.º Que as perdas da defeza foram minimas, quando a linha de resistencia estava collocada em uma crista do terreno que encobria as vistas do atacante, mas não protegia contra os effeitos de rasança dos seus tiros o resto do dispositivo; n'este caso a translação para a linha de resistencia podia fazer-se toda a coberto.

2.º Que as perdas da defeza foram médias, quando a linha de resistencia foi collocada na encosta do Baracio voltada para o inimigo a uma distancia tal da crista, que as balas que lhe foram dirigidas não podéram passar por cima d'esta; n'este caso as reservas estavam abrigadas das vistas e dos fogos do inimigo, mas os reforçamentos da linha de resistencia teem de ser feitos completamente a descoberto e o inimigo póde avaliar o numero dos reforços.

3.º Finalmente, as perdas da defeza foram maximas, quan-

do o dispositivo do grosso das forças occupava um terreno sensivelmente parallelo á linha de mira do atacante; n'este caso o dispositivo era visivel para o inimigo e todos os escalões expostos ao seu fogo, e, além d'isso, toda a translação para a linha de fogo teria de ser feita a descoberto.

*

Fez-se por ultimo um exercicio com o fim de se poder apreciar os resultados do fogo feito a diversas distancias por atiradores escolhidos e por atiradores ordinarios. Os alvos representavam um pelotão de infanteria em atiradores e foram collocados na plataforma de 50m da carreira de tiro.

Na 1.ª disposição um pelotão formado por 36 praças de fileira da companhia normal de instrucção, em que entravam 30 atiradores de 1.ª e 2.ª classes e 6 dos melhores de 3.ª classe, tomou posição em atiradores na plataforma de 850m da carreira de tiro e fez uma serie de 10 descargas de pelotão. Bateram nos alvos 33 balas, sendo o por °/o de 10,1.

O pelotão precedente foi em seguida substituido por outro de egual numero de praças da mesma companhia, mas inteiramente composto de atiradores de 3.ª classe sem escolha. Este pelotão fez tambem uma serie de 10 descargas á mesma distancia. Bateram nos alvos 28 balas, sendo o por °/o de 7,9.

Na 2.ª disposição os dois pelotões avançaram 250m e, em seguida, o que era constituido por atiradores escolhidos executou uma serie de 10 descargas de pelotão á distancia exacta de 550m. Bateram nos alvos 63 balas, sendo o por °/o de 17,5. O outro pelotão imitou depois o precedente e 60 balas attingiram os alvos. O por °/o foi de 16,6.

Na 3.ª disposição os dois pelotões avançaram ainda 200m e armaram as bayonetas. O que era constituido pelos melhores atiradores fez em seguida uma serie de 10 tiros por praça em fogo vivo. Bateram nos alvos, que estavam então á distancia exacta de 350m, 82 balas, sendo o por °/o de 22,7. O pelotão formado pelos peores atiradores imitou depois o precedente e bateram nos alvos 58 balas, sendo o por °/o de 16,1.

Comquanto esta experiencia, por motivos especiaes, fosse muito incompleta, os seus resultados não são ainda assim inteiramente desprovidos de interesse. Sem se poder asseverar que a desproporção das percentagens nas duas primeiras disposições não será maior, quando os atiradores escolhidos forem todos de 1.ª classe, nota-se comtudo no caso presente que a differença entre os resultados obtidos pelos dois pelotões não foi

muito consideravel. E não succedeu outro tanto quando á ultima distancia os dois pelotões executaram o fogo vivo; então a desproporção foi já muito importante. D'aqui provém a suspeita de que o fogo por descargas prejudica um tanto a efficacia do fogo dos atiradores mais aptos, fazendo que os resultados se approximem bastante dos obtidos por atiradores mediocres; a differença tende, ao que parece, a augmentar bastante rapidamente com o encurtamento da distancia do alvo e com a execução dos fogos á vontade. No futuro periodo de instrucção se procurará, porém, com experiencias mais completas esclarecer esta interessante questão.

*

Para terminar, e por me parecer muito interessante, apresento em seguida a recapitulação das percentagens dos fogos executados contra infanteria ás diversas distancias nos quatro exercicios. Foram as seguintes:

Combate dos exploradores

A 600m fogo por descargas	5,0
A » » lento	5,8
A 400m fogo vivo	9,1
A 300m » lento	7,5

Combate da linha principal

A 1000m fogo por descargas	6,3
A 800m » » »	9,0
A 750m » » »	4,8
A 700m » » »	10,3
A 550m » » »	17,0
A 500m » » »	13,6
A 400m fogo vivo com bayoneta armada	12,3
A 350m » » » »	19,4
A 300m » » » »	13,2
A 200m fogo de repetição com bayoneta armada	18,1
A 130m » » » » » »	35,4

Reduzindo estas percentagens ás suas devidas proporções de campanha, isto é, reduzindo-as a um decimo, vê-se que o fogo dos exploradores tem uma importancia tactica muito insignificante, pois nunca chegou a dar o por % de 1 que é considerado

minimo para que os fogos no combate real possam ser julgados efficazes, e nota-se tambem que nos fogos executados pela linha principal só se obteve o por °/₀ de 1 ou mais ás distancias de 700m ou d'ahi para baixo, d'onde se póde tirar a seguinte conclusão final: que, com a nossa espingarda e com o actual cartuchame carregado com 2g,2 de polvora sem fumo A, o fogo da linha principal de combate na offensiva só começa verdadeiramente a ser efficaz contra forças de infanteria em dispositivo de combate á distancia de 700m.

Mafra, agosto de 1898.

Francisco Rodrigues da Silva,
Tenente coronel de infanteria.

BIBLIOGRAPHIA

Collecção de legislação relativa ás Guardas Municipaes desde a sua organisação, coordenada por Francisco Cardoso de Azevedo, sargento-ajudante da Guarda Municipal-Lisboa-1898.

E' este trabalho, como o seu titulo o indica, uma compilação methodica e cuidadosa dos regulamentos militares e disposições legaes que dizem respeito ás Guardas Municipaes e promulgadas desde a sua organisação, cujo decreto é de 3 de Julho de 1834. Revela o livro em questão uma investigação preserverante e cuidadosa e muito util se torna a sua acquisição aos officiaes e sargento s d'aquella corporação.

Agradecemos a amabilidade da offerta.

Duas palavras ou alguns elementos para a historia das Guardas Municipaes, pelo mesmo author—Lisboa—1898

E' um livro interessante pela copia de informações que nos dá acerca dos acontecimentos politicos mais notaveis do nosso paiz em que a Guarda Municipal teve occasião de affirmar o seu valor militar e a sua fidelidade aos poderes constituidos. Presta tambem alguns interessantes esclarecimentos sobre uniformes, ordens do corpo, organisação da banda, etc.

Reiteramos ao illustre e laborioso investigador os nossos agradecimentos pela gentileza da dedicatoria.

I Anno Dezembro—1898 N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

VISÃO POLITICA

Chegou-nos ás mãos o notavel opusculo que ha pouco appareceu em Lisboa com o mesmo titulo que encima este artigo.

Não ha duvida alguma que esse bello trabalho, muito consciencioso, muito meditado e muito convicto, é devido á penna de um official do exercito que se esconde debaixo do pseudonimo de José Monk.

A leitura d'esse opusculo deixa-nos fundas impressões pela verdade e sinceridade com que se atacam todas as questões que se correlacionam com a libertação da nossa patria, hoje acorrentada ás tristes e mesquinhas consequencias de uma marcha nefasta e criminosa dos negocios publicos, marcha sinistramente guiada pela tôrpe e corrupta falsa politica que tem envolvido os ultimos 50 annos da nossa vida como nação.

Poderá alguem discordar ou duvidar de uma ou outra base do plano da regeneração politica, financeira e nacional apresentado no opusculo alludido; mas no que ninguem duvidará é na sinceridade com que está elaborado o referido plano, na coragem nobre com que elle é apresentado e no bello exemplo que um tal acto de amor da patria produz, porque sempre foi crença nossa, que ao estudo consciencioso, ao trabalho tenaz e honrado, á dedicação religiosamente patriotica é que deveriamos ir buscar as

energias para o rejuvenescimento da nossa querida patria.

Todo o mundo conclama e barafusta que estamos mal e cobertos de dividas, sem defeza maritima, sem esquadra e sem exercito; vivemos a vida dos humildes e, se ainda temos colonias, é esse facto devido á commiseração das potencias; que a Hespanha ainda pôde mandar 4 navios de primeira ordem a Cuba para os amèricanos destruirem, mas que nós nem um poderemos mandar a Moçambique, quando alguma potencia se lembrar de declarar perante o mundo que Portugal não tem dinheiro, nem navegação, nem gente, nem iniciativa, nem industria, nem condição alguma, senão coragem e valor nos seus soldados, para poder tornar aquella riquissima região n'um imperio civilisador, n'um imperio de commercio, e que apenas servimos de estorvo ao desenvolvimento, perante a humanidade e perante as responsabilidades do seculo, de uma importante região ainda selvagem.

Todos gritam, mas ninguem apresenta um alvitre salvador, ninguem estuda, ninguem esboça um plano de regeneração nacional.

E' por isso que achamos uma grande virtude esta que nos apresenta o nosso illustrado camarada, publicando o resultado do seu estudo, das suas convicções e das suas crenças.

E' uma grande virtude levantar-se sinceramente um brado a favor da regeneração do nosso paiz, antepondo ideias definidas, positivas, claras, com toda a lealdade e com todo o desassombro, a esse esvosear da turba que nada produz, a esse esmorecimento e desfallecimento de uma sociedade amolecida nas blandicias de uma vida mais ou menos commoda, mas em todo o caso corrupta, egoista, e que é a causa primaria de nos chamarem uma nação moribunda.

Nação moribunda! Não, mil vezes não.

A «Revista de Infanteria» enfileira-se na hoste dos crentes que anteveem o futuro da patria salvo pela energia e valor de seus filhos.

E isso não é nem um milagre, nem um facto novo.

Não póde morrer uma nação que tem diante de si a luz deslumbrante das licções da Historia a esclarecer-lhe a estrada do futuro.

Erros tem havido e erros gravissimos, erros monstruosos, erros que se traduzem em crimes de lesa patria.

Mas a hora presente não é de liquidação d'esses erros, nem tão pouco o momento historico que atravessamos permitte tibiezas e hesitações.

Ou nos salvamos a nós com novos processos administrativos energicamente postos em pratica, fortalecendo-se o paiz e creando uma defeza nacional apta para garantir a honra e a virtude do nosso lar, ou então, indignos do seculo e da raça dos nossos maiores, perderemos o brio nacional, deixando-nos arrastar n'esta triste situação filha da commiseração dos outros.

Visão Politica é um trabalho bello, digno de ser estudado e meditado porque ha alli muitas verdades incontroversas, e a verdade é a luz, a verdade é o bem.

Não nos permitte a indole d'esta Revista espraiarmo-nós no estudo da parte administrativa e da parte politica esboçada nas bases com que o auctor do opusculo pretende remodelar a nossa vida nacional.

Podemos, todavia, affirmar que em these concordamos com a maior parte dos principios adoptados, com a maior parte dos principios fundamentaes.

A nossa discordancia em nada affecta a grande orientação do plano apresentado que se resume em

tornar Portugal uma entidade com valor militar para poder ter uma alliança valiosa, sem o que a nossa integridade nacional corre grave risco, n'esta epocha em que as grandes nações pensam nas heranças das nações debelitadas.

Cahimos na velha formula, na eterna formula, tão verdadeira como a luz,—a prosperidade de um povo está na rasão directa do seu valor militar.

No plano traçado na *Visão Politica* ha, comtudo, um ponto muito perigoso e, por isso, muito melindroso.

Queremos referir-nos á sincera e legal applicação do ouro que apparecesse em Portugal resultante da combinação que o paiz fizesse com a parte das colonias que lhe dão prejuizo em dinheiro e em gente, e que, de mais a mais, constituem o pomo das ambições desmedidas de grandes potencias, colonias que estão fatalmente condemnadas a desapparecerem da nossa posse.

Porque é mister dizer com toda a fraqueza: faça-se qualquer transação lucrativa a tempo e horas com a parte das colonias que não podermos conservar, para nos habilitarmos a poder manter o resto que ainda é grande de mais, talvez, para a pequenez do nosso territorio continental.

Lembrem-se sempre de Cuba, de Porto Rico e das Filipinas.

E esse grande perigo, o maior perigo do plano urge conjural-o com medidas previas, coercitivas, esmagadoras, medidas sem portas falsas e em que os dirigentes sejam juridicamente responsaveis pela applicação dos haveres do Estado, do nosso dinheiro, dos nossos sacrificios em favor da prosperidade, bem estar e felicidade do nosso paiz, para que possa ser serio qualquer movimento de regeneração nacional.

Sem essa garantia garantida correrá risco a me-

nor tentativa, porque o espirito publico vive n'uma grande desconfiança, visto a falta de senso, e por vezes, a falta de honestidade que tem presidido a certas gerencias dos negocios publicos do nosso paiz.

Mas a parte do opusculo que mais directamente nos interessa, e interessa por todos os titulos, sendo o primeiro a convicção sincera em que sempre temos vivido de que nunca poderá ser prospera, rica e feliz uma nação, repetimos, que não tenha a sua força publica, a defeza nacional, em estado de garantir a integridade e o direito da patria, é a que se refere propriamente á reorganisação do exercito.

O plano apresentado no opusculo é vasto realmente, mas parece-nos que não corresponde ainda ao principio moderno da *nação armada*, affastando-se talvez um pouco d'aquillo que Portugal póde, em effectivos, apresentar para a defeza nacional.

Sobre este assumpto o nosso talentoso e muito estudioso collaborador, o snr. tenente Julio d'Oliveira, tem apresentado n'esta Revista um estudo comparativo dos effectivos militares de Portugal, que muito elucida a questão.

A «Revista» chama a attenção dos estudiosos para o bello trabalho do nosso amigo, o snr. tenente Julio d'Oliveira, que é um infatigavel investigador e um crente consciencioso no rejuvenescimento de Portugal pelo exercito, porque no momento presente esse bello trabalho pôe bem em relevo a nossa decadencia, nada justificavel, na questão da defeza nacional.

Comquanto em 1811, tendo Portugal uma população de 3.500:000 habitantes, apresentasse em armas 200:000 soldados de infanteria, hoje, com uma população superior a 5.000:000 de habitantes, certamente que com um grande esforço não poderia mobilisar 100:000 soldados de infanteria.

E' triste, mas é a verdade.

No plano proposto a infanteria é representada por 3 corpos de exercito activo e uma divisão activa independente. Total: 12 brigadas com mais 6 regimentos ou 90:000 infantes.

A sòmma de todos os elementos da reserva activa, da reserva da 1.ª e da 2.ª linha dão-nos 84 batalhões ou sejam 84:000 infantes que, sommados com o exercito activo, perfazem a cifra de 174:000 infantes, collocando-nos ainda abaixo da organisação de 1811.

Logo o que se propõe não chega a ser um facto novo na nossa historia.

Ora, como Portugal, com mais de 5:000:000 de habitantes, póde apresentar mais de 500:000 homens entre os 20 e 45 annos, os effectivos do nosso exercito deveriam oscillar entre 450:000 e 500:000 soldados.

E, indubitavelmente, com estes elementos a garantia da defeza da patria é completa e absoluta, seja qual fôr o exercito invasor. Nem mesmo dentro de um pequeno paiz como o nosso cabe um grande exercito inimigo.

Vê-se, portanto, que, para a possibilidade de se constituir uma defeza nacional baseada na cifra de 450:000 soldados, o que cabe muito bem dentro dos limites do possivel, a infanteria proposta pelo auctor do opusculo é ainda insufficiente.

Logo, o lance arrojado que á primeira vista pareceu bem audacioso, com que na *Visão Politica* se procurou formular as bases da defeza nacional, não só cabe dentro dos nossos recursos proprios, encarando a questão sob todos os aspectos, mas ainda, se pecca, é por não ir até onde devia.

Seja qual fôr, porém, a solução que tenha entre nós esta vitalissima questão, porventura a mais transcendente questão que agita os homens que pensam e sentem n'este paiz, que é a da defeza nacional, o

que é indubitavel é que este estado de cousas não póde continuar, porque todos bem conhecem a decadencia quasi humilhante a que chegamos.

A «Revista de Infanteria», agitando a discussão tão sinceramente e tão patrioticamente lançada no mundo das ideias pelo distincto camarada, auctor da *Visão Politica*, deseja collaborar na obra redemptora da nossa regeneração nacional, e põe ao serviço santo d'essa causa augusta toda a sua alma, toda a sua paixão ardente pelo amor da patria.

AVALIAÇÃO DE DISTANCIAS EM CAMPANHA

(Continuado do n.º 7)

(Conclusão)

Vamos terminar.

O methodo de avaliação de distancias por meio do som pode ser applicado com auxilio de instrumentos ou sem esse auxilio e, segundo o nosso regulamento de tiro, só pode ser praticado pelos officiaes e sargentos.

Entre os instrumentos empregados para a contagem do numero de segundos que medeiam entre a apparição da chamma de uma arma de fogo e a percepção da detonação, occupa o primeiro logar o relogio que todos os officiaes devem possuir, como aconselha o nosso regulamento de campanha. Cinco pancadas indicam um segundo.

Prevenindo a hypothese da falta de relogio, poder-se-ha gravar na memoria uma determinada cadencia, e o regulamento de tiro francez e italiano aconselham, para este fim, a hectometrica.

Cada companhia possue um pendulo de 1 metro de comprimento disposto de modo que cada oscillação dure 1 segundo.

Os homens contam até 10 no intervallo de 3 oscillações e, como o som percorre 333 metros por segundo, cada unidade contada corresponde a 100 metros; d'ahi o nome de cadencia hectometrica.

O nosso regulamento de tiro aconselha que se pronunciem em voz alta e intelligivel os nomes dos seis primeiros algarismos, 1, 2, 3, 4, 5 e 6, para se ter com bastante approximação a duração de 1 segundo. Cada subdivisão de $^1/_6$ corresponde assim a 55 metros approximadamente.

Tenho encontrado difficuldades n'esta contagem em muitos individuos, pela rapidez com que é preciso ser feita para dar bons resultados.

O regulamento suisso aconselha a contagem até 5; e cada subdivisão de $^1/_5$ corresponde a 66 metros approximadamente.

Depois da descoberta da polvora sem fumo quer-me parecer que o methodo de avaliação de distancias por meio do som, observado de dia, perdeu toda a importancia, embora a sua simplicidade e rapidez, pela impossibilidade em apreciar fumo que não existe e chamma que não se mostra. E já antes do emprego d'aquella polvora era grande a difficuldade em se apreciar a distancia, quando os tiros se não faziam espaçados e se ouviam em grande numero, commettendo-se quasi sempre grandes erros.

Depois da adopção da polvora sem fumo e com a importancia que os combates de noite vão creando, pelo menos em theoria, é de presumir que o methodo de avaliação de distancias por meio do som seja empregado com vantagem sempre que se possa verificar que tal detonação correspondeu a tal chamma de arma de fogo, vantagem sobre os mais methodos de avaliação de distancias, pela sua simplicidade e ra-

pidez, como disse, e por poder ser empregado nas trevas.

Em janeiro de 1894 escreviamos o seguinte no nosso livro de Leitura das cartas topographicas e chorographicas.

«Quando se tem á mão uma boa carta topographica em grande escala podem-se apreciar por meio d'ella, com muita exactidão, distancias no terreno, para o que é necessario que o observador possa marcar na carta: 1.º o ponto do terreno em que se acha; 2.º o ponto cuja distancia se quer apreciar.

Esta segunda condição exige que o ponto esteja claramente figurado na carta ou planta ou na proximidade de outro que esteja nas mesmas circumstancias, como, por exemplo, um moinho, um cruzamento d'estradas, etc., etc. Ao observador é sempre facil determinar a sua posição, porque pode tomar como referencia na carta um ponto conhecido no terreno e que n'ella esteja claramente representado.»

O nosso regulamento de tiro escreve o mesmo a este respeito.

D'entre os muitos instrumentos que se teem descoberto até hoje para a apreciação de distancias vou tratar apenas de dois e muito pela rama por me parecer que são os que melhor satisfazem ao fim, pela sua simplicidade e rapidez de observação. Refiro-me ao binoculo Souchier e ao *Basismesser* ou telemetro de base de Mayer.

O primeiro é um bom instrumento para a paz; o segundo é um regular instrumento para a guerra.

Os dois, porém, completam-se.

O binoculo Souchier é um instrumento de grande alcance; quando está em fóco, interpõem-se entre a vista e a objectiva duas laminas de *spath d'Islandia* que possue propriedades refrangentes, observando-se então em vez de uma, duas imagens do objecto que se observa.

Uma d'essas imagens é real e a outra, virtual, creada pelo *spath*, facilmente se reconhece pela sua côr esbatida, parecendo a sombra da primeira e tanto mais elevada assim da imagem real quanto maior fôr a distancia do objecto observado.

A imagem que serve de base para a construcção d'este instrumento é um homem de estatura regular a pé e a cavallo.

Se a cabeça da imagem real ficar na altura dos hombros da imagem virtual, o individuo observado está á distancia de 300 metros; se na cintura, é essa distancia de 600 metros; se nos joelhos, é de 1:000 metros, e se nos pés, estará o individuo observado á distancia de 1:400 metros.

As distancias superiores a 1:400 metros só podem apreciar-se approximadamente e não com a exactidão d'aquellas.

Custa o binoculo Souchier em Paris 112 francos.

O *Basismesser* de Mayer consiste n'um triangulo equilatro de metal, tendo cada lado 16 divisões eguaes entre si, mas de differente grandeza em cada um dos lados do triangulo. Estas divisões são em forma de entalhe, sendo mais profundas as 2.as, 4.as e 8.as

No centro do triangulo ha um furo que recebe um cordel de fios metallicos de 0,m56 de comprido, que é a distancia constante a que o instrumento deve ficar das vistas do observador.

O lado que tem maiores divisões é empregado para medir as bases determinadas em metros; e, quando estas são da grandeza de 4 metros, á distancia de 100 passos, abrangem as 16 divisões.

O lado que encerra divisões de grandeza inferior ás primeiras, é empregado para medir bases determinadas em passos, correspondendo as 16 divisões, á mesma distancia de 100 passos, á base de 4 passos.

Finalmente, o terceiro lado do triangulo, ainda á mesma distancia de 100 passos, corresponde, pelas suas 16 divisões, á base formada por 4 homens postados em uma fileira.

Para usar este telemetro é preciso:

1.º Determinar a base em metros, em passos ou em homens postados em uma fileira;

2.º Visão, fazendo corresponder ao respectivo lado do triangulo a base escolhida, da esquerda para a direita, começando na 1.ª divisão;

3.º Multiplicar sempre a largura determinada da base por 100, afim de se achar a distancia que se pretende conhecer, e, quando a base abranger as 16 divisões completas, dividir o producto por 4.

Quando a base corresponder a metade das divisões, dividir-se-ha o producto por 2, e, correspondendo a um quarto, tomar-se-ha todo o producto obtido.

Se ainda a base corresponder a $^1/_8$ das divisões, multiplicar-se-ha o producto por 2, e correspondendo a $^1/_{16}$ a multiplicação é por 4.

Assim, se n'um ponto x se observaram 10 homens que corresponderam a $^1/_8$ das divisões do lado correspondente, a distancia procurada será $10 \times 100 \times 2 = 2:000$ passos.

Se a frente de uma casa foi calculada em 18 passos e corresponder a $^1/_4$ das divisões no lado respectivo, a distancia procurada será de 1:800 passos.

E' facil, depois d'estas breves explicações, construir-se uma tabella que dispense fazer estas operações no campo.

O *Basismesser* de Mayer tem a vantagem sobre os outros telemetros de ser de construcção e manejo muito faceis e de se poder usar em qualquer posição, de pé, sentado ou de joelhos sem ter de mudar de logar.

Apresenta, porém, o seguinte inconveniente: dif-

ficuldade em se calcular a base. Este inconveniente desapparece em parte, logo que se eduque a vista a conhecer uma base certa e determinada a differentes distancias, para o que um bom oculo, como o de Souchier, é poderoso auxiliar.

O telemetro Mayer não satisfaz a todas as condições na guerra, mas parece que é hoje o melhor instrumento para apreciar distancias em campanha.

Santos Fonseca,
Capitão de infanteria.

OS NOSSOS EFFECTIVOS

(Continuado do n.º 8)

Partindo do numero de mancebos annualmente recenseados e julgados aptos para o serviço militar, dissemos que a nação dispunha de elementos para pôr em pé de guerra 300:000 homens, dos quaes approximadamente $^2/_3$ podem ser tropas de 1.ª qualidade ou de campanha.

Poderia aquella base (do recenseamento e apuramento) tomar-se como sufficiente demonstração dos nossos recursos em homens; mas, ainda assim, vamos lançar mão de novos dados estatisticos, com os quaes os mesmos recursos se comprovam do modo mais explicito e convincente.

O censo de 1874 mostra-nos a existencia de uma população de 4.550:000 individuos, sendo varões:

De 21 a 25 annos de edade. .	162:000
» 26 » 30 » » . .	172:600
» 31 » 35 » » . .	125:800
» 36 » 40 » » . .	161:300
» 41 » 45 » » . .	101:300

Somma 723:000 varões de 21 a 45 annos existentes no paiz em 1874.

Como a população pelo censo official de 1890 é de 5.000:000, fazendo um calculo proporcional (1) achamos que o numero de varões de 21 a 45 annos, em 1890, seria de 796:000.

De 1874 a 1890, a população augmentou 450:000 individuos, ou sejam 40:000 por anno; e, admittindo que, desde 1890 até hoje, esse augmento se tem mantido constante, a população em 1898 é de 5.320:000, á qual corresponde, pelo mesmo calculo proporcional já applicado, uma existencia de 845:000 varões de 21 a 45 annos, e de 922:000 da edade de 19 a 45 annos. (2)

Como, por outro lado, as estatisticas dos serviços de recrutamento, no paiz e fóra d'elle, accusam como sendo válida para o serviço militar uma percentagem que oscilla entre 50 °/₀ a 70 °/₀, d'aqui se deduz tambem que dos 922:000 varões de 19 a 45 annos são aptos 461:000 (50 °/₀), ou 645:000 (70 °/₀.)

Não póde, pois, restar qualquer duvida: encontramos na população do paiz recursos para se constituir um pé de guerra com 400:000 homens, numero consideravelmente superior ao que ahi se vê encorporado no exercito activo ou inscripto na reserva.

---

(1) O censo de 1890 não discrimina os varões por edades como o de 1874.

(2) E' pratica muito seguida considerar encorporados na reserva os mancebos de 19 e 20 annos.

Uma vez que o serviço militar repouse em bases absolutamente justas e não envolva sacrificios escusados, nenhum homem apto se esquivará ao alistamento, e a parte do problema — obter os homens — póde-se considerar resolvida. Existem os homens, e não recusam os sacrificios que forem precisos. Falta-nos apenas armal-os, instruil-os e organisal-os, o que se não alcança sem a intervenção decisiva da dynamica do dinheiro e sem a applicação de um systema que nos dê resultados grandes com um dispendio relativamente pequeno.

Com o systema actual, gastando 6:000 contos por anno, o paiz dispõe de um exercito que, mobilisado, poderá ter 60:000 homens, d'onde se deduz que cada defensor custa 100$000 réis por anno.

Se, empregando o mesmo systema, nós quizermos possuir um exercito que, mobilisado, tenha 200:000 homens, a despeza média e annual de cada homem sendo ainda de 100$000 réis, a dotação do Ministerio da guerra teria de ser de 20:000 contos; e, se quizessemos ainda possuir mais uma 2.ª linha de outros 200:000 homens, seria forçoso fazer tambem com ella alguma despeza, o que viria a elevar aquella verba, talvez a 22:000 contos.

Como a este incremento do exercito terá de corresponder o augmento da marinha, a dotação annual d'esta, tendo de elevar-se a 6:000 contos, as duas verbas juntas sommariam 28:000 contos.

Evidentemente, uma tão consideravel dotação é impossivel de obter, pelo que, ou adoptamos um systema mais productivo ou barato que o actual, ou o problema da nossa reconstituição militar não tem solução.

Por outro lado, se o systema organisativo póde facilitar a solução de um modo consideravel, tambem não é menos certo que com a actual verba é

absolutamente impossivel quadruplicar as forças actuaes ou dotar o paiz com os meios de se defender dignamente em qualquer occasião que se levante um conflicto.

Nós não estamos hoje como em 1641, quando apoz o acto audacioso dos quarenta conjurados, a alma portugueza se horrorisava com a perspectiva da vingança de Philippe IV.

O Conselho de Guerra applicou então á organisação da defeza todos os recursos que pôde reunir, a Duqueza de Bragança foi acclamada rainha de Portugal e empenhou as suas joias, para com o producto do emprestimo se pagar pret e alimentos aos soldados, e os particulares não faltaram com exemplos sublimes de dedicação e patriotismo.

Tambem não estamos como em 1808, quando o povo se revoltava contra o dominio rapace, sanguinario e tôrpe dos francezes. A revolta rebentou então em todas as provincias, mas como o povo não tinha organisação militar, disciplina, armamento e instrucção, a sua ruidosa indignação só serviu para tornar mais feroz o oppressor que—vergonha é e eterna—foi posto fóra do paiz pelos inglezes, que todavia tinham acudido só em defeza dos seus interesses.

Apoz um periodo verdadeiramente cahotico, seguiu-se o exforço da organisação militar, primeiramente sem Beresford e sem resultados, e depois com Beresford e com bons resultados. Congregaram-se todas as attenções em volta da organisação da defeza, n'ella se applicaram todos os recursos do thesouro e o paiz acudiu com offertas expontaneas, que andaram por 1:000 contos em dinheiro, uns 500 cavallos, e ainda outras coisas uteis.

Mas, se não estamos precisamente nas desgraçadas circumstancias de 1801-1809, é certo que os máos prenuncios e symptomas se accumulam de dia

para dia, e que uma situação grave se póde produzir n'um momento.

Não devemos esperar que cheguem as horas angustiosas e extremas, para então nos resolvermos a fazer sacrificios que, por maiores que sejam, nunca teem a probabilidade de successo que tem uma preparação persistente e methodica.

Comparativamente com as necessidades, os nossos elementos de defeza são deficientissimos. Sob a influencia de um systema esteril temos perdido um tempo precioso para o avigoramento do organismo militar que representa, em ultima analyse, a synthese das forças ou energias da nação. Melhorar esse organismo pertence ao methodo, mas tambem ao dinheiro. Só a acção simultanea das duas forças póde obter o completo triumpho. Precisamos quadruplicar as forças do nosso organismo militar, e, na impossibilidade de quadruplicar tambem a verba orçamental, que se elevaria a 22:000 contos, é forçoso adoptar um systema que nos dê os mesmos resultados, duplicando apenas a actual verba, isto é, elevando-a, por um *systema progressivo*, a 10:000 ou 12:000 contos.

Esta verba não é exagerada. Já se teria obtido, se os negocios administrativos tivessem andado bem dirigidos, e é de justiça que se obtenha, como passamos a demonstrar:

De 1816 a 1827 as receitas do thesouro foram uns 7:000 contos annuaes, dos quaes 4:000 foram consumidos pelo exercito, e 1:000 pela marinha.

De 1828 a 1833 as receitas regulam por 8:000 contos, e a verba para o exercito subiu a 5:000 contos.

É evidente: a verba do exercito, de 1828 a 1833, embora nem sempre attingisse os 5:000 contos, era exagerada e ruinosa. Além d'isso, em virtude das

guerras internas e da separação do Brazil, o paiz estava pobre e devastado, e as receitas começavam a diminuir.

A reducção das despezas militares a 2:500 contos, foi um dos primeiros actos do novo regimen politico, o que por demais se justifica.

Para chegar á importancia actual, a dotação do Ministerio da guerra seguiu a seguinte marcha:

Em 1841 foi de	. . . .	2:955 contos
» 1849 »	. . . .	2:713 »
» 1865 »	. . . .	3:293 »
» 1875 »	. . . .	3:422 »
» 1883 »	. . . .	4:585 »
» 1898 »	. . . .	5:850 »

Emquanto ás receitas:

De 1834 a 1841 oscillam entre 5:000 a 7:000 contos.

De 1841 a 1849 regulam por		9:000 contos
Em 1865	. . . . .	14:826 »
» 1875	. . . . .	23:311 »
» 1883	. . . . .	31:226 »
» 1898	. . . . .	55:000 »

Calculando agora as percentagens que ao Ministerio da guerra couberam na distribuição ou repartição das receitas, encontramos:

De 1816 a 1833	. . . . .	60 a 70 %
» 1835 a 1841	. . . . .	50 %
Em 1849	. . . . .	40 %
» 1865	. . . . .	20 %
» 1875	. . . . .	15 %
» 1883	. . . . .	14 %
» 1898	. . . . .	10 %

Como se vê, o exercito no ultimo periodo de 20 annos absorveu menos de 13 °/₀ das receitas, o que torna muito injusta e inepta a accusação que em Portugal se lhe tem feito, de ser o factor da ruina financeira.

No presente quadro as percentagens foram calculadas sobre as receitas brutas, o que póde viciar totalmente certas conclusões, visto que entre as nações que teem grandes dividas ha uma grande differença entre a receita e a receita liquida ou disponivel.

Se os encargos annuaes da nossa divida chegarem a attingir 60 °/₀ ou 80 °/₀, como nós não poderemos supprimir as despezas dos outros ministerios, nem voltar ao systema administrativo de 1816-1833, o Ministerio da guerra terá de contentar-se com receber uns 1:000 contos por anno.

Esses encargos estão por emquanto em 30 °/₀, mas ainda assim é n'elles que está, em grande parte, a explicação do absurdo que revelam os numeros acima, que provam que a partir de 1870 a verba do Ministerio da guerra está abaixo dos limites rasoaveis.

Tinha-se desde 1835 tomado o Ministerio da guerra para objectivo de economias e, quando a sua quota attingiu a percentagem conveniente, por uma especie de impulso adquirido, não se deteve o movimento descencional.

Quem aproveitou muito bem o desconto foi o *exercito dos credores*.

Assim:

Em 1828 pagamos por juros annuaes da divida . . .	1:540 contos
Em 1844.	3:080 »
» 1852.	3:491 »

Em 1865.	5:800 contos
» 1875.	10:545 »
» 1883.	13:058 »
» 1898.	19:000 »

Isto é, emquanto a quota do Ministerio da guerra subiu de 3:000 a 6:000 contos, a quota do credor subiu de 3:000 a 19:000 contos.

N'este periodo as receitas publicas multiplicaram-se por 8, os juros da divida por 6, e as despezas militares por 2.

Isto explica sufficientemente o estacionamento dos nossos effectivos, que não cresceram com a população e com o augmento dos recursos do thesouro.

O systema organico e o funccionamento do organismo militar são pouco adquados para fornecerem muitos e bons productos, mas tambem é certo que não conseguiremos possuir os necessarios elementos de defeza, se ao Ministerio da guerra se recusarem os meios pecuniarios.

Se calcularmos a percentagem que teem agora as despezas militares sobre a receita disponivel ou livre, que são 36:000 contos, achamos que ella sobe de 10 °/₀ a 16 °/₀, ficando, apesar d'isso, muito inferior ás percentagens que as outras nações da Europa gastam com os seus exercitos, como se vê no seguinte mappa (1) referido ao anno corrente de 1898:

---

(1) Nas despezas dos exercitos incluimos as pensões e reformas militares, que alguns orçamentos não consideram despeza do Ministerio da guerra. Nas receitas da Belgica abatemos as provenientes dos caminhos de ferro, que alli pertencem ao Estado e que justificam a grande divida publica. Nos encargos das dividas entram juros e amortisações. Estas, n'algumas nações, attingem 20 °/₀ dos juros. Entre nós são 0,015 °/₀ dos juros.

Nações	Receita bruta (Contos)	Despesas militares (Contos)	Marinha (Contos)	Encargos da divida (Contos)	Percentagem das despezas militares referidas á receita livre
França	666:000	140:000	51:000	250:000	34 %
Allemanha	343:000	158:000	29:000	18:800	46 %
Italia	337:000	53:200	22:000	131:000	25 %
Suissa	18:000	7:000	—	800	40 %
Dinamarca	19:000	3:000	2:000	2:000	23 %
Belgica	55:000	10:600	—	22:000	32 %
Hollanda	56:000	10:800	6:700	13:500	26 %
Servia	12:600	4:000	—	3:400	43 %
Suecia	33:600	9:000	3:360	—	26 %
Portugal	55:000	5:850	3:050	19:000	16 %

Este mappa, que não contem nenhum vicio propositadamente introduzido, mostra que Portugal é o paiz que gasta menos com o exercito, e portanto, se este collaborou no descalabro financeiro, foi de um modo passivo, isto é, por se não ter a tempo apoderado das receitas que lhe deviam ser destinadas e que vieram a cair na Junta do Credito Publico, especie de Ministerio das Inscripções, que no açambarcamento das receitas levou de vencida todos os outros ministerios.

De 1835 a 1898 a quota do exercito foi reduzida de 50 % a 10 %, ao passo que a quota do Credor subiu de 20 % a 30 %.

Urge agora reparar o mal, iniciando uma orientação ou marcha em sentido inverso, de modo que a quota do credor baixe de 30 % (19:000 contos) a 20 % (12:000 contos), e a quota da defeza nacional, suba de 10 % a 20 %, isto é, de 6:000 a 12:000 contos.

Por muito adquada que seja a nova orientação politica e administrativa, suppomos que a transformação das percentagens orçamentaes n'aquelle sentido se não poderá effectuar completamente em me-

nos de dez annos, pelo que só em 1908 o Ministerio da Guerra, e o Ministerio da Marinha se encontrarão na plena posse dos recursos que precisam.

N'aquelle anno as receitas annuaes do Thesouro ter-se-hão elevado a 60:000, a quota do credor terá baixado a 12:000 ou 14:000 contos, havendo portanto uma receita disponivel de 48:000 contos.

Destinando 40 °/₀ d'esta quantia para a defeza nacional, temos 19:000 contos, dos quaes 12:000 serão applicados ao exercito, e 7:000 á marinha.

Tanto de uma como de outra quantia deve destinar-se uma parte não inferior a 5 °/₀, á constituição de um *fundo ou thesouro de guerra*, até que este attinja a cifra de 50:000 contos, afim de que nos não aconteça mais como em 1810, em que para se elevar a 1.ª linha a 57:000 homens foi necessario que 30:000 fossem mobilisados a expensas da Inglaterra, e por ella sustentados durante a campanha.

Posta n'estes termos a questão da verba do Ministerio da Guerra, fica naturalmente indicada a primeira base da reforma a emprehender, isto é, os recursos pecuniarios com que devemos contar para a sua execução.

Trata-se de uma *base progressiva*, que partindo de 6:000 contos—a verba actual—receba um certo augmento annual, até chegar a 10:000 ou 12:000 contos em 1908. N'este anno os effectivos theoricos ou organicos devem ser uma realidade, os arsenaes ou depositos estarão abastecidos, e as fortificações levantadas e guarnecidas.

(Continúa). *Julio d'Oliveira*,
Tenente de Infanteria.

ORIENTAÇÃO NECESSARIA

O tiro e a tactica. — Carreiras, campos e escolas de tiro. — A direcção dos fogos.

I

Os successivos aperfeiçoamentos realisados nas armas de guerra, a diminuição progressiva dos calibres conjugada com o accrescimo de velocidade inicial devida á acção potente dos novos explosivos e, como consequencia necessaria, a grande tensão das trajectorias, que amplia consideravelmente a extensão das zonas perigosas,—a adaptação d'um mecanismo de repetição e a importante descoberta das polvoras sem fumo tornando cada vez mais difficil a direcção superior das operações no campo de batalha e determinando sensiveis alterações nos processos de combate das tres armas combinadas, ou na estrategia do combate, vieram collocar a arte da guerra e as questões tacticas pendentes em presença de problemas cada vez mais graves e complexos.

Os notaveis progressos das artes, da sciencia e da industria, fazendo incidir a sua acção evolutiva na transformação incessante de todos os elementos e factores de destruição empregados na guerra moderna, imprimiram n'estes ultimos tempos um movimento tão rapido, um caminhar tão accelerado e vertiginoso na via dos aperfeiçoamentos, das descobertas e dos inventos novos, que se pode affirmar sem receio de contestação que as armas de fogo teem progredido incomparavelmente mais na segunda metade do seculo actual do que em todo o longo periodo dos quatro seculos que o precederam.

Desde o apparecimento da colubrina de mão no se-

culo XV até ao fusil de alma lisa, que fez as campanhas do primeiro imperio francez, os progressos foram lentos e marcados por étapes excessivamente demoradas.

No decurso de quatro a cinco seculos deparam-se como modificações essenciaes nas armas de fogo exercendo influencia sensivel nos resultados da guerra, o arcabuz, o mosquete de serpe e o de roda, a arma de fechos de pederneira e o fuzil raiado de 1831.

A partir d'esta épocha foram mais assiduos e proficuos os trabalhos e estudos tendentes a aperfeiçoar os systemas das armas de guerra, e os progressos realisados foram tambem incomparavelmente mais rapidos e decisivos.

A invenção das capsulas fulminantes vibrou o golpe mortal nas armas de silex determinando em 1840 o triumpho definitivo do moderno systema de percussão sobre os velhos mecanismos da *serpentina* e da *pederneira*.

Em 1841 foi distribuido á infanteria prussiana o fuzil de agulha Dreyse, de carregamento pela culatra; a adopção d'esta arma, que tão notaveis serviços prestou nas campanhas de 1866 e 1870, fez desenvolver extraordinariamente a febre dos trabalhos e das experiencias nos polygonos militares, nas escolas de applicação, nas officinas dos grandes industriaes e nos laboratorios chimicos, determinando o apparecimento de um consideravel numero de modelos de armas de carregar pela culatra, tanto na Europa como na America, e, parallelamente, a preparação de novas polvoras e de novos fulminantes,—até que a adaptação d'um mecanismo de repetição ás armas portateis de calibre reduzido e a recente descoberta das polvoras sem fumo de notavel força expansiva vieram augmentar por uma forma tão prodigiosa e potente a efficacia e a rapidez do tiro, o alcance e a força de penetração dos projecteis, que difficil se torna fazer uma ideia, senão exacta, pelo menos approximada, do que será no futuro uma batalha em

que os exercitos belligerantes hajam congregado todos os meios de destruição que as conquistas da sciencia e os progressos da industria moderna lhes tenham facultado.

Na evolução perpetua das ideias e dos grandes emprehendimentos scientificos, n'esta febre vertiginosa de inventos e de descobertas de que as grandes nações da Europa se mostram mutuamente ciosas, mantendo no maior segredo as investigações scientificas de vantajosa applicação militar,—que novas e terriveis surprezas não surgirão ao estalar a guerra entre alguns dos mais poderosos estados europeus?

Triumphará definitivamente o emprego das polvoras rigidas com a applicação da electricidade para a execução do tiro da infanteria, como preconisa o capitão Pardieu, ou utilisar-se-ha a extraordinaria força de expansão que desenvolve um gaz liquifeito no acto de se volatilisar, como pretendem notaveis escriptores militares e abalisados especialistas que tão aturados estudos hão feito sobre estas momentosas questões, cuja solução implicará, talvez, uma revolução profunda no systhema e nos meios actuaes de fazer a guerra?

O proximo seculo dará, sem duvida, a resposta a estas interrogações que ahi ficam em aberto.

*
* *

É ponto incontroverso, hoje considerado axiomatico, que o terreno em que se executam os fogos de guerra exerce uma influencia preponderante sobre as formações, sobre a marcha das tropas de ataque, sobre o tiro e seus effeitos.

O terreno considerado sob o ponto de vista da efficacia dos fogos e da combinação das diversas armas é um factor importante que póde entrar com grande coefficiente nas modernas applicações tacticas, se se atten-

der conscientemente á judiciosa collocação das tropas em acção.

O valor do terreno varía, consequentemente, com a especie de tropas que n'elle operam, com a excellencia do armamento empregado e com a occupação mais ou menos racional dos pontos escolhidos para a acção combinada das diversas armas.

Reciprocamente o valor da arma considerada como instrumento de combate depende essencialmente do aproveitamento das suas propriedades balisticas em funcção do terreno, executando os fogos a distancias e em condições taes que os elementos da trajectoria tenham uma curvatura pouco pronunciada e se amoldem ao terreno de fórma a tirar todo o partido dos poderosos effeitos rasantes das novas armas de guerra.

D'ahi a necessidade e a incontestavel vantagem da *direcção do fogo*, a parte, porventura, a mais importante e difficil da tactica de combate.

Esta questão assumiu modernamente uma importancia preponderante, quasi absorvente, mercê da adopção das armas de tiro rapido, que são susceptiveis de bater zonas profundas em superficies parallelas á linha de mira, zonas que se alargarão consideravelmente em terreno de declive ligeiramente descendente, ao passo que se encurtarão d'uma quantidade bastante sensivel em terrenos de declive ascendente.

Os fogos de infanteria em terreno variado soffrem, pois, modificações de potencia tão accentuadas e frisantes, que indispensavel se torna um estudo consciencioso e sério da theoria do tiro inclinado para, attribuindo ao terreno o seu justo valôr, se poder augmentar o effeito util d'esses fogos e attenuar os effeitos dos fogos adversos, o que tudo depende, em certa medida, dos methodos empregados e da conveniente preparação dos quadros para o racional aproveitamento do terreno e da judiciosa execução do tiro de guerra.

Os surprehendentes resultados obtidos pelas armas

prussianas em 1870 fizeram convergir as attenções dos espiritos cultos do mundo militar sobre a ordem de factos que, em muitos casos e especificadamente na batalha de Spickeren, determinaram o inesperado triumpho do fuzil Dreyse sobre a Chassepot, ou antes da infanteria prussiana sobre a franceza, e, da justa apreciação d'essas causas, da investigação e analyse de todos os factores que exerceram influencia decisiva no resultado dos combates em que as duas infanterias tomaram a parte principal, ou desempenharam um papel preponderante, reconheceu-se á evidencia que, independentemente da superioridade da artilheria Krupp, os allemães, a par d'uma instrucção geral mais solida em todos os graus da hierarchia militar, possuiam noções mais completas e seguiam methodos mais racionaes para realisar uma occupação classica do terreno, aproveitando os effeitos rasantes da sua arma ao mesmo tempo que procuravam supprimir a rasança da arma franceza.

As defezas de Viliers, de Coeuilly e de Bonneuil pelos allemães na campanha de 1870 ficaram, entre muitas outras, consideradas como verdadeiros modelos da occupação d'um plan'alto e d'uma altura.

Os francezes, á parte um ou outro caso de successo ephemero para a Chassepot, como o de Saint Privat, que foi devido, talvez, á occupação occasional d'um terreno favoravel ao tiro da infanteria, não souberam tirar todo o partido da superioridade da sua arma na defeza das extensas linhas de Amanvaliers, em frente de Metz, e mais tarde na defeza das linhas de Paris e de Orleans, porque desconheciam ainda a theoria do tiro inclinado, em prática desde bastantes annos na Prussia, embora sob uma grande reserva, como já se deprehendia da notavel publicação feita pelo marechal de Moltke em 1865, depois da guerra dos ducados:

Reflexions sur l'influence dans le combat des armes à feu perfectionnées.

*
* *

As questões de tiro adquirindo uma importancia excepcional depois da adopção das armas de tiro rapido teem merecido n'estes ultimos tempos uma especial attenção áquellas potencias que mais desvelado interesse devotam ao progresso material e intellectual das suas forças militares, e ao aperfeiçoamento continuo dos seus processos de combate.

No momento actual não se considera sólida a instrucção do soldado que não haja adquirido uma certa destreza na execução intelligente do tiro de guerra, e muito menos se julga completa a do official que no campo de manobra, como no campo de batalha, não saiba applicar praticamente todos os principios preconisados pela moderna tactica dos fogos.

Eis a razão porque depois de 1870 tem augmentado consideravelmente o numero de campos de tiro em França, na Allemanha, na Italia e na Russia.

Por toda a parte se realisam ensaios de novas armas e de novas polvoras, experiencias rigorosas de polygono para comprovar praticamente a solução mathematica dada a um sem numero de curiosas e interessantes questões de tiro, postas agora em fóco pelo emprego dos calibres reduzidos e pela notavel força expansiva das polvoras modernas.

Por toda a parte a reserva a mais absoluta, o segredo mantido sob as mais comminatorias recommendações, acompanha esta febre de experiencias e de ensaios nos laboratorios, nos polygonos, nas escolas e nos campos de tiro.

Ciosas dos resultados obtidos com os novos explosivos e das surprehendentes revelações derivadas da applicação da theoria do tiro inclinado, as grandes potencias europeias guardam egoistamente para seu uso exclusivo no dia em que as questões internacionaes se

dirimirem a tiros de canhão o fructo laborioso do seu improbo trabalho, a synthese substanciosa dos novos principios que hão de reger a judiciosa applicação do tiro de guerra e garantir uma maior efficacia dos fogos no decorrer dos combates futuros.

E, ao mesmo tempo que cada nação mantem ou intenta manter no maior sigillo as descobertas feitas, as deducções tiradas, procura por outro lado penetrar os segredos profissionaes dos exercitos estranhos; a organisação da alta espionagem militar, em que se dispendem sommas fabulosas, facilita em certa medida este *desideratum* dos exercitos durante a paz.

Foi com auxilios d'essa natureza que os francezes conseguiram prescrutar e inteirar-se da ordem de trabalhos e do espirito que presidia ás experiencias realisadas nos campos de tiro de Munich e de Spandau depois da adopção da arma Mauser pelos allemães em 1871; foi por identicos meios que estes conseguiram penetrar os planos de mobilisação do exercito francez e conhecer o resultado de algumas experiencias feitas em Chalons e em outros campos de tiro d'aquelle paiz.

Essa lamentavel e obscura questão, que hoje traz sobreexcitados os animos em toda a França, a revisão do processo Dreyfus, poz já em evidencia a gangrena moral de que, em parte, está eivado o corpo do estado maior francez.

As culposas relações do major Estarhazy com o addido militar prussiano, coronel Schwarkoppen, que, além d'outras missões, o encarregava de inquirir cuidadosamente o que se passava nos campos de tiro para conhecer os resultados das experiencias do novo material de artilheria e infanteria do exercito francez, são uma prova irrecusavel das repetidas tentativas de subôrno de que são alvo alguns officiaes, que, pela sua posição especial podem delatar segredos importantes pondo em risco a segurança futura do seu paiz.

E' esta a lucta surda travada dia a dia, hora a hora,

entre as potencias europeias, ás quaes velhos aggravos, fundas rivalidades e questões de preponderancia politica podem d'um para outro momento levar a um rompimento brusco de relações.

E' com esses inventos conservados em segredo até hoje, com as descobertas que estão para se revelar no momento opportuno, com uma nova ordem de applicações do tiro e da tactica que as potencias rivaes premeditam surprehender-se mutuamente na hora suprema em que o canhão tiver a palavra.

Desgraçado do povo que n'esse momento terrivel não se achar apercebido para lucta frente a frente; desgraçado do que só houver confiado no respeito pelos principios do Direito das gentes a salvaguarda da sua integridade territorial e do seu destino politico, porque esse está irremissivelmente condemnado a solver as differenças da contenda, a ser sacrificado na ara dos grandes egoismos, das insaciaveis cobiças dos politicos ambiciosos, a desapparecer da carta do mundo, emfim, a ser riscado do numero dos povos livres.

Tal é a realidade brutal do moderno principio do Direito internacional imposto pela despotica vontade do terrivel chanceller de ferro ás gerações que tiveram a desdita de lhe conhecer o pesado pulso de gigante:

La force prime le droit.

Adriano Beça,

Capitão de infanteria.

O REAL COLLEGIO MILITAR

E' tamanha a sympathia que o Real Collegio Militar inspira a todos nós, pelos serviços indeleveis que presta ao exercito e ao paiz, que quasi se póde affirmar que a nossa alma está alli.

E está tambem alli a nossa esperança.

Naquellas crianças alegres e descuidadas, que como pequeninos soldados começam nesta lucta incessante do trabalho, almejando a suprema ventura de um dia serem uteis á patria, cingindo uma banda e empunhando uma espada, ha scintillações de luz refulgente e pura, sorrisos innocentes, aspirações incomparavelmente nobres.

Naquella colmeia abençoada, onde se reflectem tantos sorrisos maternaes, ha tambem como que a palpitação de tantos anceios de mães carinhosas, de tantos sacrificios impostos pela saudade de uma separação eventual dos filhos, que são o espelho da nossa alma e a alma das nossas ambições.

Naquelle ninho de amor, onde neste momento, a esta hora, tantas familias espalhadas por todo o nosso Portugal teem alli concentrada a sua attenção, os seus cuidados, o seu affecto, e, até, a crença suave e encantadora do triumpho certo dessas innocentes crianças, repousa sempre queridas sombras de mães que procuram prescrutar as mais pequenas anciedades dos filhos, incutirem-lhes alentos e coragem, e, talvez, sorrindo para elles, no momento das suas pequenas difficuldades escolares, tentarem em pensamento ajudal-os a vencel-as.

Mas, todos estes cuidados, toda esta espectativa de anceio, todo este medo maternal pelo que possa acontecer ao filho querido, lançado num meio onde não ha um parente nem um amigo, onde todos são

desconhecidos para o tenro collegial, tudo isso, que é legitimo, que é natural, se desvanece quando se sabe que á frente de uma distinctissima corporação de officiaes, que honram e nobilitam a sua altissima missão de preceptores e educadores, está o snr. coronel José Estevão de Moraes Sarmento, que, pelo seu talento e pela sua illustração, e principalmente pelo seu caracter e pela grandeza da sua alma, representa uma garantia inolvidavel para o socego, para a tranquillidade, para o descanso de tantas familias.

O eloquentissimo discurso que o snr. coronel Moraes Sarmento leu na sessão solemne da abertura das aulas no presente anno lectivo, se vale muito pelo seu grande merecimento litterario, que difficilmente poderá ser imitado, vale muito mais pela excellencia da doctrina e pela convicção que nos deixa que tal doctrina terá no Real Collegio Militar uma realidade pratica.

Aquelle notavel discurso não é uma peça oratoria para armar ao effeito, é como que um programma de vida collegial inspirado nos progressos da arte de educar, é a manifestacão sincera e lucidissima das nobres aspirações de uma consciencia honesta consagrada e dedicada ao bem do seu paiz.

O snr. coronel Moraes Sarmento, que anteviu essa anciedade, essa duvida, e, talvez, esse medo e receio de tantas mães, procurou tranquillisal-as com estas palavras, que devem ficar eternamente memoraveis:

«Mas, se a alma nacional não está vencida, seria loucura contestar que não esteja invadida pela descrença, e dominada pelo egoismo. E' necessario, é urgente, é inadiavel dar combate a estes terriveis inimigos. A descrença é no homem o suicidio moral; é nas sociedades a dissolução, egualmente o prenuncio da sua morte moral. O egoismo é uma lepra he-

dionda que corroe, destroe, esphacela inteiramente o que ha de grande, nobre e altivo na humanidade, que é o espirito da collectividade. Corramos, portanto, ao combate contra esses dois terriveis destruidores da prosperidade da nossa patria. A' guerra contra a descrença! A' guerra contra o egoismo!»

«Aonde é o campo de batalha? Alli, no espirito da mocidade. Quem é que compõe o exercito que marcha para a acção? Nós, os preceptores. Qual o nosso armamento? A educação. Qual o fim da campanha? Substituir a descrença pela confiança e o egoismo pelo altruismo, radicando naquelles espiritos a convicção de que o amor ao trabalho é a fonte de todas as prosperidades, e a pratica da virtude a felicidade de toda a consciencia honesta. Qual a nossa tactica? Os mesmos methodos e processos de ensino, que, depois de haverem feito da fraca Prussia a grande Allemanha, são hoje egualmente acolhidos e abraçados por todas as nações que marcham á testa da civilisação, tanto no Velho como no Novo Mundo, e que affirmam a sua existencia, mais do que pela força das armas, pela lucidez da intelligencia e pelo vigor do braço nas luctas do trabalho; pela nobreza do caracter e pela lealdade dos processos em todas as demais relações da communidade».

Sim, a educação é tudo. Nella se resume a honra, a prosperidade, a grandeza, o valor e a felicidade de um povo.

E já que a criança sae do aconchego do lar domestico e perde os conselhos, os incomparaveis conselhos de sua mãe, consolador é que saiba toda a gente que, no Real Collegio Militar, a par de uma instrucção proficientemente ministrada, desdobrando-se em exercicios intellectuaes e em exercicios physicos, ha a verdadeira educação que inspira em cada rapaz os altruistas sentimentos do amor da patria, da honra e do dever, procurando tornar cada alumno

não só um futuro official distincto e prestimoso, mas tambem um caracter honesto, um cidadão util á familia e á patria.

Abençoada instituição, que deste modo nos restitue os filhos que lhe entregamos á sua guarda e aos seus cuidados!

Assim, as sombras queridas de muitas mães que pairam sobre esse ninho de tantas alvoradas, transformam-se em bençãos do Ceu para essa instituição que refulge no horisonte da patria como uma encantadora esperança.

Reorganisação da Escola pratica de Infanteria

(Continuado do n.º 7)

Periodo da instrucção da companhia—de 1 de maio a 30 de junho

Tactica abstracta

1.º—Exercicios da companhia em ordem unida e em ordem dispersa;

2.º—Exercicios de flexibilidade da companhia.

Tactica applicada

1.º—Exercicios de combate da companhia encorporada contra inimigo figurado;

2.º—Exercicios de combate da companhia isolada contra inimigo figurado.

Serviço de campanha

1.º—Instrucção sobre o serviço de segurança em marcha de uma companhia encorporada;

2.º—Idem de uma companhia isolada;

3.º—Instrucção sobre o serviço de segurança em estação:

a)—Serviço de um piquete de dispositivo normal;

b)—Serviço de um piquete com postos á cossaco;

c)—Dispositivo de segurança da companhia em alto guardado;

4.º—Exercicios de bivaque da companhia.

—No dia 30 de junho a companhia foi inspeccionada sobre a instrucção relativa a este periodo. O exercicio de tactica applicada e de serviço de campanha foi precedido—como na anterior inspecção—de uma conferencia ao pessoal graduado da companhia e do inimigo, feita pelo commandante da companhia normal, sobre os detalhes da operação a executar.

Periodo dos exercicios mixtos sobre o serviço de campanha da companhia e instrucção do batalhão

(Julho e Agosto)

Tactica applicada e serviço de campanha

1.º—Exercicios de marcha e combate da companhia contra forças inferiores;

2.º—Idem contra forças eguaes;

3.º—Idem contra forças superiores;

4.º—Exercicios de serviço de segurança em estação com combate.

Estes exercicios constituem os ultimos privativos da companhia normal, mas de ordinario são ainda seguidos de outros destinados á resolução de differentes problemas tacticos propostos aos aspirantes e 1.os sargentos, ácerca dos quaes estes apresentam depois o respectivo relatorio, em que indicam e justificam a solução que adoptaram para o problema que lhes coube resolver.

Claro é que, segundo a forma como é resolvido o problema, commandado o exercicio e redigido o relatorio, assim se avalia o grau de aproveitamento colhido da instrucção annual por cada aspirante e 1.º sargento.

Além da instrucção de tactica e serviço de campanha, os aspirantes e 1.os sargentos recebem ainda por intermedio do pessoal da companhia normal, a instrucção de fortificação, a qual tem por fim especial preparal-os para o desempenho do cargo de commandante do pelotão de sapadores, nos corpos da arma.

No corrente anno, esta instrucção foi subordinada ao seguinte programma:

Para os aspirantes.

a)—Estudo da organisação, recrutamento, material e instrucção dos pelotões de sapadores de infanteria;

b)—Modo regulamentar de traçar as trincheiras-abrigos e os abrigos para atiradores. Execução do traçado;

c)—Execução dos nós e ligações (conforme o que se acha prescripto no *Manual do Sapador*.)

d)—Resolução de problemas sobre organisação defensiva de differentes posições militares (casaes, bosques, alturas, povoações), que possam ser guarnecidas por uma até duas companhias de infanteria, e cuja occupação se subordina a uma determinada hypothese tactica.

As tres primeiras partes do programma comprehendem tudo quanto os aspirantes necessitam conhecer ácerca dos pelotões de sapadores, e mais alguma instrucção pratica que, ou lhes não foi ministrada na Escola do Exercito, ou convem repetir e desenvolver. A ultima tem por fim habitual-os a fazer applicação da fortificação ao terreno, pondo assim em pratica os conhecimentos especiaes que devem ter adquirido n'aquella Escola.

Para os primeiros sargentos o programma é differente e comprehende:

a)—Estudo da organisação, recrutamento, material e instrucção dos pelotões de sapadores de infanteria;

b)—Estudo das partes I, III e V do *Manual do Sapador.*

Como trabalhos praticos, os 1.os sargentos deveriam ter os seguintes:

1.º—Traçado e construcção de trincheiras-abrigos e abrigos para atiradores.

2.º—Trabalhos de fachinagem.

3.º—Construcção de uma ponte ligeira (*).

4.º—Construcção de uma obra de fortificação de campanha com differentes revestimentos e defensas accessorias (*).

5.º—Trabalhos accessorios de bivaque e acampamento.

Para execução d'estes differentes trabalhos organisa-se annualmente, com praças da companhia normal, um pelotão de sapadores com a seguinte composição:—1 2.º sargento, 1 1.º cabo e 24 soldados.

Estas praças recebem alguma instrucção prepa-

(*) A falta de tempo e outras circumstancias obstaram no corrente anno á execução d'esta parte do programma.

ratoria sobre fortificação, afim de lhes facilitar a execução dos trabalhos no campo.

Quando se procede á construcção de alguma obra de fortificação de campanha ou a qualquer trabalho de maior desenvolvimento—em 1895 construiu-se um reducto completo para uma companhia, em 1896 uma ponte de 34 metros sobre cavalletes e quadros, e em 1897 um meio reducto tambem para uma companhia,—os sapadores são auxiliados pelas praças disponiveis da companhia normal.

(Continúa). *P. S.*

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

O elemento humano

(Continuado do n.º 3)

Os effeitos sobre o elemento humano podem considerar-se de duas ordens: *effeito material* e *effeito moral.*

Consideremos primeiro o *effeito material*, e antes de entrar no seu estudo, começaremos por dizer que sentimos os braços quebrados perante tão lastimosa defficiencia, porque não temos elementos para poder formular um estudo serio, sensato, digno e que se possa apresentar.

Este estudo sómente póde ser baseado nas percentagens dadas pelo tiro, e, portanto, fornecidas pela Escola Pratica. Como os trabalhos da Escola não tinham sido publicados recorremos á bondade do snr. tenente Amaro Dias da Silva que promptamente

nos forneceu um *extracto* das medias obtidas desde 1895 até 1897, mas os nossos desejos e a vontade e promptidão do snr. Amaro ficaram baldados em face de tanta defficiencia, de tanta falta de methodo e de orientação. Por esse extracto vê-se que em todos os annos se tem trabalhado muito na Escola Pratica, como realmente tem sempre succedido, mas nada se póde concluir, porque todas as experiencias feitas não condizem umas com as outras, são differentes, obedecem a objectivos diversos, e algumas, senão são desnecessarias, são pelo menos dispensaveis. Não encontramos elementos serios e seguros para constituir uma base solida; encontramos, sim, diz a justiça que se diga, muito trabalho, mas todo inutil por falta de orientação racional e por falta quasi completa de methodo.

Na Escola trabalha-se, como dissemos, mas é necessario não gastar tempo, nem despresar vontades de ferro como existem na Escola, nem competencias que fariam a honra de qualquer infanteria, nem gastar munições e dinheiro em trabalhos que não obedeçam a um fim tactico racional, acceitavel e necessario. O tiro é o coroamento de todo o edificio militar; é n'elle que se apoiam todas as energias, é n'elle que fructificam todos os esforços, é n'elle que se engrandecem e tornam invenciveis todas as vontades, é com elle que hoje se ganham as victorias e se alcançam os louros, é n'elle que as nações se ennobrecem e apoiam as suas aspirações, é com elle que o exercito cumpre a sua elevada e nobre missão, e é pois elle que é necessario não descurar.

O tiro é, além de tudo isto, a mãe da tactica; é das suas entranhas de fogo que ella nasce. Mas para isso é necessario guiar e encaminhar a sua instrucção de maneira a procurar attingir este mesmo fim, isto é, obter percentagens que nos mostrem os effeitos causados pelo fogo nas variadas formações tacti-

cas que podem ter logar nos multiplos e variadissimos casos de guerra que se podem apresentar. Na guerra nada ha de positivo, tudo é contingente e transitorio, mas ha, comtudo, certas regras geraes, conhecidas de todos, e que fatalmente se hão de seguir. E' pois, segundo estas regras que é necessario formular os problemas, sendo tantas as incognitas quantos os casos que se possam dar.

D'esta infinidade de casos differentes é facilimo prever que a missão é difficil, mas onde ha competencia, vontade e recursos, tudo é possivel, senão facil.

Quanto ao nosso modesto modo de ver o mais difficil de tudo é estabelecer methodo e procurar orientação, porque a execução é facil, havendo recursos, como ha.

Talvez haja difficuldades a vencer, mas a honra da nossa arma exige que se vençam, custe o que custar. E' necessario que se estabeleça methodo, que se façam multiplas experiencias e que se envidem todos os esforços afim de um dia se poder confirmar na pratica o que entre nós se diz apenas em theoria, que a tactica é filha do tiro. Até hoje ainda a nossa Escola Pratica não confirmou este principio, e nós sómente diremos que a *companhia de tiro* tem satisfeito os seus fins quando virmos que os nossos regulamentos tacticos são producto dos resultados obtidos, e não producto *exotico*.

A necessidade da Escola Pratica é indiscutivel, assim como tambem é indiscutivel a necessidade d'ella produzir os fructos que são necessarios e que se esperam. E' ella que tem que confirmar os nossos regulamentos tacticos e é ella que tem que instruir os officiaes n'aquillo que os livros e os professores mal ensinam—*a direcção do fogo*.

Na tactica das outras armas facilmente se escolhe posição e facilmente se ordena e dirige o fogo, mas na infanteria, onde ha muita posição a occupar,

muito fogo a soffrer e supportar e muitas e diversas vontades a dominar, é, certamente, missão não só espinhosa, mas sobre tudo difficil.

(Continúa).

David A. Rodrigues,
Alferes de infanteria.

PROBLEMA DE COMPANHIA

(Vêr a folha n.º 7 da Carta dos Arredores de Lisboa do Corpo do Estado maior)

(Continuado do n.º 7)

(Conclusão)

N.º 1 (128=R. C.)

Ao snr. commandante dos postos avançados (132=R. C.)

Acha-se installado o piquete n.º 1, tendo dois pequenos postos; o n.º 1 no casal do Brandão e o n.º 2, que tambem é de reconhecimento, ao casal do Borel (130=R. C.=ultima parte d'este numero).

Cada pequeno posto fornece tres vedetas e a linha occupada por estas começa no cruzamento dos caminhos ordinario e ferreo 225 metros ao N do casal do Brandão e segue pelo angulo noroeste do casal do Maduro, bifurcação dos caminhos para a Venteira e Venteira Velha, Venteira Velha até

ao cruzamento da estrada Ajuda-Queluz com o caminho para o casal dos Adaiães.

Ordenei que, em caso d'ataque, a resistencia seja feita na linha casal do Borel — casal do Brandão, casaes que deverão ser organisados defensivamente. A meio d'esta linha será construida uma trincheira-abrigo com 200 metros de desenvolvimento, afim de ser occupada, em caso d'ataque, pelo posto principal.

Determinei que as patrulhas de reconhecimento enviadas pelos pequenos postos avancem até á Amadora e Venteira afim d'observarem a estrada Porcalhota, Ponte-Pedrinha e mais caminhos.

(a) *F.*

commandante do piquete n.º 1 (133=R. C.)

Durante o dia percorro amiudadas vezes o terreno confiado á minha guarda afim de fiscalisar o serviço, para o que entregarei o commando do posto principal ao alferes mais antigo da companhia (539 =R. C.)

Sendo avisado pelo commandante do pequeno posto n.º 2 de que forças inimigas acabam de apparecer no casal da Venteira (566=R. C.), dirijo-me pessoalmente ao local do referido posto (casal do Borel) afim de reconhecer a força inimiga, tendo préviamente dirigido o seguinte aviso ao commandante dos postos avançados (549=R. C.)

Posto principal do piquete n.º 1 no ponto de estar 156 a 225 metros ao norte dos moinhos de Atalaya em 1-6-97 ás 11^{h} e 35^{m} da manhã.

N.º 2.

Ao snr. commandante dos postos avançados.

Sou avisado de que forças importantes do inimigo acabam de apparecer no casal da Venteira e terrenos proximos; vou passar ao combate.

(a) *F.*

commandante do piquete n.º 1.

COMBATE

1.ª phase

Os exploradores inimigos apparecem na Venteira e terrenos proximos e respondem com fogo violento ao fogo feito pela defesa procurando reconhecer a força e posição da linha de defesa (180=E. C.)	As vedetas abrem o fogo sobre os exploradores inimigos (593=R. C.)

2.ª phase

Os exploradores inimigos são reforçados com fracções que avançam por filas abertas e, apenas chegam á posição occupada por elles, rompem fogo por descargas.	Os pequenos postos occupam as posições d'antemão organisadas defensivamente e abrem fogo vivo sobre os exploradores inimigos. As vedetas retiram lentamente sobre os pequenos postos, fazendo fogo vivo sobre os exploradores referidos (593=R. C.). Ordem ao 2.º pelotão que vá guarnecer a trincheira-abrigo e que rompa fogo por descargas.

3.ª phase

O inimigo reforça a sua esquerda e pretende approximar-se do casal do Maduro.	Determino que o 3.º pelotão reforce o 2.º, dirigindo especialmente o seu fogo sobre as forças que pretendem estabelecer-se no casal do Maduro.

N'esta altura recebo a seguinte ordem escripta:

Reserva dos postos avançados no casal da Serra em 1-6-97 ás 12 h e 40 m da tarde.

N.º 5.

Ao snr. commandante do piquete n.º 1.
Retire sobre o casal da Serra.

(a) *F.*
commandante dos postos avançados.

No subscripto em que vinha mettida esta ordem escrevo:

Recebido em combate na linha Borel-Brandão ás 12 h e 42 m da tarde.
Velocidade=regresso... +++ (150=R.C.)

(a) *F...*
commandante do piquete n.º 1,

entregando á ordenança o mesmo subscripto como recibo (151=R. C.).

4.ª phase

O inimigo tem avançado, occupando a linha Venteira-Velha = Moinho do Doutor=Casal do Maduro.	Ordeno ao pequeno posto n.º 1 que retire por lanços sobre o ponto de cota 156, sendo acompanhado n'este movimento pelo 2.º e 3.º pelotões.

O pequeno posto n.º 2 logo que a linha dos atiradores tenha a direcção Borel—ponto de cota 156 seguirá os movimentos da direita.

5.ª phase

O inimigo persegue com fogo vivo as fracções em retirada e volta a sua attenção para as forças que guarnecem a linha principal da defesa.

As forças da defesa occupam o parapeito da estrada militar e rompem o fogo sobre o adversario.

Em presença d'esta protecção, ordeno que a companhia passe rapidamente o ponto de cota 165 (cruzamento estrada militar com a estrada para Queluz e para Amadora) passagem que se effectuará por secções.

Reformada a companhia proximo do ponto de passagem, marcho sobre o casal da Serra, tendo assim terminado a minha missão.

Miguel Baptista da Silva Cruz,
Tenente-ajudante de infanteria.

A proposito da escolha da nova espingarda para a infanteria

Parece ponto resolvido pela illustre commissão encarregada da escolha da nova espingarda para a nossa infanteria que o calibre do novo armamento seja 6,^{mm}5.

O criterio que principalmente presidiu a esta

opinião foi o de não haver no nosso exercito calibres diversos entre a espingarda e a carabina, para assim não poder haver dois typos differentes de cartuchame.

Nada mais justo nem mais rasoavel.

Porque nada é mais desastrado e altamente perigoso para a defesa da patria do que a troca de cartuchame em campanha, cousa que póde muito bem acontecer, quando por ventura haja dois typos de cartuchos.

E, como a nossa cavallaria já tem a carabina de 6,^{mm}5, é claro que o novo modelo da nossa espingarda deve ter tambem o mesmo calibre.

Parece que a illustre commissão não está resolvida a adoptar a *Mannlicher* que, como todos sabem, tem alguns defeitos na culatra, embora esta se possa considerar melhor do que a da *Mauser* hespanhola, que, por maioria de rasão, parece tambem não ser preferida.

O tiro rapido na *Mannlicher* é um pouco illudido por causa de algumas irregularidades do carregador.

A lamina carregadora da *Mauser* difficulta o carregamento e emprega o cartucho com *gorne* em vez de rebordo saliente que é indubitavelmente melhor.

Emfim, a *Revista* comprehende as difficuldades com que tem a luctar a illustre commissão n'um assumpto, como este, da maior importancia para a defesa nacional, e espera confiadamente que tão distinctos officiaes saberão vencel-as para honra propria e do exercito.

A *Revista* applaude as deliberações já tomadas relativamente ás bases a que deve satisfazer a nova arma—calibre 6,^{mm}5, deposito central, carregador ou lamina carregadora.

Comtudo a questão dos calibres reduzidos (6^{mm},5)

tem levantado na imprensa estrangeira controversias, que nos parecem mais ou menos inspiradas por interesses de fabricantes.

Diz-se que com os calibres pequenos fica a infanteria armada com espingardas que *não matam*.

Não nos parece que se possa avançar gratuitamente uma proposição d'esta ordem.

Quem escreve estas linhas já assistiu a um combate e viu que as espingardas de grosso calibre, como poderemos chamar hoje á *Martini*, tambem não matavam quando a sua grossa bala não feria o corpo em região mortal. Viu morrer soldados feridos no coração, feridos no craneo e feridos na região abdominal. Dos outros, dos que foram feridos nos braços, nas pernas, mesmo na face, nos pés, etc., nenhum morreu, e a maior parte d'elles continuaram no seu posto até ao fim do combate.

Logo, não prova nada a grossura do calibre desde que o diametro da bala não ultrapasse o limite minimo consagrado como representando factor de valor em concordancia com a velocidade e a potencia de choque.

Em nosso criterio tanto a espingarda de 11^{mm} como as de 8^{mm} e de $6^{mm},5$ *não matam*, se não attingirem o corpo humano em região mortal.

No proximo numero vamos procurar desenvolver mais este assumpto, estudando a questão debaixo do ponto de vista dos estragos dos ferimentos feitos com arma de fogo.

O que é necessario é que se estude e se esclareça bem um assumpto d'esta importancia, para que se não leve aos soldados de infanteria a descrença na sua espingarda, porque uma tal suggestão é o principio de grandes desastres.

A falta de espaço obriga-nos a ficar por aqui.

N'esse mesmo numero esperamos apresentar um curioso estudo do nosso collaborador, o snr. tenente

Barbosa baseado sobre trabalhos do capitão *D'Aout* em relação a alças de guerra.

Como é da maior importancia para a nossa arma tudo quanto se correlacione com o tiro, *A Revista* chama a attenção de todos os officiaes que amam verdadeiramente a sua patria e teem crença e confiança na arma que abraçaram para bem a poder servir, esperando que cada um traga para estas paginas o resultado das suas investigações, do seu estudo, das suas convicções.

A redacção.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

Trabalhos topographicos—Circular n.º 677 do Commando geral de infanteria, de 16 d'abril de 1898.

Publica as seguintes

Instrucções

para a execução dos trabalhos topographicos nos corpos de infanteria.

1.ª

(Especies de trabalhos)

Sendo necessario, para poderem dar cumprimento ao que se determina nos artigos 66.º e 67.º do regulamento (para a instrucção nos corpos d'infanteria), que os officiaes possuam sufficiente pratica de levantamentos regulares ou, pelo menos, com instrumentos que se approximem, nos processos seguidos, do rigor empregado nos primeiros; e, sendo certo que esta especie de levantamento é a unica preparação possivel para a bôa execução dos levantamentos á vista ou dos esboços topographicos a que se refere o regulamento: deverão os trabalhos topographicos executados pelos officiaes nos pe-

riodos marcados no regulamento, ser das tres especies seguintes:

a) Levantamentos com instrumentos;

b) Levantamentos á vista;

c) Esboços topographicos;

§ 1.º Só poderão ser nomeados para proceder a levantamentos á vista ou a esboços topographicos officiaes que tenham sufficiente pratica dos levantamentos com instrumentos.

§ 2.º Os levantamentos á vista e os esboços topographicos serão acompanhados de memorias militares.

(Continúa).

BIBLIOGRAPHIA

Noticia historica do Regimento n.º 2 de Caçadores da Rainha—1808-1896, por Luiz Henrique Pacheco Simões, tenente do Estado maior de infanteria.

E' um opusculo d'um estudioso e d'um trabalhador infatigavel e sobre tudo d'um competente, onde se encontram narrados os feitos militares que tanto illustram o regimento de caçadores 2.

O seu auctor, remontando á organisação dos primeiros batalhões de caçadores, apresenta-nos o batalhão de caçadores 2 atravez da guerra peninsular, e descreve com toda a lucidez e clareza os feitos brilhantes, porque só os houve brilhantes, e que tanto illustraram não só caçadores 2, mas tambem todo o nosso exercito.

Seguiram-se as campanhas da liberdade e a sua aurora, a revolução de 1820, em breve foi contemplada por caçadores 2 e em breve apoiou a Junta do Porto, soffrendo depois a emigração, mas colhendo em breve os louros que lhe competiam. Todos estes acontecimentos, que em geral são de todos nós pouco conhecidos, apesar de serem contemporaneos, encontram-se nitida e fielmente narrados com clareza, precisão e elegancia de estylo, e pena é que o seu auctor não podesse, por circumstancias que no seu prefacio apresenta, completar, desenvolver e tornar extensivo a todo o exercito este trabalho tão methodico e tão bem iniciado.

Na 2.ª parte descreve o snr. Simões a expedição a Lourenço Marques (1894-1895) com egual elegancia de estylo e, apesar de não seguir o mesmo methodo, em nada perde o seu trabalho.

Agradecendo a amabilidade e gentileza da sua dedicatoria, pedimos ao snr. Pacheco Simões que complete o seu trabalho.

INDICE

Pag.

Alberto Vergueiro, Capitão de Infanteria

A bayoneta e a bala. 51
Reorganisação da Escola Pratica de Infanteria (resposta) 153, 189, 235 283

Albino dos Santos Pereira Lopo, Tenente de Infanteria

Trincheiras-abrigos. 99 138

A. Sarsfield, Capitão de Infanteria

A nossa missão 1
Nas festas do centenario 35
Vencimentos dos officiaes da metropole em serviço no ultramar. 77 117
Da Iniciativa 265

Adriano Beça, Capitão de Infanteria

Orientação necessaria 334

Alfredo de Leão Pimentel, Alferes de Infanteria

Subsidios para um projecto de colonisação militar 27, 75, 114 217

Amaro Dias da Silva Junior, Tenente de Infanteria

O tiro da infanteria. 121, 159 203

A. da Silva Dias, Tenente-Coronel de Infanteria

Educação Militar. 9

Pag.

Antonio Barbosa Junior, Tenente de Infanteria

A espingarda de guerra 127, 185 270

Antonio Guedes Vaz, Alferes de Infanteria

O General Silveira 130

A. J. Santa Clara Junior, Tenente de Infanteria

Treinamento de marcha 134 195

Casimiro Dantas, Major de Infanteria

A Psychiatria e a Justiça Militar 225

David Augusto Rodrigues, Alferes de Infanteria

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento. 16, 60, 105 349

Francisco Rodrigues da Silva, Tenente-Coronel

Conferencia sobre os resultados das experiencias de tiro e fogos de guerra na Escola Pratica de Infanteria 254 293

João de Almeida, Alferes de Infanteria

O perigo emminente 101

J. E. Moraes Sarmento, Coronel de Infanteria

A Educação Moral do Soldado 4

J. X. d'Athayde Oliveira, Major de Infanteria

Mãos ao trabalho 6

J. O.

Noticias do estrangeiro . . . 19, 69, 108, 143, 176, 212 261

Julio d'Oliveira, Tenente de Infanteria

Os nossos effectivos. 54, 86, 169, 228, 276 324

Miguel Baptista da Silva Cruz, Tenente de Infanteria

Problemas de companhia 199, 241 352

P. S.

A reorganisação da Escola Pratica de Infanteria. 10, 64, 96, 108, 173, 207 345

Pag.

Raposo Botelho, Coronel de Infanteria

O tiro inclinado 81

Silva Monteiro, Coronel de Infanteria

Ingrato dever. 40

Santos Fonseca, Capitão de Infanteria

Avaliação de distancias em campanha . . 91, 165, 249 319

Redacção.

Commissão de aperfeiçoamento da arma de infanteria . 210
A proposito da escolha da nova espingarda para a infanteria 292 353
Visão Politica. 316
Real Collegio Militar 342
Secção official. 151, 183, 221 359

Z.

Da reorganisação do exercito. 43